Jerzy Mazurek

Kazimierz Warchałowski
(1872–1943)

pioneiro da colonização polonesa no Brasil

Jerzy Mazurek

Kazimierz Warchałowski
(1872–1943)

pioneiro da colonização polonesa no Brasil

Varsóvia 2024

Esta é a tradução de uma versão modificada e ampliada do livro *Piórem i czynem. Kazimierz Warchałowski (1872-1943) – pionier osadnictwa polskiego w Brazylii i Peru,* Warszawa, 2013

Revisores
Prof. Dr. Marcin Kula, Universidade de Varsóvia
Prof. Dr. Władysław Miodunka, Universidade Jaguelônica de Cracóvia

Tradução
Mariano Kawka

Materiais ilustrativos apresentados no livro: domínio público, arquivo de Jerzy Mazurek, arquivo de Beatriz Warchalowski, Museu da História do Movimento Popular Polonês em Varsóvia

Composição gráfica, projeto da capa
Bartosz Mielnikow

Editores
Museu da História do Movimento Popular Polonês em Varsóvia
Av. Wilanowska 204, 02-730 Varsóvia
tel./fax (22) 843 38 76, (22) 843 78 73
ISBN 978-83-7901-482-8
ISBN 978-83-7901-483-5 (edição eletrônica)

Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia
Rua Dobra 55, 00-312 Varsóvia
tel. (22) 552 04 29; (22) 552 06 83; tel./fax (22) 828 29 62
ISBN 978-83-66901-82-7
ISBN 978-83-66901-83-4 (edição eletrônica)

Sumário

Introdução

Kazimierz Warchałowski foi uma pessoa de muitas culturas e regiões. Durante quase toda a primeira metade do século XX – tendo que lidar com camponeses e ministros, jornalistas e comerciantes, grandes proprietários de terras e religiosos na Europa Oriental e na América do Sul – atuou com variável sucesso como uma pessoa cheia de iniciativa, sem temer o risco do empreendedorismo, e ao mesmo tempo como um pioneiro desejoso de abrir novas áreas para a colonização agrícola. Foi um intermediário entre as culturas: polonesa e russa, polonesa e brasileira, polonesa a peruana, mas sobretudo entre as culturas dos emigrados camponeses e os grupos sociais nos países que recebiam os imigrantes – o Brasil e o Peru. Ao estudarmos os sucessos e as derrotas de Warchałowski, deparamo-nos com os elementos sociais e naturais, poloneses e ibero-americanos, de uma maciça migração transatlântica dos povos; realizamos pesquisas no âmbito dos estudos regionais e culturais, adotando a oficina das ciências históricas e biográficas.

Na biografia polônica polonesa existem muitas lacunas nas pesquisas relacionadas com figuras pitorescas e ativas, ainda que – do ponto de vista da história da Polônia – se trate de protagonistas pertencentes a um plano mais distante dos acontecimentos. Em relação à América Latina, a situação não se afasta desse estado de coisas, o que pode provocar espanto, levando-se em conta o fato de que o conhecimento a respeito desses países e da comunidade polônica local é digno de registro[1]. No entanto, até

---

1 Nos últimos anos sugiram, por exemplo, os trabalhos: MIODUNKA, W. *Bilingwizm polsko-portugalski w Brazylii*, Universitas, Kraków, 2003; PALECZNY, T. *Rasa, etniczność i religia w brazylijskim procesie narodowotwórczym*, Universitas, Kraków, 2004; MOCYK, A. *Piekło czy raj? Obraz Brazylii w piśmiennictwie polskim w latach 1864–1939*, Universitas, Kraków, 2005; MALINOWSKI, M. *Ruch polonijny w Argentynie i Brazylii w latach 1989–2000*, CESLA, Warszawa, 2005; SOŃTA-JAROSZEWICZ T.; JAROSZEWICZ, Z. Polscy

há pouco tempo dispúnhamos somente de uma publicação que de forma popular apresentava os resumos biográficos de personalidades polonesas ligadas com essa região do mundo[2]. Outras publicações desse tipo, entre as quais uma surgida ainda antes da Segunda Guerra Mundial, concentravam-se unicamente na apresentação da ação colonial e investigativa dos poloneses no mundo[3]. Além disso, convém assinalar que muitas valiosas biografias têm sido publicadas no *Dicionário biográfico polonês*, editado desde 1935, embora seja preciso lembrar que em sua longa história esse dicionário tenha passado por anos difíceis, o que teve o seu reflexo na qualidade do conteúdo apresentado. É por isso que muitos pesquisadores, entre os quais o Prof. Władysław Miodunka[4], têm chamado a atenção para a necessidade da intensificação das pesquisas a esse respeito.

Importa assinalar que – em resposta a esses postulados – nos últimos anos surgiram várias publicações que sem esgotarem o tema documentam

---

żołnierze walczący o niepodległość Ameryki Południowej u boku Mirandy i Bolivara. In*: Relacje Polska–Kolumbia. Historia i współczesność*, CESLA, Warszawa, 2006; BUDAKOWSKA, E. *W poszukiwaniu etniczności. Ruch Braspol w Brazylii – współczesna interpretacja*, UW, Warszawa, 2007; RYPSON, S. *Being Poloné in Haiti. Origins, Survivals, Development, and Narrative Production of the Polish Presence in Haiti*, Aspra-JR, Warszawa, 2008; RYN, J. Z. *Ignacy Domeyko - bibliografia*, Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, Kraków, 2008; KULA, M. *Polono-Brazylijczycy i parę kwestii im bliskich*, MHPRL – ISIiI UW, Warszawa 2012; *Polacy, Rusini i Ukraińcy, Argentyńczycy*, red. STEMPLOWSKI, R. wyd. 2 popr., MHPRL – ISIiI UW, Warszawa, 2013.

2 *Sylwetki polskie w Ameryce Łacińskiej w XIX i XX wieku*, red. URBAŃSKI, E. S. t. 1–2, The Polish Institute of Arts and Sciences of America, Stevens Point, 1991. Os numerosos livros de divulgação científica de PARADOWSKA, M. (tais como: *Polacy w Ameryce Południowej*, Ossolineum, Wrocław 1977, *Podróżnicy i emigranci. Szkice z dziejów wychodźstwa w Ameryce Południowej*, Interpress, Warszawa 1984, *Polacy w Meksyku i Ameryce Środkowej*, Wrocław, 1985 ou *Wkład Polaków w rozwój cywilizacyjno-kulturowy Ameryki Łacińskiej*, Komisarz Generalny Udziału Polski w EXPO'92 w Sevilli, Warszawa, 1992), apesar de terem popularizado a problemática da presença polonesa na América Latina, não podem ser incluídos na categoria da biografia clássica.

3 ZIELIŃSKI, S. *Mały słownik pionierów polskich kolonialnych i morskich,* Liga Morska i Kolonialna, Warszawa, 1932; SŁABCZYŃSKI, W. e T. *Słownik podróżników polskich*, Wiedza Powszechna, Warszawa, 1992.

4 MIODUNKA, W. O potrzebie biografistyki polonijnej w Brazylii. In: *Losy Polaków żyjących na obczyźnie i ich wkład w rozwój kultury i nauki krajów osiedlenia na przestrzeni wieków,* materiały III Sympozjum Biografistyki Polonijnej, Roma 25–26 de setembro de 1998, red. JUDYCKI, A. e Z.„Czelej", Lublin, 1998, pp. 71-76.

a vida e a atividade de eminentes poloneses na América Latina[5]. Esperava-se que daria um significativo impulso às pesquisas sobre a diáspora polonesa a *Enciclopédia da Emigração e da Comunidade Polônica*, publicada com o patrocínio da presidência do Senado da Polônia[6]. Infelizmente, ao menos em relação à América Latina, essa publicação não tem correspondido às esperanças nela depositadas, tanto em relação ao conteúdo como às fontes utilizadas[7]. Felizmente foi levada em conta nela a figura de Kazimierz Warchałowski, o protagonista deste livro, da mesma forma que de seu filho Stanisław, o que não muda a opinião de quem escreve estas palavras a respeito de todo o empreendimento[8].

A vinda ao Brasil de Kazimierz Warchałowski – nascido numa família polonesa no território da Rússia – foi para a comunidade polônica brasileira um importante momento na história da colonização polonesa nesse país. A coletividade dos colonos com que Warchałowski se deparou em 1903 era uma comunidade frágil, tanto no aspecto organizacional como no econômico e cultural. Era decididamente inferior à dos imigrantes da Alemanha ou da Itália. A massa fundamental dos imigrantes, estimada em 90 mil, era constituída da população aldeã (camponeses minifundiários ou sem-terra, trabalhadores rurais, artesãos das aldeias etc.) de escassa

5 MALCZEWSKI, Z.; WACHOWICZ, R. C. *Perfis Polônicos no Brasil*, Vicentina, Curitiba, 2000; MALCZEWSKI, Z. *Słownik biograficzny Polonii brazylijskiej*, CESLA, Warszawa, 2000; WÓJCIK, Z. *Józef Siemiradzki. Przyrodnik i humanista, badacz Ameryki Południowej*, Stowarzyszenie „Wspólnota Polska" – Wydawnictwo DTSK, Wrocław – Warszawa, 2000; PARADOWSKA, M. *Krzysztof Arciszewski. Admirał wojsk holenderskich w Brazylii*, Stowarzyszenie „Wspólnota Polska" – Wydawnictwo DTSK, Wrocław – Warszawa, 2001; SMOLANA, K. *Słownik biograficzny polskiej służby zagranicznej 1918–1945*, t. 1–4, Archiwum MSZ, Warszawa, 2007–2012; SUCHANOW, K. *Argentyńskie przygody Gombrowicza*, Wydawnictwo Literackie, Kraków, 2011.

6 *Encyklopedia Polskiej Emigracji i Polonii*, red. DOPIERAŁA, K. t. 1–5, Oficyna Wydawnicza Kucharski, Toruń, 2003–2006.

7 Os verbetes dedicados à problemática em questão – redigidos na sua maioria por padres poloneses que trabalharam em meio à comunidade polônica local – buscam a apresentação, sobretudo, da contribuição de pessoas ligadas com a Igreja católica. Como exemplo, vale a pena lembrar que na *Enciclopédia* não foi aberto espaço para líderes sociais e culturais tão importantes, relacionados principalmente com o Brasil, como: Józef Anusz, Leon Bielecki, Juliusz Bagniewski, Władysław Federowicz, Mieczysław Fularski, Eugeniusz Gruda, Jan Hempel, Jadwiga Jahołkowska, Jakub Kosiński, Janina Kraków, Romuald Krzesimowski, Paweł Nikodem, Józef Okołowicz, Michał Pankiewicz, Roman Paul, Michał Sekuła, pe. Cezary Wyszyński, Władysław Wójcik, Witold Wierzbowski ou Apoloniusz Zarychta.

8 De autoria do Pe. Zdzisław MALCZEWSKI.

instrução. Em seu procedimento eles se guiavam pelos costumes e pelas tradições que se moldaram no decorrer dos séculos numa realidade social, política e geográfica completamente diferente[9]. E eram justamente essas normas e esses valores que eles tentavam aplicar na realidade a eles alheia da América do Sul. As únicas pessoas mais cultas entre os colonos eram alguns padres de educação bastante medíocre e um pequeno grupo de pessoas leigas. Entre estes distinguia-se o „homem-instituição" – Sebastião Edmundo Woś-Saporski[10]. Ele foi não apenas um protetor, um agrimensor que demarcava os lotes para os imigrantes, mas também um organizador da vida social dos poloneses. Foi ele o cofundador e por muitos anos presidente da primeira organização polonesa na América Latina – a Sociedade Tadeusz Kościuszko – e coeditor e redator do *Gazeta Polska w Brazylii* (Jornal Polonês no Brasil), editado desde 1892 em Curitiba.

Muito cedo os emigrantes no Brasil meridional despertaram o interesse de certos ambientes poloneses na Europa. A coletividade dos emigrados era percebida sobretudo nas categorias econômicas e políticas. Nas polêmicas da época discutia-se principalmente a respeito das consequências da emigração tanto para a economia em terras polonesas como para a consciência dos próprios emigrantes. Inicialmente predominou a posição – apoiada pela autoridade de escritores como Adolf Dygasiński e Bolesław Prus – que apelava à contenção da emigração por meios administrativos. Quando se tornou evidente que isso era impossível, os jornalistas e os políticos começaram a expressar a necessidade da proteção aos emigrantes. Apelando ao darwinismo social na moda naquele tempo e às doutrinas coloniais, eles percebiam no movimento emigratório o caminho para a expansão da nação e para o crescimento do seu potencial econômico. Partidários dessa visão da emigração eram os líderes de Lvov (políticos, cientistas, literatos, líderes culturais e beneficentes) – entre os quais Stanisław Kłobukowski, Józef Siemiradzki, Józef Okołowicz. No Brasil meridional os colonos poloneses deviam dar início à chamada Nova Polônia, como uma união dos poloneses acima das partilhas e as fronteiras do país. O ingresso no círculo das nações colonizadoras devia também

---

9 KRISAŃ, M. *Chłopi wobec zmian cywilizacyjnych w królestwie Polskim w drugiej połowie XIX – początku XX wieku*, Neriton – Instytut Historii PAN, Warszawa, 2008, p. 153.

10 Cf. Nota biográfica de autoria de K. SMOLANA *Polski Słownik Biograficzny* [a seguir: *PSB*], t. XXXV, Warszawa – Kraków, 1994, pp. 177–178 (juntamente com a literatura do objeto).

contribuir para o aumento das oportunidades para a futura recuperação da independência da Polônia.

Abordava de outra forma a questão da colonização polonesa no Brasil o cofundador da Liga Nacional – Roman Dmowski. Ele avaliava de forma crítica os planos demasiadamente ambiciosos dos líderes de Lvov e duvidava das aptidões colonizadoras dos camponeses, que na sua maioria eram analfabetos com uma frágil consciência da nacionalidade. As modestas aspirações materiais e culturais deles e, em consequência, a baixa posição deles na sociedade brasileira eram um argumento adicional para a rejeição das concepções irrealistas. Dmowski não questionava, no entanto, a necessidade de tomar providências que evitassem a perda dos emigrantes para a causa polonesa. Por isso apoiava as iniciativas de pessoas, especialmente educadas e independentes materialmente, que empreendiam a ação entre os emigrados poloneses no Brasil. Uma dessas personalidades – ligadas desde 1896 com o movimento nacional – era Kazimierz Warchałowski. Ele empreendeu ações que não somente visavam a conferir à identidade dos emigrantes o formato desejável, mas que também serviam à libertação deles dos resquícios do feudalismo. Serviam a esse objetivo muitas iniciativas culturais e sociais, como o jornal *Polak w Brazylii* (O Polonês no Brasil), por ele fundado, a Livraria Polonesa ou a Sociedade da Escola Popular – bem como econômicas, como uma fábrica de fertilizantes artificiais[11].

Além de Warchałowski, na obra do trabalho nacional no seio da comunidade polonesa no Brasil meridional estavam envolvidos – como mencionamos – também padres poloneses, além de líderes esquerdistas. Um significativo grupo destes, principalmente membros do Partido Socialista Polonês (PSP) veio ao Brasil após a revolução de 1905. Os mais eminentes representantes dessa corrente eram Jan Hempel, Stanisław Konrad Jeziorowski, Szymon Kossobudzki, Jadwiga Jahołkowska, Michał Sekuła, Juliusz Szymański, Witold Wierzbowski e Witold Żongołłowicz. Graças ao trabalho deles, a vida social e espiritual do camponês polonês no Brasil – ao menos nos principais centros de colonização – tornou-se

11 Warchałowski propagou entre os colonos a utilização de fertilizantes artificiais, julgando com razão que isso contribuiria para o aumento da produção das suas propriedades e com isso elevaria a abastança deles. Cf. A pequena brochura, provavelmente de autoria de K. WARCHAŁOWSKI, *Krajowa Fabryka Sztucznych Nawozów w Kurytybie*, Curitiba [c. 1912].

mais rica, visto que passou a ser empreendida uma série de ações que serviam à ativação dos emigrados.

Foram poucos os lideres polônicos que voltaram à Polônia independente. Aqueles, no entanto, que se decidiram pela volta – especialmente os relacionados com Józef Piłsudski – desempenharam um papel fundamental na vida pública do país. Basta mencionar aqui, por exemplo, Juliusz Szymański, que – além de exercer a função de diretor de uma clínica de oftalmologia em Vilnius – foi senador pelo Bloco Apartidário de Cooperação com o Governo (sigla em polonês: BBWR) e presidente da câmara alta do parlamento nos anos 1928-1930. Um antagonista de Warchałowski, Kazimierz Ryziński, fez uma brilhante carreira militar. Antes da Segunda Guerra Mundial – no posto de coronel – exerceu as funções de comandante do Instituto Científico-Cultural Militar e durante a guerra de defesa, em 1939, foi nomeado chefe do estado-maior da defesa de Lvov.

Diferente foi o destino das pessoas ligadas ideologicamente com a Democracia Nacional (que nos anos 1919-1928 se apresentava com o nome de União Popular-Democrática). O ápice da atividade delas ocorre – por razões conhecidas – nos anos que precederam o golpe de maio de 1926. Warchałowski foi o candidato, apresentado pelo Comitê Central Polonês (sigla em polonês: NKP) em Paris, para o cargo de legado da Polônia no Brasil. Quando no final não foi possível promover essa nomeação, por decisão do primeiro-ministro Leopold Skulski foi-lhe conferido o posto de plenipotenciário do governo para assuntos econômicos na América do Sul. No verão europeu de 1923, após a instituição do governo da chamada maioria polonesa, mais uma vez foi apresentada a sua candidatura para legado da Polônia no Brasil. Finalmente ele aceitou o cargo de chefe da Seção da Emigração Ultramarina no Departamento Nacional da Emigração. Pode-se, portanto, chegar à conclusão de que Warchałowski – definido pelos seus amigos como „Casimiro o Grande" – manteve na época um bom relacionamento com as elites do poder, ligadas com a Democracia Nacional, à qual por algum tempo pertenceu como um membro[12].

12 De outra forma se apresenta a carreira de Juliusz Malinowski, por muitos anos redator do *Polak w Brazylii*, que após a volta à Polônia juntamente com o chamado Exército Azul do general Haller, trabalhou no Estado-Maior do Exército Polonês. Após a tomada do poder por Piłsudski, renunciou ao cargo ocupado e envolveu-se na atividade de oposição diante da equipe governamental. A partir de 1937 foi secretário-geral do Partido do Trabalho.

Não foi, no entanto, um típico líder nacional. Jędrzej Giertych chegou a questionar tanto as suas ligações organizacionais como idealísticas com a Democracia Nacional. Sem entrarmos aqui em reflexões detalhadas, que não constituem o tema principal das nossas investigações, deve-se afirmar que as funções administrativas exercidas por Warchałowski baseavam-se antes em conhecimentos e contatos individuais do que num apoio de caráter político. Com esse tipo de apoio institucional ele não contou também em 1926. Ele apresentava as suas ideias e iniciativas, e até os seus pontos de vista em órgãos da imprensa não pertencentes à Democracia Nacional. Na segunda metade dos anos trinta o seu nome surgia com maior frequência nas páginas da imprensa do bloco governamental do que nacional. Pode-se, então, adotar a hipótese de que – com a preservação dos seus pontos de vista da direita – na área emigratório-colonial ele se identificava mais com a política do Ministério das Relações Exteriores da Polônia. Os empreendimentos e os propósitos de Warchałowski foram interrompidos pela guerra, e a seguir pela morte do líder social.

* * *

Apesar da relativamente rica base das fontes, a figura de Kazimierz Warchałowski não se tem tornado até agora objeto de investigações científicas[13]. Pode-se supor que tem influenciado isso a sua ideologia. Como se sabe, ele se identificava com a ideologia da direita social, foi também um intransigente crítico do comunismo e, além disso, um entusiasta da conquista de colônias ultramarinas para a Polônia. O seu nome aparece na abundante literatura dedicada à colonização polonesa no Brasil, tanto naquela surgida na Polônia como fora das suas fronteiras. No entanto é preciso enfatizar que essa literatura é dispersa e, além disso – especialmente aquela mais antiga – geralmente apresenta um baixo valor cognitivo. Dispomos de algumas dissertações bibliográficas[14] e ensaios relacionados

13 Além dos resumos biográficos de Warchałowski redigidos por ZIELIŃSKI (op. cit., pp. 576–579), pelos SŁABCZYŃSKI (op. cit., pp. 320–321) ou MALCZEWSKI (*Słownik...*, pp. 143–144; *Perfis...*, pp. 405–410; *Encyklopedia...*, t. 5, pp. 222–223), publicaram pequenos textos o antigo colaborador de Warchałowski, Michał SEKUŁA (Rodzina Warchałowskich. *Kalendarz Ludu*, 1965, pp. 177–179) e E. S. URBAŃSKI (Kazimierz Warchałowski w Ameryce Południowej, In: *Sylwetki...*, t. 2, p. 186).

14 UHM, Z. e T. Materiały do polskiej bibliografii migracyjnej. *Kwartalnik Naukowego Instytutu Emigracyjnego oraz Przegląd Emigracyjny*, t. I, 1930, pp. 314–381; SCHLESIN-

com as fontes[15] que tentam sistematizar essa difícil matéria. Vale a pena também lembrar que a respeito da presença polonesa no Brasil fala igualmente a beletrística, tanto a nacional[16] como a polônica[17]. A respeito da ação

---

GER, H. *«Polonica» Brasil, Suplemento da Revista Polonesa, Kurier Polski*, São Paulo, 1948; MOREIRA, J. *Dicionario bibliográfico do Paraná. Publicação comemorativa do primeiro centenário do Paraná*, Secretaria do Interior e Justiça, Curitiba 1953; MOREIRA, J. Polska bibliografia Parany. Wkład literatury polskiej do kultury brazylijskiej. *Lud*, Curitiba, 1956; Bibliografia piśmiennictwa polskiego o tematyce polsko-brazylijskiej. In: *Emigracja polska w Brazylii. 100 lat osadnictwa*, LSW, Warszawa, 1971, pp. 494–511; SARNECKI, J. *Latin American Literature and History in Polish Translation. A Bibliography*, Port Huron, Michigan, 1973; CHOJNACKI, W. Bibliografia wydawnictw polskich w Brazylii 1892–1974. *Przegląd Zachodni*, n. 2, 1974; BUKIET, A. *Materiały do bibliografii. Polonica Ameryki Łacińskiej*, nakładem autora, Buenos Aires, 1975; *Polonica Zagraniczne. Bibliografia,* t. 1, Warszawa, 1975 [e volumes seguintes]; *Materiały do bibliografii dziejów emigracji oraz skupisk polonijnych w Ameryce Północnej i Południowej w XIX i XX wieku*, red. PACZYŃSKA, I.; PILCH, A. PWN, Warszawa – Kraków, 1979; SCHNEPF, R.; SMOLANA, K. *Bibliografia polskiej literatury latynoamerykańskiej 1945–1977*, Warszawa, 1979; CHOJNACKI, W. e W. *Bibliografia kalendarzy polonijnych 1838–1982*, Ossolineum, Wrocław, 1984; *Polonia: bibliografia publikacji wydanych w kraju w roku 1980 wraz z uzupełnieniami za rok 1979*, red. CHOJNACKI, W. Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, Kraków, 1982 [e volumes seguintes referentes aos anos 1981-1988; o volume 10 referente ao ano 1989 juntamente com complementações foi redigido por CHOJNACKI, W.; KRASZEWSKA, A.; KRASZEWSKI, P. PAN, Poznań, 1991]; GAWRYSZEWSKI, A. *Przestrzenna ruchliwość ludności Polski. Bibliografia (1896–1990),* Instytut Geografii i Przestrzennego Zagospodarowania, Warszawa, 1997.

15 KULA, M. Polska literatura dotycząca Ameryki Łacińskiej XIX i XX w. *Dzieje Najnowsze*, 1972, z. 2; KULA, M. Ameryka bliska i daleka. In: *Ameryka Łacińska w relacjach Polaków. Antologia.* Wybór, wstęp, komentarze i przypisy M. Kula, „Interpress", Warszawa, 1982, pp. 5-48; WALEWANDER, E. Duszpasterstwo polskie w Ameryce Łacińskiej. Przyczynek do bibliografii. In: *Rola duszpasterstwa polskiego w organizacji społeczności lokalnych w Ameryce Łacińskiej,* materiały z konferencji, Warszawa 4–5 grudnia 1998, red. M. MALINOWSKI, CESLA, Warszawa, 1999; PALECZNY, T. Ameryka bliższa czy dalsza? Polonia latynoamerykańska w piśmiennictwie polskim po 1980 roku. Szkic bibliograficzny. In: *Emigracja, Polonia, Ameryka Łacińska. Procesy emigracji i osadnictwa Polaków w Ameryce Łacińskiej w świadomości społecznej,* red. T. PALECZNY, CESLA, Warszawa, 1996, pp. 85-91 [essa publicação encerra também nas pp. 191-253 uma ampla relação bibliográfica relacionada com a problemática latino-americana].

16 MOCYK, A. *Piekło czy raj? Obraz Brazylii w piśmiennictwie polskim w latach 1864–1939*, Universitas, Kraków, 2005.

17 KRAWCZYK, J. A literatura Polono-Paranaense. *Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa*, [Curitiba], 1973, t. VII, pp. 121–128; SĘK, J. Literaci polonijni w Brazylii – zarys problematyki badawczej. In: *50 lat Towarzystwa Polsko-Brazylijskiego,* TPB, Warszawa, 1984, pp. 162-207. Vale a pena enfatizar que alguns imigrantes queriam também despertar o interesse do Brasil pela Polônia; cf. STAŃCZEWSKI, J. *A Polônia na Literatura Brasileira.*

pela independência promovida no Brasil, durante a qual Warchałowski desempenhou um papel significativo, escreveram muitos autores[18]. No que diz respeito ao período de entreguerras da atividade do protagonista da presenta dissertação, tem despertado interesse unicamente o episódio relacionado com a fracassada colonização do Peru. Valiosas fontes que analisam esse período da atividade de Warchałowski são não apenas os preciosos diários ou as memórias[19], mas também um romance baseado em fatos[20] e as primeiras tentativas de análise científica dessa questão[21]. Os nossos conhecimentos sobre a área da política emigratória e o discurso colonial na II República foram consideravelmente enriquecidos, por sua vez, pelas pesquisas promovidas por Halina Janowska[22], Edward Kołodziej[23],

---

Uma Antologia, Placido e Silva & Cia., Ltda, Curitiba, 1927; SKOWROŃSKI, T. *Páginas brasileiras sobre a Polônia*, Livraria Editora Freitas Bastos, Rio de Janeiro, 1942. Uma relação bibliográfica relacionada com essa temática foi elaborada por STAŃCZEWSKI, J. *Druki portugalskie i brazylijskie o Polsce. Szkic bibliograficzny*, nakładem autora, Poznań, 1929.

18 GŁUCHOWSKI, K. *Wśród pionierów polskich na antypodach. Materiały do problemu osadnictwa polskiego w Brazylii,* Instytut Naukowy do Badań Emigracji i Kolonizacji, Warszawa, 1927; WIERZBOWSKI, T. Ruch niepodległościowy wśród Kolonii Polskiej w Brazylii. *Niepodległość,* R. 9, 1934, pp. 281-293; GRABOWSKI, T. S. Polska akcja niepodległościowa w Brazylii podczas wielkiej wojny. *Przegląd Współczesny*, 1939, n. 205 (maio), pp. 6-16, IGNATOWICZ, M. A. Polonia brazylijska wobec odzyskania niepodległości Polski w r. 1918. In: *Polonia wobec niepodległości Polski w czasie I wojny światowej*, red. FLORKOWSKA-FRANČIĆ, H.; FRANČIĆ, M.; KUBIAK, H. Ossolineum, Wrocław – Kraków, 1979, pp. 135-153; KULA, M. Postawa Polonii brazylijskiej wobec asymilacji a odrodzenie Polski w 1918 r. *Przegląd Zachodni*, 1977, n. 5/6, pp. 195-206; KOŁODZIEJ, E. Polacy w Ameryce Łacińskiej wobec kwestii odrodzenia niepodległego państwa polskiego. In: *Polonia w walce o niepodległość i granice Rzeczpospolitej 1914–1921*, red. KOSESKI, A., Pułtusk, 1999, pp. 170-194.

19 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 105, Dziennik Wacława Chrostowskiego, ff. 94-110; BOCHDAN-NIEDENTHAL, M. *Ucayali. Raj czy piekło nad Amazonką*, Dom Książki Polskiej SA, Warszawa, 1935.

20 PRZEWŁOCKA, I. *Błędne ognie nad Ukajali*, Wydawnictwo Morskie, Gdynia, 1961.

21 KRASZEWSKI, P. Problem osadnictwa polskiego w Peru w okresie międzywojennym. *Studia Historyczne*, 1979, n. 4, pp. 583-606; KLARNER-KOSIŃSKA, I. Polonia w Peru. In: *Dzieje Polonii w Ameryce Łacińskiej*, Ossolineum, Wrocław, 1983, pp. 181-205.

22 JANOWSKA, H. *Emigracja zarobkowa z Polski 1918-1939*, PWN, Warszawa, 1981.

23 KOŁODZIEJ, E. *Wychodźstwo zarobkowe z Polski 1918–1939. Studia nad polityką emigracyjną II Rzeczypospolitej*, Książka i Wiedza, Warszawa, 1982.

Andrzej Brożek[24], Tadeusz Białas[25], Piotr Kraszewski[26], Anna Kicinger[27] e Marek Arpad Kowalski[28].

A base do presente trabalho é constituída pelas fontes dos arquivos e impressas (edições e seleções de fontes, escritos avulsos, relatórios, memórias e recordações), bem como pela literatura existente do objeto. No Arquivo de Documentos Novos de Varsóvia é preservado um conjunto que conta 282 unidades arquivais ao qual foi atribuído o nome de Documentos de Janina e Kazimierz Warchałowski[29]. Encontram-se nele materiais dos anos 1787-1947, portanto também os documentos familiares do período que precede a atividade dos criadores do conjunto e foram elaborados no território da atual Rússia, Ucrânia, Polônia e países da América Latina, principalmente Brasil, Peru e Argentina. Além disso, fez-se uso da correspondência encaminhada do Brasil à Comissão dos Partidos Confederados pela Independência e ao Comitê Nacional Central em Cracóvia, bem como dos materiais reunidos no conjunto intitulado Arquivo de Londres do Partido Socialista Polonês (relacionado com Jan Hempel), e ainda dos conjuntos relacionados com as pessoas de Paweł Nikodem e Ignacy Jan Paderewski[30]. Importantes materiais relacionados com a ação de recrutamento, inclusive os relatos de Malinowski e Abczyński, bem como do Comitê Nacional Polonês no Rio de Janeiro e do Comitê Central Polonês no Brasil estão preservados no conjunto intitulado Comitê Nacional Polonês, bem como no conjunto de documentos e pesquisas do tenente-coronel Stanisław Laudański. Foram utilizados igualmente os documentos de Władysław Goździkowski, Bolesław e Maria Wysłouch

24 BROŻEK, A. Polityka imigracyjna w państwach docelowych emigracji polskiej (1850–1939). In*: Emigracja z ziem polskich w czasach nowożytnych i najnowszych*, red. PILCH, A., PWN, Warszawa, 1984.

25 BIAŁAS, T. *Liga Morska i Kolonialna 1930–1939*, Wydawnictwo Morskie, Gdańsk, 1983.

26 KRASZEWSKI, P. *Polska emigracja zarobkowa w latach 1870–1939. Praktyka i refleksja,* Zakład Badań Narodowościowych PAN, Poznań, 1995.

27 KICINGER, A. *Polityka emigracyjna II Rzeczypospolitej*, „CEFMR Working Papers", n. 4, 2005.

28 KOWALSKI, M. A. *Dyskurs kolonialny w Drugiej Rzeczypospolitej*, DiG, Warszawa, 2011.

29 *Akta Janiny i Kazimierza Warchałowskich. Inwentarz*, red. DOBROWOLSKA, B., Warszawa, 1972 [dat.]; *Archiwum Akt Nowych w Warszawie. Informator*, AAN, Warszawa, 2009.

30 KOŁODZIEJ, E.; MROWIEC, R. *Ameryka Łacińska, Hiszpania i Portugalia w źródłach Archiwum Akt Nowych do roku 1945,* CESLA – NDAP, Warszawa, 1996.

e Wacław Gąsiorowski (relacionados com o Exército Polonês na França)[31], preservados na seção de manuscritos do Instituto Nacional Ossoliński em Wrocław. Preciosos arquivos relacionados com a colonização polonesa no Brasil estão depositados no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e nos arquivos dos três estados meridionais do Brasil: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul[32]. Os mais importantes documentos dedicados às ações de Warchałowski em prol do reconhecimento da independência da Polônia encontram-se no Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (Arquivo Histórico do Palácio Itamaraty), no Rio de Janeiro. Uma boa parte deles foi publicada pelo ambiente polônico na revista *Brasil-Polônia*, editada no Rio de Janeiro[33].

Uma inesgotável fonte de informações, especialmente a respeito do período brasileiro da atividade de Warchałowski, é o jornal por ele editado – nos anos 1904-1919 – *Polak w Brazylii* (O Polonês no Brasil). O autor analisou igualmente as coleções dos órgãos de imprensa no Brasil antagônicos diante de Warchałowski, tais como *Gazeta Polska w Brazylii* (Jornal Polonês no Brasil), *Niwa* (Campo), *Ogniwo* (Elo) *Pobudka* (Toque de Alvorada), *Świt* (Aurora), bem como recortes da imprensa brasileira cuidadosamente reunidos pelo protagonista da dissertação. Foi igualmente utilizado um grande número de títulos da imprensa publicados antes da Primeira Guerra Mundial no Reino da Polônia e na Galícia.

Para o período de entreguerras da atividade de Warchałowski o mais importante conjunto são os documentos elaborados pelo Ministério das Relações Exteriores [34], que deixaram uma marca muito forte na política emigratória do país, pelas embaixadas polonesas em Londres, Washington e Berlim, bem como pela legação no Rio de Janeiro. Foram examinados igualmente os documentos da Chancelaria Civil do Chefe de Estado, da Presidência do Conselho de Ministros, bem como o conjunto referente a Michał Gieysztor. Foram utilizadas também as fontes

31 ŁOGNIEWSKI, A. Archiwum W. Gąsiorowskiego w zbiorach Biblioteki Ossolineum. *Ze Skarbca Kultury*, 23, 1972, pp. 131-248.

32 PITOŃ, J. Polonia brazylijska w Archiwum Państwowym w Rio de Janeiro i archiwach innych stanów. In: *Inwentarz zbioru archiwalnego ks. Jana Pitonia CM*, red. KUBAS-PARADOWSKA, M.; KRAWCZUK, W. Warszawa, 1989.

33 Documentos históricos sobre o reconhecimento da Polonia pelo Brazil. *Brazil-Polonia*, n. 4 de 15.11.1921.

34 *Inwentarz akt Ministerstwa Spraw Zagranicznych w Warszawie z lat 1918–1939*, red. KOŁODZIEJ, E. NDAP, Warszawa, 2000.

parlamentares, principalmente os estenogramas das sessões plenárias da Câmara dos Deputados[35]. Na análise da política emigratória polonesa no período de entreguerras mostraram-se úteis as memórias de dois líderes proeminentes que a formularam: Wiktor T. Drymmer[36] – alto funcionário do Ministério das Relações Exteriores, e Michał Pankiewicz[37] – redator do *Wychodźca* (O Emigrante), e ainda de Jan Dębski[38], vice-presidente da Liga Marítima e Colonial. Em relação ao "problema colonial", dispomos de um considerável número de fontes impressas[39].

Muitas valiosas informações sobre a atividade de Warchałowski nos anos do entreguerras foram fornecidas pela imprensa, tanto pela editada na Polônia como também no exterior, principalmente no Peru, no Brasil e na Argentina. Numerosos artigos, hoje já esquecidos e de difícil acesso, traduzem com perfeição a atmosfera, os objetivos socioeconômicos, bem como o transcurso das iniciativas de Warchałowski. Foram analisados igualmente os materiais que se encontram em posse da neta do líder, Beatriz Warchalowski, em Vila Velha, no estado do Espírito Santo, e os enviados pelo neto – Roberto Warshalowski, residente em Lima. Em muito contribuíram também as memórias do filho do líder, Stanisław Warchałowski, que foram publicadas[40]. A relação dos materiais arquivais analisados, das fontes impressas, das recordações e memórias, da imprensa

35 Sejm Ustawodawczy RP. Sprawozdania stenograficzne z lat 1919–1922; Sprawozdania stenograficzne Sejmu RP, kad. I 1922–1927; kad. II 1928–1930.

36 DRYMMER, W. T. Zagadnienie żydowskie w Polsce w latach 1935–1939. *Zeszyty Historyczne*, n. 13, 1968, pp. 55–77; Idem, *W służbie Polsce*, Warszawska Oficyna Wydawnicza „Gryf" – Instytut Historii PAN, Warszawa, 1998 [edição original em *Zeszyty Historyczne*, nn. 27–31 dos anos 1974–1975]

37 ZNiO, n. 15612, PANKIEWICZ, M. *Biebrza – Amazonka – Wisła. Wspomnienia z lat 1887–1945* [dat.].

38 Ibidem, n. 15354 II-III/1-4, *Wspomnienia z lat 1889–1973*, t. 1–4 [dat.].

39 ZAŁĘCKI, G. *Polska polityka kolonialna i kolonizacyjna*, Warszawa, 1925; IDEM, *O zasadniczych pojęciach polityki kolonialnej i kolonizacyjnej*, Warszawa, 1928; Idem, *Problem konieczności i możliwości polskiej polityki kolonialnej*, Komitet Tygodnia Emigranta, Warszawa, 1930; Idem, *O kolonialno-polityczną kulturę mas polskich*, Warszawa, 1930; BULOWSKI, L. *Kolonie dla Polski*, ed. do autor, Warszawa, 1932; PAWŁOWSKI, S. *Domagajmy się kolonii zamorskich dla Polski*, LMiK, Warszawa, 1936; FULARSKI, M. *Kryzys emigracyjny a polska polityka kolonialna*, LMiK, Warszawa, 1931; *Nasze sprawy kolonialne – cykl referatów wygłoszonych na kursie kolonialnym dla członków LMiK przez Okręg Stołeczny LMiK we wrześniu 1936 r.*, LMiK, Warszawa, 1936.

40 WARCHAŁOWSKI, S. *I poleciał w świat daleki... Wspomnienia z Brazylii, Polski i Peru*, MHPRL – ISIiI UW, Warszawa, 2010.

e da bibliografia básica é apresentada no final do trabalho. Artigos menores e outros ensaios menos importantes são assinalados somente nas notas. Na bibliografia é destacada uma relação de obras selecionadas e do trabalho editorial de Kazimierz Warchałowski.

A intenção do autor era a elaboração de uma biografia de Kazimierz Warchałowski com base na análise tanto da sua obra literária e editorial como da sua ação concreta. Por essa razão foi conferida ao livro uma disposição cronológico-problemática. O trabalho compõe-se de uma introdução, de seis capítulos e de uma conclusão. A divisão em partes é fundamentada por importantes cortes na vida de Warchałowski.

No capítulo primeiro é apresentado o ambiente familiar do qual se originou Warchałowski. Chamou-se a atenção à circunstância de que seus pais, residentes na Rússia, preservavam no lar uma atmosfera profundamente polonesa, onde se cultivavam as tradições e os costumes pátrios. A atmosfera patriótica ali reinante exerceu uma grande influência em Kazimierz Warchałowski, mas também em seus irmãos, que, após a conclusão de estudos superiores em São Petersburgo, envolveram-se profundamente na ação em prol da independência da Polônia. São apresentados a gênese dos interesses sociais de Warchałowski e os seus contatos com Roman Dmowski e com proeminentes líderes emigratórios daquele tempo. Após três meses de permanência no Paraná, pela palavra e pela ação (através de numerosas palestras) começou a propagar a necessidade de envolver os emigrantes de proteção e de encaminhá-los para áreas que prometessem – para o bem da nação – a preservação da sua identidade. Como a região mais adequada a isso ele via os estados meridionais do Brasil. Para realizar o programa assim esboçado decidiu estabelecer-se de forma definitiva em Curitiba, capital do Paraná.

No capítulo segundo são apresentadas as bases econômicas do período dos dezesseis anos da permanência da família de Warchałowski no Brasil, onde ele assumiu o papel de intermediário entre a colônia polonesa e a pátria. São apresentadas as suas mais importantes iniciativas socioculturais, entre as quais a fundação do jornal *Polak w Brazylii*, bem como da Livraria Polonesa, que constituíam para os colonos uma fonte da palavra na língua dos antepassados e serviam à promoção da cultura polonesa no exterior. Com o objetivo de propagar a leitura, Warchałowski deu início à fundação de bibliotecas nas colônias, que eram por ele providas de livros poloneses. A Sociedade da Escola Popular, por sua vez, que dirigia algumas escolas, estabeleceu como seu objetivo a difusão da

instrução entre os colonos. O líder promovia também a defesa deles, tanto diante das autoridades administrativas como durante processos nos tribunais. Apresenta-se, além disso, o programa social das inciativas de Warchałowski, que visavam à eliminação da mentalidade ainda feudal dos camponeses, pelo que se indispôs com alguns representantes da Igreja católica. Durante a Primeira Guerra Mundial envidou esforços em prol da recuperação da independência da Polônia. Nesse contexto são caracterizados os conflitos e as divisões no seio da colônia, que surgiram diante da diferença de posições a respeito do caminho que deveria conduzir à soberania. Inicialmente tiveram maiores influências dentro da colônia polonesa no Brasil os partidários da concepção que apostava nos Estados centrais. Uma outra orientação relacionava as suas esperanças de independência com a Rússia imperial e, após a sua queda, com os países da Entente. Os promotores dessa concepção eram os líderes da Sociedade Polonesa de Autoajuda e Instrução no Rio de Janeiro, mas sobretudo o próprio Kazimierz Warchałowski, que no outono europeu de 1917 assumiu a presidência Comitê Central Polonês no Brasil. Esse organismo estava subordinado à direção do Comitê Central Polonês, que era presidido por Dmowski. Esse comitê promoveu posteriormente um recrutamento de voluntários para o Exército Polonês na França, bem como passou a expedir passaportes e declarações de pertencimento à nação polonesa. Os empenhos de Warchałowski contribuíram para o rápido reconhecimento pelo governo do Brasil – em agosto de 1918 – da Polônia como um Estado independente, sendo o primeiro país a fazer isso.

No capítulo terceiro são apresentados os primeiro anos da atividade de Warchałowski após a sua volta à Polônia, inclusive os frustrados empenhos pelo cargo de legado da Polônia no Rio de Janeiro, bem como os objetivos, o transcurso e as causas do insucesso da missão econômica a ele confiada no Brasil. É caracterizado igualmente o seu trabalho no posto de chefe do Departamento Emigratório Ultramarino. Além disso, são apresentadas as suas posições relativas às questões emigratórias, das quais foi capaz de convencer altos funcionários do Estado – inclusive o ministro do trabalho e assistência social Franciszek Sokal. Descreve-se igualmente o transcurso da missão de Warchałowski nos países da América Latina (Brasil, Argentina, Chile, Peru e Equador), onde – como delegado do governo polonês – investigou a possibilidade de obter áreas para a imigração de camponeses poloneses. São analisados os efeitos dessas ações e as circunstâncias da demissão de Warchałowski do cargo ocupa-

do. Apresentam-se, a seguir, o período final da vida de Warchałowski e os seus empreendimentos frustrados seguintes, cujo fiasco foi provocado desta vez pelo deteriorado estado de saúde. São apresentados também os destinos dos mais próximos colaboradores do protagonista da presente dissertação, inclusive de sua esposa e de seus filhos.

Capítulo I

A juventude e o início da atividade social (até 1903)

1. No círculo familiar

O brasão Rawicz

Kazimierz Warchałowski nasceu no dia 24 de novembro de 1872 em Voronesh, uma cidade situada a 500 km ao sul de Moscou. Ele veio ao mundo numa família de intelectuais, de raízes nobres, assinalada pelo brasão Rawicz. Os seus antepassados, oriundos certamente da Galícia, onde esse sobrenome aparece com bastante frequência, ao menos até o começo do século XVIII residiram nos confins orientais da Polônia – na voivodia de Kiev, que após a segunda partilha da Polônia entrou na composição do Império Russo[1]. A direção oriental da migração da nobreza polonesa foi muito típica da segunda metade do século XVII. Os latifúndios dos tradicionais "régulos" devastados pelas guerras cossacas eram ocupados pela empobrecida nobreza da Coroa. Foi certamente então que os Warchałowski se mudaram para aquela região.

Józef Warchałowski

O avô de Kazimierz, Józef Warchałowski, era proprietário de uma fábrica de carruagens em Mirgorod, perto de Złotopole, na província de Kiev. Piotr Warchałowski, o único filho de Józef e de sua esposa nascida Blazer, nasceu em Złotopole. Estudou em Kiev: primeiramente no Ginásio II (1846-1850) e a seguir na Universidade S. Waldemiro, onde nos anos 1850-1855 realizou estudos histórico-filológicos. Após os estudos, coerentemente se elevou pelos degraus da carreira na aplicação da justiça. Exerceu as funções de juiz investigador no distrito de Kaniów (1861-1864), de secretário e subprocurador em Voronesh (1867-1873), de procurador em Kazan (1873-1881) e finalmente, por 24 anos (1882-1906), de presi-

1 AAN, Akta Janiny i Kazimierza Warchałowskich, n. 7. O translado dos Livros da Cidade de Żytomir diz respeito à transmissão da propriedade, por Teodoro Warchałowski (antepassado de Kazimierz Warchałowski) a seu filho Antoni no dia 20 de agosto de 1728. (Cópia de 10 de julho de 1842), ff. 1-3.

Piotr Warchałowski

dente do Tribunal Regional em Kherson[2]. "Foi em toda a Rússia – lemos na sua nota fúnebre – o único presidente-polonês, honrado além disso com distinções e com o título de 'Excelência' e de conselheiro secreto"[3]. A companheira de vida de Piotr, com a qual se casou no dia 7 de janeiro de 1866, foi Helena Feliksa nascida Spława-Neyman, perseguida pelo governo russo, da mesma forma que toda a família, em razão do seu envolvimento no Levante de Janeiro de 1863[4].

Os Warchałowski – o que confirmam as notas das fontes – foram capazes de conciliar as obrigações profissionais com a preservação da identidade nacional e cultural. Independentemente do lugar onde residissem, constituíram sempre um apoio para os compatriotas que encontravam, sem levar em conta a sua posição social ou a sua situação material[5].

---

2 Ibidem, n. 1, Akta Piotra i Heleny z Neymanów Warchałowskich, ff. 8, 11-12, 15, 37–46.

3 *Piotr Warchałowski* [nota fúnebre com fotografia]. *Świat*, n. 13 de 1.4.1911, p. 20.

4 AAN, Akta Janiny i Kazimierza Warchałowskich, n. 1, Cetidão de nacimento e de casamento de Helena Spława-Neyman, ff. 3–6. Helena Feliksa era filha de Helena Wiszniewska e Hermogenes Neyman (? – 1863), presidente da nobreza no distrito de Kaniów. Ativamente envolvido no Levante de Janeiro de 1963, foi queimado vivo em sua casa, seu patrimônio foi confiscado e todos os filhos, com exceção do mais jovem, Czesław, foram enviados à Sibéria. O mais eminente representante da família Neyman foi Jerzy Spława Neyman (1894–1981), filho do mencionado Czesław e de Kazimiera Lutosławska. Estudou matemática em Kharkiv. Em 1921 voltou à Polônia, onde assumiu o cargo de estatístico no Instituto de Pesquisas da Agricultura em Bydgoszcz. Dois anos depois, em 1923, já era diretor do Laboratório Biométrico do Instituto Nencki e diretor do Laboratório Estatístico da Escola Central de Economia Agrícola (sigla em polonês: SGGW) em Varsóvia. Nos anos 1924-1926 esteve em Londres e Paris. Após a volta à Polônia foi professor na SGGW e na Universidade Jaguelônica. Esse foi um dos mais criativos períodos do seu trabalho. Os trabalhos de pesquisa de Neyman assinalaram a direção do desenvolvimento da estatística matemática por muitos anos. Esteve também envolvido na atividade da anticlerical União Polonesa do Pensamento Livre. Em 1934, atendendo a um convite, Neyman viajou a Londres. Por quatro anos foi professor na University College. Em 1937 recebeu a proposta de ser professor em Ann Arbour, no estado de Michigan, e em Berkeley, na Califórnia. Finalmente, em 1938 mudou-se já de forma definitiva a Berkeley, onde dirigiu pesquisas e deu aulas. Desde 1936 foi membro estrangeiro da Academia Polonesa de Ciências. No dia 9 de dezembro de 1974 a Universidade de Varsóvia concedeu-lhe o título de doutor *honoris causa*. Em seus trabalhos dedicou-se principalmente à estatística (especialmente aos métodos de verificação das hipóteses estatísticas), bem como à teoria da multiplicidade e ao cálculo da probabilidade. Introduziu a conceito do compartimento da confiança. Uma biografia detalhada de Neyman encontra-se no livro de Constance Reid, *Neyman – from Life*, Springer-Verlag, New York, 1982.

5 *Piotr Warchałowski*, op. cit.

Piotr e Helena Warchałowski tiveram cinco filhos – duas filhas: Maria e Zofia e três filhos: Kazimierz, Jerzy e Józef. As funções exercidas por Piotr Warchałowski forneciam rendimentos que permitiam à família viver num elevado nível material, mas também cultural. Isso dizia respeito também à educação dos filhos. A norma naqueles tempos, principalmente nas famílias dos proprietários de terras, era uma ampliada educação domiciliar, que substituía a instrução elementar fornecida pelo Estado. A falta de uma escola obrigatória fazia com que, com o sistema educacional russo, que em regra buscava a desnacionalização dos poloneses, os jovens se deparassem geralmente apenas no nível da escola média. Foi o que aconteceu com os filhos dos Warchałowski, pois todos os três filhos de Piotr iniciaram os estudos pelo ginásio em Kherson e a seguir os continuaram em São Petersburgo. A respeito da educação das filhas infelizmente nada sabemos. A prática naquele tempo era que, na medida do possível, as meninas eram isoladas do sistema oficial de educação, e todo o esforço era concentrado na sua educação doméstica.

A educação domiciliar, que precedia os estudos no ginásio, realizava-se – quando os recursos o permitiam – sob a supervisão de pedagogos contratados. A sua vantagem fundamental era o fato de que permitia a instrução segundo as necessidades e os interesses dos próprios contratantes. Naquele período dava-se ênfase sobretudo ao ensino de línguas e da história da Polônia[6]. O alto nível dessa educação pode ser comprovado pela circunstância de que os filhos de Piotr Warchałowski, apesar de terem nascido e estudado na Rússia, na sua vida posterior foram importantes personagens da história polonesa – que lutaram pela sua independência e pela sua cultura. Devem ter recebido, portanto, uma educação muito sólida, impregnada de civismo e patriotismo. E o ambiente em que se encontravam funcionava como um estímulo que impelia a um esforço e a uma perseverança adicionais[7].

Além disso, na casa dos Warchałowski devia reinar uma postura – raramente encontrada no círculo dos proprietários de terras na Ucrânia – de abertura às novas correntes políticas e intelectuais. Comprova isso o fato de que um dos filhos de Warchałowski envolveu-se com o movimento socialista, um outro com o nacionalista, e o terceiro foi fascinado

---

6 Cf. EPSZTEIN, T. *Edukacja dzieci i młodzieży w polskich rodzinach ziemiańskich na Wołyniu, Podolu i Ukrainie w II połowie XIX wieku*, Wydawnictwo DIG, Warszawa, 1998.

7 A respeito dos poloneses na Rússia naquele tempo cf.: ŁUKAWSKI, Z. *Ludność polska w Rosji 1864-1914*, Ossolineum, Wrocław, 1978.

pela arte popular. Essa fascinação pelas camadas sociais inferiores – pelos camponeses e operários – devia ter a sua fonte na atmosfera familiar. Piotr Warchałowski certamente foi um democrata e liberal, fortemente apegado ao polonismo. A Rússia sul-ocidental era uma área onde com

Zofia e Maria Warchałowski

grande intensidade ocorriam tanto conflitos de nacionalidades como a injustiça social. A permanência por várias décadas no ambiente russo, em isolamento do polonismo, deve ter influenciado os pontos de vista sociais, políticos e econômicos também dos filhos de Warchałowski.

A respeito das filhas de Piotr – e irmãs de Kazimierz – pouca coisa podemos dizer. A mais velha, Maria, nascida provavelmente em 1867, casou-se com o engenheiro Ziemowit Morzycki, nascido em Wola Łabędzka (província de Kalisz), que estudou na Faculdade de Agricultura da Politécnica de Riga. Ele foi um ativo líder da Arkonia, surgida em 1879 justamente nessa instituição de ensino superior e que congregava a juventude patriótica polonesa. No final do século XIX o casal Morzycki estabeleceu-se em Zakopane, onde Ziemowit

foi coproprietário de uma casa de câmbio e de uma firma de corretagem chamada A. Modliński & Cia.[8] Infelizmente, em 1905 ele morreu inesperadamente, e Maria, que não tinha filhos, passou a residir em Cracóvia. Ela dispensou solícitos cuidados a seus irmãos, especialmente ao solteiro e sempre alheado Jerzy, cuidando da casa dele em Wisła, que com muita frequência era também frequentada por Kazimierz. Após a eclosão da Segunda Guerra Mundial a casa foi ocupada pelos alemães, e Maria foi obrigada a refugiar-se em Varsóvia, onde encontrou apoio na família de sua irmã Zofia[9].

Zofia, de quem estamos falando, nascida em 1869, casou-se com Jacek Bobiński. Até a Revolução de Outubro eles residiram em Popówka[10], situada na província de Kiev. Essa localidade é conhecida em razão de uma série de quadros de autoria de Jan Stanisławski, conhecido dos Warchałowski ainda de Kazan. O pai do pintor – o jurista e ao mesmo tempo poeta Antoni Robert Stanisławski – foi professor na Universidade de Kharkiv e

8 *www.archiwumkorporacyjne.pl/index.php/muzeum.../k-arkonia/* [acesso: 16.03.2012]

9 Arquivo de B. Warchalowski, Carta de Jerzy Warchałowski a seu irmão Stanisław de 7.2.1944, cópia em posse do autor.

10 *Słownik geograficzny Królestwa Polskiego i innych krajów słowiańskich*, t. 15, red. SULIMIRSKI, F.; CHLEBOWSKI, B.; WALEWSKI, W. Warszawa, 1902, p. 44.

Jerzy Warchałowski com sua babá

Jerzy Warchałowski no ginásio

em Kazan. Jerzy, fortemente ligado com o ambiente da boemia artística cracoviana, por ocasião das visitas à irmã trazia consigo a Popówka artistas para sessões de pintura ao ar livre, o que na época estava na moda[11]. O casal Bobiński teve três filhos: a filha Helena, falecida na infância, e dois filhos – Władysław, mais tarde general, e Kazimierz[12], jornalista, prisioneiro de um campo de concentração na Alemanha. Durante a Segunda Guerra Mundial Zofia residiu em Varsóvia, juntamente com a nora e a irmã Maria[13].

Jerzy Warchałowski, dois anos mais jovem que Kazimierz e nascido em 1874, estudou direito na Universidade de São Petersburgo (onde também frequentou um curso de desenho). Após os estudos estabeleceu-se em Cracóvia, onde continuou os estudos – na área da história e da arte – na Universidade Jaguellônica. Deu início, além disso, a uma notável carreira profissional. Foi um eminente teórico e propagador da arte popular[14] e um dos mais ativos organizadores da vida cultural polonesa das primeiras quatro décadas do século XX. Deu-se a conhecer como um entusiasta do „Balão Verde" e cofundador da boêmia artística cracoviana na chamada Caverna de Michalik, onde era chamado "Jerzyk" (Jorginho), amigo de escritores e artistas[15]. Foi cofundador da Sociedade „Arte Polonesa Aplicada" (anos de atividade: 1901-1912)[16], das Oficinas de Cracóvia

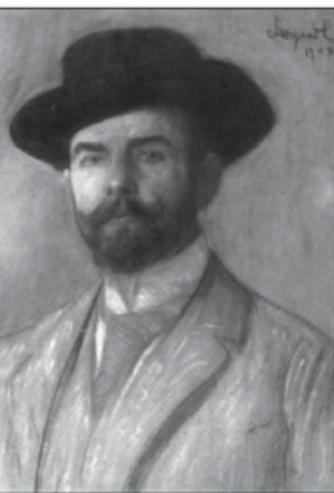
11 EPSZTEIN, T. *Piórem i paletą. Zainteresowania intelektualne i artystyczne ziemiaństwa polskiego na Ukrainie w II połowie XIX wieku*, Neriton, Warszawa, 2005, p. 307.

12 Casado com Maria nascida Kidzińska, o filho deles é Jacek Bobiński (n. 1936).

13 Cf. Nota 9.

14 Publicou também trabalhos como: *O sztuce stosowanej*, Kraków, 1904 [Separata de *Czas* de 10 e 11.6.1904]; *Polska sztuka dekoracyjna*, Warszawa, Kraków, 1928 [em francês: *L'art décoratif moderne en Pologne*, Varsovie 1928].

15 BOY-ŻELEŃSKI, T. *Słówka*, introd.; WEISS, T. Ossolineum (série BN I), Wrocław, 1988, pp. 82, 249; idem, *Znaszli ten kraj?...*, introd. WEISS, T. Ossolineum (série BN I), Wrocław, 2004, pp. 78–79, 283–294; SAMOZWANIEC, M. *Maria i Magdalena*, Wydawnictwo Literackie, Kraków, 1978, pp. 149–150; GAWLIK, J. P. *Powrót do jamy*, Wydawnictwo Artystyczno-Graficzne, Kraków, 1961, p. 86; WACHOWIAK, S. *Czasy, które przeżyłem. Wspomnienia z lat 1890–1939*, introd. GARLICKI, A. Czytelnik, Warszawa, 1983, pp. 213-214; WEISS, T. *Legenda i prawda Zielonego Balonika*, Wydawnictwo Literackie, Kraków, 1987, pp. 231, 265, 305; *Listy o stylu zakopiańskim 1892–1912 wokół Stanisława Witkiewicza*, introd., comentários, red. JAGIEŁŁO, M. Wydawnictwo Literackie, Kraków, 1979, pp. 565–587; LECHOŃ, J. *Dziennik*, t. 3: 1 de janeiro de 1953 – 30 de maio de 1956, PIW, 1993, p. 275.

16 Além de Warchałowski, os fundadofres foram: Józef Czajkowski, Stanisław Goliński, Włodzimierz Tetmajer, Karol Tichy, Edward Trojanowski. Pertencia à Sociedade a

Leon Wyczółkowski, retrato de Jerzy Warchałowski

(1913–1926)[17], da Cooperativa *Ład* (Ordem) (desde 1926)[18], do Conselho da Sociedade da Difusão da Arte Polonesa entre os Estrangeiros e do Instituto de Propaganda da Arte (desde 1930), além de redator da revista *Architekt* (Arquiteto) (1908-1915)[19]. Todos esses empreendimentos tinham por objetivo – como aliás foi registrado nos estatutos da primeira das organizações acima mencionadas – „o despertar da criatividade original na área da arte aplicada à indústria e à construção, conferindo-lhe as marcas da diversidade nacional"[20]. Nos anos do entreguerras descobriu e propagou a obra dos artistas poloneses: Zofia Stryjeńska, Jan Szczepkowski e Jan Wałach[21]. Foi comissário geral da arte polonesa utilitária na *Exposition des Arts Décoratifs* em Paris (1925) e da exposição internacional de tecidos no Louvre (em 1926). Em 1929 tornou-se também conselheiro artístico do Departamento Administrativo do Ministério das Relações Exteriores. "Sua tarefa era – lembra Wacław Jędrzejewicz – aconselhar a administração central e aos núcleos no exterior na aquisição de móveis, obras de arte, utensílios de mesa, tapetes etc. [...] Warchałowski cuidou que os *objects d'art* necessários aos nossos postos possuíssem realmente um valor artístico e representassem ao mesmo

família mais próxima de Jerzy: a mãe – Halina, a irmã – Zofia Bobińska, o irmão – Józef Warchałowski, a cunhada – Janina Warchałowska, o cunhado – Ziemowit Morzycki, bem como muitos eminentes políticos, escritores e artistas, como Roman Dmowski (desde 1903), Jan Stanisławski, Józef Mehofer, Lucjan Rydel, Włodzimierz Tetmajer, Stanisław Wyspiański, Witold Wojtkiewicz, Leon Wyczółkowski. Cf. *Sprawozdanie Towarzystwa „Polska Sztuka Stosowana" w Krakowie 1901–2*, Kraków, 1902, pp. 3-4, 32-39.

17 HUML, I. *Warsztaty Krakowskie*, Ossolineum, Wrocław, 1973; *Warsztaty Krakowskie 1913–1926*, red. M. Dziedzic, Wydawnictwo Akademii Sztuk Pięknych, Kraków, 2009.

18 *Spółdzielnia Artystów ŁAD 1926–1996*, t. I, red. FRĄCKIEWICZ, A. Muzeum Akademii Sztuk Pięknych, Warszawa, 1998.

19 Cf. Também: EKIELSKA-MARDAL, A. Wartości etyczne a sztuka stosowana. Idee i działalność Jerzego Warchałowskiego. *Pokaz. Pismo krytyki artystycznej*, 2004, n. 37; CZERNIK K. *Jerzy Warchałowski – propagator sztuki stosowanej*, tese de magistério escrita em 2001 sob a orientação do Dr. L. Lameński, no Instituto da História da Arte, Universidade Católica de Lublin.

20 *Sprawozdanie Towarzystwa „Polska Sztuka Stosowana"...*, p. 4.

21 WARCHAŁOWSKI, J. *Zofia Stryjeńska*, Warszawa, 1929; idem, *Jan Szczepkowski. Snycerz i rzeźbiarz*, Warszawa, 1932; idem, *Jan Wałach z Istebnej na Śląsku Cieszyńskim. Rysunki, malowidła, drzeworyty wybrane z okresu 1903–1934*, Warszawa, 1935 [em francês: *Jan Wałach. D'Istebna, village de la Silésie de Cieszyn*, Varsovie – Cracovie, 1936].

Jerzy Warchałowski

tempo a arte polonesa"[22]. Do seu sepultamento, em março de 1939, participou o próprio ministro das relações exteriores Józef Beck, que após a morte do artista conferiu-lhe uma elevada distinção[23].

O segundo irmão de Kazimierz, Józef Warchałowski, também estudou em São Petersburgo. Em 1901 concluiu o Instituto de Engenharia Civil (anteriormente: Escola de Edificações). Após os estudos residiu em Kherson, e a seguir – na segunda metade de 1903 – mudou-se juntamente com a família (e juntamente com o filho Bohdan, nascido no dia 6 de junho de 1903 em Kherson) a Pułusk, onde assumiu o cargo de arquiteto distrital. Casou-se ali com a viúva do escritor e jornalista Antoni Mieszkowski[24], Maria nascida Melechowicz. Logo após a chegada envolveu-se na vida social da cidade; foi cofundador do Comitê distrital do Partido Socialista Polonês e da sucursal da Sociedade da Cultura Polonesa[25]. Percebe-se com isso que com o movimento socialista ele deve ter-se ligado em período anterior (seja no tempo dos estudos, seja ainda nos tempos de Kherson). No final de 1906 Józef Warchałowski viajou ao Brasil – juntamente com a esposa Maria, o filho Bohdan e a enteada Zofia. Trabalhou ali como engenheiro na construção da ferrovia São Francisco-União da Vitória. Em 1907 voltou à Europa e fixou residência em Kiev[26]. Será que o motivo da volta do Brasil teriam sido as diferenças de opiniões com o irmão Kazimierz? Nada aponta para isso. Tratava-se antes de questões familiares, inclusive de dificuldades com a aclimatação. No entanto, as divergências nos pontos de vista também eram visíveis. Kazimierz Warchałowski foi um próximo colaborador de Roman Dmowski, isto é, de um movimento que já tinha

Józef – irmão de Kazimierz

22 JĘDRZEJEWICZ, W. *Wspomnienia*, red. e posfácio CISEK, J., Ossolineum, Wrocław, 1993, p. 190; "Tendo o apoio da Sra. Beck – escrevia o diretor do Departamento Administrativo do Ministério das Relações Exteriores S. Schimitzek – desenvolveu na área do Ministério uma atividade que começou a ultrapassar o âmbito das tarefas a ele confiadas. Mesmo assim, consegui acertar com o Warchałowski as normas da nossa cooperação, que a partir de então desenvolveu-se em geral de forma harmônica, apesar da sua índole agressiva e até certo ponto arbitrária". SCHIMITZEK, S. *Drogi i bezdroża minionej epoki. Wspomnienia z lat pracy w MSZ 1920–1939*, „Interpress", Warszawa, 1976, p. 345.

23 CZAJKOWSKI, J.; WALLIS, M. Jerzy Warchałowski. *Wiadomości Literackie*, n. 15 (807) de 2.4.1939, p. 6.

24 KASZUBINA, W. Mieszkowski Antoni Wincenty, *PSB*, t. 21, 1976, pp. 41-42. A primeira esposa de Józef, Zofia nascida Olszewska, faleceu por ocasião do nascimento do filho Bohdan.

25 DĄBROWSKI, W. Wspomnienia z lat 1900–1918. *Z pola walki*, t. 1, 1958, pp. 103, 111.

26 WIERZEJSKI, W. K. *Fragmenty z dziejów polskiej młodzieży akademickiej w Kijowie*, Instytut Józefa Piłsudskiego, Warszawa, 1939, pp. 108-118.

cristalizadas as premissas programáticas e uma posição consolidada na sociedade. Contudo no Partido Socialista Polonês (PSP), no início do século XX, persistiam as lutas internas. O conflito entre os „velhos" e os „jovens" no seio do partido levou finalmente, em 1906, à cisão e ao surgimento de dois partidos: os „velhos" fundaram o PSP Facção Revolucionária, e os "jovens" – o PSP Esquerda. Por aquele pronuncia-se Warchałowski e torna-se um dos seus mais importantes ativistas na Galícia[27]. Ele participa da moldagem da face sociopolítica do partido e participa da atividade clandestina da organização militar União da Galícia Ativa, surgida em junho de 1908. Nos dias 25-26 de agosto de 1912 Warchałowski esteve em Zakopane, onde participou do chamado congresso dos irredentistas (representando o PPS Facção Revolucionária), durante o qual foi instituído o Tesouro Militar Polonês[28]. Alguns meses mais tarde, no início de 1913, na residência de Warchałowski em Kiev, surgiu a Organização Acadêmica Filarecja. "A Filarecja, ligada tanto pessoal como programaticamente com o PSP Facção Revolucionária e a União da Galícia Ativa – escreve um conhecedor da questão – concentrava-se em sua atividade na preparação de quadros para a ação irredentista, no que se concentrava no trabalho da autoeducação. Os círculos autoeducativos constituíam uma reserva de ativos para a ação militar"[29]. Ameaçado de prisão, no final de 1913 Warchałowski deixou Kiev e refugiou-se na Galícia, onde passou a trabalhar como operário numa mina em Borislav[30]. Após a eclosão da Primeira Guerra Mundial alistou-se nas Legiões. Participou de lutas na região de Lublin e na Volínia[31]. Após o desarmamento dos alemães em 1918, automaticamente se transferiu ao Exército Polonês.[32]. Desde o final de janeiro de 1919 participou das lutas com a Chéquia na região de Cieszyn e, a partir de março, com os ucra-

Józef Warchałowski

27 Para mais informações sobre esse tema: ŁADYKA, T. *PPS (Frakcja Rewolucyjna) w latach 1906–1914*, Warszawa, 1972.

28 KIEDRZYŃSKA, W. Powstanie i organizacja Polskiego Skarbu Wojskowego (1912–1914). *Niepodległość*, t. 13, pp. 77–98; GARLICKI, A. *Geneza legionów*, Książka i Wiedza, Warszawa, 1964, p. 44.

29 BARTOSZEWICZ, H. Kijowska Filarecja. Z dziejów polskich organizacji niepodległościowych na Ukrainie przed wybuchem rewolucji rosyjskiej. In: *Polska i jej wschodni sąsiedzi*, red. ANDRUSIEWICZ, A., t. 8, Wyższa Szkoła Pedagogiczna, Rzeszów, 2007, p. 26.

30 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 190, Carta de J. Warchałowski a seu irmão Kazimierz de 15.6. 1914, fls. 90-93.

31 Ibidem. Carta de J. Warchałowski a sua cunhada Janina 10.2.1915, ff. 96-98.

32 Tornou-se oficial do II batalhão de infantaria das legiões (b. 1 pp PSZ).

nianos na região de Sądowa Wisznia e Brzeżany[33]. Pereceu no dia 15 de junho de 1919 em Denysowo durante as lutas com os ucranianos no período da moldagem da fronteira polono-ucraniana na Polônia Menor Oriental[34].

O mais velho dos irmãos, e protagonista da nossa narrativa – Kazimierz Warchałowski – concluiu o ginásio em Kherson e a seguir, nos anos 1889-1894, estudou ciências naturais no Departamento de Ciências Naturais e Matemática da Universidade de São Petersburgo[35]. Não concluiu os estudos, visto que no quinto ano envolveu-se numa aventura com um dos professores, que perseguiam os poloneses, abandonou a universidade e voltou a Kiev[36]. Dos tempos de São Petersburgo, isto é, por volta do ano 1890, possuímos um quadro de Warchałowski vestindo uma armadura (emprestada do

Kazimierz Warchałowski

Wiktor Mazurowski, *Torneio de cavaleiros*, óleo, final do séc. XIX

33 CYGAN, W. K. Józef Warchałowski. In: *Oficerowie Legionów Polskich*, t. 5, Barwa i Broń, Warszawa, 2007, p. 189.

34 Józef Warchałowski [nota fúnebre]. *Tygodnik Ilustrowany*, n. 35 de 30.8.1919, s. 577; o contexto mais amplo do conflito é fornecido por KLIMECKI, M. *Polsko-ukraińska wojna o Lwów i Galicję Wschodnią 1918–1919*, Oficyna Wydawnicza Volumen, Warszawa, 2000.

35 MALCZEWSKI, Z. e WACHOWICZ, R. C. Na biografia de K. Warchałowski, escrevem que ele estudou física e química (*Perfis Polônicos no Brasil*, Vicentina, Curitiba, 2000, p. 405), o que não corresponde à realidade.

36 Arquivo de B. Warchalowski, Biografia de Kazimierz Warchałowski escrita por seu filho Stanisław.

Ermitage). Ele posou assim vestido – como modelo – para o pintor polonês Wiktor Mazurowski, para o seu quadro "Torneio de cavaleiros". Esse quadro, um dos mais importantes na obra do artista, foi reproduzido em 1908 no *Tygodnik Ilustrowany* (Semanário Ilustrado)[37]. Warchałowski estava realizando naquela época – o que era característico da esfera da qual era oriundo – viagens por lugares da Europa que na época estavam na moda, situados na Itália e na França. Seus pais, buscando a autonomia do filho, presentearam-no com uma propriedade rural em Bezlesie (junto à estação ferroviária Szestakówka), situada no distrito de Elizavetgrad, na província de Kherson[38]. Esse distrito, localizado no território da chamada Ucrânia do Dniepr, era habitado por um bom número de poloneses. Com Elizavetgrad (hoje Kirovograd) estavam ligadas por exemplo as famílias de Karol Szymanowski e de Jarosław Iwaszkiewicz, que lá residiu nos anos 1904-1909. Nasceu ali também em 1904 o escritor Michał Choromański. Jarosław Iwaszkiewicz assim recordava a cidade:

> Era uma localidade feia e bastante abandonada, situada na margem do rio Ingul, na província de Kherson. O centro dessa cidade era constituído por uma velha escola de cavalaria, na qual se instruíam também muitos poloneses. [...] Na época a que estou voltando, Elizavetgrad possuía uma colônia polonesa bastante numerosa, que se congregava em volta da igreja local e da Sociedade de Beneficência. É natural que nessa colônia desempenhassem um papel muito importante os Szymanowski, com todas as suas ramificações familiares. Era essa, antes de 1917, a capital de inverno dos Szymanowski [...]. Eu conheci Elizavetgrad tendo viajado para lá de Varsóvia em 1903, e na primavera do ano seguinte mudamo-nos para lá em definitivo. Eu tinha então dez anos e vivenciei lá os mais importantes acontecimentos da minha infância: os primeiros anos da escola normal, as primeiras impressões religiosas, as primeiras experiências literárias e até jornalísticas, porquanto editávamos ali com meus primos e colegas o periódico literário *Biały Kruk* (Corvo Branco)[39].

37 *Tygodnik Ilustrowany*, n. 26 de 27.6.1908, p. 518; AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 5, Fotografia de K. Warchałowski, f. 1.

38 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 2, Curriculum Vitae, f. 73.

39 IWASZKIEWICZ, J. *Spotkania z Szymanowskim*, Polskie Wydawnictwo Muzyczne, Kraków, pp. 39-41; cf. Também: *Dzienniki 1911–1955*, Czytelnik, Warszawa, 2007, p. 31.

Logo após tomar posse da propriedade, no dia 19 de janeiro de 1897 Kazimierz casou-se com Janina, filha de Ludwik Jenicz e Olimpia Wierzbicka. A solenidade realizou-se na localidade de Antonówka – de propriedade de Ludwik, situada no distrito de Zwinogród, na província de Kiev[40]. Em breve a família dos Warchałowski aumentou: no dia 20 de dezembro de 1897 nasceu o filho deles Jerzy, e no dia 28 de julho de 1900 – o filho Ludwik.

Estabelecendo-se na área rural, os Warchałowski fortaleceram o contingente dos proprietários de terras na Ucrânia, cuja presença no século XIX era uma espécie de herança da República da nobreza. Na literatura chama-se a atenção para a estrutura „colonial" dessa presença, cujo traço característico era o latifúndio, e o sistema de produção – orientado para a exportação – tinha ao menos até 1861 um caráter feudal[41]. Nas décadas seguintes observamos uma lenta desintegração dessa propriedade – nos anos 1864-1914 os proprietários de terras poloneses perderam mais de 50% das terras anteriormente possuídas – até a sua total extinção nos anos 1917-1919. "Como se distinguiam os proprietários poloneses dos demais? – pergunta com razão Tadeusz Epsztein. – Praticamente o único critério até o final do século XIX era a religião – um polonês podia ser exclusivamente católico, e a religião era identificada com a nacionalidade"[42]. Esse critério de fácil identificação tinha a sua dimensão política e econômica. Após o Levante de Janeiro de 1963 foi imposta aos poloneses uma taxa especial (contribuição) – chamada imposto de nacionalidade. E um decreto de dezembro de 1865, por sua vez, impossibilitava aos poloneses a livre utilização da terra. O desafio seguinte com que tiveram que defrontar-se os proprietários de terras poloneses tinha um caráter social – tratava-se

---

40 No final dos anos 70 do século XIX essa aldeia era habitada por 489 pessoas de religião ortodoxa. A propriedade de Jenicz contava 1 475 dízimos (um pouco menos que 1 612 ha) de terra, bastante fértil, na qual se cultivavam principalmente melancias, melões e pepinos. Cf. *Słownik geograficzny...*, t. 1, red. SULIMIRSKI, F.; CHLEBOWSKI, B.; WALEWSKI, W., Warszawa, 1880, p. 44. E como por sua vez resulta da relação dos proprietários de terras do ano 1890/91, publicada por EPSZTEIN, T. (*Polska własność ziemska na Ukrainie (gubernia kijowska, podolska i wołyńska) w 1890 r.*, Neriton, Warszawa, 2008, p. 166.), a propriedade de Jenicz contava 876 dízimos, ou 960,3 ha.

41 BEAUVOIS, D. *Trójkąt ukraiński. Szlachta, carat i lud na Wołyniu, Podolu i Kijowszczyźnie 1793–1914,* trad. do francês RUTKOWSKI, K. 2.ed., UMCS, Lublin, 2011; idem, *Walka o ziemię: szlachta polska na Ukrainie prawobrzeżnej pomiędzy caratem a ludem ukraińskim 1863–1914*, trad. do francês RUTKOWSKI, K. Pogranicze, Sejny, 1996.

42 EPSZTEIN, T. *Polska własność ziemska...*, p. 22.

O solar em Bezlesie

das aspirações do povo ucraniano. Todos esses fatores fizeram com que os proprietários de terras, da mesma forma que os intelectuais poloneses das áreas sul-ocidentais da Rússia, se distinguissem dos seus compatriotas no Reino da Polônia, na Galícia ou na Polônia Maior.

„Os conflitos sociais e de nacionalidade – observa T. Epsztein –, bem como a brutalidade na sua solução, tradicional naquela área, faziam com que os poloneses e os ucranianos fossem por vezes radicais, expondo violentamente as suas razões e não dispostos a ouvir”[43]. O futuro próximo mostraria que as observações acima aplicavam-se plenamente também a Kazimierz Warchałowski, que diante dos seus adversários políticos era capaz de ser radical, e às vezes até brutal, sem excluir a utilização dos argumentos da força física.

Roman Dmowski em 1893

Provavelmente ainda antes de contrair matrimônio Warchałowski se juntou à Liga Nacional. Desconhecemos as circunstâncias mais próximas em que ele entrou em contato com o ambiente dos nacionalistas. De acordo com S. Kozicki isso ocorreu muito cedo, já em 1896[44]. É duvidoso que isso tenha ocorrido na Ucrânia, onde naquele tempo o movimento nacionalista estava nos seus embriões. Ele se tornou popular somente no começo do século XX, principalmente entre os proprietários de terras e uma parte dos intelectuais[45]. Antes dele surgiu o movimento socialista. Ingressavam nele

43 EPSZTEIN,T. *Z piórem i paletą...*, p. 16.

44 KOZICKI, S. Historia Ligi Narodowej. *Myśl Polska*, London, 1964, p. 586.

45 Ibidem, pp. 150-154.

principalmente os jovens dos ambientes urbanos, especialmente de Kiev. Essas circunstâncias parecem favorecer a tese de que Warchałowski deve ter-se juntado ao movimento nacionalista na área da Galícia, em Cracóvia ou em Lvov. Nesta última cidade, desde fevereiro de 1895, o movimento era dirigido por Roman Dmowski. Ele dirigia, além disso, o quinzenário *Przegląd Wszechpolski* (Revista de Toda a Polônia), que sucedeu à *Przegląd Emigracyjny* (Revista da Emigração), redigida por Stanisław Kłobukowski, igualmente membro da Liga Nacional. Em 1902 a redação da *Przegląd Wszechpolski*, distribuída em todas as zonas de ocupação, foi transferida a Cracóvia.

O objetivo da Liga Nacional, da mesma forma que da Facção Nacional-Democrática, legalmente surgida em 1897, era a edificação de uma moderna nação polonesa. De uma nação que – de acordo com o darwinismo social então na moda – devia ser suficientemente forte para enfrentar a rivalidade com as outras nações. Devia conduzir a isso um programa político baseado nos princípios do pragmatismo, numa eficiente organização do trabalho político e da ideologia do nacionalismo. Era também por isso que a Liga se opunha decididamente à luta de classes, a qual – na opinião de Roman Dmowski – sem necessidade antagonizava a nação. No lugar da luta, ele propunha uma tomada de ações que servissem sobretudo ao despertar e ao fortalecimento da consciência nacional, que era mais necessária à camada social mais numerosa – aos camponeses. Daí a posição especial dos camponeses na ideologia nacionalista. Havia também a consciência de que a moldagem de uma nação é um processo demorado e complexo. Por isso, para acelerar esse processo, na obra da nacionalização dos camponeses foi envolvida a religião católica. O catolicismo tornou-se, então, necessariamente uma coluna da democracia nacional. No que diz respeito à geopolítica, Dmowski via a maior ameaça ao polonismo na Alemanha, e os russos foram por ele reconhecidos como aliados na luta com os alemães. Isso devia conduzir – numa perspectiva mais ampla – à recuperação da independência e à transformação da Polônia num Estado nacional. Não havia espaço nele para nacionalidades não eslavas, especialmente para a alemã e a judia. Especialmente esta – na opinião de Dmowski – era uma ameaça para a nação polonesa. É por isso que a tradicional aversão aos judeus – relacionada com a religião – foi transformada num moderno antissemitismo político[46].

---

46 A respeito dos pontos de vista de Dmowski existe uma farta literatura. Das obras mais importantes importa mencionar: WAPIŃSKI, R. *Roman Dmowski*, Wydawnictwo Lubelskie, Lublin, 1988; ŁAGODA, M. *Dmowski, naród i państwo. Doktryna polityczna „Przeglądu Wszechpolskiego" (1895-1905)*, Agencja „eSeM" , Poznań, 2002; POTKAŃSKI,

Voltemos a Warchałowski. Administrando a sua propriedade, ele também se engajava politicamente. "A elevação da propriedade em Bezlesie a um nível mais elevado, a complementação do inventário, a construção de um moinho na propriedade e a complementação das suas instalações obrigavam-me a viajar constantemente a Elizavetgrad" – lembra[47]. Foi justamente durante essas viagens que ele foi envolvido na atividade política. Nos anos 1898-1899 foi envolvido, como administrador, na organização de uma exposição agrícola[48], e em 1899 tornou-se membro da administração da Sociedade Agrícola Distrital. No entanto, ele se deu a conhecer a uma opinião pública mais ampla em 1900, quando a Rússia meridional, inclusive a província de Kherson, foi assolada por uma colheita muito fraca.

> O governador, que era na época o cavalariço do solar, o duque Oboleński – recorda Warchałowski – foi dotado de poderes especiais, e os recursos a ele destinados deviam garantir à população o pão, a assistência médica e as sementes para o futuro. No outono europeu [de 1900 – JM] o duque Oboleński propôs que eu assumisse a supervisão geral das tarefas da administração, das fazendas e das organizações sociais, no âmbito da tarefa principal de não permitir a fome e de garantir a justa distribuição das importâncias destinadas a esse fim. Utilizando-nos da linguagem de hoje, eu devia tornar-me o Comissário para a luta com a fome. Eu não tinha as mínimas ambições burocráticas e só concordei quando o duque me demonstrou o caráter social desse trabalho, e convenceu-me principalmente a declaração de que estava me propondo esse cargo justamente como a um polonês, a respeito dos quais sabia que se podia esperar deles a indispensável energia, a imparcialidade e a honestidade[49].

W. *Ruch narodowo-niepodległościowy w Galicji przed 1914 rokiem*, DIG, Warszawa, 2002; KRZYWIEC, G. *Szowinizm po polsku. Przypadek Romana Dmowskiego (1886-1905)*, Wydawnictwo Neriton – Instytut Historii PAN, Warszawa, 2009; KAWALEC, K. *Roman Dmowski. Biografia*, Zysk i S-ka, Warszawa, 2016.

47 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 152, Wystawa w Elizawetgradzie, f. 19.

48 Ibidem, ff. 19-29.

49 Ibidem, n. 152, *Czarnym szlakiem*, fl. 49-50.

Visto que a função que o duque Oboleński propôs a Warchałowski devia ter uma base legal, telegraficamente ele foi nomeado pelo ministro „funcionário para tarefas especiais junto ao governador de Kherson"[50]. Após assumir o cargo, Warchałowski imediatamente começou a visitar a província com o objetivo de verificar pessoalmente o estado econômico das diversas aldeias e cidades. Participou de reuniões dos conselhos rurais, interveio em casos de desentendimentos, de abusos ou de inação das autoridades. Essas tarefas lhe ocuparam seis meses, durante os quais percorreu mais de 7 mil quilômetros. Ele concluiu o seu trabalho com um amplo memorial cuja descrição – da mesma forma que o seu diário de viagem daquele tempo – foi perdida durante a revolução bolchevique[51].

O envolvimento de Warchałowski durante a calamidade da fome foi apreciado tanto pelas autoridades provinciais como também pelas esferas dos proprietários rurais. Ainda durante o cumprimento da sua missão ele foi nomeado membro da administração provincial da sociedade agrícola em Kherson. Foi também apresentado como candidato para a administração da associação dos fazendeiros – uma instituição local dotada de grandes poderes e de uma grande escala de ação. Na eleição ele perdeu por pouco – pela diferença de 3 votos – para um nacionalista local. Não sentindo vocação para o serviço administrativo, sete meses depois renunciou ao cargo ocupado. Uma recompensa pelo fiel serviço foi também que, no dia 27 de setembro de 1901, ele foi inscrito nos livros da nobreza da província de Kherson[52].

Nesse contexto, são interessantes as opiniões de Warchałowski a respeito da Rússia imperial. Com efeito, por diversas vezes têm surgido acusações, formuladas principalmente pelos seus adversários, de que ele foi um membro da máquina administrativa imperial, que perseguia os poloneses. Mas isso não é verdade, visto que cabia a ele, como já mencionamos, exclusivamente o controle da ação dos órgãos instituídos para a luta com a calamidade da fome. Ele assumiu as suas tarefas voluntariamente, e o seu objetivo era a vontade de aliviar a sorte dos prejudicados. Neste ponto vale a pena lembrar que a mãe de Warchałowski, da mesma forma que toda a família Neyman, foi objeto de cruéis perseguições da parte do tsar. Igualmente as opiniões que na época Warchałowski tinha

---

50 Pro domo sua. *Polak w Brazylii*, n. 31 de 21.4.1915, p. 2.

51 AAN, Akra J. i K. Warchałowskich, n. 152, *Czarnym szlakiem*, f. 50.

52 Ibidem, Свидѣтельство, но указу его императорскаго величества, n. 2, f. 43a.

sobre a Rússia imperial não se distanciam das apresentadas pelos patrióticos proprietários de terras na Ucrânia.

> Nós odiávamos a Rússia sinceramente pelos maus tratos, pela violência, pela Sibéria e pelos trabalhos forçados. Mas esse relacionamento não pode esgotar toda a questão. Era muito grande o território, muito grande a massa de raças, povos e línguas que contribuíram para esse monstruoso conglomerado para que os nossos sentimentos sem dúvida justos constituíssem o prisma para a avaliação do inimigo. Para a avaliação do inimigo, mas também vizinho e membro da grande coletividade que constitui a humanidade. Para se defender, e tanto mais para lutar, é preciso conhecer o adversário. Um pesquisador se utiliza não apenas da lupa para ampliar os objetos bem vistos, mas também do microscópio para o exame daqueles detalhes ocultos nas profundezas da matéria e invisíveis ao olhar. E como são inesperados os quadros que ele pode perceber! O caminho ao conhecimento – talvez seja o caminho mais seguro para a concórdia e o respeito[53].

A luta com a fome na Rússia meridional chamou a atenção de Warchałowski para as questões emigratórias. "Eu viajei a Varsóvia e Cracóvia – reconhecerá mais tarde – para me contatar com pessoas que trabalhavam com as questões acima"[54]. Realmente, o movimento emigratório, principalmente ao Brasil e aos Estados Unidos, havia atingido dimensões inesperadas anteriormente. De acordo com cálculos estimativos, até o ano de 1914 haviam abandonado a área das históricas terras polonesas mais de 4,5 milhões de poloneses[55]. Isso ocorria apesar de uma série de restrições apresentadas aos emigrados da parte das autoridades de ocupação. O mais fácil era emigrar da zona de ocupação prussiana, onde o Estado favorecia a emigração dos poloneses, com a esperança de enfraquecer o elemento

53 Ibidem, n. 152, *Wybory w Elizawetgradzie*, ff. 6-7.

54 Ibidem, n. 2, *Curriculum Vitae*, f. 74.

55 MURDZEK, B. *Emigration in Polish Social-Political Thought 1870–1914*, Columbia University Press, New York, 1977; KRASZEWSKI, P. *Polska emigracja zarobkowa w latach 1870–1939. Praktyka i refleksja*, Zakład Badań Narodowościowych PAN, Poznań, 1995; WALASZEK, A. *Migracje Europejczyków 1650–1914*, Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, Kraków, 2007.

polonês ali residente[56]. Na monarquia austro-húngara – da mesma forma que na zona de ocupação prussiana – a possibilidade da emigração legal era restringida pela obrigação de prestar o serviço militar[57]. Somente as autoridades russas tratavam a emigração como um delito. Toda pessoa que se decidisse a emigrar tinha que obter a autorização das autoridades competentes, e todo emigrante devia ter um passaporte (além da Rússia, somente na Turquia existia a obrigação do passaporte)[58]. A emigração era também refreada por meios administrativos. Era controlada e confiscada a correspondência estrangeira, especialmente aquela direcionada às aldeias polonesas pelos emigrantes do Brasil e dos Estados Unidos[59]. Dessas cartas, da mesma forma que daquelas publicadas por William Thomas e Florian Znaniecki[60], resulta que no caso dos Estados Unidos a decisão de permanecer além do oceano não era tão inequívoca. Muitas vezes ela era tomada alguns anos depois da saída do país, dependendo do sucesso no exterior. No caso do Brasil a situação era decididamente menos complicada: ao país do Cruzeiro do Sul viajavam famílias inteiras, praticamente sem possibilidade de volta.

Em 1899 viajou ao Brasil o próprio Roman Dmowski, líder do movimento nacionalista, a fim de verificar com os próprios olhos as possibilidades de se estabelecer no outro hemisfério. A viagem do dirigente

---

56 KOWALSKI, G. M. Prawna regulacja wychodźstwa na ziemiach polskich pod panowaniem pruskim w latach 1794–1914. *Czasopismo Prawno-Historyczne*, t. LVIII, 2006, pp. 199-224.

57 Idem, Prawna regulacja wychodźstwa na ziemiach polskich pod panowaniem austriackim w latach 1832–1914. *Czasopismo Prawno-Historyczne*, t. LIV, 2002, pp. 171-191; idem, *Przestępstwa emigracyjne w Galicji 1897–1918. Z badań nad dziejami polskiego wychodźstwa*, Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, Kraków, 2003.

58 Idem, Prawna regulacja wychodźstwa w Królestwie Polskim w latach 1815–1914. *Czasopismo Prawno-Historyczne*, t. LV, 2003, pp. 231-254.

59 Uma pequena parte dessa grande massa de cartas se salvou e foi pulicada no volume: *Listy emigrantów z Brazylii i Stanów Zjednoczonych*, red. KULA, W.; ASSOBORAJ-KULA, N.; KULA, M. 2.ed., MHPRL – ISIiI UW, Warszawa, 2012; versão port.: Cartas dos emigrantes do Brasil. *Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa*, 1977, t. VII; versão ingl.: *Writing Home: Immigrants in Brasil and the United States 1890-1891*, ed. e trad. WTULICH, J. Boulder, Coloraso, 1986.

60 THOMAS, W. I.; ZNANIECKI, F. *The Polish Peasant in Europe and America*, t. 1–5, Richard G. Badger, The Gorham Press, Boston 1918–1920. Ed. pol.: *Chłop polski w Europie i Ameryce*, t. 1–5, LSW, Warszawa, 1976. Cf. também: GRONIOWSKI, K. Motywy emigracji w świetle dzieła Williama I. Thomasa i Floriana Znanieckiego „Chłop polski w Europie i Ameryce". *Przegląd Zachodni*, 1977, n. 566, pp. 13-31.

da Liga Nacional, à qual pertencia Warchałowski, deve ser reconhecida como um momento crucial na vida de Kazimierz. É nesse período que surge o seu interesse pelo Brasil. Isso ocorreu com tanto mais facilidade porque – se acreditarmos nas memórias de seu filho Stanisław – seu pai sonhava em viajar ao Brasil ainda na juventude. Mais ainda, ele teria tido a viagem interrompida por seu pai, quando já se encontrava em Paris[61]. Se isso é verdade – e, caso seja, se teria sido somente uma fascinação juvenil, ou talvez um empreendimento mais sério – torna-se difícil investigar. Mesmo assim, pode-se aceitar com certeza que Warchałowski começou a interessar-se pela emigração ao Brasil após as publicações de Roman Dmowski na *Przegląd Wszechpolski*, isto é, a partir de 1900. Quando na primavera europeia de 1901 comunicou ao duque Oboleński a sua viagem ao Brasil, afirmou: „Viajaram para lá muitos dos nossos, mas trata-se do elemento camponês, que deve somente ser fecundado com a cultura e a confiança em si... e no próprio destino"[62].

---

61 WARCHAŁOWSKI, S. *I poleciał w świat daleki... Wspomnienia z Brazylii, Polski i Peru*, introd. MAZUREK, J., red. do texto JAKUBOWSKA, Z. MHPRL – ISIiI UW, Warszawa, 2009, p. 49.

62 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 152, *Czarnym szlakiem*, f. 64.

2. Brasil – a terra prometida: em meio a disputas e polêmicas

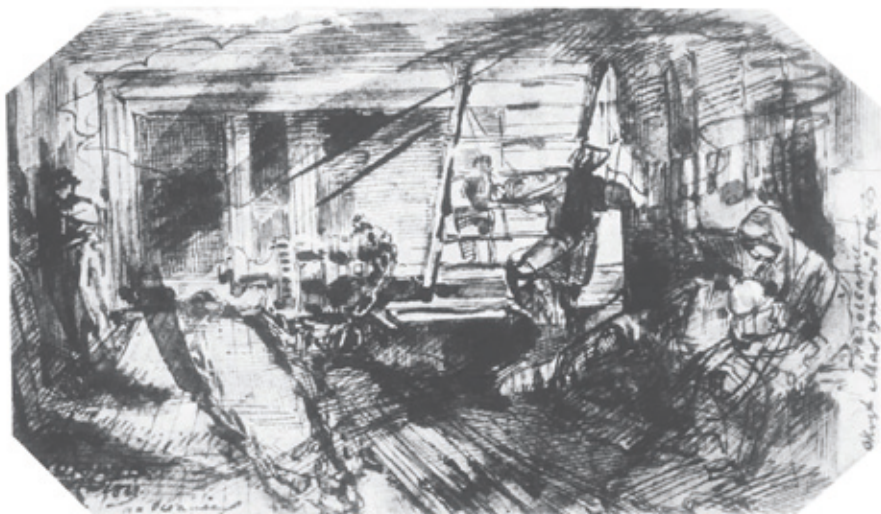
A emigração de terras polonesas ao Brasil iniciou-se primeiramente nas terras da zona de ocupação prussiana. Nos anos sessenta do século XIX da Pomerânia, da Polônia Maior e da Silésia emigraram os primeiros grupos, que não se distinguiam dos emigrantes alemães. Somente os empenhos de Sebastião Woś[63], que se encontrava ali desde 1867, contribuíram para a mudança da situação. Em 1869, após muitos empenhos, ele conseguiu estabelecer 16 famílias dos seus compatriotas de Siołkowice, perto de Opole, na localidade de Brusque, no estado de Santa Catarina. Dois anos depois os compatriotas de Woś-Saporski mudaram-se para Pilarzinho, nos arredores de Curitiba. Os passos dos primeiros emigrantes foram seguidos por outros, também da zona de ocupação austríaca. Em breve as colônias polonesas formaram em volta de Curitiba uma espécie de anel, chamado mais tarde *Nova Polônia*. Até o ano de 1889 – pelos cálculos de K. Głuchowski – vieram ao Brasil 8 080 poloneses[64].

Edmund Sebastian Woś-Saporski

63 A respeito de Woś-Saporski escreveram: PITOŃ, J. Saporski w ramach dat. *Kalendarz „Ludu"*, Curitiba, 1971, pp. 74–80. Esse texto, com o mesmo título, mas em forma um pouco modificada, foi publicado no livro *Emigracja polska w Brazylii. 100 lat osadnictwa*, LSW, Warszawa, 1971, pp. 81-89; MIŚ, E. Losy i rola siołkowiczan w Brazylii ze szczególnym uwzględnieniem działalności Sebastiana Edmunda Wosia-Saporskiego. In: *Konferencja popularnonaukowa „100 lat Polonii brazylijskiej"*, Towarzystwo Rozwoju Ziem Zachodnich [etc.], Opole, 1969; cf. também o prefácio de HAJDUK, B. no livro: WOŚ-SAPORSKI, E. S. *Pamiętnik z brazylijskiej puszczy*, „Śląsk", Katowice, 1974, pp. 5-51.

64 GŁUCHOWSKI, K. *Wśród pionierów polskich na antypodach. Materiały do problemu osadnictwa polskiego w Brazylii*, Instytut Naukowy do Spraw Kolonizacji Emigracji i Kolonizacji, Warszawa, 1927, pp. 12-14; idem, Polacy w Brazylii. *Kwartalnik Instytutu Naukowego do Badań Emigracji i Kolonizacji* (a seguir: „KINdBEiK"), t. 2, 1927, p. 107.

A emigração da Galícia, iniciada em 1873, perdurou durante os anos seguintes, principalmente das localidades da Galícia central e oriental. O seu ponto culminante ocorreu nos anos 1895-1897, quando estivemos diante da „febre brasileira" galiciana. No decorrer de apenas dois anos viajaram ao Brasil cerca de 25 mil emigrantes, dos quais uma significativa porcentagem era constituída por ucranianos[65].

Alguns anos antes, testemunha da primeira „febre brasileira" tinha sido o Reino da Polônia. Nos anos 1890-1892 viajaram mais de 40 mil emigrantes, embora alguns afirmem que podiam ser até 80 mil[66]. A sua causa – da mesma forma que nas outras zonas de ocupação – foi a crise agrária que perdurava desde 1884 e que havia sido provocada pela aflu-

Cyprian Kamil Norwid, *Navio com emigrantes*

ência de cereais americanos à Europa. Isso contribuiu para a queda dos preços do trigo e para a queda da sua exportação, da mesma forma que de outros produtos agrícolas, para a Inglaterra e a Alemanha. O grande crescimento demográfico fez com que o número da população sem-terra crescesse continuamente[67]. A superpopulação tornou-se a partir de então um elemento constante da aldeia polonesa, praticamente até 1945.

65 GRONIOWSKI, K. *Polska emigracja zarobkowa w Brazylii*, Ossolineum, Wrocław, 1972, pp. 78-79.

66 Ibidem, p. 71.

67 RUTKOWSKI, J. *Historia gospodarcza Polski,* t. 2, Księgarnia Akademicka, Poznań, 1950, p. 229.

A determinação do número exato de poloneses que vieram ao Brasil nos anos 1869-1900 é praticamente impossível. Convém lembrar que os poloneses emigravam como cidadãos das potências ocupantes. Por isso as estatísticas brasileiras os registravam como súditos russos, austríacos ou alemães. É por isso que o número dos emigrantes das terras polonesas que podiam encontrar-se no Brasil no início do século XX tem um caráter estimativo. Naquele tempo, nos três estados meridionais podiam residir de 75 a 90 mil emigrantes das terras polonesas. Destes, a maior parte, constituindo cerca de 35-40 mil, podia residir no Paraná; 30-35 mil no Rio Grande do Sul e 10-15 mil em Santa Catarina. Poucas pessoas, não mais que 3 mil, permaneciam em outros estados do Brasil[68].

A base da emigração era sobretudo a população aldeã: camponeses minifundiários e sem-terra, trabalhadores rurais, artesãos das aldeias etc. Tentados pela perspectiva de enriquecimento, de se tornarem donos de terras, partiam para um mundo distante que lhes era desconhecido. A sociedade polonesa reagiu vivamente ao escoamento da população. Pelo fenômeno desse típico êxodo começaram a interessar-se jornalistas, literatos, cientistas e políticos. Essa questão era percebida na época sobretudo nas categorias econômicas e políticas. Nas polêmicas da época discutia-se principalmente sobre as consequências da emigração tanto para a economia local como para a consciência dos emigrantes. Por isso buscavam-se meios de refrear o movimento emigratório, ou de lhe conferir formas mais civilizadas. As massas camponesas eram advertidas contra as difíceis condições de vida no outro hemisfério. Na propaganda antiemigratória envolviam-se padres, administradores de comunas e prefeitos de aldeias. Manifestações do interesse generalizado da sociedade pela problemática acima eram a discussões a esse respeito que se travavam na imprensa e a sua consequente e abundante literatura[69].

O jornal que com maior frequência publicava relatos do Brasil do período da „primeira febre" era o *Kurier Codzienny* (Mensageiro Cotidiano). Publicava nele as suas correspondências o jornalista e viajante

---

68 GRONIOWSKI, K. *Polska emigracja...*, op. cit., p. 79; WACHOWICZ, R. C. A „febre brasileira" na emigração Polonesa. *Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa*, vol. I, 1970, pp. 54–55; *Polska kolonizacja zamorska. Kilka słów o potrzebie organizacji wychodźstwa i skupienia polskiej ludności wychodźczej w brazylijskim stanie Parana (Nowa Polska)*, Lwów, 1899, p. 3.

69 GRONIOWSKI, K. Gorączka brazylijska. *Kwartalnik Historyczny*, 1967, pp. 317-341.

Stefan Nestorowicz, que ali residiu nos anos 1888-1890. O resultado das suas observações e percepções foi um ciclo de reportagens publicadas em segmentos a partir de 1 de dezembro de 1890, que foram publicadas em forma de livro em fevereiro de 1891 – com o título *No Brasil e na Argentina*. Os emigrantes queixavam-se a Nestorowicz do clima quente, das difíceis condições de trabalhar a terra e da saudade da pátria. "Uma desagradável impressão – escrevia o autor – causaram em mim aqueles colonos, não percebi em nenhum deles a pele sadia do nosso aldeão: os rostos deles, em vez de serem bronzeados, como seria de esperar, eram doentiamente brancos"[70].

A mais ampla ação em prol do refreamento da „febre brasileira" foi empreendida pelo *Kurier Warszawski* (Mensageiro de Varsóvia), que gozava de grande popularidade. Esse jornal investigava detalhadamente o transcurso do movimento emigratório no Reino da Polônia. Para atender ao interesse da opinião pública, desejosa de notícias sobre o Brasil, a redação enviou para lá Adolf Dygasiński, um conhecido romancista e jornalista. Fruto dessa expedição foram sobretudo as *Cartas do Brasil*[71], nas quais – da mesma forma que em outras publicações – o autor se pronunciou contra a emigração polonesa a esse país, que segundo ele não se prestava à colonização polonesa.

Indispuseram Dygasiński com a América Latina sobretudo as desastrosas condições de vida nos barracos dos emigrantes, e também o prolongado processo da distribuição de terras, durante o qual aqueles que a buscavam viviam em condições muito difíceis. Não deixava de ser significativo também o desdenhoso relacionamento das autoridades brasileiras diante dos poloneses. Foi justamente Dygasiński o autor da definição „inferno brasileiro".

As *Cartas do Brasil* não foram apenas utilizadas na imprensa, mas serviram ao escritor de fundo para o romance escrito em linguagem popular *Jornada perigosa*[72], no qual o destino dos emigrantes é apresentado como trágico, bem como para os *Contos de Kuba Ciepluchowski sobre a*

---

70 NESTEROWICZ, S. *W Brazylii i Argentynie. Kurier Codzienny*, Warszawa, 1891, pp. 21, 43.

71 *Listy z Brazylii Adolfa Dygasińskiego, specjalnego delegata „Kuriera Warszawskiego"*, Warszawa, 1891.

72 DYGASIŃSKI, A. *Na złamanie karku. Powieść*, Warszawa, 1893.

emigração ao Brasil[73], que são sem dúvida versão simplificada e abreviada do romance acima citado[74].

A viagem de Dygasiński foi a primeira de uma longa série de expedições para o outro hemisfério. No final de 1891, delegados por agrupamentos conservadores, cujo órgão era a varsoviana *Słowo* (A Palavra), seguiram os seus passos o padre Zygmunt Chełmicki e o fazendeiro Mikołaj Glinka. A nova expedição, cujo membro ativo era propriamente apenas o padre Chełmicki, praticamente não visitou nenhuma colônia – permanecendo principalmente no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Curitiba. Na publicação *Do Brasil: notas de viagem*, padre Chełmicki, da mesma forma que Dygasiński, pronunciou-se contra a emigração polonesa para além do oceano. O que desqualificava o Brasil – segundo o padre – era sobretudo o clima e as doenças que ali grassavam.

> Se, andando pelas ruas de uma cidade na região litorânea ou pelos seus fedorentos becos – escrevia o padre Chełmicki – encontrares um sujeito semelhante a um ser humano, com a marca da doença no rosto, com as bochechas afundadas, com os olhos anuviados, abatido, com dificuldade arrastando as pernas, com a roupa rasgada e um boné puído na cabeça, não perguntes: Quem é este? De onde provém? Podes estar certo de que se trata de um emigrante polonês[75].

Entre os adversários da emigração havia muitas pessoas eminentes, como Zygmunt Gloger[76] e Bolesław Prus[77]. Ludwik Krzywicki, por sua vez, acreditava que o Brasil era um país de enormes possibilidades, que necessitava de imigrantes para o seu desenvolvimento. Citando o exemplo dos emigrantes alemães, que além do oceano haviam chegado ao bem-

---

73 Idem, *Opowiadanie Kuby Cieluchowskiego o emigracji do Brazylii*, Warszawa, 1892.

74 MOCYK, A. *Piekło czy raj? Obraz Brazylii w piśmiennictwie polskim w latach 1864–1939*, Universitas, Kraków, 2005, p. 94.

75 CHEŁMICKI, Z. *W Brazylii. Notatki z podróży*, t. 1, „Słowo", Warszawa 1892, p. 108.

76 GLOGER, Z. Przeciw wychodźstwu. *Słowo*, n. 247 de 4.11.1890, p. 1; Za oceany. *Kurier Codzienny*, n. 284 de 14.10.1890, p. 1.

77 „Nem duvido de que a emigração de hoje seja um fenômeno passageiro, visto que neste país não apenas não existe excesso de população, mas ainda há espaço para um milhão e meio mais do que hoje. Mas, para que esse sonho possa cumprir-se, deve ser elevada a produção agrícola e deve surgir a pequena indústria aldeã". PRUS, B. Kronika tygodniowa. *Kurier Codzienny*, n. 338 de 7.12.1890, p. 3; cf. também: n. 289 de 19.10.1890, pp. 1-2 e n. 43 de 12.2.1891, pp. 1-2.

Maria Konopnicka

estar, não condenava a emigração. Compreendia as razões que obrigavam o camponês a emigrar. No entanto percebia a diferença entre o colono alemão e o inculto camponês polonês. “Sem iniciativa, defronta-se com condições desconhecidas, não sabe aonde ir e o que fazer de si mesmo. Fica inteiramente entregue à mercê dos funcionários que trabalham no escritório da colonização e dos agentes intermediários” – escrevia[78]. Por isso previa que muitos emigrantes pagariam com a própria vida as dificuldades do desbastamento e da colonização da selva brasileira.

PAN BALCER
W BRAZYLII

Indiretamente defrontou-se com a questão da emigração também Maria Konopnicka, que durante a sua estada na Suíça encontrou um grupo de emigrantes poloneses que voltavam do Brasil. De um dos participantes da “marcha”, Józef Balcerzak, ela recebeu uma carta descrevendo as trágicas vivências no outro hemisfério. Esses fatos a inspiraram a escrever a epopeia da história da emigração camponesa intitulada *O Senhor Balcer no Brasil*. A obra foi escrita durante muitos anos: o primeiro fragmento foi publicado na segunda metade de 1892 pela “Biblioteca de Varsóvia”, e a obra foi definitivamente concluída em 1909. Konopnicka foi uma decidida adversária da emigração. A escritora utilizou-se de todo o seu esforço criativo e dos seus meios de expressão para enfatizar os aspectos negativos da emigração[79]. Porém é intrigante que em outras obras menores a autora vivesse adotado uma posição mais favorável à emigração do que em *O Senhor Balcer no Brasil*[80].

Entre as numerosas publicações menores direcionadas contra a emigração, merecem atenção as *Cartas do Brasil escritas às famílias pelos emigrados*. Compõem a brochura cartas enviadas pelos emigrantes aos seus familiares e publicadas anteriormente em muitos jornais. Do conteúdo

78 Ż [KRZYWICKI, L.], Emigracja do Brazylii. *Tygodnik Powszechny*, n. 6 de 267.2.1891, p. 1 e n. 14 de 18.4.1891, p. 1.

79 CZAPCZYŃSKI, T. *„Pan Balcer w Brazylii” jako poemat emigracyjny*, Ossolineum, Wrocław, 1957; BUDREWICZ, T. *Z chłopa Piast (O „Panu Balcerze w Brazylii”)*, „Ruch Literacki”, 1984. Artigo republicado no volume: BUDREWICZ, T. *Konopnicka. Szkice historycznoliterackie*, Akademia Pedagogiczna, Kraków, 2000, pp. 123–132; PRZYBYŁ, Z. „Pan Balcer w Brazylii” Konopnickiej na tle pozytywistycznej tęsknoty za epopeją. In: *Maria Konopnicka. Nowe studia i szkice*, red. BIAŁEK, J. Z.; BUDREWICZ, T. „Cracovia”, Kraków, 1995.

80 KONOPNICKA, M. Hymn Nowej Polski (Na otwarcie pierwszego Sejmu polskiego w Kurytybie w Brazylii 3 maja 1898 r.). *Polak. Kalendarz Historyczno-Powieściowy na rok Pański 1907,* Kraków, 1907, p. 50; idem, Chór dzieci (Na uroczystość 3-go Maja 1898 roku w Kurytybie), ibidem, p. 51; idem, Marianna w Brazylii. In: *Nowele*, [Poznań, 1910].

Stanisław Kłobukowski

Józef Siemiradzki

Wiktor Ungar

das cartas esboçam-se imagens de miséria, de sofrimentos e de queixas contra a vida no Brasil, que „não é um paraíso, mas, muito pelo contrário, um inferno”[81]. Gozou de grande popularidade no Reino da Polônia o romance de Józef Grajnert, no qual o Brasil era apresentado em cores bastante sombrias. Isso, no entanto, não contribuiu para refrear a „febre”[82].

Inicialmente predominou no jornalismo a posição que conclamava ao controle da emigração por meios administrativos. Quando, com a intensificada emigração ultramarina tornou-se evidente que nas condições econômico-políticas existentes isso era impossível, os jornalistas e os políticos começaram a expressar a necessidade da proteção aos emigrados. Na emigração percebiam eles igualmente valores positivos, reportando-se por exemplo às doutrinas coloniais que na época estavam na moda. Além disso, de acordo com essas doutrinas o movimento emigratório era um processo que servia ao desenvolvimento da nação e ao crescimento da sua força econômica. Apelava-se a esse respeito à brochura de Kazimierz Kaźmierzowicz, que entrou na tradição do pensamento emigratório-colonial polonês. Escrevia ele:

> As colônias não permitem viver na ociosidade, cair na unilateralidade, fechar-se em si mesmo, mas obrigam-na [a nação – JM] sempre a uma vida mais ativa, mais abrangente, ampliam o horizonte das suas ideias, multiplicam os conhecimentos, a riqueza e as forças. As colônias têm sido sempre e em toda a parte uma prova da vitalidade da nação. Uma nação que não se difunde, não cria e não sabe criar colô-

81 *Listy z Brazylii przez wychodźców do rodzin pisane,* red. POTOCKI, Antoni, Warszawa, 1891, p. 38.

82 GRAJNERT, J. Do *Brazylii po dyamenty, czyli ciekawe przygody Florka Kurzawy w stepach i puszczach brazylijskich*, Warszawa, 1891. A essa obra de Grajnert alude Józef Piekarski em suas memórias, enviadas a um concurso organizado pelo Instituto de Economia Social em Varsóvia e publicadas no volume: *Pamiętniki emigrantów. Ameryka Południowa*, Warszawa, 1939, pp. 112–113: „No quinto dia surgiu o nosso ‘mundinho’ navegando pelo canal La Manche em direção ao golfo de Biscaia, pelo qual navegou quatro dias, em razão de uma forte tempestade e das ondas que invadiam o convés, a tal ponto que então muitas vezes me vinha à mente o Jędrek Kurzawa das *Aventuras de Florek Kurzawa* lançado por uma onda ao mar. Nas espumantes cristas das ondas eu buscava e queria ver o fantasma do camponês polonês na esteira da sua peregrinação em busca de terra e de pão”.

> nias, perde a vitalidade e perde comuna após comuna, província após província; um Estado que não cresce, decai[83].

Das opiniões de Kaźmierzowicz servia-se o ambiente dos cientistas, literatos e líderes sociais de Lvov, bem como os líderes beneficentes e culturais. As mais importantes personagens desse grupo eram: Stanisław Kłobukowski[84], Józef Siemiradzki[85], Witold Łażniewski[86], Antoni Hempel[87], Wiktor Ungar, Józef Okołowicz[88]. A questão da emigração foi apresentada pela primeira vez no foro público pelo Dr. S. Kłobukowski – no II Congresso dos Juristas e Economistas Poloneses em 1889. Dois anos mais tarde uma comissão indicada pelo Congresso de Lvov dirigiu-se a Siemiradzki – que nos anos 1882-1883 esteve no Equador e no Peru – para que examinasse *in loco* a vida dos emigrantes em diversos países da América Latina. Finalmente viajaram para o outro hemisfério Józef Siemiradzki, Witold Łażniewski e Antoni Hempel. O resultado dessa expedição foram várias publicações, de autoria de seus participantes[89]. De forma honesta e

---

83 KAŹMIERZOWICZ, K. *Czy kolonie polskie zakładać potrzeba i godzi się? Oraz gdzie zakładać można, a gdzie ich pod żadnym warunkiem zakładać nie należy*, Lipsk, 1865, p. 10; cf. também: KOREYWO-RYBCZYŃSKA, M. T. Projekty osadnicze wśród emigrantów po powstaniu styczniowym. *Przegląd Polonijny*, cad. 2, 1982, pp. 59-70.

84 ZIELIŃSKI, J. Kłobukowski Stanisław, *PSB*, t. 13, 1967/1968, p. 47.

85 SROKA, S. T. Siemiradzki Józef Wacław, *PSB*, t. 37, 1996/1997, pp. 52–55; Cf. também: WÓJCIK, Z. *Józef Siemiradzki. Przyrodnik i humanista, badacz Ameryki Południowej*, Stowarzyszenie „Wspólnota Polska", Wrocław, 2000; KANIA, M. Józef Siemiradzki (1858–1933) – działacz polonijny i emigracyjny. *Studia Polonijne*, cad. 1, 2004, pp. 27-52.

86 LEWAK, S. Łażniewski Witold. *PSB*, t. 18, 1973, p. 303.

87 KOŻUCHOWSKI, J.; STRZEMSKI, M. *Hempel Antoni*, ibidem, t. 9, 1961, p. 377.

88 MICHALIK, B. Józef Okołowicz, ibidem, t. 23, 1978, pp. 684-685.

89 SIEMIRADZKI, J. *Stosunki osadnicze w Brazylii*, „Biblioteka Warszawska", t. 1, 1892, pp. 104–126; idem, *Za morze! Szkice z wycieczki do Brazylii*, Lwów, 1894; idem, *Na kresach cywilizacji. Listy z podróży po Ameryce Południowej, odbytej w roku 1892*, Lwów, 1896; *Opis stanu Parana w Brazylii wraz z informacjami dla wychodźców, opracowali dla wystawy kolumbijskiej w Chicago z polecenia rządu parańskiego inżynier Manoel Francisco Ferreira Correia i baron Serro Azul*, trad. do inglês de Józef Siemiradzki, segunda edição completada com um mapa do estado e das colônias polonesas e com os suplementos: *Rady i przestrogi dla wychodźców do Brazylii* e *Kolonizacja polska w Paranie, jej dzieje i stan obecny*, t. 1, Lwów, 1896; HEMPEL, A. Polacy w Brazylii. *Przegląd Emigracyjny*, 1892, n. 3 de 1 de agosto, pp. 24-26; n. 4 de 15 de agosto, pp. 31–32; n. 9 de 1 de novembro, pp. 85–86; n. 11 de 1 de dezembro, pp. 110–111; n. 12 de 15 de dezembro, pp. 118-120; idem, *Polacy w Brazylii przez Antoniego Hempla członka wyprawy naukowej dra J. Siemiradzkiego do Brazylii i Argentyny*, Lwów, 1893; ŁAŻNIEWSKI, W. Kolonie polskie w stanie Parana w Brazylii.

objetiva os autores definiram o estado da emigração polonesa. Diferentemente dos pesquisadores anteriores das questões emigratórias no Brasil, Dygasiński e Chełmicki, que se propunham como objetivo desencorajar as pessoas do abandono do país, relatavam eles que com a introdução de um controle a emigração e a colonização, tanto do ponto de vista dos interesses do emigrante como da nação, podem ser vantajosas. Para o olhar de Siemiradzki o Brasil não era nenhum inferno, mas um país no qual – como em toda a parte – era preciso trabalhar pesado para garantir o próprio sustento e bem-estar. "Pessoas às quais eu mesmo forneci trabalho nas fábricas – escrevia Siemiradzki – abandonaram-no após 8-14 dias, queixando-se do trabalho insuficiente, da alimentação, do trabalho pesado etc., enquanto nessas mesmas fábricas os operários de outras nacionalidades estavam satisfeitos".[90]As publicações de Siemiradzki e dos seus companheiros tiveram uma ampla repercussão em terras polonesas. Na onda desse interesse, em meados de 1892 Kłobukowski e Ungar fundaram a bimensal *Przegląd Emigracyjny* (Revista da Emigração), cuja redação localizava-se em Lvov. Tratava-se da primeira publicação dedicada às questões da emigração. Propunha-se como objetivo familiarizar amplos círculos da sociedade com a problemática emigratória e com as razões do afastamento do país. Através de uma tal abordagem do tema, a redação buscava conferir à própria emigração uma forma organizada, que a transformasse de um movimento descontrolado e espontâneo numa emigração consciente[91]. A partir de 1 de janeiro de 1895 a *Przegląd Emigracyjny* foi transformada na *Przegląd Wszechpolski* (Revista de Toda a Polônia). Em meados de 1895 a redação foi assumida por Roman Dmowski, que a transformou num órgão da Liga Nacional. O redator Ungar editou um suplemento seu intitulado *Przewodnik Handlowo-Geograficzny* (Guia Comercial-Geográfico) (1895–1896, totalizando 22 números), dedicado exclusivamente às questões emigratórias. A partir de 1 de janeiro de 1897 esse suplemento passou a ser editado como uma publicação autônoma, que tinha por título *Gazeta Handlowo-Geograficzna* (Jornal Comercial-Geográfico). Esse jornal foi publicado até o final de 1902, com a redação de Wiktor Ungar.

Wilhelm Pohl

Głos, 1892, n. 24 de 30 de maio, pp. 278-280; n. 26 de 13 de junho, pp. 301-304; n. 27 de 20 de junho, pp. 316-317; n. 28 de 27 de junho, pp. 327-329.

90 SIEMIRADZKI, J. *Za morze! Szkice z wycieczki...*, p. 99.

91 SKRZYPEK, J. Przegląd Emigracyjny 1892–1894. *Rocznik Historii Czasopiśmiennictwa Polskiego*, 1966, cad. 1, pp. 103-116.

Rok II. Stały dodatek do PRZEGLĄDU WSZECHPOLSKIEGO (Nr. 10). Nr. 10.

PRZEWODNIK HANDLOWO-GEOGRAFICZNY

Organ Polskiego Towarzystwa Handlowo-Geograficznego we Lwowie,
poświęcony sprawom wychodztwa i kolonizacyi oraz handlu i przemysłu polskiego.

A Supplement to the „PRZEGLĄD WSZECHPOLSKI"

A Geographical Trade-Guide

The Official Paper of the Polish Commercial-Geographical Association.
For all informations concerning Polish trade and industry apply to the editor „PRZEGLĄD WSZECHPOLSKI"
Lemberg Austria.

Stanowisko państwa wobec wychodztwa.

(Wstęp do projektu ustawy emigracyjnej.)

(Ciąg dalszy.)

I.

Niemcy odznaczali się od niepamiętnych czasów łatwością w zmienianiu siedzib, ekspanzywnością, wreszcie nieprzepartą siłą assymilacyjną. Dzięki temu zgermanizowali wielką część słowiańskich krajów środkowej Europy, a ciągle kolonizując, szybko się rozradzając i, o ile występują w masach, nie tylko zachowując swoje cechy narodowościowe, lecz przelewając je na sąsiadów, tą swą siłą kolonizacyjną rodzą dziś w rosyjskiem społeczeństwie obawę zgermanizowania południowo-rosyjskich gubernii. Zaeuropejska emigracya z Niemiec jest również silna, stanowi w latach 1821—1887 blisko trzecią część całej emigracyi z Europy, bo wynosi koło 5 milionów, z tego koło 4,252.000 (według oficyalnych dat amerykańskich) do Stanów Zjednoczonych, reszta do południowych stanów Brazylii i Argentyny. Emigracya izolowana niemiecka jest może silniejsza, niż jakakolwiek inna; niema miejsca na świecie o jakim takim rozwoju przemysłowym lub handlowym, gdzieby się nie znalazł Niemiec, patrzący, »ob nicht etwas zu holen wäre«. Jednakowoż podział na wiele małych państw i ciągłe wewnętrzne przekształcanie się w bieżącym wieku, które dopiero od lat 25 doprowadziło do pewnej, chociby tylko czasowej, ale stanowczej jednolitości w wielu ważnych gałęziach polityki i administracyi, nie pozwalało do niedawna na zajęcie się państwa emigracyą a tem mniej na powstanie osobnej polityki kolonialnej. Emigracya niemiecka płynęła sama, niekierowana i nie chroniona a ograniczana często absolutystycznemi ustawami poszczególnych państewek. Że wzmożeniem się ruchu wolnościowo-narodowego w początku bieżącego stulecia podniesiono naprzód w nauce myśl zamiany emigracyi w kolonizacyę, jako jeden ze środków powiększenia bogactwa narodowego. Za wywodami Lista, a później Roschera poszło powstawanie »Colonialverein'ów«, które nic nie zdziałały poważnego, bo dla czynu zawcześnie się zrodziły, które jednak poruszyły opinię w tym kierunku. Liberali w polityce powstawali przeciw ograniczeniom wolności wychodztwa, filantropi domagali się ochrony wychodźców przed wyzyskiem i nędzą. Skutkiem tych dążeń były liczne ustawy i rozporządzenia, wydawane przez poszczególne państwa związkowe, a mające na celu ową ochronę wychodźców, nadto zgodne z wprowadzoną wolnością konstytucyjną zniesienie prawie wszystkich ograniczeń wolnej przesiedlności. Przepisy te, bardzo różne i różnie wykonywane, nie dawały gwarancyi spełnieniu swych celów wobec niemocy państw, które je wydały. W zasadzie uznano to, wprowadzając w artykule 4. l. 1. konstytucyi nowego państwa niemieckiego z r. 1871 postanowienie, że nadzór nad emigracyą do krajów zagranicznych i ustawodawstwo, do niej się odnoszące, należą do całego państwa. W praktyce jednak, wskutek zajęcia umysłów nowością stosunków państwa niemieckiego »kulturkamptem«, kwestyą socyalistyczną, długo nie przychodziło do jakiejkolwiek poważnej akcyi państwowej w sprawie emigracyi. Sprawozdania komisarza państwowego dla opieki nad emigrantami w Hamburgu, Bremie i Szczecinie, przedkładane co roku »Reichstagowi«, stwierdzają tylko smutny stan wychodztwa i bezsilność takich połowicznych zarządzeń wobec tegoż. A jednak potrzeba energicznej ustawy i opartej na niej akcyi jest już powszechnie w Niemczech uznana; kierunek polityki emigracyjnej jest stanowczo ten sam, co np. w Szwajcaryi. Państwo uznaje potrzebę rozwinięcia akcyi opiekuńczej w połączeniu z kierowaniem emigracyą zapomocą służby informacyjnej. Dowodem tego ostatniego oficyalne polecanie biura informacyjnego w sprawach wychodztwa i stosunków krajów immigracyjnych, prowadzonego przez »niemieckie towarzystwo kolonialne«. Projekt ustawy emigracyjnej Dra Kappa z r. 1878 wywołał ożywione dyskusye w komisyi parlamentarnej, nie przyszedł jednak przed izbę; tak samo się rzecz dotąd ma z nowym projektem rządowym z r. 1892. Wszędzie tu stanowisko państwa jest jasno określone i odpowiada zasadom nowszej polityki zarówno ze względu na traktowanie emigracyi, jako faktu ekonomicznej natury, którego nie można powstrzymać ograniczeniem wolności wychodztwa, który umiejętnie pokierowany, może być dla państwa

Transporte de madeira para a serraria

Casa de um colono polonês, em São Mateus, no Paraná, início do séc. XX

A problemática emigratória foi abordada igualmente no III Congresso dos Juristas e Economistas em Poznań (1-13 de setembro de 1893) e no Congresso Católico em Cracóvia em 1894. Em ambas as ocasiões surgiram resoluções no sentido de que deviam ser adotados meios organizacionais a fim de assegurar aos emigrantes a ajuda, para que na nova realidade eles pudessem rapidamente organizar a sua vida, preservando, porém, a própria cultura e os traços nacionais. De acordo com uma resolução do Congresso dos Juristas e Economistas, no dia 15 de abril de 1894 surgiu em Lvov a Sociedade Comercial-Geográfica Polonesa. O objetivo da Sociedade, segundo o seu estatuto, era „o apoio aos interesses econômicos nacionais, sobretudo pela busca de novos mercados de venda, pela coleta e pelo fornecimento de informações detalhadas quanto à situação econômica dos diversos países e pelo estabelecimento de relações comerciais diretas"[92]. Foi nomeado como seu presidente o conde Tadeusz Dzieduszycki, e na composição da administração entraram, além de Kłobukowski e Siemiradzki, também o Prof. Stanisław Głąbiński e Władysław Terenkoczy. A Sociedade – cujo órgão era o acima mencionado *Gazeta Handlowo-Geograficzna* – continuou também o pensamento básico da *Przegląd Emigracyjny*: a concentração da emigração polonesa no Paraná, na expectativa de que „o resultado será o significativo incremento da energia nacional e o crescimento populacional da nação polonesa"[93].

Um grande sucesso dos ativistas de Lvov foi a instituição, em 1896, do consulado austríaco em Curitiba, cujo primeiro cônsul foi um polonês da Silésia, Wilhelm Pohl. Seu trabalho foi positivamente avaliado por Siemiradzki, que observava as iniciativas dele na qualidade de delegado Departamento Nacional da Galícia. Foi ele para os emigrados – na opinião de Siemiradzki – „não apenas para os galicianos, mas em geral para os poloneses, um pai e um protetor, junto ao qual eles sempre podiam estar certos de encontrar a ajuda e a benevolente proteção na necessidade".[94]

92 Apud: OKOŁOWICZ, J. *Zadania polskiej polityki emigracyjnej*. Palestra proferida no círculo dos Amigos das Ciências Políticas em Varsóvia, 15.12.1917, Departamento de Registro das Perdas de Guerra junto ao Conselho Central Beneficente, Warszawa, 1918, p. 6.

93 Słowo wstępne. *Gazeta Handlowo-Geograficzna*, n. 1 de 1.1.1897, p. 2.

94 SIEMIRADZKI, J. *Szlakiem wychodźców. Wspomnienia z podróży po Brazylii*, t. 2, Biblioteka Dzieł Wyborowych, Warszawa, 1900, p. 83; cf. também: Handel i przemysł. Sprawozdanie c. k. austro-węgierskiego konsulatu w Kurytybie. *Gazeta Handlowo-Geograficzna*, n. 12 de 15.6.1897, pp. 140-141.

Na sua viagem ao Paraná Siemiradzki contou com a companhia do padre Jan Wolański, representante da Igreja católica do rito oriental. O relatório oficial da viagem, que foi apresentado no parlamento da Galícia, não despertou, no entanto, um grande interesse dos deputados. A razão disso era prosaica: a grande onda da "febre brasileira" na Galícia havia diminuído[95]. Foi por isso que com as suas publicações seguintes Siemiradzki queria interessar sobretudo a sociedade polonesa, inclusive os próprios camponeses. Nessas publicações ele apresentava, de forma muito simples, mas ao mesmo tempo figurativa, as condições do trabalho e da vida no Brasil[96].

O mais ativo dos defensores do ideal paranaense, além de Siemiradzki, foi Stanisław Kłobukowski. Ele lançou a concepção da chamada Nova Polônia, como uma união dos poloneses acima das zonas de ocupação e dos Estados[97]. Naturalmente, esse ideal devia cristalizar-se no Brasil, e concretamente no Paraná:

> Os poloneses têm um grande futuro nesse estado – escrevia Kłobukowski – visto que estão localizados nos melhores lugares e pela sua força reprodutiva e civilizacional apoiam os nativos e os colonos de outras nacionalidades. O estado do Paraná é pouco povoado, a cada 1 km^2 corresponde em média uma pessoa, daí as condições para que com o tempo esse estado se torne polonês[98].

Ao propagar o ideal da Nova Polônia, Józef Siemiradzki, da mesma forma que os outros ativistas de Lvov, partia da premissa de que a emigração da população aldeã, diante da superpopulação e da fome de terra, se tornava um sintoma normal e desejado. Dizia-se que o século XIX era o século „da luta pela existência", que exigia organização e pressa, visto que as nações que nessa luta não eram capazes de conseguir para si uma

95 Idem, Sprawozdanie z podróży delegatów Wydziału Krajowego do Brazylii, przedłożone Wys. Sejmowi na sesji w r. 1897. *Gazeta Handlowo-Geograficzna*, 1900, pp. 38-41, 50, 74, 79 (e separata de GHG publicada com o título *Sprawozdanie dra Józefa Siemiradzkiego i ks. Jana Wolańskiego z podróży do południowej Brazylii*, Lwów, 1902).

96 Idem, Szkice z kolonii polskich w Paranie. *Gazeta Handlowo-Geograficzna*, 1897, n. 8 de 15 de abril, pp. 93-95; n. 10 de 15 de maio, pp. 117-118; n. 12 de 1 de julho, pp. 154-155; idem, *Szlakiem wychodźców...*; idem, *Polacy za morzem*, Lwów, 1900; idem, *W sprawie emigracji włościańskiej w Brazylii*, „Biblioteka Warszawska", t. 1, 1900, pp. 127-154.

97 KANIA, M. „Nowa Polska" – plany kolonizacji polskiej w Brazylii. *Przegląd Polonijny*, n. 4, 2004, pp. 132-142.

98 Słowo wstępne. *Przegląd Wszechpolski*, n. 1 de 1.1.1895, p. 3.

A redação do *Prawda*, em Curitiba

área adequada para o escoamento da sua população teriam que ceder a raças mais empreendedoras e enérgicas[99].

A cooperação econômica com o Paraná era uma das principais tarefas de todos os empreendimentos coloniais. Estavam interessadas por ela igualmente as esferas dos fazendeiros e industriais, cujos representantes ocupavam na questão as funções diretivas. Em 1997 foi fundada em Lvov a Sociedade Colonizadora Polonesa, que dois anos depois foi transformada na Sociedade Colonizadora e Comercial. Tornou-se seu presidente o duque Kazimierz Lubomirski. Servia de modelo para essa organização a Sociedade Colonizadora de Hamburgo, fundada em 1853. A atividade da Sociedade Colonizadora e Comercial, que contava com certo apoio do departamento austríaco de relações exteriores, devia consistir

> na aquisição de significativas áreas de terras no Paraná, que hoje em grandes quantidades podem ser adquiridas a preço muito baixo, a 5-15 francos por hectare, e o seu parcelamento entre os emigrantes poloneses. A Sociedade pretende dedicar uma parte do esperado lucro, que com base nas experiências atuais pode chegar a 20% anualmente, para a difusão nas colônias polonesas da instrução, a fundação de escolas e salas de leitura, para o subsídio a paróquias pobres etc.; e uma outra parte para promover nas colônias a pequena indústria e o comércio e, caso a empresa tenha um desenvolvimento mais amplo, para a intermediação na exportação de produtos nacionais às colônias, e das mercadorias coloniais à Europa[100].

Mas a atuação da sociedade não passou das ações preparatórias, visto que „ela reuniu apenas uma décima parte do modestamente programado capital"[101]. Mesmo assim, foi enviado ao Brasil Zenon Lewandowski, cujo objetivo devia ser a aquisição de terras e o início da ação colonizadora[102].

---

99 *Polska kolonizacja zamorska. Kilka słów o potrzebie organizacji wychodźstwa i skupieniu polskiej ludności w brazylijskim stanie Parana (Nowa Polska)*, nakładem Towarzystwa Kolonizacyjno-Handlowego, Lwów, 1899, pp. 1-3.

100 SIEMIRADZKI, J. *W sprawie emigracji...*, p. 151.

101 OKOŁOWICZ, J. *Zadania polskiej polityki...*, p. 7.

102 Zenon Lewandowski (1859–1927) chegou ao Brasil no outono de 1899 e a seguir adquiriu 50 mil hectares de terra no Rio Grande do Sul e assinou com o governo brasileiro um contrato de colonização. No entanto a sua atividade no Brasil despertou muitas

Zenon Lewandowski

Também a União Colonial Editora-Exportadora, instituída em 1899, que era presidida por Stanisław Downarowicz, Wacław Żmudzki e Ernest Lilien, apresentava-se objetivos igualmente ambiciosos: „o estabelecimento de relações comerciais com o Paraná e a difusão da cultura polonesa entre os colonos paranaenses", e com esse objetivo, por um período de quase dois anos, manteve uma representação em Curitiba, com uma livraria e seu próprio semanário popular – o *Prawda* (A Verdade)[103]. Esse título começou a aparecer na primavera de 1900, mas a sua existência – da mesma forma que de outros empreendimentos editoriais o Brasil – foi efêmera.

A ação dos ativistas de Lvov no Paraná defrontou-se com o interesse, e a seguir com a reação da Liga Nacional. Roman Dmowski, que era sensível à problemática nacional, não podia permanecer indiferente à questão da emigração camponesa ao Brasil. Ele também tinha o propósito de estabelecer relações comerciais com a colônia polonesa no outro hemisfério[104]. Antes da sua viagem ao Brasil ele entregou para a impressão o primeiro volume do seu trabalho a respeito da emigração e da colonização. Ele fundamentou a sua viagem da seguinte forma: „O destino [...] de milhares de pessoas que abandonam o país não nos pode ser indiferente. É preciso buscar estabelecer a opinião a respeito de qual direção é a mais desejada para os nossos emigrados, e essa opinião deve basear-se numa crítica e soberana avaliação das condições que aguardam os emigrados nos países transoceânicos."[105]

Roman Dmowski permaneceu no Brasil – principalmente no Paraná – por alguns meses, na passagem de 1899 para 1900. Em seus artigos, que

controvérsias. "Estamos aqui preocupados e é preciso dizer isso com tristeza – escrevia J. Płużek [na realidade Leon Bielecki]. – Eis que um órgão oficial daqui informou que o contrato assinado com o governo paranaense por um certo Zenon Lewandowski foi anulado em razão de descumprimento das condições contratuais. Trata-se de um novo golpe para nós, porque esse Senhor L. andava, falava muito e prometia mais ainda para obter a ajuda dos nossos amigos brasileiros que aqui nos são favoráveis, obteve com a intermediação deles um preço baixo e desapareceu – será que para sempre? Se se trata de uma zombaria ou de uma brincadeira, não sabemos, mas o certo é que no presente conflito do cônsul austríaco Sr. Pohl como governo do Paraná o rompimento do contrato por pessoas em cujo interesse o cônsul muito fez e ajudou para a assinatura do contrato não lhe adiciona honra, mas visivelmente a prejudica". PŁUŻEK, J. Listy z kolonii polskich w Brazylii. *Gazeta Polska*, n. 91 de 21.3.1901, p. 1.

103 OKOŁOWICZ, J. *Zadania polskiej polityki...*, p. 8.

104 Fala a esse respeito uma carta de R. Dmowski a E. Woś-Saporski de 12.5.1899 publicada no *Kalendarz Ludu*, 1969, p. 38.

105 DMOWSKI, R. *Wychodźstwo i osadnictwo. Część pierwsza*, Warszawa, 1900, p. 2.

publicou na *Przegląd Wszechpolski*, pronunciou-se criticamente a respeito da concepção da Nova Polônia, proclamada por Kłobukowski i Siemiradzki. Atacou de maneira especial a este último, que em uma das suas brochuras previa a divisão do Brasil Meridional em "Nova Itália" (estado de São Paulo), "Nova Alemanha" (estado de Santa Catarina) e justamente "Nova Polônia" (estado do Paraná)[106]. Dmowski considerava tais previsões como anacrônicas, resultantes de uma visão eurocêntrica para as questões das nacionalidades no Novo Mundo. Acreditava que os emigrados de lá não poderiam ser, infelizmente, preservados para o polonismo, ainda que fosse pela razão prosaica de que a maioria deles era constituída de analfabetos. Eles estavam condenados à assimilação e à integração com o elemento estrangeiro. Postulava, por isso, a criação de um programa que evitasse a perda dessa coletividade para a Polônia[107]. A concepção da Nova Polônia foi também criticada por outros colaboradores de Dmowski -– Jan Ludwik Popławski e Zygmunt Miłkowski. Eles não acreditavam no número de 10 mil poloneses que pretensamente residiam naquele tempo no Brasil, nem na possibilidade de estabelecer a cooperação comercial[108]. Leon Bielecki, por sua vez, fragilmente ligado com a Liga Nacional, ao criticar o estado das escolas polonesas, ao mesmo tempo falava com reconhecimento sobre o nascente comércio polonês no Paraná[109]. Ao mesmo tempo atacava violentamente os operários fabris de Varsóvia, Łódź e Pabianice, aos quais reconheceu no Paraná como um "elemento efervescente, nas colônias inteiramente indesejável"[110].

Aleksander Gierymski, retrato de Artur Gruszecki, final do séc. XIX

Artur Gruszecki, um delegado especial do *Tygodnik Ilustrowany* (Semanário Ilustrado), esteve no Brasil na mesma época que Dmowski e Bielecki. Em seus relatos ele atacou violentamente Siemiradzki, a quem acusava de „tráfico de pessoas" e de „atividade de intermediação" em prol do governo brasileiro. O estilo da sua argumentação transparece no trecho abaixo:

106 SIEMIRADZKI, J. *La Nouvelle Pologne. État de Paraná (Brésil)*, Bruxelles, 1899, p. 11.

107 DMOWSKI, R. Z Parany, *Przegląd Wszechpolski*, 1900, n. 2 (fevereiro), pp. 109-121; n. 3 (março), pp. 172-182; n. 6 (junho), pp. 359-375.

108 NIEBORSKI, J. (propriamente POPŁAWSKI, J. L.). Kilka uwag w sprawie kolonizacji polskiej. *Przegląd Wszechpolski*, 1899, n. 10 (outubro), pp. 588-598; MIŁKOWSKI, Z. Współczesne wychodźstwo polskie w oświetleniu przydatności politycznej, ibidem, 1900, n. 2 (fevereiro), pp. 71-85.

109 BIELECKI, L. Listy z Brazylii. *Gazeta Polska*, n. 125 de 18.5.1900, p. 1 e n. 156 de 27.6.1900, p. 1.

110 Idem, n. 227 de 20.9.1900, p. 1.

> Encontro-me, portanto, nessa Nova Polônia de J. Siemiradzki – escrevia ironicamente Gruszecki – e, sabendo de antigas declarações do *Gazeta Handlowo-Geograficzna* que Paranaguá é um „porto polonês", procuro os poloneses, e após longas indagações encontrei um, um único carpinteiro da Galícia, casado com uma alemã. Um pouco decepcionado, não vou à estação ferroviária, consolando-me com o pensamento de que durante os três anos de ausência de Siemiradzki (ele esteve aqui pela última vez em julho de 1896), em razão do clima insalubre, esse "porto polonês" foi abandonado pelos poloneses, e de que o Senhor Siemiradzki, sem saber disso, induziu ao erro a redação do *Gazeta Handlowo-Geograficzna*, da qual é correspondente permanente[111].

Apesar desse preconceito contra Siemirazdki, Gruszecki acreditava que a emigração era um fenômeno inevitável e que o Brasil tinha qualidades inegáveis: boas condições climáticas e uma boa estrutura de nacionalidades. Ele acreditava que, independentemente dos sonhos de Siemiradzki, surgiria no Paraná um embrião de vida polonesa. A aversão de Gruszecki aos ativistas de Lvov resultava, ao que parece, de estímulos pessoais: do seu próximo relacionamento com Dygasiński e da fascinação com o movimento de Roman Dmowski[112].

Os principais dirigentes da Liga Nacional dedicavam naquele tempo cada vez mais atenção à emigração camponesa no Brasil. O estabelecimento de Bielecki em Curitiba e a redação do *Gazeta Polska w Brazylii* por ele assumida foram aceitos com reconhecimento pela *Przegląd Wszechpolski*[113]. Um influente ativista da Liga Nacional, Jan Ludwik Popławski, por sua vez, num artigo publicado em meados de 1902 afirmava que a preservação da distinção nacional dos emigrantes poloneses no Brasil era possível. Além disso, essa emigração podia transformar-se num empreendimento que prometia "enormes lucros no futuro"[114]. O coroamento do novo curso da Liga Nacional diante da emigração foi um texto de Roman Dmowski publicado

111 GRUSZECKI, A. Na drugą półkulę. *Tygodnik Ilustrowany*, n. 16 de 8.4.1900, p. 314 (em forma um pouco modificada, a totalidade dessa reportagem apresentada em vários segmentos foi publicada no livro: GRUSZECKI, A. *W kraju palm i słońca*, Kraków [c. 1914]); além disso, Gruszecki publicou um outro ciclo intitulado Z wychodźcami. *Kurier Warszawski*, 1900, nn. 150, 155, 157, 163, 169; cf. também: SMAK, S. Wokół podróży Artura Gruszeckiego do Brazylii. *Zeszyty Naukowe WSP w Opolu*, Seria A: Filologia polska, 1976.

112 Prof. Siemiradzki w swojej obronie. *Czas*, n. 127 de 15.5.1900, p. 3.

113 *Przegląd Wszechpolski*, 1901, n. 6 (junho), p. 378.

114 POPŁAWSKI, J. L. Nasze siły. *Przegląd Wszechpolski*, 1902, n. 7 (julho), p. 491.

em agosto de 1903, intitulado *O trabalho polonês no Paraná*. Novamente ele criticou os ativistas de Lvov, cuja ação não havia produzido os resultados esperados: "Não surgiu nenhuma associação forte e ativa, nenhuma boa escola, nenhuma empresa polonesa mais significativa e permanente"[115]. Naquele tempo, no entanto, cresciam as influências alemãs no Paraná. O serviço diplomático e consular austríaco no Brasil não era independente em suas ações, visto que constituía quase que "um órgão auxiliar da diplomacia alemã". E o consulado austríaco em Curitiba, que havia sido instituído graças aos esforços dos ativistas de Lvov, se havia transformado em "algo do tipo de uma filial local do consulado alemão" – constatava ele.

Um novo período de trabalho no Paraná foi iniciado – na opinião de Dmowski – por Bielecki e pelo seu colaborador Pe. Cezary Wyszyński, apoiados pela democracia nacional. Além disso, naquele tempo Dmowski começou a ver no Paraná grandes esperanças para o futuro. Diante da ameaça real de fechamento das fronteiras da Alemanha e dos Estados Unidos – argumentava Dmowski – as terras polonesas não alimentariam todo o crescimento demográfico. Por isso o Brasil, e de maneira especial o Paraná, era a única área no mundo onde os poloneses podiam "desenvolver uma ação colonizadora", porquanto, contrariamente às colônias polonesas nos Estados Unidos e no Canadá, situados num nível cultural e econômico mais elevado, no Paraná "podemos trabalhar de forma autônoma e demonstrar alguma criatividade social". O sucesso dessas tarefas seria garantido – na opinião de Dmowski – pelo baixo padrão econômico e civilizacional da vida no Paraná, onde a vida social apenas estava se iniciando. Podemos, portanto, „fazer algo por conta própria, segundo o nosso próprio plano, de acordo com as necessidades do espírito polonês"[116]. Por isso ele convocava ao trabalho naquele estado. Esse trabalho devia contribuir para o surgimento de instituições culturais e sociais, que permitissem ao elemento polonês "transformar-se na primeira força civilizacional do país". Previa, com efeito, que

> chegará o momento em os ganhos para a nossa população no exterior cessarão ou ao menos diminuirão, quando em consequência disso começará a acumular-se no país o material para uma nova febre emigratória, talvez muito pior que as anteriores, então será bom ter num lugar tão

115 DMOWSKI, R. Praca polska w Paranie. *Przegląd Wszechpolski*, 1903, n. 8 (agosto), p. 591.

116 Ibidem, pp. 597-598.

> adequado à nossa colonização como o Paraná uma adequada organização econômica, capaz de fornecer a terra aos emigrados da Polônia[117].

É surpreendente como Roman Dmowski foi capaz de modificar as suas avaliações anteriores a respeito das possibilidades coloniais no Paraná. Três anos antes ele zombava dos entusiastas das áreas de colonização no Paraná, indagando retoricamente se era possível que – após três séculos de colonização da América – os europeus tivessem deixado para os poloneses a melhor área para a colonização. Naquele tempo Dmowski afirmava justamente o contrário: „Se o elemento polonês, numa massa compacta ainda que até agora não muito numerosa, concentrou-se no Paraná, devemos isso mais aos aspectos negativos que aos positivos daquele país"[118]. Dois anos depois a sua avaliação quanto ao Paraná e à emigração sofreu uma nítida evolução. Nos *Pensamentos do polonês moderno*, que era uma espécie de programa e manifesto, Dmowski conclamava ao despertar do espírito nacional. Esse despertar devia também expressar-se na expansão colonial da nação polonesa:

> Ainda que a criação de uma nova sociedade polonesa em algum lugar nas margens do Atlântico, nas selvas do Brasil, se apresente futuramente como um sonho irrealizável, o próprio desvelo por essa questão nos daria um novo e amplo campo de exercícios para a parte das nossas forças em apodrecimento e dessa forma contribuiria de forma exponencial para o renascimento do nosso espírito indolente. E quão imensuráveis consequências para a expansão da vida polonesa acarretaria um resultado favorável, a saber, o surgimento, numa terra distante, de uma nova coletividade falando polonês, haurindo as suas forças espirituais do tesouro comum da civilização nacional e fortalecendo-o com elementos muito novos em seu conteúdo![119]

A análise da situação dos emigrantes poloneses no Brasil realizada por Dmowski caracteriza-se pela precisão e pela simplicidade – característica do seu estilo de escritor. Diante da literatura da época, os seus artigos eram um modelo de disciplina e de argumentação objetiva. Ele demonstrava nesses artigos o interesse pela questão da preservação da consciência nacional polonesa no Paraná,

117 Ibidem, p. 599.

118 DMOWSKI, R. Z Parany. *Przegląd Wszechpolski*, 1900, n. 3 (março), p. 181.

119 SKRZYCKI (DMOWSKI), R. Myśli nowoczesnego Polaka. *Przegląd Wszechpolski*, 1902, n. 11 (novembro), pp. 832-833.

da qual fazia depender o seu apoio à emigração. Quando chegou à conclusão de que essa identidade podia ser preservada, pronunciou-se pela emigração. E permaneceu fiel a essa posição também nos anos seguintes. Porquanto não é verdade que depois de 1903 Dmowski não se tenha ocupado dessas questões[120]. Ele não concluiu, na realidade, a obra *Emigração e colonização*, planejada para dois volumes, mas somente porque naquele tempo esteve absorvido pelos assuntos correntes, incluindo a viagem ao Japão[121], e a seguir a revolução de 1905.

Rok IX. Sierpień 1903. Nr. 8.

PRZEGLĄD WSZECHPOLSKI

MIESIĘCZNIK

POŚWIĘCONY POLITYCE NARODOWEJ

SKARB NARODOWY.

Ele voltou à questão da colonização durante o IV Congresso dos Juristas e Economistas Poloneses, que se realizou em Cracóvia nos dias 1-5 de outubro de 1906. Na discussão dedicada às questões emigratórias, além de Dmowski tomaram a palavra Kazimierz Władysław Kumaniecki, Włodzimierz Czerkawski, Leopold Caro, Roger Battaglia, Stanisław Cynalewski, Kazimierz Warchałowski, Władysław Żukowski. Dmowski, em seu pronunciamento, afirmou que a emigração era uma necessidade que „nenhuma força humana poderá remover". Além disso, acreditava que a emigração não acarretaria consequências negativas para o país, muito pelo contrário – normalizaria as relações econômicas, visto que contribuiria para o escoamento da força de trabalho excessiva. Advertia contra a emigração colonizadora no Canadá, em moda naquele tempo, onde os emigrantes – graças a uma adequada política do governo – rapidamente se desnacionalizavam. "E por isso sou partidário da colonização sul-americana do Brasil e da Argentina – prefiro o Brasil meridional"[122]. Esse foi o último pronunciamento público em que Dmowski abordou as questões relacionadas com a emigração.

120 KOREYWO-RYBCZYŃSKA, M. T. Roman Dmowski o osadnictwie w Paranie. *Przegląd Polonijny*, cad. 1, 1984, p. 67; FIKTUS, P. Roman Dmowski wobec problemów polskiego osadnictwa na terenie brazylijskiej Parany w latach 1899–1900. *Wrocławskie Studia Erazmiańskie. Zeszyty Studenckie*, 2010, p. 57.

121 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 24, Carta de R. Dmowski a K. Warchałowski de 7.4.1904, ff. 9-12.

122 *Czasopismo Prawnicze i Ekonomiczne*, 1907, pp. 186-189.

3. Reconhecimento do Brasil

Exatamente um ano após a volta de Roman Dmowski de Curitiba, viajou ao Paraná, juntamente com a esposa, Kazimierz Warchałowski. Antes da partida estudou detalhadamente a literatura do objeto e também realizou muitos encontros e diálogos a respeito da colonização polonesa no Brasil.

> É preciso reconhecer – confessava após anos Warchałowski – que essas fontes forneciam um quadro extremamente raso da abordagem do objeto. [...] ouvindo os relatos dos pesquisadores que antes de mim haviam visitado o Brasil e lendo os seus trabalhos, tive uma desagradável impressão de imprecisão, de censurável falta de preparação, de frágil conhecimento das condições locais e da língua, de falta de um adequado treinamento. Impressionava-me a contínua ênfase dada o abandono dos nossos emigrados no Brasil. No entanto, para a constatação de condições muito piores da vida da nossa população não era preciso viajar à América[123].

Durante a estada no outro hemisfério seus dois filhos – Jerzy e Ludwik – permaneceram sob a proteção dos avós Jenicz em Antonówka[124]. A viagem ao Paraná conduzia por Varsóvia. Nos primeiros dias de junho de 1901 Warchałowski visitou ali a redação do *Gazeta Polska* (Jornal Polonês), onde pediu o endereço curitibano de Leon Bielecki, correspondente do jornal. A seguir, passando por Paris e Havre, navegaram até o Rio de Janeiro, e a seguir até a cidade de Paranaguá, o principal porto do Paraná. Dali, por ferrovia, em cuja construção trabalharam muitos poloneses, em meados de julho chegaram a Curitiba. Hospedaram-se no hotel dirigido

---

123 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 26, Pawilon polski, f. 1.

124 WARCHAŁOWSKI, S., op. cit., p. 49.

por um russo, Dolski (o seu verdadeiro sobrenome era Krasnow). Para conhecer a vida dos colonos poloneses, Warchałowski fez expedições de alguns dias ao interior, não apenas nos arredores de Curitiba, mas também a colônias mais distantes. Em algumas excursões, p. ex. a Prudentópolis, fez-lhe companhia sua esposa Janina. Mas em geral ela passava o tempo em Curitiba, em companhia de Janina Kraków, uma professora que ali se havia estabelecido anos antes. No total os Warchałowski passaram em Curitiba três meses (julho-outubro). Em meados de outubro iniciaram a viagem de volta, para – após uma breve estada em Paris – em meados de novembro se encontrarem novamente em Varsóvia. Ali Warchałowski novamente visitou a redação do *Gazeta Polska*, a qual relatou a sua estada n Brasil.

> Visitei no decorrer de três meses – contava Warchałowski – um bom número de colônias polonesas em diversas localidades do estado que quanto à área ultrapassa o Reino da Polônia e em nenhum lugar, literalmente em nenhum lugar me deparei com a miséria entre os colonos. Os colonos mais antigos, estabelecidos na faixa que envolve Curitiba (de 20-25 anos passados), principalmente da região da Silésia e de Poznań, já se instalaram muito bem; não apenas pagaram pelas terras, mas continuamente ampliam as suas colônias pela compra de novas terras; os colonos dos tempos da memorável emigração maciça de 1890-1891, principalmente do Reino da Polônia, já se tornaram pessoas abastadas ou estão caminhando para isso; e os mais recentes, finalmente, trabalham com dedicação para seguir o exemplo doas anteriores[125].

Na continuação do seu relato Warchałowski assegurava aos leitores que melhores condições que no Paraná os colonos poloneses não encontrariam em nenhuma parte. Contribuíam para isso não somente as condições naturais – a terra excelente, a ausência de impostos, a abundância de água, a fartura de madeira etc., mas também as condições políticas, ou seja, a possibilidade de preservar a diversidade nacional. “Os filhos dos colonos poloneses – enfatizava Warchałowski – nascidos no Paraná falam muito bem em polonês, independentemente da sua idade, ainda que a maioria conheça a língua portuguesa, da qual se utilizam com total flu-

125 Trochę wrażeń ogólnych z pobytu w Paranie (Rozmowa z p. K. Warchałowskim). *Gazeta Polska*, n. 327 de 16/29.11.1901, pp. 1-2.

ZA MORZE!

SZKICE

Z WYCIECZKI DO BRAZYLII

PRZEZ

Dra JÓZEFA SIEMIRADZKIEGO.

WE LWOWIE

1894.

BIBLIOTEKA DZIEŁ WYBOROWYCH.

№ 133.

SZLAKIEM WYCHODŹCÓW

Wspomnienia z podróży po Brazylii

D-ra JÓZEFA SIEMIRADZKIEGO

z przedmową

Juliana Ochorowicza

(Z ilustracyami).

TOM I.

Cena 40 kop.

W prem. 30½ kop.

WARSZAWA.

Redakcya i Administracya

47. Nowy-Świat 47.

1900.

Dr. Stanisław Kłobukowski.

WSPOMNIENIA Z PODRÓŻY

PO BRAZYLII,

ARGENTYNIE, PARAGWAJU, PATAGONII

I ZIEMI OGNISTEJ.

LWÓW.

Nakładem Gazety Handlowo-Geograficznej.

z drukarni W. A. Szyjkowskiego.

1898.

Ks. ZYGMUNT CHEŁMICKI.

W BRAZYLII.

NOTATKI Z PODRÓŻY.

(Z licznemi ilustracyami w tekście).

TOM I.

WARSZAWA.

1892.

ência nas relações com os brasileiros”[126]. A preservação do polonismo – na opinião Warchałowski – era também possível no Paraná numa perspectiva temporal mais ampla, porquanto os emigrantes poloneses sobrepujavam a população local no aspecto cultural. O governo paranaense não estava interessado na desnacionalização dos poloneses, porque apreciava muito os colonos pela “elevação cultural do país”.

A questão mais urgente do ponto de vista da presença polonesa no Paraná era – na opinião de Warchałowski – a elevação do estado da instrução. A desastrosa situação do ensino era provocada principalmente pela falta de professores, dos quais Warchałowski não contou mais do que 12, entre os quais somente sete tinham uma preparação razoável. Infelizmente, na perspectiva mais próxima – reconhecia Warchałowski – não havia chances de essa situação melhorar, e isso em razão da mencionada falta de professores e das grandes distâncias, que impediam aos filhos dos colonos o acesso à escola. A saída dessa difícil situação seria a criação de alguma instituição central que assumisse a organização de uma rede de escolas. Uma outra ideia de Warchałowski, que facilitaria o acesso das crianças à instrução, era a criação de internatos junto às paróquias. Para os camponeses apegados à Igreja e desconfiados diante da instrução esse seria um fator que quebraria a desconfiança. “Algo em forma de tal internato – relatava Warchałowski – existe junto à igreja em Água Branca, graças à iniciativa de um dos sacerdotes de verdadeira boa vontade, do Pe. Wróbel, onde estudam 128 crianças polonesas de ambos os sexos”.[127]

Das palavras acima pode-se supor que os Warchałowski já haviam tomado a decisão de voltar ao Brasil e de ali fixar residência definitiva. Isso é confirmado pelas suas ações seguintes. A viagem à Ucrânia, o sucessivo encerramento dos negócios de lá e a mudança de toda a família a Varsóvia, onde fixaram residência numa casa alugada na Rua Sadowa. Lá, no dia 20 de dezembro de 1902, veio ao mundo o terceiro filho de Warchałowski – Stanisław.

Em Varsóvia Warchałowski dedicou-se inteiramente às questões emigratórias. “Visitei todas as regiões da Polônia. Conheci quase todos os eminentes ativistas, políticos e escritores nossos” – diria ele a respeito daqueles tempos[128].

---

126 Ibidem, p. 1.

127 Ibidem, p. 2.

128 Ibidem, n. 155, *Z przeżyć polskiego redaktora na wychodźstwie*, f. 13.

Kazimierz Warchałowski

Provavelmente naquele tempo Warchałowski ingressou na maçonaria. Concluímos isso pelo fato de que, no dia 25 de novembro de 1904 – estando já no Paraná – ele recebeu da „Fraternidade Paranaense" (que fazia parte da grande composição do Grande Oriente do Brasil) um diploma do qual resulta que havia alcançado o terceiro grau de iniciação, graças ao que obteve a dignidade de mestre[129]. Conclui-se dali que Warchałowski devia ter recebido os graus inferiores na hierarquia dos maçons livres antes, ainda na Europa, certamente em Varsóvia. A maçonaria naquele tempo começou a estar na moda e, mais ainda – como escreveu Ludwik Hass – „começava a tornar-se parte da tradição nacional, e sob o seu fascínio permanecia a geração dos primeiros membros da Liga Polonesa e da Liga Nacional"[130]. Pertenceu à maçonaria, provavelmente no período da sua vida na Suíça, Zygmunt Balicki, o principal ideólogo do movimento nacionalista[131].

No entanto a atenção de Warchałowski concentrava-se sobretudo na emigração ao Brasil. Ele se envolveu na criação de um banco polonês para o Paraná e redigiu o guia *Ao Paraná*. A respeito desse estado pronunciou algumas conferências públicas, p. ex. em Varsóvia e Cracóvia, e também concedeu algumas sucessivas entrevistas.

Numa entrevista ao diário conservador *Słowo* (Palavra), Warchałowski enfatizava que o analfabetismo entre os colonos tinha consequências colaterais muito negativas. Citava a esse respeito o exemplo do *Gazeta Polska w Brazylii* (Jornal Polonês no Brasil), redigido por Leon Bielecki, que havia conseguido apenas 500 assinantes[132]. Mas, apesar dessas limitações, os camponeses poloneses constituíam um excelente material colonizador: „Com o tempo – argumentava ele – quando eles evoluírem intelectual e politicamente, escolhendo entre si deputados para a assembleia estadual,

129 O diploma da loja de 15.11.1904 foi reproduzido em: CHAJN, L. *Wolnomularstwo II Rzeczypospolitej*, Warszawa, 1975, p. 256. Cf. também: HASS, L. *Wolnomularze polscy w kraju i na świecie 1821–1999*, Oficyna Wydawnicza RYTM, Warszawa, 1999, p. 234; idem, Wolnomularstwo w życiu polonijnym obu Ameryk. In: *Kultura skupisk polonijnych.* Materiały z sympozjum zorganizowanego przez Bibliotekę Narodową oraz Instytut Historii Polskiej Akademii Nauk, Radziejowice, 22 i 23 IV 1980, Biblioteka Narodowa, Warszawa, 1981, pp. 120-122.

130 HASS, L. *Wolnomularstwo w Europie Środkowo-Wschodniej w XVIII i XIX wieku*, Ossolineum, Wrocław, 1982, p. 493.

131 Ibidem, p. 502.

132 BRZESKI, L. Kolonizacja Parany. Rozmowa z p. Kazimierzem Warchałowskim (cz. III). *Słowo*, n. 159 de 1.7.1902, p. 1.

eles poderão tornar-se senhores da situação no país, especialmente se a sua influência se intensificar numa proporção maior que a atual"[133]. Por isso era preciso envidar todos os esforços para que a emigração das terras polonesas, que ele estimava em 70 mil anuais, fosse encaminhada ao Brasil. Desse número ao menos um quarto deveria ser encaminhado ao Paraná, que poderia tornar-se „eminentemente polonês quanto ao aspecto etnográfico". Para que isso ocorresse – postulava Warchałowski – era preciso instituir agências informativas que colaborassem com a Sociedade Colonizadora e Comercial de Lvov. Elas deviam funcionar nos principais portos alemães, de onde encaminhariam os emigrantes ao Brasil. A proteção aos emigrantes poloneses nos portos alemães – na opinião de Warchałowski – devia ser tratada como uma obrigação social.

Assim, como vemos, Warchałowski depositava grandes esperanças na Sociedade Colonizadora e Comercial de Lvov, que havia surgido em maio de 1899. Contrariamente a Dmowski, que via de forma crítica os ativistas de Lvov, Warchałowski os avaliava positivamente. No entanto não era entusiasta da aquisição pelos delegados da Sociedade de áreas para a colonização, e a seguir do seu parcelamento. Tentou fazer isso, da parte da Sociedade, Zenon Lewandowski. Warchałowski acreditava que tal ação contribuía para a elevação do preço das terras no Brasil. Mas em breve a questão perdeu a atualidade, visto que a Sociedade faliu.

Warchałowski era decididamente contrário à emigração a outros países da América do Sul, principalmente à Argentina. Os agentes deste país – afirmava – com redobrada energia „preparavam armadilhas" para os camponeses poloneses, que eram necessários sobretudo aos latifundiários argentinos como mão de obra:

> Está à espera deles ali um destino simplesmente trágico: eles se tornam quase que propriedade dos *estancieros* (latifundiários) argentinos e com frequência são forçados a um trabalho sobre-humano pela força de açoites. De nada servem as queixas apresentadas às autoridades judiciais, visto que os „empregadores" sempre sabem apoiar os seus "direitos" apresentando os compromissos dos emigrantes iletrados, assumidos diante dos agentes de Bremen ou Hamburgo. [...] Durante a minha estada no Paraná tenho ouvido a respeito da sorte dos nossos infelizes emigrados na Argentina histórias que bradam ao céu, de

133 Ibidem.

> alguns fugitivos que por milagre conseguiram fugir da proteção dos *estancieros*, e tratava-se de pessoas relativamente inteligentes e merecedoras de fé[134].

Mais ainda, Warchałowski postulava o empreendimento de ações que deviam estimular à mudança ao Paraná aqueles emigrados que se haviam estabelecido principalmente nos Estados Unidos e no Canadá. As vantagens de tal transmigração – afirmava ele – seriam diversas. O elemento polonês no Paraná seria fortalecido com pessoas mais experientes como colonizadores e que se caracterizavam por uma elevada cultura. Além disso, os emigrantes da América do Norte, após venderem as suas terras, trariam consigo certos recursos financeiros, que no Paraná era muito poucos. Por isso uma outra ideia de Warchałowski era a criação de uma instituição financeira que apoiasse os interesses econômicos dos colonos poloneses: "Esse pensamento absorve muito certo círculo de pessoas ao qual também eu pertenço" – confessava Warchałowski[135] .

Realmente, o objetivo do projetado Banco Polonês para o Paraná era tornar os colonos independentes dos comerciantes alemães e apoiar o empreendedorismo polonês naquele estado. Anunciaram o acesso a esse empreendimento, entre outros, Roman Dmowski, Tadeusz Dzieduszycki, Władysław Reymont, Władysław Zamoyski[136]. Nesse empreendimento percebe-se um dos principais sonhos da corrente nacionalista: a tentativa de contrapor-se às influências alemãs. O realizador desse pensamento em território paranaense seria justamente Kazimierz Warchałowski.

> Hoje no Paraná – dizia Warchałowski – quase todo o comércio se encontra nas mãos dos alemães. Os poucos comerciantes poloneses dependem inteiramente dos atacadistas alemães, que não apenas lhes ditam os preços, mas também impõem a qualidade e a origem (evidentemente alemã) da mercadoria. Sem um sério intermediário, como poderia ser um banco, e sem um crédito constante e normal, eles nunca se livrarão da dependência dos alemães. E é preciso acrescentar que taxa de juros inteiramente normal no Paraná é de 24 a 36 por cento.

134 Ibidem.

135 Ibidem.

136 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 25, Deklarowanie udziałów w funduszu zakładowym banku, ff. 2-20.

> Tal crédito, ou antes usura, poderá levar à ruína qualquer empresa que dele se utilize.[137].

No final a ideia de Warchałowski não se realizou. Desconhecemos os motivos que levaram a isso. Os planos eram bastante avançados, o que se comprova o projeto de uma sociedade comanditária elaborado em 1902 por Antoni Ossuchowski, com o nome de Casa Comercial K. Warchałowski & Cia. Os seus acionistas – segundo o documento de fundação – deviam ser: Leon Bielecki, Roman Dmowski, Władysław S. Reymont, Tadeusz Dzieduszycki, Maurycy Zamoyski, Józef Gałęzowski e Eugeniusz Korytko. Essa firma devia possuir a sua agência bancária em Varsóvia e devia ocupar-se principalmente do comércio com o Brasil e de operações bancárias e creditícias[138].

Leon Wyczółkowski, retrato de Władysław Reymont

A presença de Roman Dmowski nos projetados empreendimentos de Kazimierz Warchałowski é muito significativa e testemunha a estreita colaboração dessas pessoas. Primeiramente, com certeza, aproximou-os a política, e a seguir a posição a respeito das questões emigratórias no Paraná. No seu tempo Jędrzej Giertych questionava o conhecimento de Warchałowski com Dmowski, afirmando que dessa forma tentava-se „colar a pecha maçônica também no ambiente de Dmowski"[139]. A acusação de Giertych é inteiramente desacertada e baseia-se no desconhecimento do autor. Já mencionamos que muitos ativistas da Liga Polonesa e da Liga Nacional estavam envolvidos com a maçonaria. O próprio Dmowski, como líder do movimento nacionalista, no período inicial da sua atividade – ao menos até 1903 – não foi adversário da maçonaria. Não resta dúvida de que Warchałowski foi naquela época um próximo colaborador do líder do movimento nacionalista – o que o próprio Dmowski não negava, contrariamente aos seus apologistas. Neste ponto vale a pena também mencionar que Dmowski, ao fixar residência em Cracóvia, apoiou as ações do irmão de Kazimierz, Jerzy Warchałowski. Ingressou também no círculo dos membros da Sociedade Arte Popular Polonesa[140].

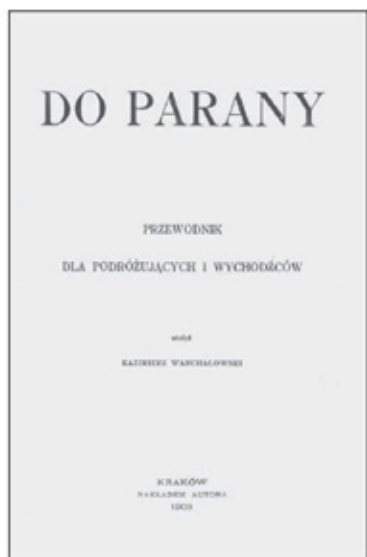
137 L. P. Projekt Banku Polskiego w Paranie. *Gazeta Polska*, n. 184 de 9.7.1902, p. 1.
138 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 29, Wzór umowy Domu Handlowego K. Warchałowski i s-ka w Warszawie, pp. 1-7.
139 GIERTYCH, J. *Józef Piłsudski 1914–1919*, t. 1, nakładem autora, London, 1979, p. 126.
140 *II Sprawozdanie Towarzystwa „Polska Sztuka Stosowana"*, Kraków, 1903, p. 26.

A colaboração de Warchałowski com Dmowski baseava-se não somente no conhecimento pessoal (que era questionado por Giertych), mas também num determinado programa social e político comum. O seu sonho era a preservação da identidade nacional dos emigrantes poloneses (e dos seus descendentes) no Brasil. A essa coletividade – segundo Dmowski – era devida a ajuda „da nossa sociedade do país natal"[141]. Isso podia ser realizado por indivíduos educados, empreendedores, e não – como havia sido até então – por „indivíduos desencaminhados", porquanto essas pessoas introduziam „a dissolução em sua vida e comprometiam a nossa sociedade diante de olhos estranhos". O território paranaense – sob a direção de pessoas socialmente experientes – devia tornar-se um polígono de educação e auto-organização social. Dmowski não estava preocupado, como os ativistas de Lvov, em construir uma Nova Polônia no outro hemisfério, em aquisições territoriais (embora numa situação favorável não desprezasse tais aquisições). Ele estava mais preocupado na valorização da nação, em mostrar – apesar do domínio estrangeiro – a sua atividade social, econômica e política[142]. Para a realização de tal projeto necessitava de pessoas instruídas, ativas, empreendedoras. Tal pesssoa – na opinião de Dmowski – era Kazimierz Warchałowski. Ele tinha grandes trunfos nas mãos – pertencia à Liga Nacional, era uma pessoa jovem, conhecedora do mundo e cheia de energia. Era, além disso, para as condições da época, uma pessoa abastada. Por isso não é de admirar que no artigo *O trabalho polonês no Paraná,* publicado em 1903 na *Przegląd Wszechpolski* (Revista de Toda a Polônia), Dmowski tivesse claramente apoiado a viagem de Warchałowski ao Paraná:

> Nos últimos tempos tem se dedicado à atividade nessa área uma pessoa de incomum energia e extensas aptidões, proprietário de uma fazenda. Tendo visitado o Paraná e tendo-se familiarizado com as suas condições econômicas, elaborou o plano de um coletivo empreendimento comercial com um capital maior, mas, não vendo por enquanto a possibilidade de concretizar esse plano em escala bastante ampla, viajou atualmente ao Paraná, para com as suas próprias forças e com o seu próprio capital dar início a um trabalho que no futuro talvez sirva

141 DMOWSKI, R. *Praca polska...*, p. 596.
142 KOREYWO-RYBCZYŃSKA, M. T. *Roman Dmowski…*, p. 67.

> de ponto de partida para um empreendimento coletivo mais amplo e lance as bases de uma importante organização do elemento polonês[143].

Dmowski – a respeito do que escrevemos anteriormente – acreditava que a maior ameaça para os interesses poloneses no Paraná eram os imigrantes alemães. Eles eram disciplinados e tradicionalmente bem organizados. Eram apoiados por um Estado que após a guerra com a França havia sido unificado e se tornado líder no continente europeu. Por isso Dmowski depositava grandes esperanças em Warchałowski, que estava viajando para fixar-se em definitivo no Paraná. Esperava que o trabalho dele fortaleceria a coletividade polonesa no Brasil, frágil tanto numericamente, como cultural e economicamente. Por isso numa carta a Warchałowski escrevia:

> Para o início da era do Senhor no Paraná publiquei na *Przegląd* (Revista) o artigo *O trabalho polonês no Paraná*. Louvei nele o Bielecki e Wyszyński, o que ao primeiro deles facilitará o amável tratamento do Senhor. A respeito do Senhor falei de forma bastante misteriosa, para por enquanto não O atrapalhar. Mas falei de maneira que, a quem interessa, compreenda que à expedição do Senhor está sendo atribuído no país um grande significado[144].

Antes da partida ao Paraná, o que ocorreu em agosto de 1903, Warchałowski arrendou por 9 anos a um certo A. U. Karol (Charol?), o moinho a vapor e cilindros em Bezlesie[145]. Dedicou-se a seguir a escrever um livrinho intitulado *Ao Paraná: Guia para viajantes e emigrantes*, que publicou – com recursos próprios – em 1903 em Cracóvia. Esse livrinho se compõe de duas partes: na primeira o autor descreve o Paraná (sua fauna e flora, a legislação, a agricultura, a indústria e o comércio, o dinheiro, as medidas, os pesos), o que vem precedido de considerações dirigidas aos potenciais emigrantes ("Quem pode viajar e o que se pode esperar"). Na segunda parte apresenta informações fundamentais para os viajantes (sobre as companhias transportadoras, os preços e as condições do

143 DMOWSKI, R. *Praca polska* ..., pp. 595-596.

144 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 24, Carta de R. Dmowski a K. Warchałowski de 30.9.1903, ff. 6–7.

145 AAN, Akta Janiny i Kazimierza Warchałowskich, n. 8, Odpisy umów dzierżawnych z A. U. Karolem, ff. 1-12.

transporte) e um vocabulário polono-português. Ambas as partes possuem uma paginação separada, razão por que às vezes se informa erroneamente que foram publicados dois guias com dois títulos[146]. Essa publicação – o que há anos foi observado por Krzysztof Groniowski – é muito coincidente no conteúdo com o artigo de R. Dmowski *O trabalho polonês no Paraná*, publicado quase que simultaneamente com a brochura de Warchałowski[147]. Da mesma forma que Dmowski, Warchałowski afirma que o único país que os poloneses podiam colonizar era o Brasil. Nos Estados Unidos os emigrantes poloneses viviam na realidade num nível civilizacional mais elevado, mas isso corria "à custa da língua, à custa da nacionalidade". Por isso somente no Paraná poderia ser esperado o sucesso.

> Estamos chegado a um país de cultura inferior, a um país fragilmente povoado, com um frágil grau de instrução, onde o nosso emigrado introduz, além dos braços aptos ao trabalho, além da perseverança, ainda uma significativa experiência social, o apego à terra, à Igreja, uma profunda religiosidade; trata-se de valores sobre os quais podemos construir o futuro.[148]

Emblemas da Sociedade das Escolas Populares

A partida de Warchałowski ao Brasil foi um assunto muito divulgado e despertou até o interesse da polícia, a qual informava às autoridades em Cracóvia que ele estava se dirigindo ao Paraná como representante da Sociedade da Escola Popular[149]. Essa informação era apenas parcialmen-

146 Cf. p. ex. UHM, T e Z. Materiały do polskiej bibliografii migracyjnej. *Kwartalnik Naukowego Instytutu Emigracyjnego i Kolonialnego*, 1931, p. 363.

147 GRONIOWSKI, K. *Polska emigracja…*, p. 247.

148 WARCHAŁOWSKI, K. *Do Parany...*, p. 4.

149 Archiwum Narodowe w Krakowie [a seguir: ANK], CK Dyrekcja Policji w Krakowie, Akta prezydialne 90.

te verdadeira. Realmente, a Sociedade da Escola Popular, cujo objetivo principal era o desenvolvimento da instrução entre o povo, desde 1902 havia sido dominada por ativistas da Liga Nacional[150]. A organização da instrução não era, entretanto, o único objetivo da missão de Warchałowski no Paraná. As suas ambições eram bem mais amplas. Tornou-se ele nos anos seguintes a mais importante e incontestável personalidade na vida da coletividade polonesa do Brasil. Isso se tornou tanto mais fácil porque em 1903 deixou de existir a Sociedade Polonesa Comercial e Geográfica; os ativistas de Lvov deixaram de ser levados em conta no embate pelo governo das almas dos emigrados poloneses na parte meridional do país. Os mais ferrenhos adversários de Warchałowski se tornariam no futuro próximo os dirigentes socialistas que viriam após a derrota da revolução de 1905. No entanto a posição Warchałowski não estaria ameaçada. Ele se sentia a tal ponto seguro que na última entrevista que concedeu antes da partida ao Brasil, apelou a que

> as esferas que estão preocupadas com a questão da emigração polonesa queiram contribuir, na medida das forças e das possibilidades, para que a corrente emigratória não seja encaminhada a um outro lugar que não seja o Paraná; esse é o primeiro postulado. O segundo: para que os indivíduos inteligentes aos quais falta espaço no país e estão decididos a viajar a terras estrangeiras igualmente dirijam para lá os seus passos; há ali um campo para o trabalho, ainda não suficientemente explorado no sentido industrial-comercial, pedagógico etc.[151]

150 KOZICKI, S. *Historia Ligi Narodowej...*, p. 177.

151 Do Parany. *Kurier Warszawski*, n. 313 de 30.10.1903, p. 2.

Capítulo II

O período brasileiro (1903–1919)

1. Vinda a Curitiba – As primeiras iniciativas sociais – Bases econômicas da estada no Brasil

No dia 7 de setembro de 1903 a família dos Warchałowski (Kazimierz, sua esposa Janina e seus três filhos: Jerzy, Ludwik e Stanisław) aportaram no Rio de Janeiro e a seguir, através de Paranaguá, chegaram a Curitiba. Fixaram residência numa casa alugada no centro da cidade, na Praça Tiradentes. Curitiba contava naquela época cerca de 25 mil habitantes, provavelmente 10% dos quais era constituído de poloneses, aliás muito mal organizados[1]. „Os poloneses nem sequer têm a sua igreja no momento atual [30 de dezembro de 1899 – JM], não têm nem mesmo um padre polonês – escrevia Roman Dmowski. – E não contribuem para a vida polonesa três associações que mal vegetam, duas escolinhas dirigidas por professores não preparados para proporcionar sequer o ensino elementar, e finalmente um jornalzinho semanal redigido por uma pessoa modesta e simples que há pouco tempo aprendeu a tipografia"[2]. A situação da colônia polonesa, descrita por Dmowski, não se apresentava muito melhor três anos mais tarde, quando em Curitiba se estabeleceu Warchałowski. Na realidade, havia dois anos o *Gazeta Polska w Brazylii* (Jornal Polonês o Brasil) era dirigido por Leon Bielecki – mas o seu nível qualitativo deixava muito a desejar.

O primeiro empreendimento, graças ao qual Warchałowski granjeou o reconhecimento não apenas no seio da colônia polonesa, mas tam-

---

1 DMOWSKI, R. Z Parany. *Przegląd Wszechpolski*, 1900, p. 2 (fevereiro), pp. 119-120. Em um pouco mais, porque em 30 mil, calculavam a população de Curitiba o Pe. H. Dylla (Parana. *Roczniki obydwóch Zgromadzeń Św. Wincentego*, 1903, p. 229) e K. Warchałowski (Parana. Zdobycze pługa polskiego w Brazylii. *Świat*, n. 29 de 21.7.1906, p. 5).

2 DMOWSKI, R. Z Parany..., p 121.

bém junto às autoridades estaduais, foi a construção de um pavilhão – em estilo de Zakopane – onde foi organizada uma exposição agrícola, na qual apresentaram os seus produtos os colonos poloneses. Esse pavilhão, aberto no final de 1903, custou 2.694 $ 140 *reis* (2.694 contos de reis), dos quais as contribuições cobriram 1.128 $ 000, e o restante foi coberto por Warchałowski[3]. „Esse pavilhão – escrevia em março de 1904 o *Tygodnik Ilustrowany* (Semanário Ilustrado) – em estilo original, até então desconhecido dos habitantes locais, despertou o interesse geral e é o único da exposição que teve uma grande fotografia qualificada pelo comissário no Rio de Janeiro para a exposição universal em Saint Louis"[4]. Apesar de a exposição ter estado ativa até o final de 1904, a construção permaneceu por quatro anos e foi desmontada – por ordem do chefe da polícia municipal – somente no outono europeu de 1908"[5].

Pavilhão polonês – sede da exposição agrícola

A arquitetura incomum da construção devia chamar a atenção dos moradores de Curitiba. "Essa foi a primeira apresentação pública da colônia polonesa – registrou um correspondente anônimo do *Gazeta Polska* – a qual, até então, apesar do seu predomínio numérico, não gozava do devido reconhecimento"[6]. Eles ficaram então sabendo de um país que não existia nos mapas políticos do mundo. E os poloneses podiam identificar-se com a bandeira polonesa, que orgulhosamente tremulava diante da construção. Essa ideia de uma casa em estilo de Zakopane foi sugerida a Warchałowski por seu irmão – Jerzy. Em 1900 ele havia comprado em Wisła um terreno no qual o conhecido carpinteiro de Zakopane Jan Obrochta construiu uma casa de verão justamente nesse estilo, mais tarde chamada "Koliba"[7]. Essa foi uma das primeiras casas de campo em estilo de Zakopane nos Besquides da Silésia. Nessa casa esteve muitas

3 Akta J. i K. Warchałowskich, n. 26, Pawilon polski na wystawie krajowej w Kurytybie, ff. 55-56.

4 Pawilon Polski w Kurytybie. *Tygodnik Ilustrowany*, n. 12 de 6/19.3.1904, p. 237. A respeito do pavilhão escreveu também a imprensa paranaense: Exposição Paranaense. *O Estado*, 3.1.1904, p. 1.

5 *Polak w Brazylii*, n. 36 de 4.9.1908, p. 3.

6 Parańczyk. List z Parany. *Gazeta Polska*, n. 122 de 4.5.1905, p. 1.

7 *Przegląd Zakopiański*, n. 48 de 29.11.1900, p. 447 e n. 50 z 13.12.1900, p. 468 .

A casa de campo "Koliba", em Wisła

vezes Kazimierz, tanto antes da sua viagem ao Brasil como em período posterior[8]. Além disso, vale a pena mencionar que Warchałowski entrou em contato muito vazes com o estilo de Zakopane durante as suas frequentes visitas a essa cidade, onde residiam sua irmã e seu cunhado Ziemowit Morzycki. Essa construção, que surgiu por iniciativa de Warchałowski, foi com certeza a primeira edificação em estilo de Zakopane em toda a América Latina.

Janina e Kazimierz Warchałowski

Durante o tempo em que Warchałowski esteve ocupado com a construção do pavilhão polonês, sua esposa Janina dirigiu um curso de corte e costura e um curso de língua polonesa[9]. Esses empreendimentos transformaram os Warchałowski em líderes incontestes da coletividade polonesa em Curitiba. "É preciso conhecer bem a situação paranaense – escrevia um correspondente do *Słowo Polskie* (Palavra Polonesa) – para devidamente apreciar essa enorme influência cultural e civilizacional que o casal Warchałowski exerceu sobre a desorganizada, desavinda e simplesmente embrutecida colônia polonesa

8 L. Brzeski, jornalista do varsoviano *Słowo*, encontrou Warchałowski na primavera europeia de 1902 em Wisła, quando estava escrevendo o livrinho *Do Parany*. Cf. Kolonizacja Parany. Rozmowa z p. Kazimierzem Warchałowskim. *Słowo*, n. 154 de 25.6.1902 p. 1.

9 Korespondencje. *Kurier Warszawski*, n. 39 de 8.2.1904, p. 3.

local"[10]. Graças aos Warchałowski – o que era igualmente enfatizado pelo autor da correspondência – essa colônia ia se tornando aos poucos uma força que também ingressava na arena da vida pública e política do Brasil.

Warchałowski procurou utilizar-se de todas as possibilidades para desenvolver a vida social. Sabemos que tentou estabelecer contato com Bronisław Rymkiewicz, um influente emigrante do período posterior ao Levante de 1863.

> Diante da enorme falta de pessoas inteligentes e enérgicas – escrevia em dezembro de 1904 Jerzy Warchałowski (irmão de Kazimierz) a Stanisław Witkiewicz – tudo por lá ainda está por ser feito. E por isso meu irmão não pôde até agora dedicar-se a nenhuma especialidade, entregando-se a tudo, isto é, à colonização, à agricultura, à indústria, à instrução, à igreja, à luta contra a influência dos padres alemães, à política etc. Para a solução de diversas questões ele tem necessidade do apoio do governo brasileiro. O Senhor Bronisław Rymkiewicz, que residiu em Paris, em Londres e em ambas as Américas, tem junto a esse governo significativas influências, que ele poderia utilizar apoiando diversas iniciativas de meu irmão[11].

Warchałowski buscou apoio e ajuda não somente entre os poloneses, mas também junto a brasileiros. Foi certamente esse pragmatismo que o conduziu à loja maçônica local. Como mencionamos, no dia 25 de novembro de 1904 ele recebeu da Fraternidade Paranaense (que fazia parte do Grande Oriente do Brasil) um diploma do qual resulta que alcançou o terceiro grau de iniciação, graças ao que obteve o grau de mestre[12]. Naquele tempo a maçonaria no Brasil, de origem românica, era muito popular. Pertenciam a ela sobretudo as elites políticas da época (inclusive a

---

10 Parańczyk. Rodzina polska w Paranie. *Słowo Polskie*, n. 243 de 25.5.1905, p. 2.

11 *Listy o stylu zakopiańskim 1892–1912 wokół Stanisława Witkiewicza*, wstęp, komentarze, opracowanie M. Jagiełło, cz. 1: *Listy Stanisława Witkiewicza i jego korespondentów*, oprac. M. Olszaniecka, A. Mycińska, Wydawnictwo Literackie, Kraków, 1979, p. 583.

12 O diploma da loja, de 25.11.1904, foi reproduzido no livro: CHAJN, L. *Wolnomularstwo II Rzeczypospolitej*, Czytelnik, Warszawa 1975, p. 256; cf. também: HASS, L. *Wolnomularze polscy w kraju i na świecie 1821–1999*, Oficyna Wydawnicza RYTM, Warszawa, 1999, p. 234; Idem. Wolnomularstwo w życiu polonijnym obu Ameryk. In: *Kultura skupisk polonijnych.* Materiały z sympozjum zorganizowanego przez Bibliotekę Narodową oraz Instytut Historii Polskiej Akademii Nauk, Radziejowice 22 i 23 IV 1980, Biblioteka Narodowa, Warszawa, 1981, pp. 120-122.

administração do país), bem como representantes das profissões liberais. Encontramos em suas fileiras também representantes do clero, inclusive vários bispos[13]. Graças a isso as lojas possuíam uma grande influência não apenas sobre a política local, mas também sobre a nacional. Warchałowski – ao que parece – dava-se muito bem conta disso. „Em Curitiba – confidenciou ao seu colega de partido Stanisław Kozicki – eu resolvia muitos assuntos em encontros sociais com membros da loja de maneira muito mais simples e fácil do que poderia fazê-lo nos gabinetes oficiais"[14].

Um outro elemento característico da ação de Warchałowski no Brasil era a luta contra as influências alemãs. O jornal *Polak w Brazylii*, por ele editado, escrevia quase em todos os números a respeito das ações antipolonesas das autoridades na zona de ocupação prussiana[15] – de maneira especial sobre a expropriação dos camponeses[16]. Chamava também a atenção para a expansão do germanismo no Sul do Brasil, especialmente no estado de Santa Catarina[17], bem como para o imperialismo alemão[18]. Travava-se uma luta implacável com os padres do Congregação do Verbo Divino, popularmente conhecidos como verbitas. "Tenho medo de que vocês se envolvam demais na luta com os padres" – escrevia Dmowski a Warchałowski[19]. Essas advertências, bem como o fato de que Warchałowski era uma pessoa crente, não o impediram de declarar guerra aos verbitas. A atividade deles entre os emigrantes no Brasil, da mesma forma que na Argentina, despertava na época muitas emoções e controvérsias. Isso

---

13 ZABORSKI, S. (KRAJEWSKI, A.), *Cukier, złoto, kawa. Dzieje Brazylii*, wyd. II, LSW, Warszawa, 1973, pp. 191-194.

14 KOZICKI, S. *Pamiętnik 1876–1939*, Wydawnictwo Naukowe Akademii Pomorskiej, Słupsk, 2009, p. 519.

15 Nowy zamach na dzieci polskie. *Polak w Brazylii*, n. 2 de 10.12.1904, p. 4; Karnawał na Pruskim Śląsku. Ibidem, n. 18 de 6.5.1905, pp. 2-3; Germanizacja za polskie pieniądze. Ibidem, n. 44 de 1.11.1907, pp. 1-2 [sobre a orientação antipolonesa do jornal *Mazur*]; Kłamstwa hakatystyczne. Ibidem, n. 46 de 15.11.1907, p. 2; W polskiej szkole w zaborze niemieckim. Ibidem, n. 34 de 20.8.1909, p. 1.

16 Pruski rabunek. Rodacy! *Polak w Brazylii*, n. 3 de 17.1.1908, p. 3 [manifesto contra a política prussiana de expropriação]; Wywłaszczanie Polaków w Prusach przed opinią europejską. *Polak w Brazylii*, n. 6 de 7.2.1908, pp. 1-2; List Tołstoja. Ibidem, n. 9 de 28.2.1908, p. 3 [resposta de Tolstoi a uma pesquisa de Sienkiewicz sobre a expropriação].

17 Niemczyzna na południu. Ibidem, n. 6 de 8.2.1913, pp. 1-2.

18 Niemcy i Francja w Maroku. Ibidem, n. 20 de 20.5.1905, pp. 3-4; Niemiecki odwrót z Maroka. Ibidem, n. 21 de 27.5.1905, pp. 3-4.

19 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 24, R. Dmowski do Warchałowskiego z 7 IV 1904, ff. 9-12.

resultava do fato de que a parte mais forte da congregação, fundada em 1875 na Holanda, era a Província da Alemanha Oriental. Warchałowski, da mesma forma que outros ativistas nacionais, via nos religiosos dessa província um elemento da política alemã antipolonesa[20].

Os verbitas vieram ao Brasil em 1895 e contataram-se pela primeira vez com os colonos poloneses no Paraná, na paróquia de São José dos Pinhais, no final do ano 1900[21]. Três anos depois surgiu no Paraná uma nova província dessa congregação. A maioria dos verbitas que trabalharam entre os poloneses, inclusive o Pe. Karol Dworaczek e o Pe. Stanisław Trzebiatowski, era oriunda da zona de ocupação prussiana, de famílias mistas polono-alemãs. Eles traziam a sua educação da Casa de S. Gabriel, de Mödling, nos arredores de Viena, e da então Neisse (Nysa). Nem sempre eles conheciam a língua polonesa, razão por que eram acusados de submissão às influências alemãs e de germanização dos colonos. Warchałowski dedicava uma especial aversão ao Pe. Trzebiatowski, um cassubiano de Wiele (Pomerânia), vindo ao Brasil e 1903. Tratava-se de uma pessoa jovem e enérgica, que além disso possuía incomuns aptidões organizacionais. O conflito eclodiu no outono europeu de 1904, embora tivesse sido prenunciado por eventos anteriores. No dia 7 de fevereiro de 1904, um grupo de ativistas curitibanos, entre os quais Bielecki e Warchałowski, fundou o Círculo Escolar, que atuava junto à Sociedade Tadeusz Kościuszko. No dia 8 de setembro a diretoria do Círculo por unanimidade proibiu ao Pe. Trzebiatowski dar aulas de religião na escola, visto que foi reconhecido como um padre alemão[22]. Esse episódio deu origem a uma guerra de muitos anos entre Warchałowski e os padres verbitas, que perdurou na prática até 1919 – até o momento da partida de Warchałowski do Paraná. Para a surpresa de Warchalowski[23], nesse conflito tomou o partido dos verbitas e de Trzebiatowski o redator Bielecki, que anteriormente havia combatido os verbitas.

---

20 Przeciwko komu występujemy. *Polak w Brazylii*, n. 43 de 28.10.1905, pp. 1-2.

21 MALCZEWSKI, Z. *W trosce nie tylko o rodaków...*, op. cit., p. 41.

22 Sprawozdanie z czynności Koła Szkolnego za rok tysiąc dziewięćset czwarty. *Polak w Brazylii*, n. 2 de 14.1.1905, pp. 2-3; AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 24, Korespondencja ks. Trzebiatowskiego z Kołem Szkolnym, ff. 15-17.

23 „...ele mesmo tentava convencer alguns cidadãos, mais ainda, chegava a entrar em suas residências para os incitar contra o padre, pessoalmente escrevia protestos contra ele etc., e agora deu essa guinada [...]". Taktyka p. Bieleckiego. Ibidem, n. 46 de 18.11.1905, p. 5.

Warchałowski se empenhou por afastar os verbitas não apenas das escolas, mas também de quaisquer influências na Sociedade Tadeusz Kościuszko, a mais antiga organização polonesa no Brasil. Essa luta era conduzida de forma extremamente violenta de ambas as partes. Já no dia 19 de fevereiro de 1905 Warchałowski e seus partidários acusaram Trzebiatowski de servir de ferramenta da política prussiana[24]. Alguns meses mais tarde, depois que Trzebiatowski ou – como enfatizava Warchałowski – Otto Kahl ter aberto uma escola paroquial, ele foi definido como um "germanizador de nome polonês"[25]. A luta pela Sociedade Tadeusz Kościuszko

Pe. Stanisław Trzebiatowski

– incluindo ataques e vias de fato[26] – foi momentaneamente conjurada em setembro de 1907[27], mas naquele mesmo ano teve início um novo conflito, dessa vez motivado pela construção da igreja polonesa.

Como observou Dmowski, até então não havia uma igreja desse tipo. Tentativas anteriores, empreendidas pelo Pe. Kalinowski juntamente com as sociedades "Sokół" (Falcão) e "Łączność i Zgoda" (União e Concórdia), haviam terminado em insucesso. Igualmente sem sucesso, também Warchalowski tentou realizar esse plano[28]. Foi somente um novo comitê da igreja, instituído em 1904 pelo bispo do Paraná e tendo à frente o Pe. Trzebiatowski, que levou todo o empreendimento a um final feliz.[29]

„Nós todos sabemos que uma igreja construída nas condições que atualmente apresenta o padre Trzebiatowski não pode ser uma igreja polonesa" – escrevia o *Polak w Brazylii*. O reli-

Igreja de S. Estanislau em Curitiba

24 *Gazeta Polska w Brazylii*, n. 8 de 25.2.1905.

25 Szkoła niemiecka. *Polak w Brazylii*, nr 40 de 7.10.1905, p. 4. „Portanto, compatriotas – apelava um autor anônimo – não nos deixemos envolver pela armadilha alemã. Que os filhos de vocês evitem como uma peste a escola do padre alemão, poque de uma tal escola, de um tal desprezo e menoscabo da própria nacionalidade só resulta o mal e a desgraça. Fora com a escola alemã para as crianças polonesas! Poloneses! Nós só podemos ser instruídos por poloneses, porque queremos permanecer poloneses – nós e nossos filhos e nossos netos e a série infinda das gerações polonesas. Seria uma verdadeira vergonha se aqui, nesta terra de liberdade, nós voluntariamente oferecêssemos o pescoço ao jugo alemão há séculos maldito".

26 Zbrodniczy napad. Ibidem, n. 51 de 22.12.1905, p. 5; U Kościuszki. Ibidem, n. 19 de 11.5.1906, p. 5.

27 Tow. im. T. Kościuszki. Ibidem, n. 37 de 13.9.1907, p. 5.

28 Rodacy! Ibidem, n. 23 de 10.6.1905, p. 5.

29 Kościół w Kurytybie. Ibidem, n. 43 de 26.10.1906, p. 5. Cf. também: TURBAŃSKI, S. *Kościół Polski w Kurytybie*, Curitiba, 1978.

gioso era também acusado de explorar a ingenuidade e a religiosidade das mulheres. Porquanto no momento em que „alguns cidadãos sensatos queria exclarecer-lhes a questão e dizer que afinal também nós queremos a construção da igreja, mas queremos que, quando construída, seja uma igreja polonesa, essas tolas levantaram uma gritaria e com tanta obstinação começaram a bater com os pés no chão e a bater com as mãos nas mesas que impediram a fala dos oradores"[30]. A conclusão que desse incidente tirou o jornal foi – para aquela época – muito progressista em relação às mulheres: „Admiti-las ao trabalho conjunto conosco conscientizando-as e instruindo-as. [...] Se elas mesmas, pela leitura, não podem instruir-se, ensinemo-las transmitindo a elas o que nós mesmos sabemos. Instruamos as nossas filhas em igualdade de condições com os nossos filhos, e todo jovem, ao se casar, não deve olhar somente para a boca, mas também para aquilo que tem na cabeça a sua amada"[31]. Um postulado semelhante, um pouco antes, havia sido apresentado pelo Dr. Szymon Kossobudzki em Curitiba, durante a solenidade por ocasião dos 40 anos do trabalho literário de Eliza Orzeszkowa[32].

Textos agressivos diante nos verbitas nas páginas do *Polak w Brazylii* podem ser encontrados com muita frequência. Eram atacados não somente Trzebiatowski, mas também outros padres. Eram também comuns definições como "cavaleiros teutônicos", „prussianos" "antipoloneses", "falsos poloneses" „raposas disfarçadas". A opinião mais virulenta a respeito dos verbitas foi emitida por Wacław Koziorowski, de Ponta Grossa:

> De todas as pragas que afligem a nossa coletividade aqui no Paraná – escrevia ele em 1909 – a maior delas são os padres da congregação do Verbo Divino, [...] verdadeiros disseminadores da cultura prussiana, que sob o disfarce da Palavra de Deus escondem o sincero desejo de germanizar e de desnacionalizar o povo polonês[33].

Esse pronunciamento – que generaliza e simplifica a questão – não pode ser reconhecido como verdadeiro e justo. O fato é que alguns dos verbitas, p. ex. o Pe. Wilhelm Tyleczek (Thiletzek), um silesiano de Sie-

---

30 Jaka rada? Ibidem, n. 47 de 22.11.1907, p. 1.

31 Ibidem.

32 Eliza Orzeszkowa i sprawa kobieca. Ibidem, n. 37 de 13.9.1907, p. 2.

33 Ibidem, n. 22 de 12.6.1909, p. 1.

mianowice, não se inscreveram bem na memória dos poloneses[34]. De maneira geral, porém, diante das opiniões diametralmente diversas, torna-se difícil aqui uma avaliação imparcial e objetiva. Tanto mais porque o antagonismo – o que mais ainda obscurece a questão – existia também entre os verbitas e os vicentinos (CM), vindos ao Brasil em 1903 de Cracóvia. A verdade é que os verbitas – especialmente os oriundos de casamentos mistos – se encontravam diante de um enorme dilema: servir ao Estado que os educou e era uma potência, ou servir a um povo cuja pátria não existia nos mapas da Europa daquela época? A maioria dentre os verbitas era constituída por aqueles que se identificavam com o polonismo, mas havia também outros, para os quais era mais importante o germanismo. Aqueles não lutavam contra o polonismo, ao contrário – cultivavam as tradições polonesas, cuidavam do interesse nacional dos seus paroquianos. A única „culpa" deles era o fato de que provinham da zona de ocupação prussiana, tinham saído de escolas alemãs e aprendiam a arcaica língua polonesa clandestinamente com os pais. No entanto sentiam-se poloneses e serviam ao povo da forma de que eram capazes. Em diversas ocasiões os verbitas comprovaram que o bem da coletividade polonesa fazia parte dos seus interesses. Belos testemunhos do seu trabalho no outro hemisfério podem ser encontrados na série editorial *Zmagania polonijne w Brazylii* (Embates polônicos no Brasil)[35].

Visto que os Warchałowski haviam trazido consigo um capital estimado em 50 mil dólares[36], decidiram investi-lo. Já no dia 4 de abril de 1904 Kazimierz Warchałowski comprou por 18 000 $ 000 réis – da viúva Rozina Hey – 125 alqueires[37] de terra, situados na localidade de Bacacheri.

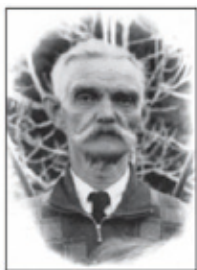
---

34 *Korespondencja*. Ibidem, n. 36 de 4.9.1908, p. 3; WŁODEK, J. Polskie kolonie rolnicze w Paranie. *Ekonomista*, t. 1, 1909, p. 42; a respeito de Tyleczek escrevia de forma diferente o Pe. J. Pałka: Zgon wybitnego prałata – infułata Tyleczka. *Lud*, n. 17 de 1937, p. 2.

35 *Zmagania polonijne w Brazylii*, red. T. Dworecki, t. 1: *Polscy werbiści 1900–1978*, ATK, Warszawa, 1980, t. 2: *Pamiętniki brazylijskie*, ATK, Warszawa, 1987, t. 3: *Z niwy duszpasterskiej*, ATK, Warszawa, 1988, t. 4: *Owocująca przeszłość*, ATK, Warszawa, 1987.

36 SEKUŁA, M. Rodzina Warchałowskich. *Kalendarz Ludu*, 1965, p. 177.

37 Tradicional unidade de medida de superfície em Portugal e no Brasil, neste utilizada até o dia de hoje, embora ocorram significativas diferenças entre as regiões. Um alqueire equivale 2,42 ha (5 980 acres) em São Paulo; 4,84 ha (11 960 acres) nos estados: Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás; 9,68 ha (23 920 acres) na Bahia e 2 722 ha (6 728 acres) nos estados setentrionais do Brasil. ROWLETT, R. *How Many? A Dictionary of Units of Measurement*, the University of North Carolina at Chapel Hill, 2012 [www.unc.edu/~rowlett/units/introd.html, data da consulta: 8.9.2012]. A imprensa da época cal-

Maria Neyman
com a filha Stefania

Nessa propriedade encontravam-se quatro construções (duas de alvenaria), um estábulo, um depósito, uma serraria e uma olaria[38]. Pelos próximos anos, ali se concentraria a vida social e econômica de Warchałowski, da sua família e dos seus colaboradores.

Após três anos de permanência no Paraná, em abril de 1906 Warchałowski decidiu visitar a Europa. De Varsóvia viajou à Ucrânia, a Kiev e Kherson, onde residiam seus pais e sua irmã. Durante essa estada, ele liquidou definitivamente os seus negócios na Ucrânia[39]. Naquela ocasião, convenceu a viajarem ao outro hemisfério seus primos Stanisław Neyman e Franciszek Dergint. Antes disso, durante uma estada em Varsóvia, decidiu residir no Brasil também o irmão de Kazimierz, Józef, juntamente com sua família[40]. Assim, pois, na viagem de volta fizeram companhia a Warchałowski seu irmão (com a esposa Maria, o filho Bohdan e a enteada Zofia Miszkowska), Stanisław Neyman (filho de Gustaw, sobrinho de Halena Warchałowska, mãe de Kazimierz) e Franciszek Dergint[41] com a esposa Helena nascida Nayman (irmã de Stanisław Neyman) e quatro filhos. Inicialmente todos fixaram residência em Bachacheri, mas os Dergint em breve se estabeleceram em Fernandes Pinheiro (na época no município de Teixeira Soares). Eles deviam participar da colonização das terras da região, mas no final construíram uma serraria a vapor, que foi a base do sustento da família de Franciszek Dergint. No período da Primeira Guerra Mundial a família Dergint mudou-se para Curitiba[42].

Stanisław Neyman

---

culava a propriedade de Warchałowski em 280 hectares de terra. Cf. Kierunek naszej emigracji (rozmowa z K. Warchałowskim). *Świat*, n. 10 de 7.3.1908, p. 4.

38 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 18, ff. 32-35.

39 Relato da neta de Kazimierz Warchałowski, Beatriz.

40 Com Józef Warchałowski viajou também o seu colega Witold Teofil Wierzbowski. Cf. ZIELIŃSKI, S. op. cit., p. 592.

41 R. C. Wachowicz, em sua biografia de F. Dergint (*Perfis Polônicos no Brasil...*, p. 75), informa que ele chegou ao Brasil em 1905. No entanto a tradição familiar, que é expressa por Beatriz Warchalowski, consolidou a imagem da viagem comum.

42 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 190, Listy Heleny Dergint do Kazimierza Warchałowskiego z 16 XI i 22 XI 1910, ff. 15-19. Cf. também: Spis przedsiębiorstw polskich w Brazylii. *Kalendarz Polski w Brazylii*, 1917, nakładem i drukiem Księgarni Polskiej Kazimierza Warchałowskiego, Curitiba, p. 131.

Radosław Neyman

Warchałowski vendeu uma pequena parte da propriedade em Bacacheri ao Nayman, que em breve se casou com Maria Karman, oriunda de uma família vinda da Galícia em 1896. Os irmãos dela, Rafał e Kazimierz, foram beneméritos líderes sociais[43]. Especialmente Rafał foi uma pessoa incomum[44]. Tendo estudado no ginásio em Brzeżany, por alguns anos residiu – juntamente com sua irmã Maria – nos Estados Unidos. Após a volta a Curitiba, por alguns anos trabalhou como representante de uma firma comercial inglesa, tendo conquistado um considerável patrimônio. Com o tempo envolveu-se também nas iniciativas sociais de Warchałowski. Com os Neyman, por um breve período de tempo residiu também seu irmão Radosław, um líder socialista. Ele foi redator da publicação *Świt* (Aurora), que nos anos 1906-1907 foi editada em Kiev[45]. Após a vinda a Curitiba escreveu nas páginas do *Polak w Brazylii*, e por seis meses, desde 15 de janeiro de 1909, editou a publicação quinzenal de estilística popular e antirreligiosa *Życie* (Vida)[46].

A serraria de Warchałowski

43 Ambos publicavam artigos na imprensa polônica. Rafał, que escrevia sob o pseudônimo Pinior, concentrava-se principalmente na história da colonização polonesa no Brasil, enquanto que seu irmão, que possuía uma veia de viajante, relatava principalmente as suas viagens. Cf. *Pamiętnik z włóczęgi po Paranie*, edição do jornal *Lud*, 1974.

44 NIKODEM, P. Rafał Karman – sylwetka pioniera. *Kalendarz Ludu*, 1967, pp. 34-36.

45 DĘBICKA, D.; DOLINDOWSKA, K. *Prasa socjalistyczna w Polsce w latach 1866–1918. Katalog*, CA KC PZPR, Warszawa, 1982, p. 165; Z. Czasopismo „Świt". (Z dziejów polskiej myśli postępowej na Ukrainie). *Zeszyty Naukowe Uniwersytetu Warszawskiego. Prasoznawstwo*, n. 2, 1956; ŚLISZ, A. *Prasa polska w Rosji w dobie wojny i rewolucji 1915–1919*, Książka i Wiedza, Warszawa, 1968, pp. 44-45; RÓZIEWICZ, J. Działalność publicystyczna Wojciecha Świętosławskiego na łamach tygodnika kijowskiego „Świt". *Kwartalnik Historii Nauki i Techniki*, t. 26, 1981, pp. 303-313; STEMPOWSKI, S. *Pamiętniki (1870–1914)*, Ossolineum, Warszawa, 1953, p. 364; WIERZEJSKI, W. K. *Fragmenty z dziejów polskiej młodzieży akademickiej w Kijowie*, Instytut Józefa Piłsudskiego, Warszawa, 1939, p. 105 [karta X: fotografia członków i współpracowników „Świtu"].

46 *Myśl Niepodległa*, 1909, n. 97 (maio), pp. 623-624; GRONIOWSKI, K. (*Polska emigracja...*, p. 194), seguindo GŁUCHOWSKI, K. (*Materiały do problemu osadnictwa...*, p. 213), informava que Neyman publicou o *Życie* por dois anos, a partir de 1907, o que não corresponde à verdade.

Logo após a volta a Curitiba, no dia 20 defevereiro de 1907 Kazimierz Warchałowski arrendou – de João Lourenço Taborda Ribas – a propriedade Fazendinha, situada no município de São José dos Pinhais[47]. Juntamente com o Neyman, instalou ali uma serraria a vapor, onde eram produzidos materiais de construção de madeira (tábuas, vigas, caibros, postes), incluindo "armações completas de telhados" e "casas completas de madeira" com entrega no local[48]. Em 1908 a serraria de Warchałowski e Neyman empregava 22 operários[49]. Com o tempo, Stanisław Neyman instalou na sua parte em Bacacheri uma olaria a vapor, e Kazimierz Warchałowski, uma fábrica de fertilizantes artificiais[50]. A esse último empreendimento ele deu uma grande importância, visto que os clientes eram os camponeses poloneses. Tratou essa atividade como uma espécie de missão, que devia contribuir para a elevação do nível da produtividade das propriedades dos colonos poloneses. Chegou a publicar sobre esse assunto uma pequena brochura de doze páginas, da qual resulta que somente no decorrer dos dois anos de sua existência a fábrica havia

Curitiba – vista da Praça Tiradentes

47 AAN, Akta J. I K. Warchałowskich, n. 18, Umowa dzierżawy z 20 II 1907, fls. 24-31.

48 SEKUŁA, M., op. cit., p. 177. Informavam a esse respeito os anúncios no *Polak w Brazylii*, publicados quase que em cada número. Cf. n. 39 de 27.9.1907, p. 4.

49 GRONIOWSKI, K. *Polska emigracja...*, p. 182.

50 *Spis przedsiębiorstw polskich w Brazylii...*, p. 123. Cf. também os anúncios no *Polak w Brazylii*, n. 39 de 26.9.1913, p. 4.

vendido 4 mil sacos de adubo[51]. Em 1911 Warchałowski fundou também a firma Motor, que vendia máquinas para a indústria e a agricultura importadas da Europa[52].

Em razão da diversidade dos seus interesses, Warchałowski alugou também uma casa em Curitiba, na Praça Tiradentes n. 15, onde se localizavam a redação do *Polak w Brazylii*, uma livraria e um ponto de informações para os clientes das suas firmas. Havia ali também uma outra residência, na qual com o tempo os Warchałowski se estabeleceram em definitivo; somente os filhos passavam a maior parte do tempo em Bacacheri. A partir de então, por um período de 13 anos, Warchałowski ligou o seu destino com o Brasil. Entretanto, não rompeu os contatos com os centros da vida polonesa na Europa, pelo contrário, manteve com eles uma estreita proximidade. Por exemplo, mantinha correspondência com Józef Okołowicz, Stanisław Thugutt, Ludwik Włodek e Roman Dmowski[53]. A fascinação de Warchałowski por este último pode ser comprovada pelo fato de que ao filho nascido no dia 16 de agosto de 1905 ele deu o nome de Roman Henryk.

Regularmente também visitava, geralmente a cada dois anos, a terra natal. A estada seguinte nas margens do Vístula e do Dniestr ocorreu na primeira metade de 1908. Warchałowski esteve então em Lvov, onde foi cordialmente recepcionado pela redação do *Polski Przegląd Emigracyjny* (Revista Polonesa da Emigração)[54]. Segundo o costume dos anos passados, em Varsóvia concedeu entrevistas às redações do *Świt* (Aurora)[55] e do *Tygodnik Ilustrowany* (Semanário Ilustrado)[56]. No total, Warchałowski passou em terras polonesas alguns meses, e vol-

---

51 *Krajowa Fabryka Sztucznych Nawozów w Kurytybie* [sem data e local de publicação], p. 7.

52 *Polak w Brazylii*, n. 32 de 11.8.1911, p. 3; Warchałowski vendia máquinas a vapor da firma inglesa Marshall Sons & Co. e era o representante para o Paraná da firma Arents & Cia. Na sua loja podiam ser compradas instalações para moinhos, destilarias, serrarias, ferramentas para a derrubada de troncos e toda uma gama de ferramentas agrícolas: arados, grades, cultivadores, semeadeiras, ceifadeiras, engenhos, prensas para feno e beneficiamento de mandioca e de arroz. Cf. *Polak w Brazylii*, n. 1 de 3.1.1913, p. 4.

53 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 24, Listy Dmowskiego, Thugutta, Włodka i Okołowicza do K. Warchałowskiego, ff. 5-12, 33-40, 45-49, 54.

54 Gość z Parany. *Polski Przegląd Emigracyjny*, n. 3 de 10.2.1908, p. 12; *Na posterunku*. Ibidem, n. 4 de 25.5.1908, pp. 9-10.

55 Kierunek naszej emigracji. *Świt*, n. 10 de 7.3.1908, pp. 4-5.

56 Wobec zapowiadanej emigracji brazylijskiej. *Tygodnik Ilustrowany*, n. 11 de 14.3.1908, pp. 217-218.

Tygodnik Illustrowany

Nr 11

Warszawa, 14 marca 1908 r.

CHWILA BIEŻĄCA

PARANA—BRAZYLIA.

Kolonia polska w Rio Grande do Sul. — Transport bydła przez rzekę Iguassu. — Osady polskie w Rio Grande do Sul.

Wobec zapowiadanej emigracyi brazylijskiej.

Rozmowa z redaktorem K. Warchałowskim.

Przed paru dniami witaliśmy w redakcyi naszej niezwykle miłego gościa, aż z drugiej półkuli, redaktora *Polaka w Brazylii*, znanego działacza społecznego, organizatora ruchu polskiego w Paranie, przemysłowca i ziemianina, p. Kazimierza Warchałowskiego. Niezwykły człowiek! Rozporządzając znacznymi środkami materyalnymi, p. Warchałowski był jednym z tych nielicznych w Polsce ludzi, który wraz z rodziną osiadł w Kurytybie, aby tam działać dla dobra sprawy ojczystej i budować podstawy dla nowej Polski zamorskiej.

Paranę p. Warchałowski przeszedł niemal całą wzdłuż i wszerz, zna też prawie całą Brazylię, szukać więc próżno równego informatora o stosunkach tamtejszych. A kraj ten nabiera w tej chwili szczególniejszego dla nas znaczenia; na wiosnę spodziewamy się tłumnej emigracyi ludu naszego do Brazylii.

Ledwo też zdołaliśmy się zapoznać z szanownym gościem naszym, kiedy rozpoczynamy interwiewować redaktora tygodnika brazylijskiego, stawiając mu pytanie za pytaniem.

— Należę do tych ludzi—na wstępie mówi nam p. Warchałowski—którzy emigracyę polską do Ameryki traktują nie jako ostateczność, ale jako korzystny obowiązek. Niemcy prowadzą szeroką politykę kolonizatorską i widzą w tem czysty interes narodowy, dlaczegóż taki naród, jak my, Polacy, nie mamy dążyć do zawładania nowemi terytoryami, zwłaszcza kiedy przychodzą do nas i ofiarowują wprost niebywałe warunki. Rząd brazylijski przysłał swoich delegatów do nas i daje im ni mniej, ni więcej, tylko bezpłatny przejazd okrętem, zapewnia korzystne pod względem narodowościowym osiedlanie osadników polskich, oddając im ziemię na warunkach prawie że niebywale dogodnych! Czegóż można więcej żądać? któryż naród nie przyjąłby takich warunków?!

— Rodzą się w społeczeństwie naszem wszakże wątpliwości, czy rząd brazylijski istotnie dotrzyma obietnic z jednej strony, z drugiej—czy nie pocznie wyzyskiwać ludu naszego, traktując go, jako zdobytych, dowiezionych niewolników swoich?

— Od czegóż jednak kontrola nasza, aby rodakom tam, na drugiej półkuli, nic działo się krzywda? W Brazylii są organy wykonawcze władzy obowiązującej, i te mają za obowiązek przestrzeganie ustanowionego prawa. Kto z urzędników ośmieli się w czemkolwiek przekroczyć przepisy, podlega natychmiastowej karze. Przyznam się, że ja sam mam na sumieniu kilku komisarzy policyjnych. Koloniści nasi nadsyłali do redakcyi *Polaka w Ameryce* listy ze skargami na tego lub innego urzędnika. Mając dowody w ręku, interweniowałem natychmiast biuro prezydenta, i odpowiedź znajdowałem szybką: po sprawdzeniu faktów komisarz dorażnie otrzymywał dymisyę. Jak widać, rząd liczy się z nami, a liczyć się będzie musiał jeszcze więcej, kiedy wzmocnimy tam liczebnie.

Kazimierz Warchałowski i jego żona, działacze polscy w Brazylii.

— Ilu jest dotąd Polaków w Brazylii?

— Około 150 tysięcy, w tem prawie 80 tysięcy w samej Paranie. Większość to rolnicy-osadnicy, wielu z nich ma jednocześnie dodatkowe zajęcia na kolejach. Robotników fabrycznych, Polaków Brazylia liczy stosunkowo niewielu. Najwięcej, rozumie się, spotkać ich można w dużych miastach. W Rio de Janeiro i innych większych grodach naliczyć ich można ogółem do tysiąca. Niektórym z nich powodzi się bardzo dobrze, są między nimi nawet warsztatowcy.

— Jaka jest ogólna opinia w Brazylii o emigrantach-Polakach?

— Osadnicy nasi wogóle posiadają dobrą markę. Ale mają też swoje znaczne strony ujemne. Przedewszystkiem odznaczają się małą kulturą. Jakże może być inaczej?! Przecież statystyka brazylijska wykazuje między nimi do 90 proc. analfabetów! Niemniej, dzięki pracowitości i pomyślnym warunkom, kolonistom naszym powodzi się ogólnie bardzo dobrze. Gromadzą oszczędności: znam takich emigrantów, którzy po szeregu lat pracy dorobili się 100 tysięcy rubli. Są to już dziś posiadacze fortun, którzy skądinąd dobrze podpisać się nie potrafią!

— A klimat i warunki gospodarcze?

— Klimat bardzo łagodny, wielkich, nie do zniesienia żarów nie mamy wcale; ale mylna jest w kraju naszym opinia, jakoby klimat w Paranie miał całkowicie przypominać nasz tutejszy, polski. W Brazylii w zimie kwitną drzewa pomarańczowe! Dzięki też warunkom przyrodzonym ziemniaki i gryka sprzątają się dwa razy do roku. Zresztą, w Paranie sieje się literalnie wszystko. W ostatnich czasach się czynią nawet pomyślne próby plantowania bawełny. Pyta pan o gospodarstwo? Praktyka rolnicza chłopa polskiego kończy się i pójść musi w niepamięć wraz z przybyciem osadnika naszego na brzeg amerykański. Nowe otoczenie, nowe grunty, nowe warunki pracy! Drogą doświadczenia trzeba dochodzić do świeżych metod. I przyznać należy, że kolonista polski oswaja się szybko z towarzyszącemi mu okolicznościami. Polacy gospodarują dobrze. Tworzą samodzielne wsie i kolonie polskie, a są między nimi ludzie, którzy w kasach oszczędności posiadają po 10 i 20 tys. rubli! Na to jednak, aby się dorobić, trzeba przyjść z niczem i zabrać się do ciężkiej, własnoręcznej roboty. Ci dochodzą do czegoś. Były jednostki, które przyjeżdżały z kapitałami i traciły literalnie wszystko. Ktoś zakłada, przypuśćmy, gospodarstwo z gotowym kapitałem 20 tys. rubli. Urządza się według wymagań nowoczesnych teoryi rolniczych i—okazuje się, że tutaj warunki nieznanego mu kraju zabijają wszelką teoryę. Z drugiej strony krowy sąsiadów doszczętnie niszczą mu zasiewy (trzeba bowiem wiedzieć, że w niektórych koloniach istnieje prawo, że tylko za grunty, ogrodzone płotem, odpowiadają właściciele rogacizny). Tymczasem

Kolonia polska Orleans w dniu świątecznym. — Kolonia polska Rio Claro. — Sklep Kółka rolniczego.

Vista da propriedade de Warchałowski em Bacacheri

tou a Curitiba no início de junho de 1908, a respeito do que informou o *Polak w Brazylii* (O Polonês no Brasil)[57].

Warchałowski recebia sob a sua proteção muitos hóspedes de terras polonesas. Por alguns meses, em 1908 permaneceu em Bacacheri Ludwik Włodek, delegado da Sociedade Agrícola Central no Reino da Polônia e das organizações dos proprietários de terras na Galícia, bem como correspondente das publicações de Varsóvia *Kurier Warszawski* (Mensageiro de Varsóvia), *Naród* (A Nação), *Tygodnik Ilustrowany* (Semanário Ilustrado) e da *Słowo Polskie* (Palavra Polonesa) de Lvov[58]. Na viagem esteve acompanhado de Michał Komar, um fazendeiro da Lituânia. O fruto da visita de Włodek ao Brasil foi um expressivo número de publicações de artigos na imprensa[59], livros[60]

57 *Polak w Brazylii*, n. 24 de 12.6.1908, p. 1.

58 A respeito de Włodek cf.: Włodek Ludwik. In: *Współcześni polscy pisarze i badacze literatury*, t. 9, red. Jadwiga Czachowska, Alicja Szałagan, Warszawa, 2004, pp. 212-213.

59 Kartki z podróży. *Słowo Polskie*, n. 50 de 30.1.1908; Listy z Brazylii. *Kurier Warszawski*, n. 24 de 24.1.1908, n. 114 de 25.4.1908, n. 116 de 27.4.1908, n. 118 de 29.4.1908, n. 121 de 2.5.1908, n. 142 de 23.5.1908; Z Kurytyby. *Tygodnik Ilustrowany*, n. 13 de 28.3.1908; W Paranie polskiej. Ibidem, n. 35 de 29.8.1908; Kilka uwag ogólnych o zamierzonej kolonizacji i dawnej emigracji polskiej w Paranie. *Polski Przegląd Emigracyjny*, n. 10 de 25.5.1908; Wieści z Parany. *Wiadomości Codzienne*, n. 10 de 11.10.1908; Z wycieczki do Parany. *Ziemia*, do n. 14 de 2.4 ao n. 21 de 21.5.1910; Polskie kolonie rolnicze w Paranie. *Ekonomista*, n. 1 e 2, 1909.

60 *Ilustrowany przewodnik do Brazylii wraz ze słowniczkiem polsko-portugalskim oraz mapą Parany i Ameryki Połud.[niowej]*, Polskie Towarzystwo Emigracyjne, Kraków, 1909; *Polskie kolonie rolnicze w Paranie*, Wydawnictwo CTR, Warszawa, 1910; *Polacy w Paranie*,

e palestras[61] (identificados também com o pseudônimo Władysław Prawdzic), que contribuíram para fortalecer na sociedade polonesa a opinião sobre Warchałowski como um eminente ativista emigratório no Brasil. Durante a leitura da sua descrição da propriedade em Bacacheri, o leitor tem a impressão de encontrar-se na Soplicowo de Mickiewicz, um baluarte do polonismo onde eram cultivadas as tradições e onde florescia o civismo:

> O solar dos Warchałowski tem uma linda localização, numa colina, acima de um grande açude. Nem pela sua construção, nem por outros detalhes em nada lembra o Brasil. Um grupinho de meninos de cabelos loiros e os serviçais exclusivamente poloneses fornecem a total ilusão de que nos encontramos em nosso país natal [62].

Wydawnictwo im. Staszica, Warszawa, 1910; *Polskie kolonie rolnicze w Paranie*, wyd. 2 popr. i uzup. z mapą Parany oraz szkicem *Polacy w São Paulo*, Wydawnictwo CTR, Warszawa, 1911.

61 *Kolonie polskie w Paranie (odczyt z obrazami świetlnemi)*, Koło VI TSL, Kraków, 1909.

62 WŁODEK, L. *W Paranie polskiej.* Wrażenia i szkice z podróży. *Tygodnik Ilustrowany*, nr. 35 de 29.8.1908, p. 700.

2. Instituições socioculturais fundadas por K. Warchałowski

2.1. O jornal *Polak w Brazylii* (O Polonês no Brasil)

No outono europeu de 1904 Warchałowski deu início à fundação do jornal *Polak w Brazylii*. Naquele tempo, a única publicação polonesa de importância no Brasil era o *Gazeta Polska w Brazylii* (Jornal Polonês no Brasil), no qual a maioria dos textos era de autoria de Bielecki ou eram transcrições de outros jornais, incompatíveis com a realidade brasileira[63]. De forma geral, o jornal se encontrava num nível baixo, tanto jornalístico como de conteúdo. A instituição de um novo jornal era o início da construção de um ambiente progressista, que nos tempos da Primeira Guerra Mundial desempenhou um significativo papel político.

O primeiro número do *Polak w Brazylii*, com o subtítulo *Publicação semanal para todos*, apareceu no sábado, 3 de dezembro de 1904. Os primeiros cinco números do *Polak w Brazylii*, numa tiragem de mil exemplares, eram – como dizia um aviso na primeira página do jornal – exemplares de amostra. O jornal era composto na tipografia da redação, com tipos adquiridos provavelmente do *Gazeta Polska w Brazylii*, e impresso por Cezary Szulc, que havia assumido a tipografia de seu pai Karol[64]. O primeiro redator do periódico, até o número 27 (de 8 de julho de 1905), foi Jan Hempel, uma figura extremamente pitoresca e original. Ele era oriundo de uma família muito benemérita e patriótica, havia séculos ligada com a província de Podlasie[65]. Apesar de não ter recebido uma instrução regular,

63 Wskazówki praktyczne p. Bieleckiego. *Polak w Brazylii*, n. 43 de 28.10.1905, p. 5.

64 CHOJNACKI, A. Cezar Szulc. *Słownik pracowników książki polskiej*, PWN, Warszawa, 1972, p. 882.

65 MAZUREK, J. Chłopskie wychodźstwo z ziem polskich do krajów Ameryki Łacińskiej w publicystyce i myśli społeczno-politycznej Jana Hempla. *Myśl Ludowa*, n. 8,

desde a infância mostrou-se interessado pelos problemas da ciência e da filosofia, da arte e da literatura da época. A sua cultura intelectual e a sua postura social foram moldadas pelos românticos poloneses e pelas correntes filosóficas famosas naqueles tempos. Nos anos 1903-1904 Hempel realizou uma série de viagens, inclusive à Mandchúria. De lá – através do Japão, da China e do Ceilão – ele chegou à Europa, e a seguir, no início de 1904, estabeleceu-se no Brasil. Desse propósito, alguns meses antes, tentara dissuadi-lo... o próprio Kazimierz Warchałowski.

> Faltam aqui realmente pessoas instruídas – escrevia no dia 24 de novembro de 1903 Warchałowski a Hempel –, de uma visão mais ampla, mas aqueles que para cá viessem sem meios de sustento próprios se encontrariam numa posição muito triste. A profissão de professor aqui não fornecerá o pão e, se não for levada a cabo com investimento e capital, a dependência de pessoas incultas, exacerbadas, muitas vezes desencaminhadas, torna-se absolutamente insuportável; por isso, o melhor que o Senhor tem a fazer é não vir ao Paraná, porque dessa forma evitará uma desilusão muito desagradável em sua vida[66].

Graças à ajuda de Janina Kraków, que residia em Curitiba, Hempel conseguiu obter o cargo de professor na colônia Guarani, perto de Ponta Grossa. Ele levava uma vida ascética, o que lhe proporcionou muitas simpatias. Não somente dava aulas aos filhos dos colonos, mas pela sua rica personalidade influenciava o ambiente com o seu espírito de patriotismo e livre pensamento. No entanto esse trabalho não satisfazia as ambições de Hempel, razão pela qual ele procurava uma ocupação adicional[67]. Dessa vez Warchałowski decidiu dar uma oportunidade a esse sujeito jovem e ambicioso – e confiou-lhe as obrigações de redator do *Polak w Brazylii*.

2016, pp. 97-112; TYCH, F. Hempel Jan Hieronim. *PSB*, t. IX, 1960/1961, pp. 380-382; PANKIEWICZ, M. Jan Hempel w Brazylii. *Problemy Polonii Zagranicznej*, t. 3, 1962/1963, pp. 169-178; MAZUREK, J. Jan Hempel no Brasil (1904–1908). In: *Realidades heterogéneas. Reflexiones en torno a la literatura, lengua, historia y cultura ibéricas e iberoamericanas. Homenaje a la Profesora Grażyna Grudzińska*, red. Karolina Kumor, Edyta Waluch de la Torre, MHPRL – ISIII UW, Warszawa, 2012, pp. 285-293.

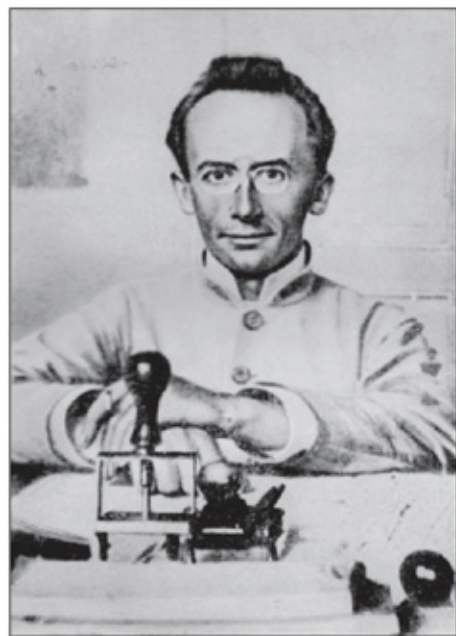
66 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 28, List K. Warchałowskiego do J. Hempla z 24 XI 1903, ff. 1-2.

67 Ibidem, n. 24, List J. Hempla do K. Warchałowskiego z dnia 27 IV 1904, ff. 80-83.

Jan Hempel

Ele desempenhou essa função – como mencionamos – por um período muito breve. Durante esse tempo conseguiu indispor-se com diversas pessoas e instituições, porquanto combatia com intransigência o oportunismo, os interesses particulares e a ignorância[68]. Atacava não somente os representantes da mencionada congregação dos verbitas, mas também de uma outra congregação – dos missionários de S. Vicente de Paulo (lazaristas), que tinham vindo ao Brasil em 1903 da então província cracoviana da congregação. Acabou sendo vítima do *Polak w Brazylii* o pároco de Lucena, Pe. Hugon Dylla[69]. Hempel o acusou de que nas correspondências publicadas nos *Anuários de Ambas as Congregações de S. Vicente de Paulo* ele desrespeitava a nação brasileira, e também o presidente do Paraná, Vicente Machado. O efeito desse ruidoso incidente foi a prisão do padre pelas autoridades brasileiras, e a seguir a sua remoção para a Europa. Hempel envolveu-se demais, além disso, na luta com o Bielecki, que teria promovido coletas na Europa e na América do Norte e que estas não teriam sido destinadas a objetivos escolares. Hempel revelou esse procedimento numa circular especial, publicada em diversos diários europeus[70].

A intransigência de Hempel causava muitos problemas também a Warchałowski. O Pe. Józef Anusz, que residia no Brasil desde 1904, repetidas vezes aconselhou ao editor do *Polak w Brazylii* que „demitisse sumariamente o redator Hempel"[71]. Esse conselho – como em breve se

---

68 HEMPEL, J. Precz z inteligencją. *Polak w Brazylii*, n. 23 de 10.6.1905, p. 1.

69 *Polak w Brazylii* n. 11 de 1905. Assumiu a defesa do padre o *Gazeta Polska w Brazylii*, que no texto *W jakim celu* (n. 14 de 6.4.1905, p. 2) escrevia: „Concordamos que o autor não tinha a mínima razão, mas por que o *Polak w Brazylii* abordou isso aqui? Será justo acusar uma pessoa nossa diante de estranhos, ainda que estes nos sejam favoráveis ou mesmo nossos amigos? Com que objetivo isso foi feito?".

70 "Pela presente confirmo – escrevia no dia 3 de julho de 1905 Jan Hempel – que a circular por mim distribuída sobre a Sociedade polonesa em Curitiba denominada Matriz Polonesa foi escrita e distribuída durante a ausência do Sr. Kazimierz Warchałowski e inteiramente sem o seu conhecimento" (AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 24, Oświadczenie J. Hempla, f. 30).

71 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 24, Listy ks. J. Anusza do K. Warchałowskiego z 30 III oraz 3 VI 1905, ff. 20, 26.

verificou – foi parcialmente realizado: Hempel foi afastado apenas formalmente, e na ficha editorial foi substituído pelo próprio editor, ou seja, por Warchałowski. Mas na prática Hempel continuou a redigir o *Polak w Brazylii* e, na susência do editor (abril-novembro de 1906) praticamente dirigiu a redação de forma autônoma e definiu o formato idealístico e político do jornal.

> Graças a uma feliz coincidência – lembrava Hempel – eu, o então „redator" do *Polak*, libertei-me da censura do editor, sob a qual anteriormente havia trabalhado por um ano e meio, e pude lançar aos paranaenses um punhado de frases corajosas. [...] Infelizmente – em breve tive que interromper esse agradável trabalho, visto que o editor do *Polak* voltou da Europa, eu me afastei da redação, e a publicação adotou uma direção inteiramente diferente[72].

Nas páginas do jornal que redigia ele proclamava os ideais republicanos e democráticos, popularizava as ciências naturais e sociais, difundia e literatura romântica polonesa e consolidava a fé na libertação nacional[73]. O *Polak w Brazylii* publicava muitas informações sobre a revolução de 1905 no Reino da Polônia, esclarecia o que era o socialismo e o que almejavam os seus adeptos[74]. Deu início à publicação de diversos textos do ativista popular Jakub Bojko[75]. Hempel ligava o explícito anticlericalismo com o culto da instrução e do progresso, cujo elemento integral era o ideal do aperfeiçoamento espiritual e moral do ser humano. Caracterizava-se por um estilo ardoroso e intransigente, principalmente em questões religiosas. O próprio Hempel, em uma das suas cartas, reconheceu que „por dois anos fui [...] redator de uma publicação anticlerical"[76].

---

72 HEMPEL, J. Wolna myśl w Paranie. *Myśl Niepodległa*, n. 71 (agosto de 1908), p. 1088; L. Włodek, numa carta à redação da *Przegląd Poranny* de 22.7.1908, escrevia que Hempel se havia aproveitado da estada de alguns meses de Warchałowski na Europa para „encaminhar o jornal numa direção inteiramente contrária às convicções do seu proprietário". Foi essa a razão do afastamento de Hempel da redação do *Polak z Brazylii*. AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 24, f. 46.

73 Naquele tempo o *Polak w Brazylii* estava publicando as obras: *Echa leśne* de Stefan Żeromski, *Duch puszczy* de Władysław L. Anczyc, *Pieśń ziemi naszej*, de Wincenty Pol, trechos de *Księgi pielgrzymstwa polskiego* e da parte II de *Dziady* de Adam Mickiewicz.

74 Socjalizm i socjaliści. *Polak w Brazylii*, n. 19 de 11.5.1906, pp. 1-2.

75 BOJKO, J. Poznajmy własną sprawę. Ibidem, n. 19 de 11.5.1906, pp. 2-3.

76 AAN, Archiwum londyńskie PPS, n. 305, List J. Hempla z 30 V 1907, f. 3.

Anticlericalismo não foi, no entanto, o motivo do afastamento definitivo de Hempel da redação do *Polak w Brazylii*[77]. O motivo direto foi a intervenção do Consulado da Áustria em Curitiba, que se sentiu atingido por um dos textos de Hempel, porquanto ele havia atacado todos aqueles que mantinham em suas casas os retratos dos soberanos dos Estados ocupantes: "Não é uma vergonha que nós, poloneses, profanemos as paredes dos nossos lares poloneses com as imagens dos saqueadores da nossa terra e da nossa liberdade?". Sentiu-se especialmente ofendido com isso o cônsul austríaco, Zdzisław Okęcki (polonês de origem), a quem Hempel acusou de traição da causa polonesa, visto que era ele que distribuía os retratos do imperador Francisco José. "Um polonês a quem foi dado o retrato de um dos imperadores, nossos opressores, deveria jogá-lo no lixo" – resumiu Hempel[78]. Essa publicação provocou um escândalo diplomático que repercutiu amplamente em todo o Brasil. Surgiram protestos, exigências de desculpas e pedidos de medidas contra o autor do texto. Hempel, apesar de ser defendido pelos leitores[79], foi dispensado por Warchałowski. Em período posterior Hempel lembrava que os dissabores com que se defrontou durante o trabalho na redação do *Polak w Brazylii* „provinham dos 'intelectuais' e do cônsul imperial do consulado austro-húngaro em Curitiba"[80].

Naquele tempo – inspirado por *Sobre a genealogia da moralidade* de Friedrich Nietzsche – Hempel trabalhou intensivamente com o seu livro sobre religião intitulado *Sermões poloneses*, que foi publicado em Curitiba no início de 1907. Diz a lenda que ele o compôs pessoalmente com os tipos do *Polonês no Brasil*[81]. No entanto isso é impossível, levando-se em conta o fato de que – como resulta do manuscrito dedicado a Janina Kraków[82]

77 J. Szmyd escreveu que Hempel „afastou-se da redação por não querer partilhar as ideias políticas do editor do periódico" (*Jan Hempel. Idee i wartości*, KiW, Warszawa, 1975, nota. 17, p. 479), o que não corresponde à verdade.

78 Z chwili. *Polak w Brazylii*, n. 35 de 31.8.1906, pp. 1-2.

79 SOBCZYK, F. Szanowny Panie Redaktorze. Ibidem, n. 43 de 26.10.1906, pp. 1-2; Z Prudentopolis. Ibidem, pp. 2-3.

80 HEMPEL, J. Myśl wolna w Paranie. *Myśl Niepodległa*, 1908, n. 71 (agosto), p. 1088.

81 AAN, Akta osobowe działaczy ruchu robotniczego 1918-1990, n. 6945, List P. Nikodema do Archiwum Zakładu Historii Partii przy KC PZPR, f. 9.

82 „Ofereço este manuscrito original de *Kazania Polskie* (Sermões poloneses) – lemos – à minha mui cara Senhora Janina Kraków, da qual ouvi pela primeira vez na vida palavras de reconhecimento pelos meus esforços intelectuais. Curitiba, 18 de janeiro de 1907. Jan Hempel". (http://cristoreict.blogspot.com/2010/06/jan-hempel.html).

– o livro só estava pronto no dia 15 de novembro de 1906. Para Hempel, esses foram os últimos dias de trabalho na redação, de modo que se torna difícil imaginar que Warchałowski, naquele tempo em áspero conflito com Hempel, lhe tivesse permitido algo desse tipo. A composição e a paginação foram realizadas – o que informa a versão impressa do livro – por um certo Jerzy Rolbiecki. Na forma impressa do livro foi também mudada a dedicatória. A publicação foi oferecida „à juventude polonesa, aos patriotas poloneses, aos revolucionários e a todos os combatentes da Vida e da Liberdade".

Em abril de 1908 Hempel viajou a Paris. Apesar disso, os assuntos brasileiros lhe permaneceram próximos. O *Polak w Brazylii* informava a respeito das suas novas iniciativas. Sabemos que ele se envolveu na atividade editorial (publicação de livros baratos na série "Biblioteca Paranaense") e na instituição da rede das chamadas Bibliotecas Ambulantes[83], e também ingressou na União Nacional Polonesa[84]. Em Paris Hempel escreveu igualmente uma série de artigos (inclusive o conto *Tomek*), baseados na situação paranaense, que foram publicados na Polônia pelo *Kurier* (Mensageiro) de Lublin, pelo *Myśl Niepodległa* (Pensamento Independente) e também pela *Polski Przegląd Emigracyjny* (Revista Polonesa da Emigração[85].

Após o afastamento de Hempel da redação do *Polak w Brazylii*, a direção do jornal foi integralmente assumida por Warchałowski. Nessa tarefa ele era auxiliado – na qualidade de secretário da redação – por Juliusz Malinowski, recém-vindo da Europa. Ele era não apenas um consciencioso operário, mas também muito dedicado e leal diante do seu empregador. Durante as frequentes ausências de Warchałowski, era praticamente ele

83 HEMPEL, J. Biblioteka Parańska. *Polak w Brazylii*, n. 15 de 10.4.1908, p. 3 „Agência central para todo o Brasil, Roman Paul, Marechal Mallet – Paraná. A esse endereço – escrevia Hempel – é preciso enviar o pagamento da assinatura, que já estamos recebendo". Biblioteka Wędrująca. *Polak w Brazylii*, n. 19 de 8.5.1908, p. 3.

84 Związek Polski w Brazylii. *Polak w Brazylii*, n. 18 de 1.5.1908, p. 3.

85 HEMPEL, J. *Listy z Ameryki*. *Kurier*, n. 152 de 8.7.1908; idem, *Kościoły polskie w Paranie*, *Kurier*, n. 161 de 19.7.1908; idem, *Listy z Ameryki: Walka o byt w Brazylii*, n. 164 de 22.7.1908 [Transcrição: *Ameryka Łacińska w relacjach Polaków. Antologia*, pp. 233-235]; idem, *Kto może jechać do Parany?*, ibidem, n. 214 de 19.11.1908; idem, *Listy z Ameryki: dzieci parańskie*, ibidem, 26.9.1908; idem, *Nauczyciel polski w Paranie*, n. 17 de 22.1.1909; idem, *Kto jedzie do Ameryki*, n. 200 de 29.8.1909; idem, *Tomek. Opowiadanie z życia osadników polskich w Paranie*. Ibidem, 2.7-4.8.1909; idem, Księża polscy w Paranie. *Myśl Niepodległa*, n. 69 (julho) de 1908; idem, *Wolna myśl w Paranie*. Ibidem, n. 71 (agosto) de 1908; idem, Przyszłość polska w Paranie. *Polski Przegląd Emigracyjny*, n. 23 de 1512.1909.

que cuidava dos assuntos mais importantes do jornal. Isso perduraria até 1918, quando Malinowski deixou o Brasil. Após o afastamento de Hempel da redação do jornal, contrariamente ao que sugeriam alguns, ele não se tornou reacionário[86]. Não era na realidade – como sonhava o Pe. Anusz – uma publicação socialmente radical, cujo estilo fosse “forte como o corte da foice de um colono, enfático como as suas comparações e suave como a natureza eslava do camponês. Eu gostaria que os artigos do *Polak* fossem tão vigorosos como é vigoroso o corte do machado de um lenhador e que eles atingissem com força semelhante as questões sociais”[87]. O jornal continuou a travar lutas com os padres, lutava pela escola e pela instrução para o camponês, divulgava os valores cívicos e antifeudais ao mesmo tempo. Naquela época sofreu uma mudança fundamental a sua forma exterior.

Inicialmente o *Polak w Brazylii* era publicado em forma bastante modesta. Desde o número 39, de 27 de setembro de 1907, no entanto, o formato do periódico aumentou duas vezes (para as dimensões 34 x 53 cm), e assim se manteve até o fim da existência do jornal. Tratava-se – como foi escrito – de um desejo dos leitores. Naquele tempo foram também definidas as tarefas que se apresentava a redação do jornal.

> O nosso único objetivo na publicação do *Polak* – lemos no artigo „O que queremos” – é o desejo de despertar nos nossos compatriotas o sentimento dos direitos humanos. Queremos que todo polonês sinta que é um ser humano e que ele saiba defender esse direito, exigi-lo, conquistá-lo e defendê-lo. Queremos que entre nós desapareçam a humilhação, a submissão, o servilismo e a sujeição, e que todo polonês mantenha a cabeça levantada e não se curve diante de ninguém. Que desapareçam os velhos resíduos da servidão, que se apaguem em nós as marcas de todos as impérios e dominações, gravadas por séculos em nossos antepassados e em nós. [...] Queremos arrancar e afastar dos olhos de vocês todas as cortinas que encobrem a verdade e que os obrigam a um alcance de pensamentos e ideias tão curto como a extensão do braço de vocês, com o qual vocês apalpam as coisas que os envolvem. Queremos remover da imaginação de vocês os conceitos de Senhor e de Soberano e substituí-los pelos conceitos de Irmão

86 SZMYD, J., op. cit., pp. 14-18, 479; PAPIEWSKA, W. *Jan Hempel. Wspomnienia siostry*, KiW, Warszawa, 1958, p. 34.

87 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 24, Listy ks. J. Anusza do K. Warchałowskiego z 21 VI 1905, ff. 28-29.

> e Amigo. Numa palavra, queremos torná-los livres. O trabalho é uma coisa santa e grande, e ao mesmo tempo extremamente difícil, como é difícil o desvio dos leitos dos rios, o esfarelamento das rochas e a sua transformação em férteis campos, como é difícil e perigosa a drenagem dos pântanos que espalham a febre, as pestes e a morte, e a sua transformação em lugares salubres e que multiplicam a vida. A esse nosso trabalho, à sua difusão e consolidação, à ajuda nessa obra de renascimento e de transformação do nosso espírito convocamos todos os Compatriotas, todos aqueles que têm sentimentos nobres, que desejam a grandeza da nossa nação, que querem a fraternidade na terra, porque a fraternidade só pode existir entre livres, fortes e iguais – a desigualdade e a fraqueza geram a escravidão e a humilhação[88].

Esse sublime ideal era realizado em 8 colunas, das quais 4 páginas, que tinham uma numeração separada, constituíam a “Seção literária”. Na primeira coluna, sob a vinheta do jornal, era geralmente publicado um texto jornalístico que abordava um importante problema social, que rememorava uma importante data da história da Polônia[89] etc. Eram também publicados relatórios de solenidades e encontros importantes e apoiados por Warchałowski, como o do congresso dos delegados das associações da sobriedade em Estocolmo[90], ou até dos livres-pensadores[91].

De acordo com o programa anunciado, Warchałowski buscava o rompimento com os anacronismos de estado trazidos pelos emigrantes da Polônia. “A divisão em estados, em camponeses, burgueses e nobreza, é uma prova de atraso e de ignorância” – escrevia o *Polak w Brazylii*. A única medida do valor do ser humano devem ser os seus atributos e as suas ações, não a sua origem social. Reportando-se ao pensamento progressista europeu, o jornal propunha que todas as pessoas fossem definidas com a palavra “cidadão”, palavra que é um símbolo da igualdade social e da in-

---

88 Czego chcemy. *Polak w Brazylii*, n. 1 de 3.1.1908, p. 1.

89 *17 kwietnia 1794 roku*, ibidem, n. 16 de 17.4.1908, p. 1. Ao lado foi publicado igualmente o texto intitulado *Powstanie kościuszkowskie*, ibidem, pp. 1-2; ASKENAZY, S. *Śmierć księcia Józefa Poniatowskiego pod Lipskiem*, ibidem, n. 31 de 31.7.1908, p. 2; *Noc listopadowa*, n. 49 de 4.12.1908, pp. 1-2; NIEMOJEWSKI, A. *Święto wolności*, ibidem, n. 50 de 11.12.1908, pp. 1-2; *Powstanie styczniowe (1863–1913)*, ibidem, n. 3 de 17.1.1913, pp. 1-2; OKSZA, M. *Pięćdziesięcioletnia rocznica powstania 1963 roku*, ibidem, n. 5 de 31.1.1913, p. 2.

90 LUDOMIŁA, J. *Wspomnienia ze zjazdu międzynarodowego w Sztokholmie*. Ibidem, n. 40 de 4.10.1907, pp. 1-2.

91 *Międzynarodowy zjazd wolnomyślicieli w Pradze*. Ibidem, n. 49 de 6.12.1907, p. 1.

dependência pessoal. Enfatizava-se, igualmente, que o Brasil era um país onde não havia uma expressão que correspondesse ao conceito "camponês" (*chłop*). Além disso – escrevia-se – todas as nacionalidades residentes no Brasil buscavam a eliminação das diferenças de classes, ao passo que os poloneses não eram capazes de abandonar essas relíquias feudais. "Chamar alguém de 'camponês' é lembrar-lhe a vida difícil dos seus antepassados" – estrondeava o *Polak w Brazylii* – os tempos da humilhação e da ignorância, o desprezo da servidão e de todos os defeitos daí decorrentes [...], confirmar o nosso colono nos antigos defeitos da servidão, tais como o servilismo, a obsequiosidade, o beija-mão, a ignorância, o alcoolismo, e fechar-lhe o caminho à instrução e à conquista da dignidade humana, aquela virtude máxima que não permite nenhum ato que possa desonrar o ser humano"[92].

Predominava, no entanto, a temática que de alguma forma se relacionava com a realidade do colono polonês no Brasil, com a sua condição espiritual, material e econômica. A redação do jornal, da mesma forma que o próprio Warchałowski, com frequência intervinha junto às autoridades em questões relacionadas com os colonos[93]. Convocavam-se ao mesmo tempo os compatriotas a participarem da vida política do país, especialmente das eleições. Apelava-se ao mesmo tempo aos compatriotas a que não „vendessem as suas convicções pela ajuda ou pela proteção prometida"[94]. O *Polak w Brazylii* conclamava à observância da lei brasileira, mesmo que a isso se opusesse a Igreja. Como exemplo, era apresentada a posição dos padres que induziam os colonos a boicotarem a legislação na área do casamento civil. "No entanto, a simples reflexão ao respeito do que traz a vida não permite dar ouvido a tão absurdos conselhos e imposições dos padres". Citava-se o exemplo de um abastado fazendeiro que ao morrer havia deixado um patrimônio de 10 mil mil-réis. Infelizmente, não pôde herdá-lo a mulher com seus quatro filhos, visto que ela possuía apenas a certidão do casamento religioso, inválido diante da lei vigente.

---

92 W jakim celu, ibidem, n. 38 de 18.9.1908, p. 1.

93 AAN, Akta Janiny i Kazimierza Warchałowskich, n. 157, Opłata Davida Colonial, fls. 32-52. Um trecho foi publicado na antologia *Ameryka Łacińska w relacjach Polaków*, red. M. Kula, Interpress, Warszawa, 1982, pp. 212-222.

94 Parańczyk. Uwagi o wyborach, ibidem, n. 18 de 1.5.1908, p. 1; „As eleições municipais – lemos no número seguinte – têm para nós poloneses um signficado especial. Aqui podemos defender os nossos direitos como uma entidade nacional distinta". Wybory, ibidem, n. 25 de 19.6.1908, p. 2.

„Perderam-se 10 mil mil-réis – lamentava o *Polak w Brazylii* – para a família e para a sociedade polonesa”[95].

Na questão do casamento civil o jornal tinha que travar uma luta com o *Gazeta Polska w Brazylii*, que se opunha aos postulados do jornal de Warchałowski[96]. Proporcionou uma inesperada ajuda ao *Polak* uma assembleia dos bispos de São Paulo, a qual – nas palavras do arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva – convocava os padres a que antes de celebrarem o casamento religioso exigissem a prova da posse do casamento civil. “O que têm a dizer a esse respeito os verbitas do *Gazeta Polska w Brazylii*? – perguntava o *Polak w Brazylii*. – Será que eles continuarão combatendo a nós e os bispos paulistas pelo cumprimento de uma obrigação cívica?”[97].

Nas páginas do *Polak w Brazylii* ocupava muito espaço a beletrística. Encontrava-se ela não apenas no suplemento „Seção literária”, mas também nas páginas editoriais, inclusive na primeira coluna do jornal. Muitas vezes pode-se ter a impressão de que eram destinados a ela os espaços que a redação não tinha condições de preencher com textos publicitários ou informativos. E isso não é de admirar, levando-se em conta o fato de que a equipe redacional era pequena. Além disso, a literatura desempenhava um importante papel social. Essas obras apresentavam o destino dos heróis que lutavam pela liberdade da Polônia[98] ou de outras nações subjugadas[99]. Deviam assegurar o contato dos emigrantes com a literatura polonesa. Os redatores deviam também levar em conta o nível intelectual dos emigrados aos quais o jornal era dirigido. Por isso eram publicadas obras breves

95 Ślub cywilny, ibidem, n. 8 de 20.2.1914, p. 1.

96 *Gazeta Polska w Brazylii*, n. 10 de 5.3.1914 e a polêmica Do porządku. *Polak w Brazylii*, n. 11 e 12 de 13 e 20.3.1914.

97 Ślub kościelny czy cywilny. *Polak w Brazylii*, n. 13 de 27.3.1914, p. 2. Cf. também: Odwrót z honorem? Ibidem, n. 14 de 3.4.1914, p. 1.

98 SŁOŃCZEWSKA, K. Ten kamień, czy tamten kamień (z pamiętnika legionisty). Ibidem, nn. 45 e 46 de 8 e 15.11.1907, pp. 1-2 [a respeito das Legiões Polonesas na Itália]; WÓJCICKI, K. W. Zjedzony sztandar, ibidem, n. 50 de 13.12.1907, p. 2; MORAWSKA, Z. Książę-bohater, ibidem, nn. 9 e 10 de 28.2 e 6.3.1908, pp. 1-2 [a respeito de Józef Poniatowski]; ASKENAZY, S. Śmierć księcia Józefa Poniatowskiego pod Lipskiem, ibidem, n. 31 de 31.7.1908, p. 2; SKARBEK, F. Dwie siostry, ibidem, nn. 38 e 39 de 18 e 25.9.1908, pp. 1-2 [época napoleônica].

99 Roztam. Z praktyki walki zbrojnej. Ibidem, nn. 47 e 48 de 22 e 29.11.1907, pp. 1-2 [o artigo vinha acompanhado do texto: „Estamos apresentando aqui o artigo escrito para o *Trybuna* por um dos membros do partido socialista-revolucionário armênio Dasznakcutiun, que está travando uma luta de vida e morte nas duas zonas de ocupação da Armênia, na turca e na russa].

e acessíveis dos modernos escritores e poetas poloneses[100], transcrições de importantes textos da imprensa polonesa publicada nas zonas de ocupação e no exterior, p. ex. de *Wiedza i Praca* (Ciência e Trabalho)[101], *Zgoda* (Concórdia)[102], *Praca* (Trabalho)[103]. Dentre as obras poéticas, predominavam as poesias de poetas conhecidos e apreciados naquele tempo, tais como Maria Konopnicka[104], Władysław Syrokomla[105], Or-Ot[106], bem como dos românticos: Adam Mickiewicz[107], Bohdan Zaleski[108], e de autores anônimos. Os autores dos textos – na verdade de pouco valor literário – eram também pessoas do ambiente intelectual polônico[109]. Quase em cada número era publicada a correspondência dos leitores, muitas vezes do distante interior, e existia também a seção "Respostas da Redação". Um importante elemento do jornal eram as informações das terras polonesas („De toda a Polônia") e do mundo ("Crônica estrangeira"), publicadas geralmente na segunda coluna. Algumas vezes ao lado de tal crônica aparecia o comentário político do redator, relacionado com determinado acontecimento ou constituindo a síntese da semana ("Semana política")[110]. Eram publicados textos de divulgação científica sobre a religião de outros povos e nações[111],

100 KONOPNICKA, M. Dym. Ibidem, nn 5-6 de 31.1 e 7.2.1908, pp. 2, 1-2; ZYCH, M. [ŻEROMSKI, S.]. Rozdziobią nas kruki i wrony. Ibidem, nn. 7 e 8 de 14 e 21.2.1908, pp. 1-2; idem, Cokolwiek się zdarzy – niech uderza we mnie. Ibidem, n. 37 de 10.9.1909, p. 1; SZCZEPAŃSKI, L. Przewrót. Powieść z najbliższej przeszłości. Ibidem, n. 1 ao n. 22 (3.1- 30.5.1913), pp. 1-2.

101 Nasi sąsiedzi z Marsa. Ibidem, n. 39 de 27.9.1907, pp. 1-2.

102 Spartanka. Obrazek z niedawnej przeszłości. Ibidem, nn. 2 i 3 de 10 e 17.1.1908 [inquietações de uma viúva cujo filho está sendo convocado pela Pátria].

103 Barykady styczniowe. Ibidem, n. 11 de 13.3.1908, pp. 1-2; Pies. Ibidem, n. 16 de 17.4.1908, pp. 1-2.

104 Z wieczornych pieśni. Ibidem, n. 15 de 10.4.1908, p. 2.

105 Pocztylion. Gawęda gminna. Ibidem, n. 16 de 17.4.1908, p. 2; Szum brzózki. Sielanka. Ibidem, n. 18 de 1.5.1908, p. 2; Grabarz. Gawęda. Ibidem, n. 31 de 31.7.1908, p. 1; Matysek. Gawęda. Ibidem, n. 33 de 14.8.1908, p. 2.

106 Pamiętasz Ty? Ibidem, n. 49 de 4.12.1908, p. 2; Grób nad morzem. Ibidem, n. 50 de 11.12.1908, p. 2; Mazur. Ibidem, n. 51 de 18.12.1908, p. 2.

107 Złote listki. Ibidem, n. 20 de 15.5.1908, p. 2.

108 Wyjazd bez powrotu. Ibidem, n. 39 de 25.9.1908, p. 2.

109 SŁOŃCZEWSKA, K. *Ten kamień, czy tamten kamień...*

110 Tydzień polityczny. Ibidem, n. 44 de 30.10.1908, p. 2.

111 Egipcjanie. Ibidem, n. 24 (e seguintes) de 12.6.1908, pp. 1-2.

bem como trechos das *Duas almas* de Jakub Bojko, que era uma análise da mentalidade camponesa do final do século XIX e início do século XX[112].

Um importante elemento do *Polak w Brazylii* eram os anúncios, por vezes ocupando até a metade do volume do jornal. O maior espaço era dedicado aos anúncios das firmas de Warchałowski e de Neyman e à relação dos livros à venda na Livraria Polonesa. Além disso publicavam pequenos anúncios os poucos comerciantes e empresários poloneses que atuavam no Sul do Brasil. Esses anúncios são uma interessante crônica da atividade econômica, cultural e social da coletividade polonesa, especialmente em Curitiba. Entre os anúncios do interior predominavam aqueles que tratavam da venda de terras, do pequeno comércio ou da oferta de hospedagem para viajantes.

A „Seção literária", publicada até a eclosão da Primeira Guerra Mundial (n. 33 de 14.08.1914), ocupava em geral quatro colunas (desde que surgiu em 1913 o suplemento „Escolas polonesas", a cada duas semanas, ocupando duas colunas). Nessa seção eram publicados romances (em forma de folhetins) ou contos de populares escritores poloneses. Em sequência cronológica, foram p. ex. as obras de Wacław Gąsiorowski: *Furacão* (em 1904 e 1905), *Soldados da guarda* (em 1912 até o n. 17 de 25.4.1913) e os contos: *Retirada* (nos números 17-18 de 25.4 e 2.5.1913), *Revolta* (nn. 18 e 19 de 2 e 9.5.1913); de Władysław S. Reymont o conto *Com justiça* (do n. 39 de 27.9 ao n. 51 de 20.12.1907), o romance histórico de Tomasz T. Jeż (Z. Miłkowski) da história dos eslavos balcânicos *Pedro e Asan* (do n. 1 ao n. 13 de 27.3.1908); os romances de Wacław Żmudzki *Floresta* (do n. 4 de 3.4 ao n. 41 de 16.10.1908) e *Semeadura de sangue* (na passagem de 1908/1909); trechos de Os *cavaleiros teutônicos* e no *Campo da glória* de Henryk Sienkiewicz[113]. Eram também publicadas obras de autores estrangeiros, de escritores muito populares naquele tempo, como os contos sobre Sherlock Holmes de Arthur Conan Doyle (em 1908 e 1909); os romances: de Edmondo de

112 Do n. 33 de 14.8.1908 ao n. 45 de 6.11.1908. Os artigos vinham acompanhados do seguinte texto: "Numa série de pitorescas imagens o autor nos apresenta os aspectos sombrios da vida dos nossos camponeses, que surgiram em razão da escravidão e do artraso em que o nosso povo por longos séculos permaneceu, e ainda agora continua a permanecer [...]. Mas acreditamos firmemente que no final chegará o momento em que o trabalhador pregado à terra endireitará a sua cerviz e, removendo os soberanos atuais, ele mesmo começará a decidir o destino do mundo". N., Dwie dusze (Z powodu artykułu Bojki). *Polak w Brazylii*, n. 46 de 13.11.1913, p. 2.

113 SIENKIEWICZ, H. Na polu chwały. Ibidem, do n. 44 de 2.11.1906 ao n. 24 de 14.6.1907; idem, Z bitwy pod Grunwaldem. Ibidem, n. 41 de 9.10.1908, p. 2.

Amicis *Dos Apeninos aos Andes* (em junho e julho de 1913) e de Thomas H. Hall *Profeta Branco*[114] (de julho de 1913 a julho de 1914). Nessa coluna foram também publicadas seções como "Palestra científica"[115] e „Palestra higiênica"[116], nas quais, de maneira racional, eram explicados aos leitores fenômenos naturais ou físicos que ocorriam no mundo que os cercava. As matérias eram entremeadas de curiosidades ou de anedotas, que eram publicadas nas colunas "Variedades" e "Miudezas".

Como de forma excessivamente crítica avaliou Andrzej Paczkowski, pelo nível o *Polak w Brazylii* não se distanciava muito do *Gazeta Polska w Brazylii*[117]. Na realidade os jornais distinguiam-se diametralmente não apenas pela opinião política que representavam, mas também pelo fato de que o jornal de Warchałowski tratava o leitor de forma subjetiva, não protecional. O nítido anticlericalismo, a forte retórica antifeudal, os lemas da igualdade e da justiça, o culto do conhecimento e da instrução faziam do *Polak* uma publicação progressista, por vezes até livre pensadora. Isso era um mérito de pessoas de ideias socialistas, de cujas penas se utilizou Warchałowski, inclusive de seu primo Radosław Neyman. Após a sua vinda em 1908 a Curitiba, primeiramente ele publicou os seus textos justamente no *Polak w Brazylii*[118], e a seguir começou a editar a publicação antirreligiosa *Życie* (Vida). Naquele tempo Warchałowski colaborou também com outros socialistas (p. ex. Adam Buyno[119], Konrad Jeziorowski[120],

114 Na tradução do misterioso Dr. F. N.

115 Gwiazdy. Ibidem, n. 12 de 20.3.1908, p. 2; Grad. Ibidem, n. 23 de 5.6.1908, p. 2; Jak wynaleziono proch. Ibidem, n. 40 de 2.10.1908, p. 3; Piasek. Ibidem, n. 41 de 9.10.1908, p. 3; O szkodliwości alkoholu. Ibidem, n. 45 de 6.11.1908, p. 3; Jak się chłopom działo za czasów pańszczyzny? Ibidem, n. 48 de 28.11.1908, p. 3.

116 Dlaczego należy się myć, n. 4 de 24.1.1908, p. 3; Niemowlęta w lecie, n. 10 de 6.3.1908, p. 3; O bólu zębów, n. 13 de 27.3.1908, p. 3.

117 PACZKOWSKI, A. Prasa polska na obczyźnie (1870-1918). In: *Prasa polska w latach 1864-1918*, red. J. Łojek, PWN, Warszawa, 1976, p. 249.

118 NEYMAN, R. W sprawie zjazdu nauczycieli. Ibidem, n. 42 de 16.10.1908, p. 1; idem, Rozwój państwa. Ibidem, n. 45 de 6.11 e n. 46 de 13.11.1908, p. 1; idem, Podatki. Ibidem, n. 49 de 4.12.1908, pp. 1-2.

119 PACHOLCZYKOWA, A. *Bujno Adam (1875–?), Słownik działaczy polskiego ruchu robotniczego*, t. 1, KiW, Warszawa, 1978, pp. 354-356.

120 Idem, *Jeziorowski Konrad Stanisław (1876–1963)*. Ibidem, t. 2, KiW, Warszawa, 1987, pp. 708-709; DUBACKI, L. Jeziorowski Konrad Stanisław, pseud. Konio (1876–1963), *PSB*, t. XI, 1964/1965, p. 222 [numerosos erros].

Wacław Koziorowski, Michał Sekuła[121], Stanisław Słonina[122]), que vieram ao Brasil após a revolução de 1905. Apesar de não partilhar plenamente as opiniões deles, utilizou-se dos serviços deles para preencher as páginas do seu jornal. Manteve também estreitos contatos com o ambiente da Sociedade Polonesa da Emigração (SPE), instituída em 1908 em Lvov[123]. O instituidor da SPE e por muitos anos o seu diretor foi Józef Okołowicz. O jornal propagava não somente a atuação dele[124], mas também as suas publicações: a publicação quinzenal (a partir de 1911 mensal) *Polski Przegląd Emigracyjny* (Revista Polonesa da Emigração)[125] e o semanário popular *Praca* (Trabalho)[126]. Fazendo publicidade do *Polski Przegląd Emigracyjny,* escrevia-se que ela "busca com perseverança a organização da proteção aos emigrados e informa a respeito do destino dos poloneses que se encontram no exterior", e que por isso devia encontrar-se "na casa de todo polonês no exterior"[127].

No entanto Warchałowski não rompeu os contatos com a Democracia Nacional. Propagou entre os leitores do *Polak* o órgão da democracia popular dirigido aos camponeses. Num outro periódico desse partido, no *Goniec Poranny i Wieczorny* (Mensageiro Matinal e Vespertino) – no manifesto "Aos leitores" – informava-se que Kazimierz Warchałowski era o seu correspondente no Paraná[128]. O *Polak w Brazylii* deu grande divul-

121 SMOLANA, K. *Sekuła Michał (1884–1972), PSB*, t. XXXVI, 1995, pp. 187–188.

122 Antes da sua vinda ao Brasil, S. Słonina exerceu a função de diretor da escola polonesa de quatro séries fundada e mantida pelos operários que extraíam o petróleo em Schodnica, na Galícia (distrito de Drohobycz). Foi correspondente da publicação socialista editada em Londres *Przedświt* (Aurora) (cf. AAN, PPS 305/VII/35, podt.10, Carta de 31.1.1901, ff.1-2) e também da *Polski Przegląd Emigracyjny* (Revista Polonesa da Emigração) (cf. correspondência de 5.2.1908 publicada no n. 3 z 10.2.1908, pp. 1-12).

123 OKOŁOWICZ, J. *Zadania polskiej polityki. Referat wygłoszony w Kole Przyjaciół Nauk Politycznych w Warszawie w dniu 15 XII 1917 r.*, Wydział Rejestracji Strat Wojennych przy Radzie Głównej Opiekuńczej, Warszawa, 1918, p. 7.

124 Polskie Towarzystwo Emigracyjne w Krakowie. *Polak w Brazylii*, n. 29 de 18.7.1913, pp. 1-2; Pomoc dajcie nam, Rodacy! Ibidem, n. 47 de 21.11.1913, p. 1 [apelo em favor dos que passavam fome na Galícia].

125 *Polski Przegląd Emigracyjny*, n. 45 de 8.11.1907, p. 3; W sprawie wychodźstwa. Ankieta „Polskiego Przeglądu Emigracyjnego". *Polak w Brazylii*, n. 40 de 2.10.1908, pp. 2-3.

126 Czy warto jechać do Kanady na grunta? *Polak w Brazylii*, n. 26 de 27.6.1913, p. 2 [transcrição de *Praca*].

127 *Polak w Brazylii*, n. 27 de 3.7.1908, p. 4.

128 *Do Czytelników*, n. 137 de 29.3.1905, p. 2; AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 24, List do J. Warchałowskiej z 19 VI 1905, f. 27.

gação à estada em Curitiba de Włodek, um ativo líder da Liga Nacional cujos textos eram publicados no jornal[129]. Ele esteve no Brasil, especialmente no Sul, de janeiro até o final de abril de 1908. É característico que a presença de Włodek no Paraná foi por um lado criticada pelo radical Hempel, e por outro – pelo jornal conservador *Gazeta Świąteczna* (Jornal Festivo) [130]. Apesar de os ataques terem vindo de duas posições antagônicas, as acusações se resumiam a uma só: questionavam a sua competência e a sua imparcialidade. Além disso Hempel censurava Włodek porque pela sua altivez diante das autoridades brasileiras teria causado prejuízo à causa dos colonos poloneses no Paraná[131].

Józef Okołowicz

De uma forma típica da democracia popular, o *Polak w Brazylii* procurava influenciar a coletividade polonesa no Brasil no espírito do polonismo universal, que na época tinha um tom distante do atual. Aconselhava a que os colonos não enfatizassem as diferenças resultantes da origem dos emigrantes das diversas zonas de ocupação. "Libertemo-nos dos feios hábitos – apelava o jornal – impregnemo-nos do espírito polonês universal que manda amar com um sentimento fraternal todo polonês, independentemente de ele ser do Reino ou da Prússia, de ser oriundo da Galícia ou da Lituânia. Não aprofundemos as diferenças que a força estrangeira diligentemente tenta introduzir"[132]. Estimulava também à preservação da

129 WŁODEK, L. Podróż informacyjna. *Polak w Brazylii*, n. 3 de 17.1.1908, p. 1; idem, Robotnicy na kolei. *Polak w Brazylii*, n. 12 de 20.3.1908, p. 1; idem, Ś†P J. L. Popławski, n. 17 de 24.4.1908, p. 1.

130 „Parece-me que o Senhor Włodek vai apresentar o Brasil em cores bonitas, pois por que teria que falar mal dele? Logo que aquele enviado da Polônia chega a alguma cidade, os agentes da emigração já estão à sua espera na estação ferroviária, prontos a carregarem as suas bagagens nas costas até a hospedaria. E quando esse enviado ja está bem servido, ele vai falar com os representantes do governo brasileiro, e a seguir a 'aristocracia' polonesa o convida para almoços e organiza banquetes em sua honra. Finalmente o enviado vai até uma propriedade polonesa, mas também ali os colonos já estão cientes de que está vindo para visitá-los um polonês que deve melhorar a existência deles, então erguem às pressas portões de boas-vindas e o recebem com flores". Dawny wychodźca. List z Brazylii. *Gazeta Świąteczna*, n. 1440 de 24.8/6.9.1908, p. 4.

131 HEMPEL, J. Delegat polski w Paranie. *Przegląd Poranny*, 21.7.1908, p. 2. Numa carta à redação da *Przegląd Poranny*, de 22.7.1908, L. Włodek acusou Hempel de mentira. AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 24, ff. 46-49, e numa carta a Warchałowski escreveu: „Será que não tenho razão em não admitir os radicais à mínima familiaridade?". Ibidem, f. 51.

132 Patriotyzm prowincjonalny. *Polak w Brazylii*, n. 13 de 27.3.1908, p. 1. „Nós chegamos – lemos a seguir – de todas as províncias da antiga República não para cultivarmos aqui os nossos patriotismos provinciais, dos quais é curto o caminho que leva aos distritais,

POLAK
W BRAZYLJI

WOJNA EUROPEJSKA

nacionalidade e da cultura, valores que eram – na opinião dos editores – a arma dos emigrantes no exterior. “Enquanto as possuímos, enquanto desenvolvemos e aperfeiçoamos as suas características, nós somos uma unidade viva nesse grupo de nações que se chama humanidade e temos o direito à vida, o direito de nos chamarmos uma nação”[133]. (foto do jornal de 1908)

Um dos principais problemas dos colonos poloneses no Brasil era a sua relação com o lugar de estabelecimento. “De que cidadania, de qual nacionalidade, de que Pátria é filho o polonês, nascido ou naturalizado em terra brasileira, o polonês que cultiva esta terra com o seu suor e nela deseja viver e morrer?” – perguntava o jornal. À pergunta assim colocada o redator do jornal – rejeitando as visões radicais, que pressupunham a total assimilação ou a total diversidade – apontava um terceiro caminho. “Então não podemos – explicava – fingir que nada nos une com o Brasil. Isso diz respeito especialmente àqueles que aqui nasceram. Porquanto, como não amar esta terra onde nascemos, a terra que nos alimenta, os campos que nos fornecem as colheitas, as florestas que para nós murmuram, as águas que para nós correm, o país que nos dá a liberdade, o bem-estar, a felicidade familiar, os direitos civis?” – perguntava. Ao mesmo tempo não deixava ilusões: renegar a nação de que se procede, renunciar à sua história numa situação em que essa nação foi subjugada por potências estrangeiras seria algo abominável, uma fraude e uma traição; mais ainda: um crime diante de Deus e da humanidade. Quem, então, são os emigrantes poloneses no Brasil?

> Por isso, com coragem e a fronte serena erguemos para o alto dois estandartes ou, melhor, reunimos ambos em um só estandarte dúplice

---

mas para numa árvore estranha enxertarmos o broto da milenar e grande cultura polonesa, para que desponte num ramo separado e se cubra de flores exuberantes, para a glória da valorosa nação de cujo antigo tronco se origina, de um tronco que suportou todas as tempestades e hoje, na distante terra pátria, valorosamente resiste a todas as tormentas”.

133 Nasza broń. Ibidem, n. 46 de 15.11.1907, p. 1.

> com a Águia Branca e as Estrelas do Sul! Com a fala polonesa junto à lareira familiar. Com a canção polonesa nas reuniões ou no trabalho, com a virtude polonesa no coração, com a bravura polonesa na ação – sirvamos às duas Pátrias nossas – à Polônia demolida mas em construção e ao Brasil, sirvamos a ambas fielmente e com perseverança até a morte: "Nós somos brasileiros poloneses!"[134].

Realizando essa declaração, o *Polak w Brazylii* apelava pela preservação da ortografia dos sobrenomes familiares. "Nos documentos oficiais nenhuma letra deve ser deturpada, e o sobrenome deve ser escrito com as mesmas letras na língua estrangeira como se escreve na língua nativa, ainda que essas letras não soem da mesma forma"[135]. Apelava também pela utilização da língua polonesa. „A qualquer pretexto negligenciamos a nossa língua, alegramo-nos quando alguém nos elogia porque falamos bem uma língua para nós estrangeira"[136]. Com esse problema relacionava-se também a questão do serviço militar obrigatório que havia sido introduzido no Brasil. Os colonos poloneses receberam essa lei com grande aversão e desconfiança; muitos até lamentavam terem adotado a cidadania brasileira e não terem preservado a cidadania russa, austríaca ou alemã. A tal relacionamento dos colonos com a lei brasileira era contrário o *Polak w Brazylii*. Invocando as experiências polonesas, fazia ver que a falta de um exército regular, da disciplina e os interesses particulares haviam levado à perda da independência. Além disso – como escrevia um articulista desconhecido – „os alemães, que foram os que mais contribuíram para a subjugação da Polônia e de forma impiedosa oprimem os nossos irmãos, veem com o olhar cobiçoso o Brasil meridional, considerando-o quase como uma propriedade sua". Daí a conclusão de que os colonos não apenas deviam fazer uso dos direitos que lhes dava o Brasil, mas também „cumprir as obrigações, e a primeira obrigação será sempre a defesa desta terra, que para nós se tornou uma pátria"[137].

O jornal repetidamente chamava a atenção para a divisão interna da colônia polonesa. Warchałowski empreendia ações em prol da unidade, tentando instituir a União Nacional Polonesa no Brasil. A maior oportu-

134 JASIEŃCZYK, B. My polscy Brazyljanie! *Polak w Brazylii*, n. 39 de 27.9.1907, pp. 1-2.

135 Jeszcze raz o pisaniu nazwisk. Ibidem, n. 41 de 11.10.1907, p. 1.

136 Nadmierna grzeczność czy brak dumy narodowej. Ibidem, n. 51 de 20.12.1907, p. 1.

137 Powszechna służba wojskowa. Ibidem, n. 28 de 10.7.1908, p. 1.

nidade para a o acordo ocorreu em 1908. Mas, infelizmente, diante das enormes divisões políticas e ideológicas, o projeto de antemão esteve fadado ao insucesso. Num comentário que foi publicado na primeira página do *Polak w Brazylii*, o amargurado Warchałowski não poupou palavras ácidas dirigidas àqueles a quem via como os culpados por aquela situação: "Se os analfabetos instituem uma sociedade cujo objetivo principal é a difusão da cultura, se essa organização é dirigida por um punhado de semi-intelectuais de valor moral mais que duvidoso, já em seu embrião ela traz – a morte[138].

Essas ríspidas palavras mostraram infelizmente ser verdadeiras. Aliás logo reconheceram isso os próprios membros da recém-eleita diretoria. "A União Polonesa, em razão de mesquinhas intrigas pessoais – escrevia Buyno – permanece dormente e só existe no papel"[139]. Tinha uma opinião semelhante Stanisław Kłobukowski, que – numa correspondência publicada na cracoviana *Polski Przegląd Emigracyjny* (Revista Polonesa da Emigração) – constatava que „as tentativas de instituir uma União Nacional Polonesa a exemplo da norte-americana não deram em nada"[140].

Depois de Warchałowski, ambas as funções, isto é, a de redator e a de editor do *Polak w Brazylii*, foram exercidas desde 1911 pelo mencionado Julian Malinowski, um próximo colaborador de Warchałowski. Ele era oriundo de uma família de raízes nobres, e era uma pessoa jovem, visto que havia nascido no dia 25 de agosto de 1886 em Ostropole, na Volínia. Tinha vindo ao Brasil havia poucos anos, com certeza não antes de 1906. Naquele período o jornal já não despertava tantas emoções como no início da sua existência. Mesmo assim, nos tempos de Malinowski ocorre mais um acirramento com os verbitas, que em abril de 1912 adquiriram e começaram a editar o concorrente *Gazeta Polska w Brazylii* (Jornal Polonês no Brasil). Eles também dominaram a União Nacional Polonesa, reativada no dia 25 de setembro de 1910. "Essa União é verbita-alemã" – escrevia o *Polak w Brazylii*, e „os padres Trzebiatowski, Dworaczek, Kominek, Tyłeczek e Mehl são todos alemães, que aqui trabalham pela glória da sua *Vaterland* (Pátria) e para a perdição do polonismo"[141]. No entanto naquele mesmo momento começam a separar-se os caminhos do grupo con-

---

138 Za wcześnie. Ibidem, n. 34 de 21.8.1908, p. 1.

139 BUYNO, A. Wiedza to potęga. Ibidem, n. 41 de 9.10.1908, p. 2.

140 KŁOBUKOWSKI, S. List z Parany 6 VI 1909. *Polski Przegląd Emigracyjny*, n. 15 de 15.8.1909, p. 5.

141 I znów werbiści. *Polak w Brazylii*, n. 49 de 8.12.1911, p. 1.

centrado em torno de Warchałowski e do campo da esquerda, cujo líder tornou-se justamente o Dr. Szymon Kossobudzki[142]. Em outubro de 1912 começou ele a editar em Curitiba o semanário *Niwa* (Campo), com a redação de Wojciech Szukiewicz, que congregava os elementos progressistas, anticlericais e democráticos. Alguns meses mais tarde, no dia 2 de março de 1913, na mesma Curitiba surge – por iniciativa do campo ligado com Kossobudzki – o Comitê da Defesa Nacional[143], e em Ponta Grossa – a Comissão Militar Polonesa, sob a direção de Wacław Rodziewicz (a partir de 28.4.1914: Comissão Militar Polonesa da América do Sul). Esta, contrariamente ao Comitê da Defesa Nacional de Curitiba, queria proporcionar uma imediata ajuda financeira ao movimento pela independência dirigido por Józef Piłsudski[144]. Com esse objetivo estabeleceu contatos com a Comissão Provisória dos Partidos Confederados pela Independência na Galícia[145], bem como deu início a uma coleta de fundos para o Tesouro Militar Polonês[146]. Dessa forma formou-se uma das duas correntes polí-

Dr. Szymon Kossobudzki

142 DUBACKI, L. Kossobudzki Szymon (1869–1934). P*SB*, t. XIV, 1968/1969, pp. 306–307; DA COSTA, Ireneu Affonso (org.). Szymon Kossobudzki. Patrono do ensino da Cirurgia do Paraná. *Scientia et Labor*, Editora da UFPR – Fundação Santos Lima, Curitiba, 1989.

143 Com o tempo, os partidários do Comitê da Defesa Nacional, que apostavam nos Estados centrais, seriam definidos pelos adversários políticos como "germafófilos".

144 RODZIEWICZ, W.; PREVOL, M. Rodacy! Ibidem, n. 11 de 14.3.1913, pp. 23; RODZIEWICZ, W. List otwarty do Szanownego Komitetu Obrony Narodowej w Kurytybie. Ibidem, n. 15 de 11.4.1913, p. 3.

145 AAN, Komisja Skonfederowanych Stronnictw Niepodległościowych, n. 59, List W. Rodziewicza z 4 IV 1914, ff. 1-2.

146 Polski Skarb Wojskowy. *Polak w Brazylii*, n. 22 de 30.5.1913, p. 3. Viam sem entusiasmo a ação da coleta também alguns padres. "Com o propósito de organizar em Rio Claro uma assembleia para deliberar sobre a questão do Tesouro do Exército Nacional, dirigimo-nos ao Pe. Kandora pedindo-lhe que avisasse ao povo na igreja, do púlpito, a respeito da data da assembleia e do seu significado. [...] – escrevia Konstantyn L. – O Pe. Kandora recebeu com entusiasmo o nosso projeto e realmente anunciou na igreja, no domingo, que a assembleia se realizaria e convocou as pessoas a comparecerem nela. Mas tudo isso foi apenas uma triste comédia da sua parte, porquanto levou a sua perfídia a tal ponto que, tendo declarado em voz alta e em público o ardente estimulo à participação nesse grande empreendimento, secretamente e em silêncio começou a agitar contra a assembleia e recomendando que os padres vigários a ele subordinados em outras localidades, dos púlpitos, contra a assembleia. Quem melhor se desincumbiu dessa recomendação foi certo Padre Wróbel, de Vera Guarani. [...] 'Muito agora se trombeteia e fala – dizia o Pe. Wróbel de Vera Guarani – de um levante na Polônia. Escrevemos à Polônia perguntando, mas não recebemos ainda nenhuma resposta. No entanto aqui querem coletar contribuições para uma pretensa guerra, mas eu advirto que vocês não

ticas polônicas, apoiada posteriormente pelo grupo ligado com o *Gazeta Polska w Brazylii*. Os seus representantes consideravam como o principal inimigo da Polônia a Rússia imperial, contra a qual estavam planejando um levante armado. "Como o objetivo político da participação na guerra eu me apresentava a junção de ambas as zonas de ocupação – da Galícia e da zona de ocupação russa – num organismo comum em união com a Áustria – confessou Piłsudski, o principal defensor dessa orientação na Polônia[147]. Nessa complicada situação política, que ao mesmo tempo refletia as mudanças na composição das forças em terras polonesas, afastou-se da função de redator do *Polak w Brazylii* Juliusz Malinowski.

> Cansado por alguns anos de trabalho ininterrupto na redação do *Polak* – escrevia ele no dia 30 de maio de 1913 num manifesto aos leitores – bem como pretendendo agora dedicar-me ao estudo do direito, não tenho a possibilidade de continuar na direção do jornal, diante do que me afasto desse cargo não sem pesar, visto que a crescente popularidade do *Polak* e a ampliação do seu círculo de amigos tornam o trabalho jornalístico atualmente mais simpático e mais agradável do que em qualquer outra ocasião[148].

Realmente, a popularidade do *Polak w Brazylii* havia claramente crescido. O interesse pela imprensa em meio à coletividade polonesa no Brasil nunca tinha sido muito grande. A causa disso era a significativa porcentagem do analfabetismo em meio à colônia polonesa e as difuculdades no fornecimento da palavra escrita aos leitores dispersos pelas enormes extensões do Sul do país. Os lucros da venda dos jornais nunca cobriam os custos da sua edição. Reconhecia isso o próprio Warchałowski. „Em Curitiba temos três órgãos [de imprensa – JM]: o *Polak w Brazylii*, o *Gazeta Polska w Brazylii* e o *Naród* (A Nação); todos eles são publicados uma vez

contribuam, porque não se sabe a quem se está dando! E amanhã deve haver em Rio Claro uma assembleia, mas disso nada de bom vai resultar. É perigoso dar o dinheiro a esses falsos líderes paranaenses. Todas as vezes em que o dinheiro foi coletado para objetivos comuns, ele acabou se perdendo em algum lugar! Por isso não deem, irmãos em Cristo, nem um réis, para que o seu dinheiro ganho com o suor do rosto não seja desperdiçado!'" K. L. Księża misjonarze i niepodległość Polski. *Polak w Brazylii*, n. 14.4.1913, p. 3.

147 De uma carta de J. Piłsudski a Władysław L. Jaworski, apud: ZIELIŃSKI, H. *Historia Polski 1914–1939*, Ossolineum, Wrocław, p. 14.

148 MALINOWSKI, J. Do Czytelników. *Polak w Brazylii*, n. 22 de 30.5.1913, p. 1.

por semana e nenhuma dessas publicações é financeiramente sustentável; todas precisam ser subsidiadas”[149].

Apesar disso, penosamente o *Polak w Brazylii* foi aumentando o círculo dos seus destinatários. No final do primeiro decênio do século XX ultrapassou decididamente os outros jornais, tanto na tiragem quanto na venda. “Com satisfação registrramos o fato – escrevia-se no número 39 de 27 de setembro de 1907 – de que o contingente dos nossos leitores e assinantes cresce continuamente e que os lemas por nós proclamados, os lemas da justiça e da verdade, os lemas da liberdade e da fraternidade têm encontrado numerosos e valorosos adeptos”[150]. A forma mais segura, do ponto de vista do editor, era a assinatura, que era recebida tanto na redação, pessoalmente, como por carta e através de depósitos em conta bancária. O editor instituiu os seus representantes no interior, que recebiam a assinatura do *Polak w Brazylii* nas “condições da redação”. Em 1907 exerciam essa função: Bolesław Kłossowski de Ponta Grossa, Wojciech Troczyński de São Mateus, Antoni Jakubowski de Água Branca, Józef Dytz de Ijuí, Paweł Tymoteusz Wielewski de Lucena, Paweł Miecznikowski de Rio Claro, Józef Brudziński de Rio dos Patos, Jan Zwierzykowski de Santa Bárbara, Wincenty Hamerski de Guarani, Władysław Szulczewski de São Feliciano, Antoni Kurkiewicz de Rio Negro, Edward Stelczyk de Porto Alegre[151]. Tratava-se de um grupo bastante estável, que pouco mudou no decorrer dos anos seguintes. Em 1914 juntaram-se a ele Ignacy Walkowski de Araucária, Jan Żubiński de Ponta Grossa, Aleksander Miecznikowski de Rio Claro, Franciszek Selner de Rio Claro (cidade), Bolesław Kosiński de Santa Bárbara, Paweł Miecznikowski de Paulo Freitas e Bronisław Wachowski da Argentina[152].

Das informações publicadas na seção „Da administração” ficamos sabendo que cerca de 240 pessoas haviam pago a assinatura referente a 1908[153]. Um pequeno número de exemplares, que no entanto não passava

149 Wobec zapowiadanej emigracji brazylijskiej. *Tygodnik Ilustrowany*, n. 11 de 14.3.1908, p. 218.

150 Do Czytelników. *Polak w Brazylii*, n. 39 de 27.9.1907, p. 1.

151 N. 39 de 27.9.1907, p. 1.

152 N. 1 de 2.1.1914, p. 1.

153 N. 48 de 29.11.1907, p. 3; n. 2 de 10.1.1908, p. 3; n. 7 de 14.2.1908, p. 3; n. 11 de 13.3.1908, p. 3; n. 15 de 10.4.1908, p. 3; n. 21 de 22.5.1908, p. 3; n. 26 de 26.6.1908, p. 3; n. 43 de 23.10.1908, p. 3; n. 52 de 24.12.1908, p. 3.

de 100, era enviado à Polônia e aos Estados Unidos[154]. Infelizmente, não possuímos dados referentes à venda do jornal na própria Curitiba e nas localidades a ela adjacentes. Naquele tempo essa região era densamente povoada por colonos poloneses. É de se supor que a distribuição do jornal, com uma tiragem de 1.000 a 1.500 exemplares, não ultrapassava os 80% da tiragem. O restante era certamente distribuído com objetivos promocionais. Considerando, no entanto, que os outros jornais polônicos tinham uma tiragem que não ultrapassava os 500 exemplares, isso deve ser reconhecido como um grande sucesso. Tanto mais porque o periódico tinha ferrenhos adversários, principalmente padres, que claramente incentivavam o seu biocote. Numa correspondência de Ponta Grossa lemos:

> No dia 15 de junho do ano corrente [de 1913 – JM]] o padre quase chegou a cair do púlpito pedindo que as pessoas não se associassem a nenhuma união e a nenhuma sociedade, porque a elas só pertencem os maçons e os socialistas, que estão à espreita para quanto antes destruir a Igreja e o Coração de Jesus, que não dessem ouvido a esses maçons e socialistas e não lessem os seus livros ou jornais, especialmene o *Polak w Brazylii*[155].

Levando em conta a extensão dos três estados meridionais do Brasil, não é de admirar que houvesse problemas com o fornecimento do jornal aos leitores. Como em toda parte, também apareciam distribuidores desonestos, donde as muitas queixas dirigidas à redação.

> Mas como se apresenta triste a recepção desses jornais – informava Józef Kurudz, da colônia Vera Guarani (fundada em 1909) – que sirva de exemplo o fato de que em 1913 recebi no total 9 números do *Polak* e 8 números da *Gazeta Polska*. Na medida em que era dirigido exemplarmente o correio em Paulo Frontim pelo saudoso Sr. Józef Zgoda, ele está sendo dirigido com displicência pelo atual administrador, Sr. Iwan Pasiewicz, que, quando solicitado a entregar o jornal, geralmente se esquiva dizendo que "o jornal não veio, de onde vou tirá-lo?". E há pessoas que afirmam terem presenciado o Sr. Pasiewicz embru-

154 List otwarty (dokończenie). Ibidem, n. 30 de 17.4.1915, p. 2.
155 DAWNY, Michał. Korespondencje. Ibidem, n. 27 de 4.7.1913, p. 2.

> lhando com os nossos jornais os artigos vendidos e dizem que os que sobram ele guarda de reserva no sótão[156].

Kłobukowski, o redator-chefe seguinte do *Polak w Brazylii*, era uma pessoa perfeitamene conhecida no Brasil, visto que por muitos anos organizou a assistência aos emigrantes poloneses nesse país. Politicamente aliou-se à ala nacionalista – desde 1895 pertenceu à Liga Nacional, mas não foi um adepto ortodoxo da sua ideologia[157]. Em 1907, juntamente com Okołowicz, fundou em Lvov a *Polski Przegląd Emigracyjny* (Revista Polonesa da Emigração), dedicada às questões dos emigrados poloneses. Perfeito conhecedor do direito, uma pessoa moralmente irrepreensível, dedicou-se inteiramente aos assuntos da emigração polonesa. Em razão de um casamento fracassado, no final de 1908 viajou de forma definitiva ao Brasil, onde passou o restante da sua vida. Após a sua vinda a Curitiba em 1909, contou com a assistência de Rafał Karman, na época proprietário *Gazeta Polska w Brazylii*. Kłobukowski assumiu as funções de redator do *Polak w Brazylii* em maio de 1913 e exerceu-as por dois anos, até maio de 1915 (formalmente até o número 102, de 29 de dezembro de 1915). Ao assumir o cargo, escreveu que sob a sua direção o *Polak w Brazylii* seria „o espelho do desenvolvimento da coletividade polonesa no Brasil e uma fonte de informações fidedignas sobre a Polônia". Assinalava ao mesmo tempo que pretendia combater o atraso e a escravidão espiritual do povo polonês. O caminho para isso seria a instrução, a conscientização cívica e a organização. "No atraso repousa a nossa perdição definitiva – escrevia – e não o proveito para a nossa pátria antiga ou adotiva. Não são úteis, mas são um peso para toda a sociedade as pessoas ignorantes e atrasadas, e por isso egoístas e más"[158].

O *Polak w Brazylii*, bem como Warchałowski, por ele responsável, mantinham um distanciamenteo da orientação ativista pela indepedência. Foram publicados, na realidade, o manifesto de Henryk Gierszyński[159] e o artigo de Wacław Rodziewicz[160], que convocavam à ação da contribuição em prol do Tesouro Militar, mas foi publicada igualmente a correspodên-

156 KURUDZ, J. Szanowna Redakcjo! Ibidem, n. 3 de 16.1.1914, p. 2.

157 KOZICKI, S. *Historia...*, op. cit., p. 576.

158 KŁOBUKOWSKI, S. Od redakcji. *Polak w Brazylii*, n. 23 de 6.6.1913, p. 1.

159 GIERSZYŃSKI, H. Polski Skarb Wojskowy. Ibidem, n. 7 de 14.2.1913, p. 1.

160 RODZIEWICZ, W. Na walkę z caratem. Ibidem, n. 7 de 14.2.1913, pp. 1-2.

cia de Władysław Kamieński, que era contrário a ela[161]. Além disso, a carta de Kamieński veio acompanhada de um comentário no qual se afirmava que „a generosidade para os fins da nossa instrução no Brasil, da mesma forma que para o Tesouro Militar Polonês, para o geral da nossa população tem o mesmo valor". Na sua correspondência seguinte Kamieński atacou Kossobudzki, Szukiewicz e Juliusz Bagniewski, que, em vez de ajudarem aos colonos poloneses, segundo ele preservavam a "subserviência" diante do ocupante austríaco[162]. A respeito do *Niwa* (Campo), e indiretamente também a respeito de Kossobudzki, posicionou-se de forma negativa também o professor Stefan Benradt[163]. Apesar desses ataques, na administração da Comissão Militar Polonesa da América do Sul, que passou a ser dirigida por Eugeniusz Radliński, entraram Kłobukowski, e também Malinowski. Como em breve se verificaria, isso seria o foco de um futuro conflito. Radliński, da mesma forma que Kazimierz Ryziński, eram decididos adversários da democracia nacional[164]. Ryziński havia vindo de Lvov no início de 1913 como representante dos Grupos dos Fuzileiros Poloneses da Galícia. O seu objetivo era a criação – com base na rede escolar – de organizações paramilitares entrre os jovens[165].

O *Polak w Brazylii* informava positivamente que no dia 27.7.1913 havia surgido em Curitiba a União Operária Polonesa, acrescentando que „as inscrições para sócios" dessa organização estavam "bastante adiantadas"[166]. Algumas semanas depois, após o surgimento do órgão da União Operária Polonesa – *Ogniwo* (Elo), a posição do *Polak* sofreu uma mudança. O

161 KAMIEŃSKI, W. Nasz fundusz bojowy. Ibidem, n. 8 de 21.2.1913, p. 2.

162 Idem. Lwy czy szakale? Ibidem, n. 9 de 28.2.1913, p. 3.

163 BENRADT, S. Pod adresem „Niwy". Ibidem, n. 10 de 7.3.1913, p. 3.

164 Radliński criticava os partidários da autonomia durante a revolução de 1905. Cf. RADLIŃSKI, E. Rzecz o Armii Polskiej. Ibidem, n. 15-16 de 10-17.4.1914, pp. 1-2.

165 „Para ocultar o seu verdadeiro objetivo organizacional – escrevia Tadeusz S. Grabowski – serviu-se dos objetivos profissionais de professor e por isso o surgimento de uma organização militar propriamente dita foi antecedido, em dezembro de 1913, numa assembleia em Curitiba, pelo surgimento da União dos Professores. Nesse encontro, após a solução da parte profissional-pedagógica, um grupo conhecedor do plano de ação aprovou com entusiasmo a proposta de se iniciar uma organização militar e subordinou-se às ordens do Comando Geral desse organismo. Dessa forma surge a organização chamada Fuzileiros do Exército Polonês no Brasil". GRABOWSKI, T. S. Polska akcja niepodległościowa w Brazylii podczas wielkiej wojny. *Przegląd Współczesny*, 1939, n. 205 (maio), pp. 4-5 (148-149).

166 Polski Związek Robotniczy. *Polak w Brazylii*, n. 31 de 1.8.1913, p. 3.

jornal acusava a nova organização, da mesma forma que Kossobudzki, de promover a discórdia na coletividade polonesa:

> As sociedades polonesas unidas em Curitiba poderiam representar uma força significativa e teriam excelentes condições de desenvolvimento. No entanto a criação de novos agrupamentos, com o necessário afastamento de elementos de outras sociedades, que já existem e que têm as mesmas tarefas que elas, como ocorre com a União Operária Polonesa, não passa de egoísmo pessoal [alusão a Kossobudzki – JM], que busca um objetivo desconhecido após a destruição das outras. Trata-se de „perturbação do cadinho nacional", ou seja, da promoção da discórdia numa coletividade que necessita urgentemente de união[167].

As desavenças e os ataques mútuos persistiram também após a eclosão da guerra.[168] Os conflitos pessoais, da mesma forma que as disputas políticas, não faziam parte da natureza de Kłobukowski. A sua paixão eram as questões econômicas e culturais. É por isso que nas páginas do *Polak w Brazylii* encontramos muitos textos seus, assinados também com o pseudônimo Marian Oksza, dedicados... ao cultivo do feijão-preto[169], à pesca[170], à apicucultura[171], e sobretudo à erva-mate[172]. Ele enfatizava igualmente o significado das florestas para a economia do Paraná e do Brasil e advertia contra a sua exploração predatória: „Todo colono inicia o cultivo da terra pela queima do mato, isto é, pela destruição da condição talvez mais importante do bom clima e da fertilidade da gerra". Apelava a que no lugar das matas derrubadas fossem plantadas mudas de erva-mate: „Especialmente merece disseminação a erva-mate. Porquanto, sem dúvida, a sua venda encontrará o seu caminho não somente à Argentina, mas gambém à Europa e à América do Norte, especialmente quando melhorarmos a sua

---

167 „Ogniwo" nowe pismo polskie w Kurytybie. *Polak w Brazylii*, n. 40 de 3.10.1913, p. 1. Cf. também os ataques contra Kossobudzki nesse mesmo número: CHOLEWA, Wiesław. Ogniwo e KOSSOWSKA, Jadwiga. „Ogniwo" kurytybskie. Ibidem, n. 40 de 3.10.1913, p. 3.

168 W. Na temat „zapatrywań politycznych" filozofa z „Ogniwa". *Polak w Brazylii*, n. 26-27 de 31.3-7.4.1915, p. 2.

169 KŁOBUKOWSKI, S. Uprawa czarnej fasoli. Ibidem, n. 1 de 3.1.1913, p. 3.

170 Idem. Rybołóstwo. Ibidem, n. 9 de 28.2.1913, p. 1.

171 Idem. O pszczelnictwie. Ibidem, n. 19 de 9.5.1913, p. 2.

172 Idem. Herba mate w Paranie. Ibidem, n. 42 de 17.10.1913, p. 1; n. 43 de 24.10.1913, p. 1 e n. 44 de 31.10.1913, p. 1.

qualidade”[173]. Ele estimulava, além disso, os colonos poloneses a colonizarem as bacias dos rios Iguaçu e Paraná, regiões que graças a um sistema de navegação fluvial – na opinião de Kossobudzki – „são as mais belas e as mais férteis no Paraná”[174].

Entretanto o maior mérito de Kłobukowski foi ter introduzido no *Polak w Brazylii* o suplemento „Escolas polonesas”, que desempenhou um importante papel na elevação do nível da instrução polonesa no Brasil. Além disso, o jornal avaliava de forma positiva o papel da maçonaria na história da Polônia: „As facções maçônicas, como sobretudo a ‘Maçonaria Nacional’, buscavam na Polônia a independência nacional pelo progresso, ou seja, pelo aperfeiçoamento e pela organização interna”[175]. Informava os leitores a respeito do surgimento de novas lojas maçônicas que eram instituídas o Paraná, ou a respeito de um congresso da maçonaria nesse estado. “Consideramos que a maçonaria é uma organização universal, que tem por objetivo a fraternidade das pessoas, que empreende a luta contra todo tipo de opressão”[176]. O interessante é que naquele tempo as ideias do dirigente da Democracia Nacional, Dmowski, caminhavam na direção contrária. Já antes da Primeira Guerra Mundial ele se pronunciava contra a maçonaria, e nos anos de entreguerras foi seu decidido e obsessivo adversário. Ele acusava os maçons de ações secretas e clandestinas que buscavam a tomada do poder sobre a política internacional no interesse dos judeus, bem como de colaboração com o comunismo e de luta contra a Polônia e o polonismo[177].

A eclosão da guerra mundial abalou profundamente Kłobukowski e apresentou a ele novas tarefas. Tanto mais porque Warchałowski justamente se encontrava na Europa. Por isso o redator tinha que decidir sozinho a respeito da posição do jornal diante de tão importante acontecimento. Isso pode ser percebido nos seus textos da época: “E como diante dessa terrível guerra devemos comportar-nos nós – poloneses, e quais são as perdas ou os lucros que com ela teremos? – indagava. – Responder à primeira pergunta é extremamente difícil. Incondicionalmente as nossas simpatias se encontrram ao lado da Áustria, um Estado que nos conferiu as maiores liberdades, mas a infeliz política envolveu a Áustria

173 Życiodajność lasu. *Polak w Brazylii*, n. 39 de 26.9.1913, p. 1.
174 OKSZA, M. Foz de Iguassu. *Polak w Brazylii*, n. 7 de 13.2.1914, p. 1.
175 Założenie loży masońskiej. *Polak w Brazylii*, n. 20 de 16.5.1914, p. 1.
176 Kongres masoński w Paranie. Ibidem, n. 21 de 22.5.1914, p. 1.
177 WAPIŃSKI, R. *Roman Dmowski...*, op. cit., pp. 197-199, 239-240, 282-286, 314-316.

DZIAŁ TOWARZYSTWA SZKOŁY LUDOWEJ W BRAZYLJI

SZKOLNICTWO POLSKIE

Rocznik II. Kurytyba, dnia 2 Stycznia 1914. Nr. 1.

Pismo poświęcone szkolnictwu i oświacie polskiej w Brazylji. Wychodzi równocześnie z »Polakiem w Brazylji« w połowie i przy końcu każdego miesiąca.

Adres:

„SZKOLNICTWO"
Caixa H.
Curityba — Paraná — Brazil.

Pierwszy Zjazd nauczycieli polskich w Brazylji.

Dnia 28 i 29-go b. m. odbył się w Kurytybie w lokalu T-wa Szkoły Ludowej zapowiedziany już od paru miesięcy pierwszy Zjazd nauczycieli polskich w Paranie.

Na Zjazd przybyło 12 nauczycieli. Obrady rozpoczęły się dnia 28-go b. m. o godzinie 9-ej z rana przemówieniem deleg. Tow. Szkoły Ludow., dr. St. Kłobukowskiego, który w imieniu T. S. L. przywitał uczestników Zjazdu. Przewodniczącym Zjazdu obrany został p. Kaz. Ryziński a sekretarzami p.p. Fr. Hanas i A. Kurowski.

Wygłoszono następujące referaty: »O wychowaniu«, K. Ryziński, »Związek nauczycieli« A. Kurowski, »O potrzebie ułożenia podręczników przystosowanych do warunków miejscowych« F. Hanas, »Ujednostajnienie programu nauczania« M. Masłowski, »Udział nauczycieli w pracy społecznej« W. Rodziewicz.

Na razie z braku miejsca nie rozpatrujemy szczegółowo treści wymienionych referatów, pozostawiając to na później, zaznaczamy tylko, że każdy z tych referatów stał na wysokości swego zadania

Uczestnicy pierwszego Zjazdu nauczycielskiego w Paranie odbytego 28 i 29-go grudnia r. z. w Kurytybie w lokalu T-wa Szkoły Lud. w Brazylji.

i żałować tylko należy, że zjazd nie chciał dopuścić obecności szerszej publiczności, któraby mogła usłyszeć wiele interesujących szczegółów z dziedziny szkolnictwa naszego tutaj.

Po dłuższych i dość wyczerpujących dyskusjach Zjazd uchwalił następujące rezolucje:

1) Zjazd uznając ważność wychowania fizycznego nakłada na nauczycieli obowiązek szczególnego zajęcia się takowym.

2) Celem należytego stosowania ćwiczeń fizycznych, a w szczególności skautowych, Zjazd postanawia utworzyć w Paranie trzy okręgi: I. Kurytyba, II. Ponta Grossa, III. Marechal Mallet i w każdym z tych trzech punktów naznacza instruktorów głównych z obowiązkiem wyszkolenia instruktorów prowincjonalnych.

3) Zjazd nakłada moralny obowiązek na nauczycieli wpajania w młodzież militaryzmu polskiego i sprawy niepodległości.

4) Zjazd zorganizował Związek nauczycieli polskich w Paranie. Opracowano statut Związku i wybrano zarząd w skład którego weszli: p. W. Rodziewicz jako prezes, p. K. Ryziński jako sekretarz-skarbnik i p. Fr. Hanas jako bibljotekarz.

5) Zjazd podejmuje myśl ułożenia i wydania czytanki polskiej i zbioru zadań rachunkowych na II. i III. kurs elementarny. W tym celu wybiera komisję wykonawczą złożoną z 5 członków (Dr. St. Kłobukowski, Tad. Suchorski, W. Rodziewicz, F. Hanas i K. Ryziński) która przy współudziale jak najliczniejszych jednostek z pośród obywateli polskich w Paranie i

A GL.·. DO GR.·. ARCH.·. DO U.·.

A todas as LL.·. Regulares e MM.·. espalh.·. pela superf.·. da Terra

S.·. F.·. U.·.

Nós o Ven.·., DDign.·. e mais Off.·. da Aug.·. e Resp.·. Loj.·. Cap.·. Ben.·. do Rit.·. Esc.·. com o Titulo distinctivo **FRATERNIDADE PARANAENSE**, regularmente constituida ao Or.·. de Coritiba, sob os auspicios do Gr.·. Or.·. do Brazil: Fazemos saber a todas as OOff.·. e Mmaç.·. regulares que o nosso cariss.·. Ir.·. [illegible] nascido em 24 de [illegible] de 1872, natural da Polonia é memb.·. da nossa Resp.·. Loj.·. e nella condecorado com o grão de **MESTRE** para, em virtude delle, gozar de todas as prerogativas que lhe são annexas, visto que por seu zelo, moral e bons costumes, tanto em Loj.·. como fóra della o tornam recommendavel. Rogamos, portanto, aos perfeitos MMaç.·. dos diversos Ritos, tanto das LLoj.·. nacionaes como dos OOr.·. estrangeiros, o reconheção e lhe prestem os soccorros que necessitar possa. Promettemos ter as mesmas considerações para com todos os IIr.·. que se apresentarem em nossa Officina, munidos de titulos authenticos. Em fé do que lhe damos o presente Certificado, assignado por nós, referendado pelo nosso Secr.·. e com o Sello e Timbre de nossa Resp.·. Loj.·. para ter pleno e inteiro vigor depois da confrontação da assignatura do dito Ir.·. que a fez em nossa presença.

Dado ao Or.·. de Coritiba, aos 25 dias do [illegible] mez do anno da V.·. L.·. 5914 [illegible] 1914

O Ven.·.

O 1.º Vig.·. O 2.º Vig.·.

O Orad.·. O Secret.·.

O Thes.·. O Chanc.·.

NE VARIETUR

Diploma da loja maçônica em Curitiba conferido a Kazimierz Warchałowski

numa aliança com a Alemanha, nosso eterno inimigo. Temos então que colocar-nos ao lado da Áustria e ajudar na vitória da Alemanha sobre a França?”[178]. Esses dilemas e certa indecisão são caraterísticos da postura do *Polak w Brazylii* nos primeiros meses da guerra. O jornal não publicou o manifesto aos poloneses do comandante-em-chefe do exército russo, o duque Nikolai Nikolayevitch (datado de 11 de agosto de 1914), e a assinatura de Kłobukowski – como presidente da Sociedade da Escola Popular – aparece no apelo do Comitê da Defesa Nacional, que convocava à ação armada. “A nossa independência – lemos – não se encontra nas maquinações diplomáticas, nas graças das cabeças coroadas, mas na autoconsciência, na generosidade, na perseverança e no esforço armado da nação polonesa”[179]. Em período posterior, essa hesitação, e até a simpatia pelo movimento independentista, seriam lembradas pelos adversários políticos de Warchałowski[180]. Tanto mais porque após a sua volta a Curitiba a postura do jornal sofreu uma diametral mudança. A partir de outubro de 1914, o *Polak w Brazylii* pronuncia-se claramente a favor da Rússia e dos Estados aliados. No entanto Kłobukowski, paradoxalmente, começou a receber cartas que deviam ter causado uma grande dor a esse grande patriota, que dedicou a sua vida às causas públicas.

> Admira-me muito – escrevia Józef Chalewicz – que o Prezado Senhor tenha tido a coragem de assim se comprometer aos olhos da nação polonesa, escrevendo no *Polak* em proveito da Rússia, e em relação às Legiões de forma negativa, e até mordaz i irônica [...]; eis que o Se-

178 K. Wojna. *Polak w Brazylii*, n. 33 de 14.8, p. 1.

179 Komitet Obrony Narodowej w Kurytybie. Rodacy. Ibidem, n. 40 de 8.9.1914, p. 3. Esse manifesto foi assinado por: Zygmunt Majewski, Jan Faucz, Pe. Jan Peters, Dr. Szymon Kossobudzki, Witold Wierzbowski; Ulandowski e Strzemieczny (Koło Młodzieży Polskiej), Adamik e Skorupski (Falcão), Porat e Superczyński (Sociedade Tadeusz Kościuszko), Brzeziński e Jaskulski (Sociedade União e Concórdia), Piekarski e Szyszko (União Operária Polonesa), Dr. Stanisław Kłobukowski e Mizerkowski (Sociedade da Escola Popular).

180 “Iniciou a pimeira confissão pública no Brasil o *Polak w Brazylii* no n. 16, no artigo *Lux in tenebris*. Contrito, confessa seus cinco pecados cometidos nos nn. 48, 45, 33, 26 e 27 do ano 1914, nos quais fundamentou por que devemos ser contra a Rússia, por que não podemos ter um comportamento neutro, por que temos que nos aliar com a Alemanha e a Áustria, a respeito das quais assim havia escrito o pecador *Polak w Brazylii*: ‘Quanto aos alemães, une-nos com eles na atual guerra o interesse da mesma forma que une os ingleses com os seus inimigos franceses e russos’”. RODZIEWICZ, W. Spowiedź powszechna. *Pobudka*, n. 7 de 2.3.1917, pp. 2-3.

> nhor Warchałowski não me espanta tanto quanto o Doutor, visto que o Senhor Warchałowski nasceu e foi educado na Rússia, então não há por que admirar-se muito que sinta simpatia apelos russos, mas o Senhor é polonês de carne e ossos, de uma eminente família polonesa, e além disso com instrução superior, para não compreender o que está fazendo e a que conduzem as promessas russas[181].

Por isso não é de admirar que Kłobukowski se afastasse cada vez mais da redação do jornal. Tinha influência nisso também a progressiva doença. Por isso ele tomou a decisão de deixar Curitiba e de fixar residência no interior. Numa carta de 25 de dezembro de 1915 pediu a Warchałowski que o seu nome fosse retirado da ficha editorial: "Em razão de que a partir de maio de 1915 não me dedicarei mais à redação do *Polak w Brazylii,* e em razão da minha partida de Curitiba e da pouca probabilidade de voltar de forma definitiva à capital do Paraná não considero adequado assinar este jornal como redator"[182].

Como havia anunciado, Kłobukowski não voltou a Curitiba. Em 1917 juntou-se a uma expedição, organizada pelo deputado Domingos Soares, que devia promover pequisas da topografia do rio Iguaçu no seu curso inferior, desde União da Vitória até a sua foz no rio Paraná. Essa expedição foi comandada por um outro polonês, Kazimierz Karman[183]. Durante essa expedição o antigo redator faleceu no dia 21 de setembro de 1917 na localidade de Palmas e ali foi sepultado num cemitério do interior. Infelizmente, naquele tempo poucas pessoas na Polônia se lembraram da morte de uma pessoa que tanto havia feito pelos emigrantes poloneses na América do Sul. No entanto – como informou o *Polak w Brazylii* – nos últimos anos de sua vida Kłobukowski „continuamente sonhou com a volta à pátria e até, sem se dar conta da sua avançada idade, continuamente expressava o propósito de lutar, na primeira oportunidade, nas fileiras do Exército Polonês"[184].

181 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 41, List J. Chalewicza do S. Kłobukowskiego (sem data), f. 36.

182 AAN, Akta J. I K. Warchałowskich, n. 41, list S. Kłobukowskiego do wydawcy „Polaka w Brazylii" z 25 XII 1915, f. 9.

183 OSTOJA-ROGUSKI, B. Um século de colonização polonesa no Paraná. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*, t. XXVIII, Curitiba, 1976, p. 124; WOJNAR, J. Udział Polaków w podróżnictwie brazylijskim. In: *Polacy w Rio de Janeiro. Zbiór materiałów historyczno-informacyjnych z okazji Powszechnej Wystawy Krajowej w r. 1929 w Poznaniu*, Rio de Janeiro, 1929, p. 55.

184 Stanisław Kłobukowski. *Polak w Brazylii*, n. 75 de 25.9.1917, p. 1.

Durante a guerra mudou também o ciclo editorial do *Polak w Brazylii*. Inicialmente, como sabemos, o jornal era publicado como semanário com o subtítulo "Jornal semanal para todos". Após a eclosão da guerra o jornal começou a ser publicado duas vezes por semana, do n. 3 de 9 de janeiro de 1915 ao número 32 de 9.5.1919, e a seguir, desde o n. 32 de 9.5.1919, novamente como semanário. Com a eclosão das atividades bélicas, deixou de ser publicada a „Seção literária". O *Polak w Brazylii* tornou-se um jornal direcionado à informação e à política. Diminuiu também pela metade o seu volume – raramente ultrapassando as 4 colunas. Quando diminuíram as emoções relacionadas com a eclosão da guerra, o *Polak e Brazylii* voltou a publicar textos literários, mas a "Seção litrária" não foi reativada. A beletrística era publicada nas páginas editoriais. No período em análise o jornal publicou romances históricos populares, como *Os conjurados*[185] de Alexandre Dumas, *O homem do riso*[186] de Victor Hugo, *Anônima*[187] de Bogdan Bolesławita (Józefa I. Kraszewski), *Os mistérios de Nalewki* de Henryk Nagiel (do ciclo "Dramas sangrentos")[188]. Parece, no entanto, que os romances publicados a partir de 1915 não tinham por objetivo a difusão da literatura, mas serviam – mais ainda que no período precedente – para completar as colunas do jornal quando faltavam valiosos textos próprios.

Depois de Kłobukowski as funções de redator do *Polak w Brazylii* foram assumidas por Julian Malinowski. Ele exerceu essas funções até o final de 1917 (do número 1 de 5 de janeiro de 1916 ao número 101 de 28 de dezembro de 1917). Para o afastamento de Malinowski não é necessário desta vez buscar nenhum pretexto, visto que foi provocado pela sua viagem – em março de 1918 – à frente do terceiro grupo de voluntários poloneses para o Exército Polonês em formação na França. Desde o número 1 de 1918 até o fim da sua existência o jornal foi publicado sem fornecer o nome do seu redator ou editor. A redação do jornal – com exceção dos cinco anos em que encontrou abrigo na sede da Sociedade da Escola Popular[189] – localizava-se a Praça Tiradentes (primeiramente no n. 31, depois também nos números 15 e 5); o último endereço do jornal foi Praça Tiradentes, 52.

185 Do n. 59 de 28.7.1915 ao n. 50 de 28.6.1916.

186 Do n. 46 de 18.6.1918 ao n. 19 de 5.5.1920.

187 Do n. 65 de 10.8.1918 ao n. 54 de 18.7.1917.

188 Do n. 61 z 7.8.1917 ao n. 45 de 14.6.1918.

189 Na ficha redacional – do final de 1912 ao n. 36 de 8.5.1917 – era também fornecido o endereço: Travessa da Ordem (antiga Assungui) n. 44.

2.2. Sociedade da Escola Popular

O sistema escolar polônico no Brasil no início do século XX se encontrava em estado lamentável, o que é enfatizado por quase todos que entraram em contato com a realidade daquela época. Bielecki, numa correspondência ao *Gazeta Polska* (Jornal Polonês), escrevia que se tratava do mais frágil elemento da presença polonesa no Brasil[190] e alarmava: „No momento da minha estada no Paraná as escolas polonesas particulares, já consideradas como permanentes, são 10, e 3 são do governo, nas quais no total estudam cerca de 450 crianças de ambos os sexos"[191]. Warchałowski, por sua vez, informava – baseando-se em estatísticas imigratórias brasileiras – que em alguns anos entre os imigrantes que vinham ao Brasil 84% eram analfabetos[192]. Reconhecia ao mesmo tempo que os camponeses poloneses somente no outro hemisfério começavam a sentir-se como poloneses. Quando vinham, sabiam somente que eram católicos, e a respeito da sua nacinalidade não faziam muita ideia. Por isso, na opinião de Warchałowski, a questão mais importante era a organização de um sistema escolar, visto que somente ele seria capaz de transformar essa massa informe em poloneses[193].

Selo da Sociedade das Escolas Polonesas no Brasil

Infelizmente, o alto nível de analfabetismo manteve-se também nas décadas seguintes. Chamavam a atenção a isso os líderes e os correspondentes que no período de entreguerras visitaram as colônias polonesas no Brasil[194]. Esse estado era provocado por vários motivos. Em parte, isso resultava das normas legais brasileiras, segundo as quais qualquer cidadão do país podia fundar uma escola e dar aulas.

> Em consequência disso (com pouquíssimas exceções) – escrevia Buyno – dão aulas e dirigem escolas pessoas que não têm noção de pedagogia, e muitas vezes mal sabem ler e escrever. A profissão de professor

190 BIELECKI, L. Listy z Brazylii. *Gazeta Polska*, n. 125 de 18/31.5.1900, p. 1.

191 Idem. Listy z Brazylii. *Gazeta Polska*, n. 126 de 19.5/1.6.1900, p. 1.

192 AAN, Akta Janiny i Kazimierza Warchałowskich, n. 157, Opłata Davida Colonial, f. 34; Wobec zapowiadanej emigracji brazylijskiej. *Tygodnik Ilustrowany*, n. 11 de 14.3.1908, p. 217.

193 Parana. Zdobycze pługa polskiego w Brazylii (wywiad z K. Warchałowskim). *Świat*, n. 29 de 21.7.1906, pp. 4-7.

194 MIGASIŃSKI, E. L. *Polacy w Paranie współczesnej*, Księgarnia „Kroniki Rodzinnej", Warszawa, 1923; OSTROWSKI, J. *Ziemia Świętego Krzyża (Brazylia)*, Gebethner i Wolf, Warszawa, 1929; UNIŁOWSKI, Z. *Żyto w dżungli. Pamiętnik morski. Reportaże*, wybór i posł. B. Faron, Wydawnictwo Literackie, Kraków, 1981.

> constitui aqui geralmente a última tábua de salvação: são professores pessoas sem vocação, sem preparação profissional, sem qualificações especiais[195].

Por isso Warchałowski, após a sua vinda ao Brasil, tomou providências para mudar essa situação. Mas, infelizmente, a colaboração com o Bielecki no campo da educação não produziu resultados. Em 1902 Bielecki instituiu, tendo como modelo a Matriz Polonesa da Silésia de Cieszyn, a Sociedade da Escola Polonesa no Brasil (que em 1905 trocou o seu nome para Matriz Escolar Polonesa no Brasil). No entanto é preciso reconhecer que as suas iniciativas tinham pouco em comum com o sistema escolar; eram antes um empreendimento comercial que visava o proveito pessoal. Ele desenvolveu coletas na Europa e na América do Norte, mas os rendimentos delas não eram revertidos para fins escolares. Esse procedimento foi revelado – a respeito do que escrevemos anteriormente – por Jan Hempel. Em represália Bielecki atacou o *Polak w Brazylii* e Warchałowski pessoalmente, o que equivalia ao rompimento de qualquer cooperação no campo cultural[196].

Uma outra instituição que alimentava grandes ambições na área da educação junto à comunidade polonesa eram os padres, tanto os seculares como os religiosos. Da congregação dos verbitas, manifestaram interesses nesse sentido pricipalmente Dworaczek e Trzebiatowski. Ambos abriram escolas paroquiais: Dworaczek em Murici em 1900, e Trzebiatowski em Curitiba cinco anos depois. Essas escolas serviram de modelo para toda a rede de escolas nas quais lecionavam as irmãs da Congregação da Sagrada Família, trazidas em 1906 de Lvov. Dedicaram-se à abertura de escolas também os padres da Congregação de S. Vicente de Paulo (CM), vindos em 1903 ao Brasil. Nas paróquias em que trabalhavam eles abriam escolas elementares para as crianças polonesas. Dedicaram-se à atividade cultural também as Filhas da Caridade – vindas em 1904 da província de Chełm. Em 1904 elas assumiram uma escola em Abranches; em 1907 – em Prudentópolis, em 1908 – em São Mateus; em 1911 – em Tomás Coelho; em 1912 – em Rio Claro[197].

195 BUYNO, A. Wiedza to potęga. *Polak w Brazylii*, n. 41 de 9.10.1908, p. 1.

196 O prawdę. *Polak w Brazylii*, n. 33 de 19.8.1905, p. 1; Sprawiedliwie. Ibidem, n. 43 de 28.10.1905, p. 3; Taktyka Bieleckiego. Ibidem, n. 46 de 1811.1905, p. 5.

197 GÓRAL, J. J. Srebrny Jubileusz działalności polskich Sióstr Miłosierdzia w południowej Brazylii. *Lud*, Curitiba, 1929.

A Sociedade da Escola Popular, registrada no dia 11 de março de 1905[198], desenvolvia uma atividade direcionada principalmente às escolas religiosas[199]. A questão da instrução tinha para Warchałowski – como já mencionamos – um significado fundamental: significava o progresso e o avanço social e cultural. "Aquele de nós a quem é cara a nacionalidade, aquele de nós que sente orgulho de ser polonês deve declarar a guerra ao obscurantismo e ao atraso e difundir em sua volta o progresso, a instrução e a cultura"[200]. Além disso, ele apresentava a instrução como equivalente a um direito fundamental do ser humano – a liberdade: "A pessoa inculta, que não sabe ler e escrever, não pode ser livre, visto que não somente não terá condições de almejar a liberdade, mas nem será capaz de compreender a liberdade conquistada pelos outros e não poderá dela usufruir"[201]. Daí o apelo pela fundação de escolas, bibliotecas, salas de leitura. Warchałowski pessoalmente (conjuntamente com Neyman) instituiu uma escola matinal gratuita em sua serraria[202].

Um autor de nome desconhecido, provavelmente Radosław Neyman, atacava as bases ideológicas das escolas dirigidas pelos religiosos. Indagava a respeito do sentido do ensino religioso, visto que ele não reconhecia as conquistas fundamentais da ciência leiga:

> De que forma um professor religioso esclarecerá a teoria da rotação da terra, se a Igreja oficialmente reconheceu que não é a terra que gira em volta do sol, mas é o sol que gira em volta da terra? Como vai explicar a formação da nossa terra? Naturalmente, vai contar a velha fábula sobre os seis dias da criação, o cansaço de Deus e o sétimo dia do descanso, apesar das irrefutáveis afirmações da ciência de que o desenvolvimento na terra durou centenas de milhares de anos[203].

---

198 GŁUCHOWSKI, K. (*Materiały...*, p. 160), e com ele GRONIOWSKI (*Polska emigracja…*, p. 196) informam que a Sociedade da Escola Popular surgiu em 1904, o que não corresponde à verdade.

199 *Ustawa Towarzystwa Szkoły Ludowej w Brazylii. Zarejestrowanego w Kurytybie dnia 11 marca 1905 roku,* Curitiba, 1905.

200 Nasza broń. *Polak w Brazylii*, n. 46 de 15.11.1907, p. 1.

201 Wolność. Ibidem, n.20 de 15.5.1908, p. 1.

202 WŁODEK, L. Polskie kolonie rolnicze w Paranie. *Ekonomista*, n. 1, 1909, p. 31.

203 N-n. Nauka i kościół. *Polak w Brazylii*, n. 52 de 24.12.1908, p. 1.

A Igeja católica e o ensino religioso eram – na opinião das pessoas concentradas em volta de Warchałowski – o símbolo do atraso e da ignorância. Por isso se tornaram o alvo dos implacáveis ataques nas páginas do *Polak w Brazylii*. Os autores pronunciavam-se principalmente contra os verbitas, embora também não fossem poupados os religiosos da congregação de São Vicente de Paulo. "Será que os padres vicentinos apoiam a instrução?" – perguntava no título do artigo o "Pai" (provavelmente Radosław Neyman). A resposta, infelizmente, era negativa. Esses missionários se preocupavam unicamente com o ensino das verdades da fé e em manter as pessoas na obediência diante das imposições da Igreja. O autor citava a respeito o exemplo de Rio Claro: enquanto por um ano não houve ali um padre, a instrução floresceu, e funcionaram cinco escolas, nas quais estudavam de 230 a 270 crianças. Quando apareceu o padre vicentino, as escolas decaíram. "Ou seja, quando os vicentinos começaram a apoiar as escolas, no total estudam nelas 125 a 150 crianças, ou seja, 120 crianças a menos" – concluía o autor[204].

O jornal enfatizava que os mais pobres países da Europa eram aqueles que foram submissos e generosos diante da Igreja. Como exemplo, era citada a Espanha. Aqueles países, no entanto, que não eram submissos e que afastaram das suas fronteiras os religiosos estavam numa situação melhor, tanto em relação à abastança como em relação à instrução. Aqui era apresentado como modelo a França. Além disso, citava-se a figura do Pe. Stanisław Staszic, que não legou o seu patrimônio à Igreja, mas em partes iguais à Sociedade dos Amigos das Ciências e à Sociedade Agrícola em Hrubieszów. Nesse exemplo havia o estímulo a que – em vez de oferecerem donativos à Igreja – as pessoas apoiassem a instrução e as iniciativas sociais[205].

O *Polak w Brazylii* apresentava a acusação de que as pessoas que preconizavam o despertar político e intelectual no Brasil eram acusadas pela Igreja de maçonaria, heresia, socialismo. Quando os religiosos perceberam que isso não produzia resultado, que eles não podiam refrear a

---

204 [Ojciec]. Czy misjonarze popierają oświatę? *Polak w Brazylii*, n. 23 de 4.6.1909, p. 2. "Os padres só cuidam do seu conforto – escrevia Wacław Cholewa. – Já se passaram cinco anos desde a fundação do povoado de Ivaí, e de uma escola polonesa, nem sinal... Já os padres do rito oriental [sic], embora também eles estejam numa posição baixa, e naturalmene sejam muito clericais, há aqui vários deles". CHOLEWA, W. Uczniowie Chrystusowi czy faryzeusze? *Polak w Brazylii*, n. 41 de 10.4.1913, p. 1.

205 Na duszne zbawienie. Ibidem, n. 31 de 31.7. 1908, p. 1.

instrução, começaram a importar as irmãs religiosas, que no entanto não eram nada mais do que apenas "auxiliares dos padres na tarefa de preservar o povo na submissão e na obediência"[206].

Wacław Koziorowski, de Ponta Grossa, apreciava o trabalho das religiosas, que cumpriam muitos papéis úteis (serviço hospitalar, direção de creches etc.), mas despertava as suas restrições sobretudo a inadequada preparação delas para a profissão de professoras. Essa observação dizia respeito também aos padres, porquanto se tratava de pessoas profissionalmente despreparadas, alienadas da sociedade, desconhecedoras dos seus problemas. As escolas religiosas – argumentava-se – não estavam preocupadas em formar bons cidadãos, conscientes dos seus direitos, mas em não permitir que o povo se livre das influências da Igreja[207]. Além disso, essas escolas – como se afirmava – não estavam sujeitas a qualquer controle, o que resultava num baixo nível de ensino. Para a confirmação da sua tese, Koziorowski citava o seguinte exemplo:

> Recebi em minha escola uma aluna de 13 anos que antes havia frequentado por dez meses uma escola das irmãs. Durante 10 meses, até a aluna mais indolente e incapaz pode aprender ao menos a ler e escrever mais ou menos. No entanto a aluna de quem falo não sabia uma letra sequer Espantado e indignado, perguntei-lhe o que ela havia aprendido com as religiosas. – Eu aprendi a cantar! – foi a resposta dela![208]

O *Polak w Brazylii* tratava de forma crítica também as escolas leigas, das quais em 1908 havia no Paraná 41 e que eram frequentadas por 1.973 crianças[209]. O mesmo Koziorowski apontava os mais importantes defeitos dessas escolas: em vez de serem neutras, elas eram uma arena de luta política; elas eram muito poucas, e os alunos as frequentavam de forma irregular. Ele culpava por isso os pais, que a qualquer pretexto não enviavam os filhos à escola. Os pais, não tendo confiança nos professores, muitas vezes os limitavam no seu trabalho com diversas exigências, geralmente injustificadas. "O fato é – reconhecia o autor – que uma parte dos professores não possui as qualificações básicas para a profissão, mas nisso as culpadas

206 Dlaczego księża sprowadzają zakonnice. Ibidem, n. 43 de 25.10.1907, p. 1.
207 Księża, zakonnice i szkoły. Ibidem, n. 31 de 31.7.1908, pp. 1-2.
208 Szkoła zakonna. Ibidem, n. 29 de 17.7.1908, p. 2.
209 WŁODEK, L. *Polskie kolonie rolnicze...*, op. cit., pp. 32-33; GŁUCHOWSKI, K. *Materiały...*, op. cit. pp. 162-163.

são as sociedades que empregam tais professores"[210]. Jeziorowski, por sua vez, chamava a atenção para os baixos salários dos professores, o que era uma das causas do lamentável estado da instrução nas colônias. Postulava que se aproveitasse o fato de que após a revolução de 1905 no Reino da Polônia, tinham vindo ao Brasil muitas pessoas de valor, que "poderiam ser ótimos professores"[211]. Para o aspecto financeiro das escolas no Brasil meridional chamava a atenção Hipolit Skawiński, de Barra Feia: „O nosso colono, ainda com pouquíssimas exceções, não percebe a necessidade da escola para os seus filhos e considera o dinheiro gasto com ela como uma despesa inútil, e por isso, de todas as formas de que é capaz, esquiva-se do pagamento. Não exijamos do colono o pagamento pela escola, e as nossas escolas estarão repletas de crianças!"[212].

Muitos textos indagavam a respeito do sistema de instrução, dos modelos em que ela devia basear-se. O *Polak w Brazylii* chamava a atenção para a ideia das universidades populares, proveniente da Dinamarca, que granjeava uma popularidade cada vez maior no mundo. No Paraná, propunha Jeziorowski, era preciso ligar duas questões – o livro e a universidade popular:

> A casa popular, como mencionei, fornece aos seus participantes os livros, porque tem uma biblioteca, uma sala de leitura na qual se encontram diversos livros e jornais, mapas e quadros. Na casa popular são organizadas palestras, de maneira que com isso ela lembra a universidade popular, faz apresentações teatrais; há também ali diversos jogos e brincadeiras que fornecem uma diversão cultural e nobre, e afastam da bebida, da vadiagem, das confusões e das brigas

Informando que estavam em curso os preparativos para o surgimento da primeira casa popular em Araucária, o autor convocava ao mesmo tempo à sua difusão em todo o Brasil meridional. A condição que devia ser cumprida na sua fundação era somente uma – „ela deve ser propriedade dos colonos e de ninguém mais, e essa propriedade deve ser assegurada por uma cláusula especial registrada[213]. No final a Casa Popular em

---

210 KOZIOROWSKI, [W.]. Szkoła. *Polak w Brazylii*, n. 27 de 3.7.1908, p. 1.

211 JEZIOROWSKI, K. Nasze szkoły. Ibidem, n. 30 de 24.7.1908, p. 2.

212 SKAWIŃSKI, H. W sprawie zjazdu nauczycielskiego. Ibidem, n. 46 de 13.11.1908, p. 2.

213 Jak się szerzy wiedza i kultura. Ibidem, n. 41 de 9.10.1908, p. 1.

Araucária, por razões financeiras, só foi aberta no outono europeu de 1918. Formalmente o seu patrocínio foi assumido por pessoas da esquerda (pertencentes à União dos Democratas Poloneses da América do Sul), ligadas com Kossobudzki[214]. "Venha! Veja! Não seja você, polonês, um hóspede na 'Casa' polonesa, mas o seu dono – apelava-se nas páginas do esquerdista *Świt* (Aurora). – Que esta 'Casa' não seja a Casa 'deles', mas também a sua. Contribua com algum trabalho, com algum esforço, e ao mesmo tempo esta 'Casa' lhe será mais próxima"[215].

O principal objetivo da Sociedade da Escola Popular, como afirmamos acima, era a fundação de escolas polonesas, independentes da Igreja. Com o objetivo de obter recursos para a sua organização, eram organizados muitos eventos, tais como festas, sorteios etc.[216] A primeira escola da Sociedade surgiu em Curitiba. Lecionou nela o professor profissional Jan Wąsowicz, trazido da Polônia, e por algum tempo também Jan Hempel, o qual, após se afastar do *Polak w Brazylii*, assumiu a tarefa de professor em Rio Claro, habitada por emigrantes polono-ucranianos. "Tendo assumido a escola, logo joguei fora dela todas as santidades e anunciei que não haveria nela catecismo nem oração, visto que 'a escola existe para instruir as crianças, não para as tornar ignorantes', o que não provocou nenhuma indignação"[217]. O pároco local era naquele tempo o Pe. Ludwik Przytarski, conhecido pelo seu relacionamento hostil em relação às escolas leigas. Para o escândalo dos colonos, ele também travava disputas com um outro padre, um certo Stankiewicz. Hempel – fiel aos seus princípios – rapidamente organizou a população local contra o padre. Ocorreu toda uma série de excessos, que finalmente terminaram com o afastamento dos religiosos da paróquia[218].

A Sociedade da Escola Popular, cuja diretoria era escolhida para um mandato de um ano, nunca foi uma organização massiva. No final de 1905 contava somente 23 pessoas, que um ano depois já eram 136. Mas, se observarmos mais de perto os nomes dos seus componentes, verificaremos que uma grande parte dos sócios não podia estar envolvida nos trabalhos

---

214 JEZIOROWSKI, K. Dom Ludowy w Araukarii (Sprawozdanie za rok 1918). Ibidem, n. 8 de 31.1.1919, p. 3.

215 J. C. Dom Ludowy w Araukarii. *Świt*, n. 38 de 16.9.1920, p. 2.

216 Popis w szkole T-wa Szkoły Ludowej. *Polak w Brazylii*, n. 23 de 10.6.1905, p. 5.

217 HEMPEL, J. Wolna myśl w Paranie. *Myśl Niepodległa*, n. 71 (VIII) de1908, pp. 1088-1089.

218 KONART, T. Korespondencja, Rio Claro, dn. 11 XI 1907. *Polak w Brazylii*, n. 47 de 22.11.1907, p. 3; Rio Klaro. *Polak w Brazylii*, n. 3 de 17.1.1908, p. 3.

A colônia Rio Claro o período de entreguerras

da Sociedade, porquanto se encontram entre eles, por exemplo, membros da família de Warchałowski residentes na Ucrânia e outras pessoas que naquele tempo se encontravam em terras polonesas[219]. Na realidade, envolveram-se nas tarefas da Sociedade não mais que 30-50 pessoas[220]. Esse pequeno círculo de membros ativos provocou certamente Hempel, que numa carta de 17 de outubro de 1907 a Kłobukowski escrevia que a Sociedade da Escola Popular "leva a vida doentia de uma planta de estufa, alimentada com produtos químicos"[221]. Em 1912 pertenciam formalmente à Sociedade 121 pessoas[222].

219 Towarzystwo Szkoły Ludowej w Br[azylii]. Ibidem, nn. 3 e 4 de 18 e 25.1.1907, p. 4.

220 Essas pessoas geralmente assumiam diversas funções na Sociedade da Escola Popular. Em 1907, a diretoria da Sociedade se apresentava da seguinte forma: Kazimierz Warchałowski – presidente, Józef Holubek – vice-presidente, Jan Mańkowski – segundo vice-presidente, Jan Hempel – secretário, membros: Władysław Szczepański, Ludwik Szczerbowski, Piotr Troczyński; comissão fiscal: Antoni Czerwiński, Stanisław Majewski e Józef Warchałowski. Ibidem, n. 3 de 18.1.1907, p. 4. E em 1908: presidente – Kazimierz Warchałowski, vice-presidente – Władysław Walewski, segundo vice-presidente – Józef Dynarowski, tesoureiro – Stanisław Ciepliński, primeiro secretário – Julian Malinowski, segundo secretário – Zofia Radwańska, comissão fiscal – Antoni Czerwiński, Józef Słończewski, Franciszek Grabski. Membros da diretoria: Ludwik Szczerbowski, Janina Warchałowska. Ibidem, n. 4 de 24.1.1908, p. 3.

221 List z Parany. *Polski Przegląd Emigracyjny*, n. 4 de 25.11.1907, p. 11.

222 Sprawozdanie z działalności T-wa Szkoły Ludowej w Brazylii za 1912 rok. Ibidem, n. 14 de 4.4.1913, p. 2.

Do relatório de 1907 resulta que a Sociedade possuía naquele tempo cinco escolas: em Curitiba, em Santa Bárbara (município de Palmeira), em Campina das Pedras (município de Araucária), Água Branca (São Mateus do Sul) e Ijuí (Rio Grande do Sul). "Na colônia Santa Bárbara – lemos – a escola foi cercada, foram adquiridos diversos utensílios e foi ampliada a biblioteca, e em Ijuí foi adquirido um terreno no qual se encontra o segundo prédio em alvenaria da escola, que já se acha em fase de acabamento"[223]. No total, em todas as escolas da Sociedade da Escola Popular estudavam 192 crianças[224].

Selo da Sociedade das Escolas Polonesas, emitido por ocasião do centenário do nascimento de J. Słowacki

O maior problema das escolas da Sociedade da Escola Popular no Brasil era – como sempre – a falta de pedagogos profissionais. Por isso foram envidados esforços com o objetivo de trazer professores de terras polonesas. Um deles foi Stefan Benradt. Após a vinda ao Brasil, ele assumiu o trabalho na escola em Curitiba, onde substituiu Józef Słończewski[225]. O professor em Campina das Pedras – onde em 1908 estudavam 93 crianças – foi Piotr Nowacki, e a seguir o socialista Konrad Jeziorowski[226]. "A Escola da Sociedade das Escolas Polonesas no Brasil em Campina é o primeiro autêntico posto escolar que vejo no Paraná" – escrevia Włodek[227]. Vinham para ali dar palestras diversos conferencistas. Por exemplo, no dia 15 de agosto de 1909 uma palestra sobre o poeta Słowacki foi apresentada por Jadwiga Jahołkowska[228]. O professor delegado pela Sociedade e o presidente do Círculo Agrícola em Ijuí foi Adam Zgraya, autor da *Pequena história do Brasil*, o primeiro volume desse tipo, publicado em 1909[229]. Em Santa Bárbara trabalhou Albin Wątroba, que também colaborou com o *Polak w Brazylii*.

Em um dos seus textos ao jornal Wątroba queixava-se da indiferença dos colonos diante das questões culturais. Dizia que quando anunciou um sorteio e um baile cujos lucros deviam ser destinados à conclusão do prédio da escola, a repercussão foi pequena. "A metade dos presentes – queixava-se Wątroba – eram italianos, brasileiros e alemães, que na colônia

223 Ibidem, n. 2 de 10.11908, p. 3.
224 Ibidem, nr 17 de 23.4.1909, p. 2.
225 Choroba profesora. Ibidem, n. 46 de 15.11.1907, p. 3.
226 T-wo Szkoły Ludowej. Ibidem, n. 13 de 27.3.1908, p. 2.
227 WŁODEK, L. Z wycieczki do Parany. *Ziemia*, n. 17 de 23.4.1910, p. 264.
228 *Polak w Brazylii*, n. 35 de 27.8.1909, p. 3. Cf. também: Iskra (ps. de J. Jahołkowska); Juliusz Słowacki. Ibidem, n. 31 de 30.7.1909, p. 1; idem, Słowacki i Puzyna, n. 33 de 13.8.1909, pp. 1-2.
229 Adam Zgraya organizou em Ijuí a sociedade editorial „Colono", que publicava almanaques e livros na série „Biblioteca do Colono". Cf. anúncios no *Polak w Brazylii*, p. ex. n. 26 de 26.6.1908, p. 4.

constituem no conjunto apenas 13 famílias, enquanto que as polonesas são cerca de cem! Isso significa que o nosso colono hesita em destinar alguns réis para o seu próprio bem, enquanto que o alemão ou o italiano, só pela diversão num baile polonês, gasta alguns mil-réis”[230].

A causa desse estado de coisas era também a posição desfavorável da Igreja católica, bem como a postura dos próprios colonos, que „se preocupavam menos com a instrução que a Igreja”. Como era poderosa naquele tempo a influência do clero sobre a postura dos fiéis pode ser visto também no destino da escola em Santa Bárbara: „Os colonos eram tão fortemente incitados pelos padres contra ela que foi preciso fechá-la. O prédio escolar, de razoáveis proporções, juntamente com os utensílios escolares, permaneceu fechado. Vieram para morar ao seu lado as irmãs religiosas, que ensinavam aos jovens as orações e os cânticos piedosos. Cessaram as disputas pela escola. Surgiu o aprazível silêncio sepulcral”[231]. O renascimento da escola só ocorreu em 1913, quado a frequentavam 14 crianças (entre as quais 2 italianas e 2 alemãs), e o professor passou a ser Aleksander Kurowski[232].

A redação do *Szkolnictwo Polskie* (Escolas Polonesas) – num suplemento ao *Polak w Brazylii* – publicou a carta de um aluno da escola da Sociedade das Escolas Polonesas em Santa Bárbara, cujos trechos – em razão da sua forma singular – é citado na sua forma original:

> Nas primeiras palavras da minha carta, louvado seja Jesus Cristo. Eu saúdo o Senhor cordialmente e informo que estamos todos com saúde e estamos vivendo bem. Eu ainda não concluí a escola, porque temos muito trabalho na roça. Por isso vou à escola à noite, e durante o dia ajudo a meus pais no trabalho. A nossa escola em santa Bárbara vai indo cada vez melhor. No final de setembro vamos organizar a apresentação da derrota dos Cavaleiros Teutônicos em Grunwald e peço muito que o Senhor venha a essa comemoração. Agora informo ao Senhor o que acontece na nossa colônia. Até há pouco havia falta de chuva e as plantações sofreram muito com a seca. Agora graças a Deus a chuva já é suficiente e tudo se apresenta verde. Além disso a nossa vida vai passando como de costume no interior. Uns nascem,

230 Korespondencja. *Polak w Brazylii*, n. 25 de 19.6.1908, p. 3.
231 OKSZA, M. Zamknięcie dwóch kościołów w Paranie. Ibidem, n. 26 de 27.6.1913, p. 1.
232 Korespondencje. *Szkolnictwo Polskie*, n. 1 de 13.6.1913, p. 2.

> outros morrem, os sinos na igrejinha soam como sempre soaram, o vento sopra na roça como sempre tem soprado, e o lindo sol alumia com tanta alegria que até a grama sorri. Eu peço muito ao Senhor que tenha a bondade de me enviar algum livro para ler, do qual se possa ficar sabendo algo sobre a Polônia. Eu gosto muito de ler livros! E agora não tenho nada mais para escrever, apenas saudamos o Senhor todos juntos, meu pai, minha mãe, minhas irmãs e meus irmãos. Peço muito que me perdoe se algo estiver errado, porque esta é a primeira carta minha escrita pela minha própria cabeça. Peço muito que me responda. Respeitosamente, X.[233]

Do relatório da professora Helena G. Jełowiecka referente ao segundo semestre de 1912 ficamos sabendo que a escola em Campina compunha-se então de duas séries: a segunda série contava duas turmas. A biblioteca da escola contava 198 livros. De materiais didáticos a escola possuía alguns mapas de parede (do hemisfério oriental e ocidental, da Europa, da antiga Polônia, do Paraná) uma prancha dos reis poloneses, dois globos, quatro retratos de famosos poloneses, três ilustrações históricas, 36 ilustrações coloridas de história natural, 10 tabelas ortogáficas e um alfabeto móvel. Estavam matriculados 17 meninos e 7 meninas. No decorrer do segundo semestre desistiram de estudar 7 meninos e 6 meninas. Concluíram todo o curso de dois anos apenas 3 crianças (1 menina e 2 meninos). Por 18 meses frequentaram a escola 18 alunos (5 meninas e 13 meninos); por menos que cinco meses: 15 alunos (4 meninas e 11 meninos); por um mês ou menos participaram das aulas 6 alunos (4 meninas e 2 meninos). No total, participaram das aulas 42 crianças. O custo total do funcionamento da escola foi de 597 $ 500; a escola teve um déficit de 192 $ 000, que foi coberto pela administração da Sociedade da Escola Polonesa. Essa estatística fornece certa imagem da escola popular em Campina.

> Não se pode falar aqui de uma aprendizagem correta – escrevia a seguir Jełowiecka – bem como do sistemático cumprimento de algum programa escolar anual. Todo o esforço do professor deve estar concentrado em ensinar no tempo mais breve possível como ler, escrever e calcular. É também somente isso que exige o colono. E, se a capacidade adquirida com o decorrer do tempo pudesse conduzir ao desenvol-

233 X. Korespondencja ze św. Barbary. Ibidem, n. 7 de 12.9.1913, p. 32.

> vimento intelectual, pela utilização das bibliotecas aqui existentes, ou ao menos a estimular a assinatura e a leitura dos jornais, seria possível satisfazer-se mesmo com esses frágeis resultados. No entanto, não se observa absolutamente o interesse pela biblioteca que existe junto à escola, e a respeito da leitura de jornais confirmam a mesma coisa as redações dos nossos jornais. Conheço neste município duas escolas, a de Campina e a de Guajuvira. Esta se encontra sob a supervisão do Pe. Anusz. Comparando o resultado das influências dessas escolas sobre o ambiente, infelizmente deve ser concedida a palma da primazia à segunda. A nossa escola em Campina, além do frágil agrupamento de alguns individuos a nós favoráveis, de maneira geral não é benquista, e diante disso também não tem condições de exercer alguma influência. O todo-poderoso púlpito aqui entre nós governa tudo, e da autonomia do povo não se pode falar. Não quero aqui afirmar que contra a nossa escola exista alguma consciente propaganda; é suficiente que não exista essa propaganda a seu favor, e isso é suficiente para que o colono não envie os seus filhos à escola e não se utilize da biblioteca[234].

Selo da Sociedade das Escolas Polonesas, emitido por ocasião do quinto centenário da batalha de Grunwald

A questão da falta de qualificados professores poloneses no interior devia ser solucionada pela instituição do Liceu Polonês, planejado sob a égide da Sociedade das Escolas Polonesas, que se pretendia abrir em 1910, no sexto centenário da Batalha de Grunwald. Esse Liceu devia ter o caráter de uma escola pedagógica, que forneceria profissionais qualificados para as escolas polonesas no interior. Infelizmente, esse projeto não foi realizado[235]. A iniciativa foi retomada por Marechal Mallet, onde em 1911 foi aberta uma escola média de cinco anos sem línguas clássicas[236].

O insucesso com a organização do Liceu Polonês forçou as autoridades da Sociedade da Escola Popular a um novo programa de ação.

---

234 JEŁOWIECKA, H. G. Sprawozdanie szkoły TSL w Kampinie za drugie półrocze szkolnego 1912 roku. *Polak w Brazylii*, n. 18 de 2.5.1913, p. 2; cf. também: idem, Sprawozdanie Szkoły Polskiej Tow. Sz. Lud. w Kampinie, munic. Araucaria. *Szkolnictwo Polskie*, n. 3 de 11.7.1913, pp. 9-10.

235 SEKUŁA, M. *Rodzina Warchałowskich...*, op. cit. p. 178; GŁUCHOWSKI, K. *Materiały...*, op. cit., p. 185.

236 Sprawozdanie średniej szkoły polskiej im. M. Kopernika w Mar.[echal] Mallet. *Szkolnictwo Polskie*, n. 10 de 31.10.1913, pp. 45-47; HANAS, F. Program średniej szkoły polskiej im. M. Kopernika w M. Mallet. Ibidem, n. 12 de 28.11.1913, pp. 49-50. Cf. também: JEZIOROWSKI, K. *25-lecie Kolegium im. M. Kopernika w Marechal Mallet*, ed. Gazeta Polska, Curitiba, 1936.

A ativização das escolas da Sociedade devia decorrer de acordo com as resoluções tomadas numa assembleia polonesa que se realizou em Curitiba (9 e 10 de novembro de 1911). "De acordo com a nova resolução aprovada nessa assembleia – lemos no relatório da Sociedade referente a 1912 – empenhamos a nossa ação no sentido de criar um foco de cultura polonesa e união social, cujo resultado foi a criação da escola polonesa e dos cursos noturnos, da biblioteca, da sala de leitura e do círculo dramático em Curitiba"[237].

A maior dificuldade para esse ambicioso plano de ação assim esboçado era a base material. Um grande sucesso da Sociedade foi a aquisição de uma casa na Travessa da Ordem n. 44, onde foi organizada a sede da Sociedade da Escola Popular. Foi transferida para lá também a sede da redação do *Polak w Brazylii*[238]. Uma parte dos recursos para esse investimento proveio de um sorteio (2480 $ 000), da venda de um terreno em Bachacheri com a área de 6 hectares (1200 $ 000) e da venda de material de construção para uma residência (donativo de Warchałowski no valor de 400 $ 000). O valor coletado constituía apenas uma pequena parte da importância que devia ser paga, visto que a casa foi adquirida por 23.000 $ 000. A importância que faltava foi emprestada por Rafał Karman, uma das mais nobres e generosas pessoas dentro da colônia polonesa no Brasil[239].

237 Sprawozdanie z działalności T-wa Szkoły Ludowej w Brazylii za 1912 rok. *Polak w Brazylii*, n. 14 de 4.4.1913, p. 2.

238 A diretoria da Sociedade da Escola Popular no final de 1912 era a seguinte: Julian Malinowski – presidente; Zdzisław Marian Jełowiecki – substituto; Rafał Karman – tesoureiro; Witold Wierzbowski – secretário e, como membros, Jan Barański, Bolesław Mizerowski, Roman Skrupski, Michał Szańkowski e Józef Kietliński. Compunham o conselho fiscal: Szymon Kossobudzki, Konrad Jeziorowski, Józef Dynarowski, Kazimierz Warchałowski e Ignacy Walkowski. Ibidem.

239 „Decidimos vender o lote de terra e o material de construção através de licitação pública, o que foi reconhecido pela assembleia geral realizada no dia 1 de setembro [de 1912 – JM]. Mas, como até agora ninguém quis oferecer o valor estipulado, por proposta do vendedor da casa por nós adquirida do Sr. Rafał Karman, se até o dia 1 de maio do ano corrente ninguém oferecer mais do que a importância de 1200 $ 000, essa terra passará a ser propriedade, na importância estipulada de 1200 $ 000, do Sr. R. Karman, a título de pagamento pela casa comprada. Visto, porém, como dito acima, que adquirimos a casa por 23000 $ 000, e pagamos ou vamos pagar por enquanto o total de 2480 $ 000 + 1200 $ 000 + 400 $ 000 num total de 4080 $ 000, deixamos a importância restante como hipoteca pela casa, pagando juros sobre 15000 $ 000, de 9 por cento anuais, sobre 3920 $ 000, de 8 por cento anuais, o que dará no total, juntamente com o pagamento dos impostos, 1830 $ 000 anuais. Visto que estamos alugando na casa dois cômodos pela

NIWA
TYGODNIK POLSKI
Od wydawców.

GAZETA POLSKA
W BRAZYLJI

No mais espaçoso cômodo da nova sede da Sociedade da Escola Popular foi instalada a biblioteca. Entre os seus equipamentos encontravam-se: uma mesa grande, 3 mesas menores, duas dúzias de cadeiras, um relógio, cabides, seis mapas geográficos de parede, dois retratos (de Tadeusz Kościuszko e Adam Mickiewicz) e duas paisagens em belas molduras douradas"[240]. A sala de leitura, oficialmene aberta no dia 11 de maio de 1912, possuía no total 53 periódicos. Tratava-se de periódicos em polonês, português, inglês e alemão. Das publicações polonesas, na sala de leitura da Sociedade encontravam-se os seguintes títulos: Os diários *Słowo Polskie, Goniec, Gazeta Warszawska, Kurier Poznański, Dziennik Chicagowski*; os semanários *Polak, Niwa, Gazeta Polska, Ameryka Echo, Zgoda, Wielkopolanin, Sokół Polski, Przyjaciel Ludu, Tygodnik Polski, Prawda, Gazeta Katolicka, Zorza, Praca* (editado por Okołowicz), *Życie*; os mensários *Sfinks, Biblioteka Warszawska, Polski Przegląd Emigracyjny, Myśl Niepodległa, Wiedza i Postęp, Odrodzenie, Kultura Polska*; as revistas ilustradas *Praca, Tygodnik Ilustrowany, Nowości Ilustrowane*.

Os mais populares eram: *Goniec, Słowo Polskie, Diário, Ameryka Echo, Polak* e as revistas ilustradas. Muito lidos eram também *Dziennik Chicagowski, Sokół, Gazeta Katolicka* e *Przyjaciel Ludu*. Os leitores procuravam ainda o *Dziennik Ludowy* de Chicago, o *Młot* e o *Zaranie*.

A sala de leitura ficava aberta diariamente das 19 às 21 horas, e nos domingos e dias festivos das 15 às 17 horas. Os membros da Sociedade podiam utilizar-se dos seus recursos gratuitamente, e os usuários que não eram sócios pagavam 100 réis. Por todo o ano de 1912 esses pagamentos trouxeram à Sociedade um lucro na importância de 39 $ 500. Em 1912, isto é, a partir de 11 de maio, a sala de leitura recebeu 1 079 visitas. No total foram 118 pessoas, entre as quais 20 leitores permanentes; o restante eram pessoas que visitavam a cidade e um pequeno número de poloneses residentes em Curitiba[241].

---

soma total de 660 $ 000, nessa operação, em relação às despesas anteriores, estamos ganhando anualmente 629 $ 000, tendo além disso a nossa própria casa". Ibidem.

240 Sprawozdanie z czytelni TSL w Kurytybie za czas od 11 maja do końca grudnia 1912 roku. Ibidem, n. 16 de 18.4.1913, p. 2.

241 Ibidem.

A biblioteca da Sociedade da Escola Popular foi aberta no dia 26 de junho de 1912. A coleção de livros era constituída por livros doados por Warchałowski (557 obras em 756 volumes), Rafał Karman (213 obras em 278 volumes), Adam Smoliński (40 obras em 40 volumes), Witold Wierzbowski (16 obras em 17 volumes), Tadeusz Suchorski (3 obras em 33 volumes), Stanisław Słonina (1 obra em 3 volumes), pela redação do *Polak w Brazylii* (1 obra em 1 volume). No total a biblioteca possuía 831 obras em 1 128 volumes. A maioria dos livros eram romances (poloneses e estrangeiros), e era rica a seção profissional: filosófica, histórica e geográfica. Gozavam de especial popularidade os livros da série „Livros para todos", da editora de Michał Arct.

Os membros da Sociedade utilizavam-se da biblioteca por uma taxa de 500 réis anuais; os leitores não pertencentes à Sociedade pagavam 1 $ mensalmente. Além dessas taxas, cada usuário da biblioteca pagava uma caução no valor de 3 $. Em 1912 a biblioteca tinha 42 leitores permanentes, que emprestaram conjuntamente 860 obras. "A maioria dos leitores lê desordenadamente – lemos no relatório – exclusimente romances. Uma parte menor lê determinados autores, detendo-se em determinada época, e são apenas poucos os leitores que leem numa direção determinada[242]. Os livros mais frequentemente emprestados eram os de Gabriela Zapolska, Tomasz Teodor Jeż, Edgar Wallace, Adolf Nowaczyński, Kazimierz Przerwa-Tetmajer, Józef Ignacy Kraszewski, Józef Weyssenhoff, Jan Lemański, Teresa Prażmowska, Victor Hugo e Guy de Maupassant.

A Sociedade da Escola Popular mantinha também, desde 1 de junho de 1912, cursos noturnos. No horário das 17-21 horas havia aulas de língua portuguesa, história da Polônia, matemática e desenho. As aulas de língua portuguesa eram dadas, por quatro horas semanais, por João Pedroso, que cobrava 2 $ por hora. As outras matérias eram lecionadas gratuitamente, 1 hora por semana, por Bolesław Prysak, Witold Wierzbowski e Stanisław Słonina. O pagamento por todas as matérias era de 3 $ para os sócios, e de 4 $ mensais para as pessoas que não pertenciam à Sociedade. Gozavam da maior popularidade as aulas de língua portuguesa, que eram frequentadas por 5 mulheres e 22 homens; estudavam matemática 12 homens, e desenho – 13 homens.

Junto à Sociedade da Escola Popular fucionava também um círculo dramático, que montava espetáculos que gozavam de grande popularidade.

242 Ibidem.

Em Curitiba, na sede da Sociedade, esses espetáculos se realizavam mensalmente. Apesar das „mudanças no elenco [...], percebe-se uma melhoria no trabalho dos atores" – escrevia o *Polak w Brazylii*. Era apresentado um repertório muito leve, em geral breves comédias. Por exemplo, no dia 9 de agosto de 1913 a Sociedade convidava para a peça *Apesar de*, de Zygmunt Przybylski, bem como *Dois surdos*, de um autor francês (dois espetáculos numa só noite)[243], e no dia 11 de outubro para *Tintureiros*, de Adolf Walewski e *Rysio de Krynica*, farsas em um ato[244], no dia 8 de novembro o convite era para *Fatalista* de Tadeusz Jaroszyński e *Qui pro Quo* de Józef Korzeniowski[245], no dia 31 de dezembro foram apresentados o drama em um ato de Antonina Skolicz *Franek espião* e a comédia de Stanisław Dobrzański *Kajcio*, que antecediam o baile de Ano-Novo[246]. "Nada aproxima mais as pessoas socialmente sem compromissos – estimulava o *Polak w Brazylii* para a instituição de teatros amadores nas colônias – e nada lembra melhor o país natal e a própria sociedade do que os teatros amadores. Eles se tornam em toda a parte um fator de organização e de instrução"[247].

A melhor escola da Sociedade da Escola Popular era naquele tempo a escola de Curitiba. A partir de meados de 1912 localizava-se ela na sede da Sociedade. Possuía duas salas, que podiam acomodar até 50 alunos. O seu diretor inicialmente foi Stanisław Słonina, um dos mais eminentes professores poloneses no Brasil. Infelizmente, um conflito com a Sociedade – descrito no *Polak w Brazylii*[248] – obrigou Słonina a renunciar. Ele fundou a particular *Escola Polonesa*, que dirigiu com sucesso pelos anos seguintes. E o lugar de Słonina na escola da Sociedade foi ocupado pelo recém-chegado da Polônia Leopold Borecki[249]. No final de 1913 juntou-

243 Ibidem, n. 30 de 25.7.1913, p. 3.

244 Ibidem, n. 41 de 10.10.1913, p. 3.

245 Ibidem, n. 43 de 24.10.1913, p. 3.

246 Ibidem, n. 50 de 12.12.1913.

247 Teatry amatorskie. Ibidem, n. 3 de 16.1.1914, p. 1.

248 W ważnej sprawie. Ibidem, n. 26 de 27.6.1913, p. 2.

249 Szkoła Towarzystwa Szkoły Ludowej. Ibidem, n. 3 de 16.1.1914, p. 3. "O pagamento pelo ensino na escola – lemos no comunicado – é de 3 mil-réis mensais por criança, 5 $ por duas crianças e 6 $ por 3 crianças. Os filhos de pais pobres podem ser dispensados do pagamento inteiramente. Igualmente, desde o dia 15 de janeiro foi aberta uma escola noturna no mesmo local para crianças que trabalham em oficinas e fábricas e que não podem fazer uso do ensino diurno. As aulas na escola noturna duram das 7 às 8 horas da noite. O pagamento na escola noturna, com o ensino da língua portuguesa, é de 5 mil-réis mensais, e de 3 mil-réis sem a língua portuguesa".

Szkoła Polska T. S. L. w Kurytybie

L. katal. główn. 6

L. metr. szkolnej 1-912

Klasa trzecia

Świadectwo szkolne

Stanisław Warchałowski

urodzony dnia 21 grudnia 1903 w Warszawie uczęszczał do tutejszej szkoły od 1-ego lutego do 14 grudnia 1912 zachowywał się pod względem obyczajów chwalebnie, przykładał się do nauk z pilnością wytrwałą i poczynił w tym czasie następujące postępy:

Przedmiot	Postęp	Podpis nauczyciela
W arytmetyce	bardzo dobry	
„ czytaniu	bardzo dobry	
„ kaligrafii	dobry	
„ języku polskim	bardzo dobry	
„ języku portugalskim	dobry	João José Pedrosa
„ historyi polskiej	bardzo dobry	
„ geografii	bardzo dobry	
„ rysunkach	bardzo dobry	
„ gimnastyce	bardzo dobry	
Przedmioty nadobowiązkowe: W śpiewie	/	/
„ kob. rob. ręcznych	/	/

Forma zewnętrzna opracowań piśmiennych dobra

Liczba opuszczonych godzin szkolnych — 52 —

W Kurytybie dnia 14 grudnia 1912 roku.

Kierownik szkoły

Gospodarz klasy

SKALA OCENY:

PILNOŚĆ:	OBYCZAJE:	POSTĘPY:	Porządek opracowań piśmiennych:
1. wytrwała	1. chwalebne	1. bardzo dobry	1. wzorowy
2. dobra	2. dobre	2. dobry	2. dobry
3. dostateczna	3. dość dobre	3. dostateczny	3. niejednostajny
4. mała	4. naganne	4. niedostateczny	4. naganny

se à Sociedade da Escola Popular o Círculo Instrução, de Imbuial (perto de Rio Negro)[250], e no início de 1914 o círculo escolar de Irati[251]. Com isso a Sociedade da Escola Popular passou a possuir 7 escolas (com Curitiba, Ijuí, Campina, Santa Bárbara, Três Barras)[252]. (foto p. 63)

Após Kłobukowski ter assumido a redação do *Polak w Brazylii*, surgiu o mencionado suplemento *Szkolnictwo polskie* (Escolas polonesas), que era – como anunciava a legenda sobre a vinheta principal – uma seção da Sociedade da Escola Popular. Esse suplemento era publicado a cada duas semanas; no total foram publicados 26 números (sendo 13 em 1913[253] e 13 em 1914[254]). Essa publicação possuía a sua própria numeração e distinguia-se do jornal principal pelo formato e pela disposição gráfica (4 páginas no formato 26 x 34 cm).

Nesse suplemento, endereçado às diretorias das sociedades escolares, aos professores, aos pais e àqueles que por conta própria instruíam seus filhos, eram abordadas as mais significativas questões relacionadas com a instrução e a educação dos jovens. "As escolas polonesas no Brasil – lemos num manifesto – apresentam atualmente um estado de criativo caos. Apressar o seu desenvolvimento, interessar o conjunto da população polonesa pelas questões escolares e pela educação da jovem geração, conferir às escolas um direcionamento nacional uniforme e criar para elas um foco comum, concentrar as forças pedagógicas e elevar a sua aptidão

250 *Koło TSL „Oświata" w Imbui*, „Szkolnictwo Polskie", nr 12 z 28 XI 1913, s. 52.

251 JAWORSKI, B. Koło TSL w Iraty. Ibidem, n. 4 de 27.2.1914, p. 19.

252 No dia 22 de março de 1914 realizou-se a assembleia geral da Sociedade da Escola Popular, a última antes da eclosão da guerra. Sabemos que participaram dela 4 Círculos da Sociedade da Escola Popular no Brasil: o Círculo curitibano Instrução em Imbuia e os Círculos em Santa Bárbara e em Irati (esteve ausente o Círculo de Campina). A composição da administração geral apresentava-se da seguinte forma: presidente – Kazimierz Warchałowski; substituto – Stanisław Szafarski; tesoureiro – Rafał Karman; secretário – Stanisław Kłobukowski; substituto do secretário – Bolesław Mizerkowski; membros: Józef Dynarowski, Józef Kopciuszyński, Stanisław Neyman e Julian Malinowski. Conselho fiscal: Ignacy Walkowski, Arthur Sadowski, Julian Wasilewski, Franciszek Rutecki (de Irati) e Bolesław Kosinski (de Santa Bárbara). Walne Zgromadzenie TSL. *Polak w Brazylii*, n. 6 de 27.3.1914, p. 31.

253 N. 1 de 13.6, n. 2 de 27.6, n. 3 de 11.7, n. 4 de 25.7, n. 5 de 15.8, n. 6 de 29.8, n. 7 de 12.9, n. 8 de 26.9, n. 9 de 17.10, n. 10 de 31.10, n. 11 de 14.11, n. 12 de 28.11 e n. 13 de 12.12.

254 N. 1 de 2.1, n. 2 de 30.1, n. 3 de 13.2, n. 4 de 27.2, n. 5 de 13.5, n. 6 de 27.3, n. 7 de 10.4, n. 8 de 24.4, n. 9 de 15.5 , n. 10 de 29.5, n. 11 de 19.6, n. 12 de 17.7 e n. 13 de 31.7.1914.

profissional – eis os objetivos da Sociedade da Escola Popular no Brasil”[255]. Nas páginas de *Escolas polonesas* eram publicados:

a) relatórios das diversas escolas,
b) resoluções das sociedades escolares, na medida em que essas resoluções diziam respeito ao desenvolvimento de determinada escola,
c) notícias sobre a situação e o progresso das escolas em geral;
d) planos de aulas e fornecimento de materiais para a utilização nas diversas disciplinas;
e) orientações metodológicas para os professores;
f) relação dos manuais escolares e dos recursos didáticos recomendados.

As escolas polonesas no Brasil meridional enfrentavam incessantes problemas financeiros. “A nossa generosidade diante das escolas e da instrução é tão pequena, que quase não existe” – escrevia com pesar um colaborador de *Escolas polonesas* de Porto de União da Vitória[256]. Mas, como enfatizava o *Escolas polonesas,* não eram somente as questões financeiras que lançavam uma sombra sobre a imagem das escolas. Pelo baixo nível da educação eram responsáveis também os professores. A prática no Brasil meridional era a de que – ao que chamava muitas vezes a atenção a imprensa progressista – tornavam-se professores pessoas que não haviam obtido sucesso em nenhuma outra área. A respeito do nível dos pedagogos, sirva de testemunha a citação abaixo:

> Certo professor – escrevia Jan Rawicz – pediu-me uma vez que eu lhe escrevesse uma carta. O infeliz temia que as pessoas rissem dele se cometesse muitos erros na carta. Será que um sujeito desses não devia ser um aluno na escola, em vez de ser professor? Um outro, por sua vez, nos arredores de Curitiba, baseado no lema de que “na minha casa, quem manda sou eu”, dava tiros na sala de aula, e os bancos, as portas e as paredes perfuradas testemunham até hoje as aptidões pedagógicas desse sujeito[257].

O nível dos professores era trágico não somente nas escolas particulares, mas também nas do governo:

---

255 Odezwa. *Szkolnictwo Polskie,* n. 1 de 13.6.1913, p. 3.
256 Olus. Towarzystwo a szkoła. Ibidem, n. 3 de 11.7.1913, pp. 10-11.
257 RAWICZ, J. Nieco o szkolnictwie naszym w Brazylii. Ibidem, n. 4 de 25.7.1913, p. 13.

> O professor que foi enviado à nossa escola – escrevia A. S., de Itapará – é um russo, que além da sua língua materna russa não sabe quase nada em polonês nem em português. Em razão disso os brasileiros daqui juntam-se aos poloneses e escrevem protestos aos jornais e ao governo; mas, até agora, tudo tem sido em vão. [...] O nosso senhor professor ganha 130 mil-réis de salário mensal. Por esse dinheiro ele leciona mais ou menos 6 a 8 dias por mês. As aulas duram duas horas, e são frequentadas por 2 a 6 crianças, visto que os colonos não têm nenhuma vontade de enviar seus filhos para perderem tempo, para ajudarem ao professor em volta da carroça ou para despejarem o cereal dentro dos cestos no moinho[258].

Dispondo de tal equipe pedagógica, o *Escolas polonesas* refletia a respeito do tipo de instrução que era necessário no Brasil meridional. Concordava-se que, por razões evidentes, era sobretudo a elementar[259]. Chamava-se também a atenção para a insuficiente remuneração dos professores das escolas polonesas[260]. Nesse contexto, com tristeza se informava que nenhuma das escolas polonesas no Paraná havia recebido uma subvenção do governo estadual em Curitiba[261]. Eram também publicados textos puramente pedagógicos, por exemplo indagando se as crianças deviam ser castigadas. Citando trabalhos de pedagogos ingleses, a tendência predominante era a de que se evitassem castigos corporais[262]. Enfatizava-se como era importante a questão de criar o hábito da leitura na escola inicial[263]. Aconselhava-se aos pais a darem atenção ao desenvolvimento intelectual dos seus filhos e a não os sobrecarregarem com o esforço mental nem físico[264]; escrevia-se a respeito da necessidade de moldar o caráter dos jovens[265], e também da adequada educação deles[266]. Foi publicado também um texto mais

258 A. S. Szanowna Redakcjo! Ibidem, n. 8 de 26.9.1913, p. 36.

259 RYZIŃSKI, K. (Marechal Mallet). Jakie szkoły są nam potrzebne? Ibidem, n. 6 de 29.8.1913, pp. 25-26; n. 8 de 26.9.1913, pp. 33-34; n. 9 de 17.10.1913, p. 37.

260 HANAS, F. W kwestii materialnego położenia nauczycieli i szkół polskich w Paranie. Ibidem, n. 6 de 29.8.1913, pp. 26–27; n. 7 de 12.9.1913, pp. 29-30.

261 Nowe subwencje rządowe. ibidem, n. 5 de 15.8.1913, p. 24.

262 W. H. Czy dzieci powinny być karane? Ibidem, n. 5 de 15.8.1913, pp. 21-22.

263 Czytanie w szkole początkowej. Ibidem, n. 6 de 29.8.1913, pp. 27-28.

264 A. S. Rozwój fizyczny młodzieży a jej praca umysłowa. Ibidem, n. 9 de 17.10.1913, p. 39; Dzieci uparte bierne, starce i niedorozwinięte. Ibidem, n. 6 de 27.3.1914, pp. 27-28.

265 JAŚNIAK, F. Kształcenie charakteru. Ibidem, n. 10 de 31.10.1913, pp. 41-42.

266 RYZIŃSKI, K. Wychowanie młodzieży. Ibidem, n. 1 de 2.1.1914, p. 2; n. 2 de 30.1.1914, pp. 9-10; n. 3 de 13.2.1914, pp. 13-14; n. 4 de 27.2.1914, pp. 17-18; n. 5 de 13.3.1914, pp. 21-22 e n. 6 de 27.3.1914, p. 25.

longo de Franciszek Hanas „a respeito das coisas percebidas pelos sentidos, para com isso dar a conhecer às crianças o seu ambiente mais próximo”[267]. O *Escolas polonesas* não se preocupava apenas com o estado da instrução no Brasil meridional. Publicava textos sobre a ameaça do fechamento das escolas polonesas na Silésia austríaca[268], sobre as escolas polonesas na Bósnia[269], na Nova Inglaterra[270], sobre a fazenda que estava surgindo junto à escola da União Nacional nos Estados Unidos[271], sobre as escolas polonesas médias e elementares na zona de ocupação russa[272] e sobre o memorial da Direção da Universidade Jaguelônica ao Conselho Escolar Nacional na Galícia a respeito da reforma escolar[273]. Eram publicados trechos do diário de um professor inglês no Japão[274], escrevia-se sobre as universidades populares na Suécia[275], sobre a instrução do povo na Inglaterra[276], sobre as novas correntes pedagógicas na Dinamarca, na Suécia e na Noruega[277] e sobre as instituições de instrução popular no Ocidente[278]. Tudo isso era completado com a crônica ou as informações correntes.

A maior realização do movimento escolar polonês no Paraná foi o congresso dos pedagogos poloneses e a instituição da União das Professores

267 HANAS, F. Nauka o rzeczach. Ibidem, n. 6 de 27.3.1914, pp. 25-26; n.7 de 10.4.1914, p. 29; n. 8 de 24.4.1914, pp. 33-34; n. 9 de 15.5.1914, p. 38; n. 10 de 29.5.1914, p. 41; n. 11 de 19.6.1914, p. 45.

268 Niebezpieczeństwo zamknięcia szkół polskich na Śląsku austriackim. Ibidem, n. 13 de 12.12.1913, pp. 54-55.

269 Szkolnictwo polskie w Bośni. Ibidem, nn. 4 e 5, de 25.7 e 15.8.1913, pp. 11-14.

270 SZANIAWSKI, T. Szkolnictwo polskie w Nowej Anglii, n. 2 de 30.1.1914, s. 11 (Transcrição de *Dziennik Związkowy*).

271 Farma przy Szkole Związkowej w Ameryce Północnej. Ibidem, n. 4 de 25.7.1913, pp. 14 e 19.

272 Polskie szkolnictwo średnie i początkowe zaboru rosyjskiego, n. 7 de 10.4.1914, p. 30.

273 Memoriał Uniwersytetu Krakowskiego. Ibidem, n. 11 de 19.6.1914, pp. 45-46; n. 12 de 17.7.1914, pp. 49-50; n. 13 de 31.7.1914, pp. 53-54.

274 Z pamiętnika angielskiego nauczyciela w Japonii. Ibidem, n. 4 de 25.7.1913, pp. 15 e 18.

275 Uniwersytety chłopskie w Szwecji. Ibidem, n. 4 de 25.7.1913, p. 19.

276 Kształcenie ludu w Anglii. Ibidem, n. 4 de 25.7.1913, pp. 17-18; n. 5 de 15.8.1913, pp. 22-24; n. 6 de 29.8.1913, p. 27; n. 7 de 12.9.1913, pp. 30-31; n. 8 de 26.9.1913, pp. 34-35; n. 9 de 17.10.1913, pp. 38-39; n. 10 de 3.10.1913, pp. 42-43; n. 11 de 14.11.913, p. 48; n. 12 de 28.11.1913, pp. 51-52; n. 13 de 12.12.1913, pp. 55-56; n. 1 de 2.1.1914, pp. 5–6; n. 2 de 30.1.1914, pp. 10-11; n. 3 de 13.2.1914, pp. 14-15; n. 4 de 27.2.1914, pp. 18-19; n. 5 de 13.3.1914, p. 23; n. 6 de 27.3.1914, pp. 26-27; n. 7 de 10.4.1914, pp. 29-30.

277 Nowe prądy w Danii, Szwecji i Norwegii. Ibidem, n. 8 de 24.4.1914, p. 34; n. 10 de 29.5.1914, pp. 41-42.

278 Instytucje ludowe wychowawczo-kształcące w Szwajcarii, Włoszech, Francji, Belgii i Holandii. Ibidem, n. 10 de 20.5.1914, pp. 42-43; n. 11 de 19.6.1914, pp. 46–48; n. 12 de 17.7.1914, pp. 50-51; n. 13 de 31.7.1914, pp. 54-56.

Poloneses no Paraná, que já era planejada ao menos desde 1908. "A escola polonesa no Brasil deve apresentar-se algum objetivo, alguma tarefa cuja realização vai fazer parte da obrigação do professor, e o controle dessa realização, de alguma instituição cultural central que possua pessoas adequadas e meios adequados para isso" – apelava em 1908 o *Polak w Brazylii*[279]. Infelizmente, por muitos anos as iniciativas apresentadas por Warchałowski ou por outros ativistas culturais não puderam concretizar-se[280]. Somente em 1913 voltou a abordar a questão do congresso a curitibana Sociedade da Escola Popular, da mesma forma que o semanário *Niwa* (Campo), que postulava a instituição da União dos Professores Poloneses no Brasil.

O principal idealizador e organizador do encontro foi o professor do Colégio Polonês Nicolau Copérnico em Marechal Mallet, Ryziński[281]. O mais importante objetivo da sua missão não era, no entanto, a educação da juventude, mas a criação de organizações paramilitares. Foi também por essa razão que a Sociedade da Escola Popular, da mesma forma que o *Polak w Brazylii*, juntaram-se à iniciativa de Ryziński bastante tarde. No final a Sociedade cedeu o local para os debates, que se realizaram nos dias 28-29 de dezembro de 1913[282]. O congresso se encerrou com a instituição da mencionada União dos Professores Poloneses no Paraná, cujo presidente se tornou Rodziewicz. Foram publicados também um programa detalhado das escolas elementares[283], uma informação da União dos Professores Poloneses sobre os objetivos da organização[284], bem como sobre a biblioteca da União dos Professores Poloneses no Brasil[285]. Foi também aprovada uma resolução sobre a adesão a um organismo similar na Polônia[286].

A eclosão da guerra, as disputas e os antagonismos políticos não favoreciam os interesses das escolas. Raramente aludiam a eles s antigos ativistas escolares.

279 Zjazd nauczycieli. *Polak w Brazylii*, n. 37 de 11.9.1908, p. 1.

280 BUYNO, A. *Wiedza to potęga…*; ibidem, n. 9 de 26.2.1909; n. 19 de 12.6.1911; n. 43 de 27.10.1911.

281 *Niwa*, n. 15 de 10.4.1913; *Polak w Brazylii*, n. 46 de 14.11.1913.

282 O relatório do encontro foi publicado no n. 1 de *Szkolnictwo Polskie*, de 2.1.1914.

283 RYZIŃSKI, K. Program szkoły elementarnej uchwalony przez pierwszy Zjazd Nauczycieli Polskich w Paranie dnia 29 grudnia 1913 roku. *Szkolnictwo Polskie*, n. 3 de 13.2.1914, p. 15.

284 Idem. Związek Nauczycieli Polskich w Brazylii. Ibidem, n. 5 de 13.3.1914, pp. 22-23.

285 HANAS, F. *Biblioteka Związku Nauczycieli Polskich w Brazylii*, n. 8 de 24.4.1914, pp. 34-35.

286 DASZYŃSKI, I. *Pamiętniki*, t. 2, Książka i Wiedza, Warszawa, 1957, p. 127.

> Em dezembro de 1913 – escrevia Aleksander Kurowski – realizou-se um encontro dos professores das escolas polonesas no Paraná e foram aprovadas muitas coisas bonitas, tais como a publicação de manuais, a instituição de uma biblioteca ambulante para os professores, a organização de um outro encontro dos professores. Tudo isso permaneceu no papel, no entanto essas coisas facilmene poderiam ter sido realizadas.

Excursão a Santa Catarina. A partir da direita: Feliks Szańkowski, Dr. Juliusz Szymański com a esposa Kazimiera, Kazimierz Warchałowski com a esposa Janina, esposa de Tadeusz Danielewicz com o filhinho, 4.5.1919

O motivo dessa estagnação – segundo Kurowski – era a diminuição da atividade das pessoas, que "se embrenharam 'nas matas e florestas' ou perdem o tempo insultando silenciosamente ou em voz alta aqueles que têm ideias diferentes sobre as questões correntes, ou outras orientações"[287].

As escolas polonesas no Brasil, inclusive as da Sociedade das Escolas Polonesas, tiveram uma queda significativa no período da Primeira Guerra Mundial, o que resultava em parte do envolvimento dos professores na política. Não sem razão afirmava Warchałowski que o efeito da ação dos partidários da postura ativista foi a instituição de algumas das melhores escolas no Paraná, que a juventude simplesmente deixou de frequentar. "Essa comissão militar e o seu comandante – escrevia ele – com a ajuda das suas burlescas mobilizações, realmente se inscreveram com letras de ouro na história da nossa miséria escolar"[288]. Reconheciam a mesma coisa

287 KUROWSKI, A. W sprawie zawsze żywej... *Polak w Brazylii*, n. 46 de 12.6.1915, pp. 2-3.

288 W.[archałowski], Łgarze i fanfaroni. *Polak w Brazylii*, n. 13 de 13.2.1915, p. 2.

os principais ativistas do bloco legionário, que após a eclosão da guerra tentava enviar à Polônia voluntários que quisessem ingressar nas Legiões. Radliński, um professor de Irati (Paraná), um dos organizadores Comissão Militar Polonesa, no final de 1914 assim escrevia a respeito disso:

> Decidimos levar somente a fina flor dos mais capacitados, e somente oficiais e suboficiais. [...] As nossas patentes são quase que exclusivamente professores das escolas polonesas. Em consequência disso, de repente todas as escolas no Paraná, no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, no Rio de Janeiro, em Buenos Aires, Córdoba etc. tiveram a sua ação interrompida, e por vários anos. No total, foram trinta e poucas[289].

Para as escolas da Sociedade, cujo mentor e benfeitor envolveu-se na política, isso significou uma lenta agonia. O marasmo das escolas da Sociedade das Escolas Polonesas perdurou durante toda a guerra mundial. Elas foram reativadas somente em 1918 por Witold Żongołłowicz (propriamente Stanisław Czarnecki), vindo alguns anos antes a Curitiba[290]. Ele mudou o nome da Sociedade para Escola Popular Józef Piłsudski. A maior parte dos móveis e dos equipamentos foi emprestada a outras escolas[291]. O patrimônio da organização, conquistado com muitos esforços, foi perdido para sempre.

2.3. Livraria Polonesa

Paralelamente com o *Polak w Brazylii*, ou talvez até antes disso, de forma espontânea começou a ser instituída a Livraria Polonesa. Cronologicamente, o início do seu funcionamento não pode ser exatamente definido, visto que ela surgiu de maneira bastante casual: "Os colonos vinham à redação e pediam alguns livros para ler, então meu pai começou a importar livros poloneses. Os brasileiros também apareciam com frequência na livraria de meu pai, que era uma das melhor abastecidas em Curitiba" – recordava o filho de Warchałowski, Stanisław[292]. Os anúncios que estimulavam à aquisi-

289 PANKIEWICZ, M. *Z Parany i o Paranie*, Warszawa, 1916, p. 52.
290 Witold Żongołłowicz. *Wychodźca*, n. 21 de 26.5.1929, pp. 3-4 [nota fúnebre].
291 *T*-wo Szkoły Ludowej w Brazylii. *Polak w Brazylii*, n. 30 de 29.4.1919, p. 3.
292 WARCHAŁOWSKI, S., op. cit., pp. 50-51.

ção de livros apareceram já nos primeiros números experimentais do *Polak w Brazylii*. Com o tempo a livraria, que foi registrada em 1906, tornou-se um importante lugar de encontros sociais, de troca de informações, de contatos.

À livraria, como parte integrante da empresa, pertencia também a tipografia. Todo o conjunto localizava-se na Praça Tiradentes, 31 (mais tarde 52; nesses endereços estava localizado também o escritório da Serraria Fazendinha e da firma Motor). Na tipografia realizava-se o processo da produção do *Polak w Brazylii*, bem como de livros, e a prestação de outros serviços. A tipografia era equipada de uma máquina impressora da marca Renania, adquirida no exterior. Essa tipografia, da mesma forma que a redação do *Polak w Brazylii*, encontravam-se no mesmo prédio, o que facilitava bastante o trabalho. "Na parte de baixo se encontrava a livraria e a papelaria, e no fundo a tipografia, a encadernação e a máquina para cortar o papel. No primeiro andar se encontravam a sala de estar e o quarto de meus pais, o refeitório e a cozinha, e também o banheiro, e no segundo andar a redação do *Polak w Brazylii* e três quartos, nos quais residíamos nós, os 'meninos'" – recordava aqueles tempos Stanisław Warchałowski[293].

Apesar de formalmente ser registrada em nome de Kazimierz Warchałowski, a livraria (juntamente com a tipografia) era dirigida por Janina Warchałowska[294]. Em diferentes períodos trabalharam nela também Julian Wasilewski, Julian Malinowski, Biruta Derigint e outras pessoas de confiança de Warchałowski. A livraria não somente importava e vendia livros poloneses da Polônia e de outros centros polônicos, principalmente dos Estados Unidos, mas também editava as suas próprias publicações, inclusive manuais escolares, beletrística e diversos outros impressos.

No total, até 1919, quando foi vendida, a Livraria Polonesa publicou 14 livros e brochuras. Mas certamente esse número não é completo, porquanto diversas publicações, principalmente de baixa tiragem, não perduraram até os nossos tempos. Sabemos delas unicamente de certos anúncios no *Polak w Brazylii*. O primeiro livro, publicado em 1906, foi o romance histórico de Wacław Gąsiorowski *Huragan* (Furacão). Da beletrística, em 1907 foram publicados, ainda, *Na polu chwały* (No campo da glória) de Henryk Sienkiewicz e o conto *Sprawiedliwie* (Com justiça) de Władysław Reymont. Todas essas obras haviam sido anteriormente publicadas como folhetins no *Polak w Brazylii*, razão por que aparece-

293 Ibidem, p. 60.

294 *Spis przedsiębiorstw polskich w Brazylii*, op. cit., p. 123.

Na residência dos Warchałowski em Curitiba. Sentados, entre outros: Janina Warchałowska (fileira central, a primeira da esquerda) e seus três filhos (embaixo)

ram como edições do jornal. De outras publicações merece destaque o *Śpiewnik polski* (Cancioneiro polonês), publicado decerto não por acaso em 1914, quando a questão da independência da Polônia se tornava atual. O livro encerrava as mais populares canções nacionais, baladas e cracovianas, que deviam lembrar aos emigrantes a sua pátria, distante, mas que estava despertando para a liberdade.

O restante da produção editorial da Livraria Polonesa resultava das necessidades do momento. Temos aqui um manual de informações para os colonos que lutavam com os gafanhotos, bem como um manual para as mulheres, no qual se aconselhava "como proceder em estado comum e de grávida, para se livrar dos sofrimentos". Além do impresso do estatuto do relatório da Sociedade das Escolas Polonesas ou do *Catálogo* da Livraria Polonesa, encontramos também um manual para aprender a ler de autoria de Stanisław Słonina, utilizado nas escolas polonesas. Pode constituir certa surpresa um livro religioso, que o autor das presentes palavras infelizmente não pôde conhecer de vista[295]. Essa publicação des-

295 *Tajemnice o Najśw.[iętszej] Pannie Maryi*, nakładem Księgarni Polskiej Kazimierza Warchałowskiego, Curitiba [antes de 1919].

perta certo espanto, levando-se em conta as anteriores ideias anticlericais de Warchałowski.

O maior mérito da livraria era a difusão da literatura polonesa entre os emigrantes. A livraria não apenas vendia os livros, mas também os emprestava. A respeito da grande procura da palavra escrita, especialmente da beletrística, falava Warchałowski na entrevista que concedeu ao *Tygodnik Ilustrowany* (Semanário Ilustrado). Afirmou nela que no decorrer de apenas um ano e meio de existência da livraria havia vendido 12 mil volumes.

> Gozam de prestígio sobretudo os livros baratos e, quanto ao conteúdo, principalmente obras de caráter sensacionalista, mas têm uma grande procura também os romances de Sienkiewicz, Kraszewski, Gruszecki (principalmente *Gafanhotos*), bem como o *Robinson Crusoe* na edição completa. As pessoas em geral compram os livros a crédito, mas até agora não tivemos um caso sequer de alguém que nos tenha deixado de pagar[296].

O *Polak w Brazylii* informava a respeito dos sucessivos lotes de livros que vinham à Livraria Polonesa. "As Cartilhas do *Promyk* chegaram da Europa" – anunciava o jornal[297]. "À Livraria Polonesa, que funciona juto à redação do *Polak*, acaba de chegar um enorme transporte de livros da Europa" – informava o jornal[298]. Vale a pena enfatizar que Warchałowski importava não somente a beletrística, mas também publicações científicas e de divulgação científica:

> Recebemos livros de conteúdo científico de diversos ramos, desde obras sociais e de história natural até manuais escolares e artesanais, obras literárias de todos os mais importantes romancistas e poetas poloneses, as mais baratas edições populares, as mais recentes obras de beletrística dos romancistas modernos; para as crianças e os jovens, contos e romances históricos, descrições de diversos países, aventuras de viajantes e caçadores com capas e imagens coloridas.

---

296 *Wobec zapowiadanej emigracji brazylijskiej*. *Tygodnik Ilustrowany*, n. 11 de 14.3.1908, p. 218.

297 *Polak w Brazylii*, n. 28 de 10.7.1908, p. 3.

298 Ibidem, n. 31 de 31.8.1908, p. 3.

Além da oferta editorial do momento publicada em cada número do *Polak w Brazylii* (coluna 4 da „Seção literária"), a Livraria Polonesa, especialmente após a chegada de um novo lote de livros, publicava catálogos especiais. Infelizmente poucos deles se preservaram até os nossos tempos. Sabemos que eles eram lançados desde 1908[299]; um dos poucos exemplares preservados é o catálogo de 1913[300].

O *Polak w Brazylii* estimulava à criação de bibliotecas domésticas e à leitura, visto que – como se escrevia – „a pessoa que lê e que pensa torna-se um ser vivo e socialmente sensível". Chamava-se a atenção das pessoas a não se esquecerem das crianças, porquanto, „se a criança toma gosto pela leitura de livros, quando se tornar adulta também não vai pensar em bobagens, mas em coisas sérias"[301]. Graças à generosidade de Warchałowski e dos irmãos Kazimierz e Rafał Karman, muitas escolas polonesas no interior brasileiro foram abastecidas de livros poloneses.

Em sua oferta distributiva a Livraria atribuía uma atenção especial aos manuais escolares. Predominavam os *Livros de leitura para crianças* de Rozalia Morzycka-Brzezińska, o *Presente para a juventude* de Mieczysław Brzeziński e os manuais publicados pela Editora Ossoliński. Em 1906 foram importados sos mencionados exemplares do *Promyk*, que tinham um enorme sucesso mercadológico. O mesmo aconteceu nos anos seguintes, quando a livraria importava tanto a cartilha como os livros de leitura de Konrad Prószyński[302].

Na livraria eram impressos, além disso, cartões de visita, convites de casamentos, estatutos de sociedades, diplomas de sócios, bem como formulários diversos: notas fiscais, recibos, cartas bancárias, cartões-postais etc. Podia ser adquirida também uma grande variedade de materiais escolares (cadernos, canetas, penas, lápis, borrachas, réguas, tintas, todos os tipos de papéis de carta e de embrulho), bem como cartões-postais, quadros, mapas, atlas. A Livraria Polonesa era a única representante da fábrica de lápis S. Majewski & Cia. Para o Brasil e a Argentina. Com o tempo também podiam ser compradas ali máquinas de escrever da firma Underwood e máquinas de calcular da firma Brunvig[303].

---

299 Księgarnia Polska. Ibidem, n. 36 de 4.9.1908, p. 3.

300 *Katalog „Księgarni Polskiej" Kazimierza Warchałowskiego*, Drukarnia Polska, Curitiba, 1913.

301 Biblioteka. *Polak w Brazylii*, n. 19 de 8.5.1908, p. 1.

302 Ibidem, n. 29 de 20.7.1906, p. 5.

303 Cf. anúncios no *Polak w Brazylii*, n. 6 de 8.2.1913, p. 4 e n. 38 de 19.9.1913, p. 4.

Interior da Livraria Polonesa (Livraria Polaca), em Curitiba

Uma boa parte da oferta, principalmente de papelaria, provinha de terras polonesas. Gozavam de especial popularidade no Brasil os lápis de escrever os lápis de cor da fábrica de Stanisław Majewski. Num dos lotes de mercadorias que veio de Pruszków, foi encontrado um cartão com o texto: „Isto é da Polônia! Comprem quanto mais, porque aqui há desemprego, e a miséria atormenta a Polônia". Warchałowski procuraria realizar esse lema até o final da sua estada no Brasil, e também no período de entreguerras, quando empreendeu tentativas que visavam ao estabelecimento de relações comerciais entre a Polônia e os países da América do Sul[304].

A Livraria Polonesa publicava igualmente o muito apreciado *Kalendarz Polski w Brazylii* (Almanaque Polonês no Brasil). Tais almanaques, publicados por Warchałowski, e posteriormente por Dergint, apareceram num total de 7 volumes[305]. Foram publicados anualmente de 1915 a 1921. Cada um deles se iniciava com uma crônica, que era a base desse tipo de publicações. O leitor podia encontrar ali certa dose de informações religiosas (relação de festas religiosas), mas sobretudo informações do âmbito da história, da política e da economia da Polônia e do Brasil. Tudo isso

304 To z Polski! Bierzcie jak najwięcej. Ibidem, n. 34 de 20.8.1909, p. 2.

305 CHOJNACKI,W. e W. *Bibliografia kalendarzy polonijnych*, 1838–1982, Warszawa, 1984, p. 77. O Almanaque de 1920 foi publicado e impresso pelo *Polak w Brazylii*, e o de 1921 – publicado e impresso pela Livraria Polonesa B. Dergint & Cia.

vinha acompanhado também de curiosidades astronômicas, meteorológicas, estatísticas e muitas anedotas. Além da crônica, eram fornecidas preciosas informações para todo o tipo de leitores. A sua escolha resultava, como se deve julgar, de um certo sentimento de missão que alimentava Warchałowski, porque ele estava sempre preocupado com a malhoria da instrução e a produtividade entre os colonos. É por isso que não encontraremos nos almanaques os vários tipos de predições ou horóscopos, que com frequência aparecem em publicações semelhantes. Predominavam sobretudo os textos úteis para:

- o comerciante: todas as informações relacionadas com a administração da empresa[306];
- o agricultor: orientações elaboradas por autores competentes[307];
- a dona de casa: conselhos e receitas relacionados com a economia doméstica e a administração da casa[308];
- e além disso: textos patrióticos[309]; histórias interessantes[310], contos, poesias311, piadas e numerosas ilustrações.

306 Em cada edição do almanaque eram publicadas informações a respeito de registro e controle de livros comerciais, com o fornecimento da legislação e das firmas comerciais no Brasil. Eram também publicadas informações da área do movimento comercial, tais como: tipos de letras de câmbio, papéis de débito, tipos e valores dos selos, modelos de requerimento para a abertura de uma loja ou oficina, bem como para a compra de terras.

307 SZUKIEWICZ, W. Gdzie i jak zakładać pasiekę? (odczyt wygłoszony w szeregu kolonii polskich w Paranie). Ibidem 1917, p. 105-114; S. S. Kilka uwag o uprawie cebuli. Ibidem 1917, p. 115; NADOLSKI, W. Szarańcza i jej tępienie. Ibidem 1918, pp. 67-74; Miesiąc w przysłowiach. Ibidem 1918, pp. 33-36.

308 Rady dla młodych matek. Ibidem 1917, p. 116; ibidem, 1918, p. 74; Jak dbać o zdrowie dzieci w wieku szkolnym. Ibidem 1917, p. 117; Rady praktyczne. Ibidem 1918, p. 90; SZWAJKART, Adam. Paraliż dziecięcy. Ibidem 1919, pp. 78-79; idem. Przepisy dla ludzi, którzy mają do czynienia z chorym na gruźlicę. Ibidem, pp. 80-81.

309 Polskie godło i barwa. Ibidem, 1918, pp. 94-95; Armia Polska we Francji. Ibidem, 1918, pp. 79-84; Niepodległość Polski. Ibidem, 1919, pp. 82-94.

310 . RODZIEWICZÓWNA, M. Jutrznia. *Kalendarz 1917*, PP. 37-43; ŻMUDZKI, W. *Judasz*. Ibidem, 1917, pp. 49-55; LECH, Konstanty. *Z parańskiego życia*. Ibidem, 1917, pp. 65-80; idem. *Obrazek*. Ibidem, 1918, pp. 38-40; WIERZBIŃSKI, M. Polonez Ogińskiego. Nowela. Ibidem, 1917, pp. 81–83; Tadeusz Kościuszko 1817–1917. Ibidem, 1918, pp. 58-65; DYGASIŃSKI, A. O groch przy drodze. Ibidem, 1918, pp. 75-78; KUPRIN, A. Chrystusowa ryba. Ibidem, 1919, pp. 59-61.

311 KURASIA, F. Skarga polskiego wychodźcy (ze zbioru Z pod chłopskiej strzechy). Ibidem, 1917, p. 55; idem, Śmiało chłopy. Ibidem, 1918, p. 40; idem, Czem skorupka. Ibidem, 1918, p. 47; KRASIŃSKI, Z. Tęsknota. Ibidem, 1917, p. 63; KONOPNICKA, M. Na

Biruta Dergint (à direita)

Como já mencionamos, Warchałowski vendeu a Livraria Polonesa em 1919 a Franciszek Dergint. No entanto ela era administrada pela filha de Franciszek – Biruta Dergint, com o nome Livraria Polonesa B. Dergint & Cia. Infelizmente, a sua vida não foi longa. Nos anos 1919-1920 na verdade ainda foi possível a publicação de dois manuais escolares de Stanisław Słonina[312] e de alguns outros livros[313], mas as dificuldades financeiras se intensificavam. Em 1922 a Livraria Polonesa anunciou a falência e todos os elementos do seu patrimônio foram vendidos.

2.4. Outras formas de atividade

Das outras áreas de atividade de Warchałowski merecem menção o seu envolvimento na criação de círculos agrícolas e as suas ações em prol da administração racional. Ao propagar os círculos agrícolas, Warchałowski invocava as iniciativas do *Gazeta Handlowo-Geograficzna* (Jornal Comercial e Geográfico), que queria basear nessas instituições "toda a vida nacional, social e política" no Brasil[314]. Infelizmente, essa nobre ideia contou com a aversão e a oposição dos comerciantes locais, aos quais as lojinhas dos círculos agrícolas subtraíam a clientala.

obczyźnie. Ibidem, 1917, p. 84; idem. Przysięga. Ibidem, 1918, p. 37; idem. *Bez dachu*. Ibidem, 1918, p. 53; idem. Nowe lato, Ojczyzna. Ibidem, 1919, pp. 29, 39; Marsylianka. Ibidem, 1918, p. 41; KARPIŃSKI, Józef. Kołysanka. Ibidem, 1918, p. 46; KWIATKOWSKI, R. Hasło. Ibidem, 1918, p. 66; MAJMAN, M. Na swojską nutę. Ibidem, 1918, p. 93; BEŁZA, W. Ziemia rodzinna. Ibidem, 1919, p. 66; RYDEL, L. Przed oczy Twoje Panie! Ibidem, 1919, p. 77; SŁOWACKI, J. Pieśń Konfederatów Barskich. Ibidem, 1919, p. 45.

312 SŁONINA, S. *Trzecia książka do czytania dla szkół polskich w Brazylii*, Księgarnia Polska B. Dergint & S-ka, Curitiba, 1920; idem. *Druga książka do czytania dla szkół polskich w Brazylii*, wyd. 2, Księgarnia Polska B. Dergint & S-ka, Curitiba, 1921.

313 Foram publicados livros como: SZYMAŃSKI, J. *Okulistyka w skróceniu*, Księgarnia Polska B. Dergint & S-ka, Curitiba, 1920; *Jezu bądź ze mną. Modlitewnik katolicki*, wyd. 2 pomniejszone, Księgarnia Polska B. Dergint & S-ka, Curitiba, 1920; DERGINT, F. *Liga czyli powszechny związek narodów i jej zadania względem ludzkości*, Księgarnia Polska B. Dergint & S-ka, Curitiba, 1921; idem, *A visão vermelha. Critica do Communismo e Bolchevismo*, Livraria Polaca, Curitiba, 1922.

314 B. Organizacja gospodarcza naszych kolonii w Paranie. *Gazeta Handlowo-Geograficzna*, n. 14 de 15.7.1896, pp. 4-5.

O primeiro círculo agrícola, que se concentrava principalmente no comércio, surgiu em São Mateus no início do século XX. Nos anos seguintes, envolveram-se na sua criação alguns padres. A Sociedade Agrícola S. José foi fundada em Murici pelo verbita Pe. Dworaczek. Um pouco mais tarde, para o surgimento de uma sociedade semelhante em Roça Nova (Tomás Coelho) contribuiu o superior dos vicentinos Pe. Bolesław Bayer. Gozavam de uma grande repercussão e do reconhecimento das esferas governamentais brasileiras as exposições organizadas pela Sociedade Agrícola em Orleans. O seu organizador, o Pe. Franciszek Chylaszek, não era, no entanto, favorável à ideia da fundação dos círculos. Nos tempos do governador Manuel Ribas, organizou uma exposição em Cruz Machado o Pe. Franciszek Madej.

A respeito da necessidade da instituição dos círculos agrícolas e do aumento do seu papel na vida econômica dos colonos pronunciou-se Warchałowski repetidas vezes. A essa problemática dedicava muito espaço também o *Polak w Brazylii*. Propagava-se especialmente a fundação das caixas de assistência, que se desenvolviam com força na Galícia, e escrevia-se a respeito dos círculos agrícolas que prosperavam muito bem na Polônia Maior[315]. Apesar disso, o processo do seu surgimento no Paraná realizava-se com muita resistência:

> Os círculos agrícolas que temos – reconhecia Warchałowski – até agora são poucos, apesar das claras vantagens que deles podem ser obtidas. Por exemplo, uma dessas organizações, que possuía a sua própria loja no interior, um ano depois duplicou o seu capital de investimento, distribuiu além disso 15% de dividendos e ainda fundou com recursos próprios uma biblioteca. No entanto há um movimento de resistência, e para isso constituem um considerável obstáculo os nossos padres poloneses, que não apoiam os objetivos dos círculos agrícolas no Brasil[316].

Por isso os empreendimentos que terminavam em sucesso eram amplamente divulgados. Com satisfação se informava que no dia 21 de março de 1908 foi aberta a lojinha do Círculo Agrícola em Ijuí, com um

315 Towarzystwa zarobkowe. *Polak w Brazylii*, nn. 27 e 28 de 5.7 e 12.7, pp. 1-2; Spółki rolnicze i handlowe. *Polak w Brazylii*, do n. 1 de 3.1.1908 ao n. 19 de 8.5.1908; Spółki rolnicze, n. 34 de 20.8.1909, pp. 1-2.

316 Wobec zapowiadanej emigracji brazylijskiej. *Tygodnik Ilustrowany*, nr 11 de 14.3.1908, pp. 217-218.

capital no valor de 3 mil mil-réis: "Recebemos essa notícia com satisfação, visto que o surgimento de cada instituição polonesa comprova a energia vital dos nossos compatriotas"[317]. Vale a pena também assinalar que uma parte dos lucros era destinada à escola local. As iniciativas seguintes eram somente uma questão de tempo. No dia 10 de maio de 1908 surgiu a Sociedade Agrícola na colônia Rio Claro, com sede em Marechal Mallet[318]. O seu principal idealizador foi Roman Paul. Naquele tempo Jan Hempel anunciou o conceito do sindicato agrícola, que não teria um caráter nacional, mas seria uma organização profissional dos agricultores do lugar:

> Visto que nos encontramos no Paraná, devemos viver com a sua vida local, lembrar-nos do futuro deste novo país e não nos devemos separar com muralhas chinesas das outras nacionalidades – e tudo para o nosso próprio bem conquistar com os nossos braços, da mesma forma que o nosso colono cultiva a terra paranaense para a semeadura do pão. Um sindicato agrícola não nacional deverá servir à causa polonesa não pelas marcas nele impressas, mas como a selvagem terra americana serve à causa polonesa e se torna polonesa – pelo fato de que o colono polonês a conquista para o cultivo. E as flores da união espiritual com Cracóvia e Varsóvia brilharão nessa organização não porque alguém ali as prenderá com um alfinete, mas porque pela ordem natural das coisas tudo será o resultado da semente polonesa e terá que produzir o fruto polonês em solo americano[319].

Esse postulado, para aqueles tempos inovador, mereceu a crítica de muitas pessoas[320]. Não tinha chances de prosperar entre os colonos, tanto mais porque até os círculos agrícolas – apesar dos muitos apelos[321] – não haviam conquistado partidários. Não resistiram à prova do tempo

317 Z Ijuí. *Polak w Brazylii*, n. 19 de 8.5.1908, p. 3.

318 Korespondencja. Ibidem, n. 21 de 22.5.1908, p. 3.

319 HEMPEL, J. Przyszłość polska w Paranie. *Polski Przegląd Emigracyjny*, n. 23 de 15.12.1909, p. 6.

320 SKOMOROWSKI, J. W sprawie syndykatu rolniczego w Paranie. Ibidem, n. 4 de 28.2.1910, pp. 1-2. Cf. também a resposta de Hempel: Parański syndykat rolniczy. Ibidem, n. 5 de 10.3.1910, pp. 5-7.

321 "Já está na hora de também os nossos colonos compreenderem a necessidade de instituirem organizações em forma de círculos agrícolas e caixas de assistência e de buscarem o desenvolvimento da agricultura, que lhes assegurará o bem-estar e a independência". Spółki rolnicze. *Polak w Brazylii*, n. 34 de 20.8.1909, p. 2.

Carroças dos camponeses diante da igreja

nem aqueles círculos que tinham surgido em período anterior. Kazimierz Głuchowski, o primeiro cônsul da Polônia em Curitiba, buscava as razões do insucessso dessas instituições em muitos fatores. "A atmosfera da vida que não favorece esse tipo de propósitos, a falta de um exemplo vivo no ambiente, o conservadorismo dos nossos colonos e a total falta da compreensão, da parte deles, dos princípios relacionados com a instituição, as lutas e as intrigas" – eis as principais causas[322].

Em face do fiasco desse empreendimento, Warchałowski concentrou-se em propagar em meio à coletividade polonesa os princípios da administração racional. Ele era na realidade em favor do sistema aldeão de colonização, tal como o das terras polonesas, mas era decididamente contrário às culturas agrícolas então em prática[323]. O *Polak w Brazylii* apelava aos colonos pelo adequado cultivo da terra e pelo adequado material sementeiro. Explicava que a terra não adubada, na qual se cultivam as mesmas plantas, com o tempo se torna estéril. Isso dizia respeito sobretudo aos cultivos que os colonos poloneses com incompreensível tei-

322 GŁUCHOWSKI, K. *Materiały...*, op. cit., p. 280.

323 Kolonie polskie w Paranie. *Polak w Brazylii*, n. 30 de 23.7.1909, p. 2; Pszenica w Brazylii, n. 50 de 10.12.1909, pp. 1-2; WARCHAŁOWSKI, K. Gospodarstwo na koloniach polskich w Brazylii. *Polski Przegląd Emigracyjny*, n. 14 de 25.7.1908, pp. 3-5.

mosia adotavam, apesar de não lhes trazerem o adequado lucro. O jornal estimulava ao abandono do cultivo do centeio, do trigo ou de outros cereais conhecidos nas margens do Vístula, em favor das plantas locais, que não apenas produziam melhor no clima paranaense, mas também proporcionavam um lucro maior. "Não é preciso ser chinês para semear o arroz, italiano para cultivar a uva, brasileiro para saber comportar-se com o fumo[324] – insistia-se.

Os articulistas do *Polak w Brazylii* muitas vezes censuravam os colonos pela inadequada administração da terra, que tinha um caráter de autossuficiência (eventualmente de troca) e praticamente não produzia para o mercado. Em razão disso os colonos praticametne não dispunham de nenhum numerário, donde as contínuas queixas que se ouviam durante as visitas às colônias ou por ocasião dos encontros com os agricultores diante da igreja. A situação era absurda, tanto mais porque o Brasil se ressentia da falta de produtos alimentícios, que eram completados com a importação: "Até o dia de hoje a batata e a cebola chegam aqui de Portugal, a manteiga da França, os queijos da Holanda e da Itália, e o vinho, até o vinho comum de mesa, da França, da Itália e de Portugal. Os presuntos e os salames chegam da Europa, todo o tipo de frutas da América do Norte etc."[325]. Esse estado de coisas – o que muitas vezes enfatizava o jornal – era uma grande oportunidade para os colonos poloneses; no entanto a condição para isso era a adequada cultura agrícola, que permitisse obter os maiores excedentes de alimentos, que poderiam ser vendidos[326]. A redação estimulava sobretudo ao cultivo da mandioca[327].

Ao mesmo tempo o jornal apelava a que – no caso da posse de quaisquer recursos financeiros – eles não fossem mantidos em casa, mas no banco. "Desacostumemo-nos de deixar o dinheiro em mãos alheias para ser guardado, ou seja, dos chamados depósitos, sem nenhuma documentação. Porquanto, já deixando de lado os casos de desonestidade, quantos outros casos pode haver em que o dinheiro depositado da forma acima se

324 Rola i ziarno. *Polak w Brazylii*, n. 30 de 24.7.1908, p. 1.

325 Gospodarstwo rolne. Ibidem, n. 33 de 14.8.1908, p. 1.

326 Ibidem, n. 36 de 4.9.1908, p. 1.

327 Ibidem, n. 38 de 20.9.1912; Kwestionariusz o mandioce. Ibidem, n. 18 de 1.5.1914, p. 1. Cf. também: CZAPIJEWSKI, I. Odpowiedź na kwestionariusz o mandioce. Ibidem, n. 22 de 29.5.1914, p. 1.

pode perder, para citarmos aqui apenas os casos da morte do seu guardião, do roubo ou da falência patrimonial"[328].

Finalmente vale a pena mencionar que os artigos em prol da boa administração eram publicados pelo *Polak w Brazylii* também durante a guerra, quando o jornal se ocupava principalmente dos acontecimentos na Europa. Sobre esse assunto escrevia principalmente Zdenek Gayer[329], um agrônomo de origem checa. Em 1917, em sua fazenda em Araucária, perto de Curitiba (Gayerovo – Campo de Experiências Agrícolas), ele organizou uma escola agrícola, apoiada pelas autoridades do estado do Paraná. Um ardente propagador dessa escola entre os colonos foi Wojciech Szukiewicz, que assim escrevia sobre esse tema:

> O governo paranaense quer fazer muito pela agricultura e pela sua elevação; para isso não vai poupar dinheiro nem qualquer tipo de ajuda. Mas é preciso que queiramos utilizar-nos dessa ajuda, porque, caso contrário, se dela fizerem uso outros, por exemplo os italianos, os alemães e assim por diante, o polonês no final ainda terá que ir servir a eles, porque não vai saber trabalhar na terra tão bem e racionalmente como eles. Quem quiser sustentar-se em sua própria terra e ser o seu próprio senhor, deve começar a estudar, porque sem o estudo se tornará um empregado dos outros e terá pela frente uma vida difícil[330].

Apesar de a vida dos colonos poloneses no Brasil ter sofrido uma melhoria, isso não muda o fato de que a economia deles era – ao que chamou a atenção diversas vezes Marcin Kula – relativamente primitiva em comparação com a economia dos outros grupos imigrantes, como o italiano, o alemão ou o japonês[331]. Comprovava isso, por exemplo, a forma do cultivo da terra ou a pequena mecanização do trabalho. Ele não concorda com a convicção existente na Polônia sobre a „missão civilizacional" do

328 Pieniądze. *Polak w Brazylii*, n. 42 de 18.10.1907, p. 1.

329 GAYER, Z. Projekt ulepszenia gospodarki, w celu osiągnięcia możliwie najwyższego dochodu, przy zabezpieczeniu urodzajności ziemi. *Polak w Brazylii*, n. 43-44 de 2-5.5.1915, pp. 1-2; idem. Rdza na życie i sposób jej zwalczania. *Polak w Brazylii*, n. 46 de 12.6.1915, p. 2; idem, Kilka słów w sprawie uprawy pszenicy w Paranie. *Polak w Brazylii*, n. 30 de 18.4.1917, p. 3.

330 SZUKIEWICZ, W. W sprawie szkoły rolniczej. *Polak w Brazylii*, n. 29 de 14.4.1917, p. 3.

331 KULA, M. *Polono-brazylijczycy i parę kwestii im bliskich*, MHPRL – ISIiI UW, Warszawa, 2012, p. 71.

camponês polonês, que pode ser observada tanto na literatura como no imaginário usual da comunidade polônica brasileira. Essa mitologia foi iniciada por Hempel. Em seu segundo livro – *Kazania piastowe* (Sermões de Piast), publicado no final de 1911 em Bielsk – voltando com o pensamento aos tempos paranaenses, ele esboçou uma imagem eloquente do trabalho e das realizações do camponês polonês no Brasil[332].

332 „De olhos azuis, de cabelos loiros, tranquilamente olhando para o futuro, dos seus caminhos eternos profundamente conscientes, chegam à nova terra – seus conquistadores inflexíveis. [...]. Por onde passaram – surgem povoados humanos, por onde passaram – lá se balançam os campos de centeio": HEMPEL, J. *Kazania piastowe*, Bielsk, 1912, pp. 81-82; cf. além disso: BREOWICZ, W. *Ślady Piasta pod piniorami. Szkice z dziejów wychodźstwa polskiego w Brazylii,* Warszawa, 1961, p. 204; LEPECKI, M. *Parana i Polacy*, Warszawa, 1963, p. 194.

3. A atividade política de Warchałowski durante a Primeira Guerra Mundial

As disputas políticas no seio da colônia polonesa no Brasil se intensificaram após a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Um adversário dos membros do Comitê da Defesa Nacional, ou dos "germanófilos", como era desdenhosamente definida a orientação que apostava no Estados centrais, era o ambiente concentrado em volta de Kazimierz Warchałowski, o qual apoiava – ainda que não sem iniciais hesitações – a Rússia e os Estados aliados. O processo da formação desse bloco perdurou, no entanto, até os primeiros meses de 1915. Em certo sentido contribuíram para o seu surgimento as acusações apresentadas pelo *Gazeta Polska w Brazylii* (Jornal Polonês no Brasil)[333] e por uma parte dos dirigentes do Comitê da Defesa Nacional diante de Malinowski, Rodziewicz e Kłobukowski, e também de Warchałowski, que propositalmente estariam se apoderando do dinheiro coletado para Tesouro Militar Polonês[334], o que provocou a indignação de muitos emigrantes[335], e também os primeiros ataques contra a Comissão Militar Polonesa e a ação legionária.

---

333 Na czasie. *Gazeta Polska w Brazylii*, n. 50, set. 1914. Cf. resposta de Wacław Rodziewicz e de Julian Malinowski: *Polak w Brazylii*, n. 52 de 20.10.1914, p. 2. Warchałowski, por sua vez, em sua declaração escreveu: „Toda a ação da coleta desse dinheiro pelo *Polak* realizou-se durante a minha estada na Europa, a respeito do que todos os senhores do comitê sabem pefretitamente e o que aliás foi por diversas vezes confirmado pelo mais interessado Sr. Malinowski". Ibidem, n. 53 de 24.10.1914, p. 2.

334 KIEDRZYŃSKA, W. Wpływy i zasoby Polskiego Skarbu Wojskowego. *Niepodległość*, t. XIII, 1936, pp. 385-386.

335 "O descrédito absolutamente infundado de pessoas de caráter tão íntegro como o Dr. Kłobukowski, Wacław Rodziewicz e outros é um erro imperdoável. No momento em que lá na Polônia os nossos compatriotas já lutam e derramam o seu sangue por um ideal que nos é caro; em que a nossa nação lança fora a marca dos grilhões e da centenária escravidão, em que surge a aurora da nossa liberdade, em que chegou o tempo da

> Enganados pela imprensa germanófila, instituímos aqui [em Antônio Olinto – JM] um Círculo da Comissão Militar Polonesa. Conhecíamos essa Comissão unicamente a partir das suas palavras; mas, quando conhecemos as suas ações, rompemos com ela qualquer relacionamento. Para a incitação e a manutenção da luta fratricida em defesa dos ocupantes não daremos num um vintém. Os governos ocupantes, como o russo, o prussiano e o austríaco, devem eles mesmos pagar os seus lacaios[336].

Em consequência desse incidente a Sociedade da Escola Popular retirou-se do Comitê da Defesa Nacional, que, „em vez de proporcionar ajuda à Pátria que luta pela independência, ocupa-se em lançar infames acusações contra a Comissão Militar Polonesa"[337]. Um prenúncio da guinada em direção à opção pró-russa da parte de Warchałowski foi a publicação do manifesto do tenente-coronel Witold Gorczyński, convocando à instituição das legiões ao lado do exército imperial russo[338], bem como o artigo do simpatizante da democracia nacional Józef Weysenhoff, no qual se expunham as vantagens para a Polônia resultantes da aliança com a Rússia[339]. Num texto publicado alguns dias depois Warchałowski não revelava ainda, ao que parece, a sua posição final, contrariamente ao que sugeria no título do artigo:

> Absolutamente não temos o propósito e a pretensão – escrevia ele – de instituir aqui em Curitiba uma orientação ou recomendação para o uso da Polônia – o que seria ridículo e inútil, porque certamente não atingiria os elementos competentes; a nossa modesta tarefa é e será a expressão mais fiel possível da realidade com base nas notícias e nas possibilidades confirmadas e peneiradas pelo crivo da simples lógica.

---

vingança por tantos anos de opressão do nosso povo – nós aqui em terra estrangeira, em vez de mostrarmos a união dos pensamentos e dos anseios, dividimos as nossas forças que já são exíguas e perdemos o tempo para abalar a confiança no seio do nosso povo". HESSEL, M. W ważnej sprawie. *Polak w Brazylii*, n. 54 de 28.10.1914, p. 2; MALCZEWSKI, M. W sprawie napaści na komisję wojskową w nr 50 „Gazety Polskiej". Ibidem, n. 57 de 7.11.1914, p. 2.

336 CHROSTOWSKI, T. W sprawie naszej orientacji politycznej. Ibidem, n. 71 de 30.12.1914, p. 2.

337 Ibidem, n. 53 de 24.10.1914, p. 2.

338 Odezwa p. Gorczyńskiego. Ibidem, n. 69 de 19.12.1914, p. 2.

339 WEYSENHOFF, J. Zwrot dziejowy w sprawie Polski. Ibidem, n. 1 z 2.1.1915, p. 2.

> Vamos fazer isso, sem nos importarmos se isso vai agradar ou se alguém está de acordo com a sua momentânea orientação[340].

Apesar disso, o *Polak w Brazylii* coerentemente falava dos numerosos excessos cometidos pelos alemães tanto em terras polonesas[341] como em outros territórios ocupados[342]. Apresentavam-se exemplos da difícil situação dos poloneses no exército alemão, que eram sempre enviados para a primeira linha da frente. Escrevia-se, além disso, da suposta disposição que ordenava atirar contra os soldados de nacionalidade polonesa que se afastavam da linha de frente ou que pretendiam render-se; para a sua distinção dos alemães natos, eles teriam remendos brancos costurados nas costas das capas. "Além disso – lemos no jornal – foi avisado aos soldados de nacionalidade polonesa no exército alemão que, caso se entregassem como prisioneiros aos russos, os seus bem seriam confiscados e as suas famílias, fuziladas"[343].

De um texto do Dr. Aleksander Kochański, de Morretes, publicado na primeira página do *Polak w Brazylii*, decorre o claro estímulo ao pronunciamento em favor da Entente. O autor vê em tal concepção a única chance para a causa polonesa:

> No entanto, pronunciando-nos decididamente a favor da coalizão, não somente seremos fiéis às nossas tradições, nas fileiras eslavas, combatendo o pesadelo teutônico, não somente ajudaremos a essa coalizão a combater os nossos dois inimigos alemães, mas também poderemos conseguir num futuro congresso os mais poderosos votos em favor da nossa causa – os votos da Inglaterra e da França, aliás sempre a nós favoráveis. E, mesmo que esse congresso ainda não nos assegure a independência política – visto que ninguém em sã consciência e conhecedor da perversidade do governo russo pode acreditar nas nebulosas promessas do tsar russo, a

340 W. Nowa orientacja. Ibidem, n. 3 de 9.1.1915, p. 2.

341 Na zgliszczach Kalisza (wywiad z p. Bukowińskim). Ibidem, n. 59 de 14.11.1914, p. 2; W Kaliszu. Ibidem, n. 62 de 25.11.1914, p. 2; „Rejzy" krzyżackie. Ibidem, n. 70 de 23.12.1914, p. 2; Prusacy mordują księdza polskiego. Ibidem, n. 7 de 23.1.1915, p. 2; Jak obecnie wygląda Galicja. Ibidem, n. 38 z 15.5.1915, p. 2 [transcrição de *Dziennik Cieszyński*]; Z Królestwa Polskiego zajętego przez armię niemiecką, n. 39 de 19.5.1915, pp. 1-2 [transcrição de *Myśl Polska*].

342 Niemcy w Belgii. Ibidem, n. 32 de 24.4.1915, pp. 2-3; Nowa zbrodnia niemiecka, n. 37 de 12.5.1915, p. 1 [a respeito do afundamento do navio de passageiros „Louisiana"].

343 Polacy w wojsku niemieckim. Ibidem, n. 2 de 6.1.1915, p. 2.

> vitória da coalizão nos dará a possibilidade de nos unirmos novamente num só todo territorial, de qualquer forma ligado com o Estado russo. Dessa forma serão afastados os efeitos negativos do nosso fracionamento, alcançarenos finalmente a unidade por nós tão almejada, a união e a força na ação – e então a questão da nossa independência se tornará apenas uma questão de tempo, e de um tempo bastante próximo, em significativa medida de nós mesmos dependente. Unidos, representaremos uma unidade nacional e política, numérica e culturalmente tão importante que todo governo, e tanto mais o governo russo, será obrigado a nos levar em conta. E, situados quanto ao aspecto cultural significativamente mais alto que o inimigo e tendo com isso uma enorme superioridade sobre ele, poderemos exercer uma influência mais decisiva em sua vida sociopolítica – o que por sua vez, no sentido da concretização das nossas aspirações, pode ter um importante significado[344].

No número seguinte o *Polak w Brazylii* informava aos leitores que no dia 25 de novembro de 1914 havia sido instituído em Varsóvia o Comitê Nacional Polonês. Chamava-se a atenção a um trecho do manifesto desse Comitê, no qual se dizia que a mais importante tarefa da nação era "desbaratar a funesta potência alemã e unir a Polônia sob o cetro do monarca russo"[345]. Começaram a aparecer cópias das publicações da democracia nacional que faziam propaganda pela orientação pró-russa: de *Gazeta Warszawska*[346], *Myśl Niepodległa*[347], *Goniec Wieczorny*[348], *Dziennik Kijowski*[349], *Głos Narodu*[350], *Humanista Polski*[351], *Zjednoczenie*[352], *Głos Polski*[353], *Kurier Warszawski*[354].

344 KOCHAŃSKI, A. Jeszcze o naszej orientacji politycznej. Ibidem, n. 7 de 23.1.1915, p. 1.
345 Komitet Narodowy Polski. Ibidem, n. 8 de 28.1.1915, p. 2.
346 Kwestia Prus. Ibidem, n. 10 de 3.2.1915, p. 2.
347 O uczciwości w polityce. Ibidem, n. 20 de 10.3.1915, pp. 1-2.
348 Drużyny ochotnicze. Ibidem [a respeito da instituição de formações diferentes na composição do exército russo].
349 Z., Tadeusz. Z Krakowa do Poznania. Ibidem, n. 28 de 10.4.1915, p. 2.
350 Podszywanie się pod polskość. Ibidem, n. 31 de 21.4.1915, p. 2.
351 ŚWIĘTOCHOWSKI, A. Myślenie i maligna. Ibidem, n. 27 de 7.4.1915, p. 2; idem, Okłamali się sami. Ibidem, n. 32 de 24.4.1915, p. 2.
352 Austria i Prusy wobec Polski. Ibidem, n. 33 de 28.4.1915, p. 2 [análise do conteúdo da publicação „Zjednoczenie" (União), editada em Lvov por Stanisław Grabski]; PAWLIKOWSKI, M. Z dziejów smutnej ułudy. Ibidem, n. 35-38 de 5-15.5.1915, p. 2.
353 CZYRIKOW, E. W sprawie polskiej. Ibidem, n. 40 de 22.5.1915, pp. 1-2.
354 GRZYMAŁA-SIEDLECKI, A. Przetrwamy. Ibidem, n. 102 de 29.12.1915, pp. 1-2.

Naquele tempo, para a corrente ativista o porta-voz dos seus desejos e anseios era Józef Piłsudski, porquanto ele personificava a ação armada, na qual se despositavam grandes esperanças. No dia 5 de outubro de 1914 o Comitê da Defesa Nacional curitibano enviou uma declaração confirmando a sua adesão ao Comitê Nacional Geral de Cracóvia[355]. Naquele tempo a Comissão Militar Polonesa do Exército Polonês fazia uma propaganda pela volta à Europa e pela participação ativa na ação armada polonesa. Em razão das dificuldades de comunicação, não se tratava de uma tarefa fácil. No final, dos portos brasileiros partiram: Juliusz Bagniewski, Roman Pleszewski, Eugeniusz Radliński (eles reforçaram as fileiras das Legiões Polonesas), e do porto em Buenos Aires: Aleksander Świrski, Władysław Wyrozębski e Wieńczysław Piotrowski (que na França ingressaram na chamada Legião dos Baionenses)[356]. Naquele tempo juntaram-se ao bloco ativista algumas sociedades de Curitiba e do interior. A orientação favorável às Legiões foi apoiada p. ex. pelo quinzenário *Kolonista Polski* (Colono Polonês), editado e redigido pelo Pe. Antoni Cuber em Ijuí, pela Liga Polonesa instituída em 1916 em Porto Alegre[357], pelo *Tygodnik Związkowy* (Semanário da União) editado pelo professor Franciszek Hanas em Guarani (Rio Grande do Sul), bem como pela publicação satírica editada em Curitiba por Witold Żongołłowicz *Człowiek Leśny* (O Caipira). Ao bloco acima juntou-se o antigo colaborador de Warchałowski, professor das escolas da Sociedade da Escola Popular Jeziorowski, bem como Sekuła e os vindos antes da guerra Józef Czaki e Juliusz Szymański. Esse agrupamento instituiu em 1916 a União das Organizações Polonesas pela Independência, com Szymon Kossobudzki como presidente. A orientação favorável às Legiões divulgava os seus pontos de vista no semanário *Ogniwo* (Elo),

355 ANK, n. 205/38, Akta Naczelnego Komitetu Narodowego, mk 100.

356 A Legião dos Baionenses surgiu em agosto de 1914 na localidade de Bayonne, na França. Contava cerca de 200 soldados. O recrutamento para a Legião foi interrompido após um protesto da embaixada da Rússia. No final os baionenses foram incorporados ao Regimento Estrangeiro como a 2 Companhia do Batalhão C. As correspondências de Wyrozębski e de Piotrowski eram publicadas no *Polak w Brazylii*. Cf. PIOTROWSKI, W. List z pola bitwy, n. 2 de 6.1.1915, p. 2 e n. 48 de 19.6.1915, p. 2; Z okopów, n. 87 de 3.11.1915, pp. 2-3; WYROZĘBSKI, W. List z pola bitwy, n. 61 de 4.8.1915, pp. 2-3 [trechos da carta transmitidos à redação pelo engº Józef Angulski, de Tubarão].

357 Sprawozdanie półroczne z czynności rady Ligi Polskiej w Porto Alegre odczytane 26 XI 1916 r. w sali Polskiego Towarzystwa Dobroczynności „Tadeusz Kościuszko", n. 101 de 28.12.1916, pp. 2-3; LESIŃSKI, Stanisław. *List otwarty do Sz. Ks. Józefa Anusza*, Porto Alegre, setembro de 1917 (arquivo do autor).

que em 1916 mudou o seu título para *Pobudka* (Toque de Alvorada), e a seguir – desde meados de 1918 – foi publicado como *Świt* (Aurora). "Para os objetivos de propaganda do movimento pela independência, da defesa das ações e da honra das Legiões no exterior" – como escrevia Wierzbowski – tinham, além disso, à disposição o *Gazeta Polska w Brazylii* (Jornal Polonês no Brasil), de propriedade do Pe. Trzebiatowski[358].

Um importante acontecimento para o bloco pela independência foi a proclamação do Ato de 5 de novembro, no qual os soberanos da Alemanha e da Austro-Hungria prometiam aos poloneses que das terras polonesas tomadas da Rússia instituiriam para eles "um Estado autônomo, com monarquia hereditária e regime constitucional"[359]. Nesse ato os ativistas percebiam a confirmação da sua própria escolha política, o que expressavam por ocasião de numerosos comícios, como em Ponta Grossa, Marechal Mallet, Rio Claro e Três Barras. Durante essas manifestações conclamava-se ao boicote do jornal de Warchałowski:

> Visto que o *Polak w Brazylii* com todo o descaramento deturpa os fatos e fornece as suas absurdas combinações próprias como axioma, visto que se esforça para apresentar a proclamação da independência da Polônia como a maior calamidade nacional e ridiculariza, como um moleque de rua, os sábios esforços do governo polonês, eu me dirijo a vocês, digníssimos cidadãos, com o ardente apelo: enviem de volta o *Polak* juntamente com uma carta exigindo que um jornal que propaga a traição da Pátria não lhes seja mais enviado[360].

Apelos desse tipo eram publicados pelo órgão das Organizações Polonesas Unidas pela Independência quase que em cada número[361]. Sem superestimarmos a influência do *Pobudka* sobre a colônia polonesa no Bra-

358 WIERZBOWSKI, W. Ruch niepodległościowy wśród ludności polskiej w Brazylii. *Niepodległość*, t. 9, 1934, p. 288.

359 KUMANIECKI, K. *Odbudowa państwowości polskiej. Najważniejsze dokumenty, 1912 – styczeń 1924*, Warszawa – Kraków, 1924, p. 48.

360 CHOLEWICZ, J. Odezwa do ogółu Polskich Obywateli! *Pobudka*, n. 5 de 16.2.1917, p. 3.

361 Cf. HESSEL, R. List otwarty do Red. „Polak w Brazylii". *Pobudka*, n. 8 de 9.3.1917, p. 4; „Um órgão que renega a nação deve ser combatido, e por isso peço à redação do *Polak w Bazylii* que não me envie mais o seu jornal" – escrevia A. Laba. Szanowna Redakcjo „Pobudki". Ibidem, n. 13 de 13.4.1917, pp. 2-3; PREVOT, M. List otwarty. Ibidem, n. 18 de 18.5.1917, p. 3. Ao boicote do *Polak w Brazylii* convocava igualmente o *Gazeta Polska w Brazylii*. Cf. List otwarty. Ibidem, n. 3 de 20.1.1917.

sil, não podemos absolutamente menosprezar esse tipo de apelos contra o jornal de Warchałowski. Em breve, porém, os partidários dos Estados centrais, em face dos crescentes humores antigermânicos no seio da sociedade brasisleira, encontraram-se numa situação muito difícil. As autoridades brasileiras adotavam diante deles diversas repressões – especialmente após o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com a Alemanha em abril de 1917. Por exemplo, as publicações dessa orientação estavam sujeitas à censura, e algumas vezes eram até provisoriamente fechadas[362]. E também muitos dos seus ativistas – a respeito do que ironicamente escrevia o *Polak w Brazylii* – começaram a mudar de orientação política[363].

O nível das emoções nas polêmicas e acusações entre as orientações atingiu uma escala inigualável. O *Polak w Brazylii* era acusado de servir ao tsar, de ser financiado pela Rússia e por isso servir aos seus interesses etc. Para o apoio dessas teses Warchałowski era censurado por ter sido outrora um funcionário russo, o que ele aliás nunca negou[364]. Os partidários de Warchałowski também não selecionavam palavras, em razão do que muitas vezes eram utilizados argumentos pouco refinados:

> O filho do Sr. Warchałowski, Jerzy, agrediu na Rua Aquidaban [atual Emiliano Perneta – N. do T.] o Sr. Albin Tomczak, redador do *Gazeta Polska* (Jornal Polonês). Também o Sr. K. Warchałowski, por ter sido publicado contra ele um poemeto falso no *Gazeta Polska*, atacou e agrediu atrás da igreja paroquial o proprietário do jornal, Pe. Stanisław Trzebiatowski, que após a Missa estava justamente voltando para casa[365].

O alvo dos ataques dos partidários de Warchałowski era principalmente o *Gazeta Polska w Brazylii*. "As colunas desse jornal – escrevia Tomasz Kamiński – estão repletas unicamente de artigos dos quais sopra de forma muito visível o patriotismo austro-prussiano, ou de correspondências das quais emana a ignorância, a tapeação e a completa falta de pensamentos sadios na questão da orientação política polonesa"[366]. Os partidários da

362 WIERZBOWSKI, W., op. cit., pp. 286-288.

363 „Pobudka" trąbi do odwrotu. *Polak w Brazylii*, n. 40 de 22.5.1917.

364 *Pro domo sua*. *Polak w Brazylii*, n. 31 de 21.4.1915, p. 2.

365 WIERZBOWSKI, W., op. cit., p. 289.

366 KAMIŃSKI, T. Św. Barbara. *Polak w Brazylii*, n. 12 de 10.2.1915, p. 2; cf. também: „Gazeta Polska w Brazylii" grozi Anglii. Ibidem, n. 15 de 20.2.1915, p. 2; Czciciele knuta. Ibidem, n. 16 de 24.2.1915, p. 2.

corrente ativista no Brasil eram acusados de desinformar e engarnar a colônia polonesa, mandando acreditar num „poderoso movimento revolucionário na Polônia, na conquista de Varsóvia, no Governo Nacional polonês e em outras ficções semelhantes"[367]. "Esse era o pretexto para – como escrevia o *Polak w Brazylii* – arrancarem o último tostão do bolso polonês para a legião galiciana sob o comando prussiano, da qual se sabe que já há muito tempo passou ao soldo austríaco, e cujo comando geral utiliza esse dinheiro para a propaganda da aliança prussiano-austríaca"[368].

A crítica da concepção legionária e da aliança com os Estados centrais foi apresentada pelo próprio Warchałowski, em alguns textos mais longos. "Por uma questão de justiça temos que reconhecer – escrevia ele – que no início da guerra, quando o lema da criação da força armada polonesa ecoava no mundo, ele congregou significativos contingentes de pessoas; por esse ideal pulsaram tanto corações em Cracóvia com em Chicago ou em Curitiba. Lembramos que esse lema surgiu com a declaração da total independência das legiões, que deviam servir de quadros para o esperado e pretensamente preparado levante na Polônia"[369]. "No entanto – escrevia o *Polak w Brazylii* – os legionários são um simples exército austríaco[370], na zona de ocupação prussiana continuam a vigorar leis excepcionais que discriminam a população polonesa[371], e a sociedade mantém um distanciamento da concepção ativista". Esses fatos serviram a Warchałowski tanto na polêmica com os partidários da orientação ativista no Paraná[372], como na exposição dos seus pontos de vista aos desorientados leitores:

367 W. Łgarze i fanfaroni. Ibidem, n. 13 de 13.2.1915, p. 2. "No último *Ogniwo* (Elo), transformado em *Wiadomości z wojny* (Notícias da guerra), mentindo, naturalmente, para enganar os ingênuos, o Sr. Rodziewicz alude a pessoas eminentes que pretensamente lutam nas fileiras das legiões, o que deve ser uma prova de que os senhores da organização das legiões têm razão em apoiar os prussianos e desperdiçar o sangue polonês para a glória de Wilhelm e dos cavaleiros teutônicos".

368 *Pro domo sua....*

369 W. O metodach, ślepocie i braku orientacji naszych prusofilów słów kilka. Ibidem, n. 22 de 17.3.1915, p. 2.

370 Legioniści zwykłym austriackim wojskiem. Ibidem, n. 23 de 20.3.915, p. 2.

371 Sprawa polska w pruskiej Izbie Posłów. Ibidem, n. 30 de 17.4.1915, p. 1 [transcrição de *Kurier Poznański*].

372 Na temat „zapatrywań politycznych" filozofa z „Ogniwa". Ibidem, nn. 26 e 27 de 31.3 e 7.4.1915, p. 2.

> Lamentamos muito termos que dissipar a sua ilusão – escrevia em resposta ao comerciante Cholewicz – que naturalamente não surgiu por culpa sua, mas é o resultado das ordinárias bravatas de algums pasquins agitadores que o Senhor recebe – a saber, a ilusão de que toda ou a maior parte da Polônia apoia o Comitê Central Nacional. [...] Chamamos aqui a sua atenção para o fato de que não fazemos nem nunca fizemos os próprios legionários os responsáveis pelo que aconteceu e está acontecendo. Esses jovens infelizes, mas iluminados pelo espírito do devotamento e do heroísmo, se inconscientemente prejudicam a causa polonesa, acabam pagando pelo seu erro com o próprio sangue. A responsabilidade por esse sangue e por esses erros recai sobre os dirigentes dos Partidos Confederados pela Independência e a seguir sobre o recente Comitê Central. Os jovens, os fuzileiros, os soldados foram aonde o comando os enviou[373].

Warchałowski acusava os adeptos da independência da utilização do fato de que alguns escritores – tais como Wacław Sieroszewski, Stefan Żeromski, Andrzej Strug, Gustaw Daniłowski – haviam apoiado a ação legionária. Não se levava em conta – argumentava ele – que a maior parte da imprensa polonesa na Polônia e no exterior, bem como a decidida maioria das pessoas da ciência e da cultura, entre as quais Władysław S. Reymont, Wacław Gąsiorowski, Henryk Sienkiewicz, Aleksander Świętochowski, Tadeusz Korzon, Tadeusz Boy-Żeleński, Kornel Makuszyński, Adam Grzymała-Siedlecki, se havia pronunciado pela orientação que era defendida pelo *Polak w Brazylii*. "Asseguramos ao Senhor – continuava escrevendo – que o *Polak* é enviado na quantidade de apenas 100 exemplares à Polônia e aos Estados Unidos, de modo que não será certamente à sua influência que o Senhor atribuirá a orientação antiprussiana da grande maioria da nossa sociedade, então por que o Senhor se irrita com ele?"[374].

Após a ocupação do Reino da Polônia e da Galícia pelos exércitos teuto-austríacos, a linha do jornal não sofreu grande mudança. Apesar de ser ridicularizado o procedimento de pessoas como Radliński (comandante da União dos Fuzileiros no Brasil), que – na opinião do *Polak w Brazylii* – "pelo seu comportamento despertavam a desconfiança em relação à instituição que representavam"[375], com seriedade e com o máxi-

373 Redakcja, List otwarty. Ibidem, n. 29 de 14.4.1915, p. 2.

374 Redakcja, List otwarty (dokończenie). Ibidem, n. 30 de 17.4.1915, p. 2.

375 „Z ziemi obcej – do Polski". *Polak w Brazylii*, n. 56 de 17.7.1915, pp. 2-3.

mo respeito forneceu a notícia da sua morte, da mesma forma que sobre a de Juliusz Bagniewski; ambos partiram do Brasil e pereceram no campo de batalha na Polônia[376]. Comentando, no entanto, a correspondência de Jan Gawroński, da colônia Campina, na qual ele informava a respeito do envio da importância de 856 $ 000 à Seção de Abastecimento do Comitê Nacional Central, com destinação para os que passavam fome na Polônia, o órgão de Warchałowski escrevia:

> Com verdadeira alegria publicamos o relatório acima [...]. Só não podemos compreender o que significa o propósito de enviar a soma coletada para a seção de abastecimento do Comitê Nacional Central; sabemos muito bem que o Comitê Central é uma organização exclusivamente política, de orientação eminentemente austro e prussianofílica; quem quiser, pode enviar para lá o dinheiro para as legiões, mas para os famintos e os infelizes o dinheiro deveria ser enviado ao endereço de Henryk Sienkiewicz (Grand Hotel – Vevey – Suisse), pesidente do Comitê Central de Assistência, para a coleta de contribuições em prol das vítimas da guerra na Polônia […][377].

Henryk Sienkiewicz

Realmente, a respeito da atividade do Comitê Central da Assistência às Vítimas da Guerra na Polônia, com sede em Vevey (na Suíça), o *Polak w Brazylii* informou desde o início[378], da mesma forma que a respeito dos manifestos (ou das suas repercussões no mundo) de Sienkiewicz[379] e de outros membros do Comitê[380]. O mesmo dizia respeito à Agência Cen-

376 Juliusz Bagniewski – Eugeniusz Radliński. *Polak w Brazylii*, n. 65 de 18.8.1915, p. 3.
377 Korespondencje. *Polak w Brazylii*, n. 66 de 21.8.1915, pp. 2-3.
378 Komitet Generalny Pomocy dla Polski. *Polak w Brazylii*, n. 19 de 6.3.1915, p. 2 [transcrição de *Myśl Polska*]; Ogólny Komitet Polski wobec Galicji. Polak w Brazylii, n. 40 de 22.5.1915, p. 2 [transcrição do cracoviano *Piast*]; *Generalny Komitet Polski*. *Polak w Brazylii*, n. 59 de 28.7.1915, pp. 2-3; Od Generalnego Komitetu Ratunkowego. Ibidem, n. 71 de 8.9.1915, pp. 2-3; Sprawozdanie Sienkiewiczowskiego Komitetu. Ibidem , n. 96 de 4.12.1915, p. 3; Czwarte sprawozdanie kasowe Komitetu Generalnego Pomocy dla Ofiar Wojny w Polsce. Ibidem, n. 29 de 14.4.1917, p. 2.
379 Szwecja Polsce. *Polak w Brazylii*, n. 47 de 16.6.1915, p. 2 [sobre o apoio de Selma Lagerlof à carta de Sienkiewicz pedindo a ajuda às vítimas da guerra na Polônia]; Anglicy dla Polski. Ibidem, n. 51 de 30.6.1915, pp. 2-3; Amerykanie dla Polski. Ibidem, n. 55 de 14.7.1915, pp. 2-3.
380 Odezwa Paderewskiego do Polaków w Ameryce. *Polak w Brazylii*, n. 52 de 3.7.1915, p. 2; Amerykanie dla Polski. Ibidem, n. 58 de 24.7.1915, p. 2.

tral Polonesa em Lausanne, instituída no final de 1915 e dominada por ativistas da democracia nacional[381]. O jornal publicou também, em nome dos deputados populares, o manifesto de Włodzimierz Tetmajer intitulado *Aos irmãos camponeses na América*, convocando à generosidade em prol da Pátria[382]. Os Warchałowski não somente convocavam à generosidade, mas envolviam-se ativamente na ação da coleta de donativos. Janina Warchałowska assumiu a direção da União Nacional das Polonesas, que atuou até abril de 1919. Nesse período ela não apenas realizou coletas de dinheiro para as vítimas da guerra na Polônia, mas também organizou dezenas de eventos visando à obtenção de recursos que pudessem reforçar a conta da União. No total, em prol do Comitê que funcionava em Vevey foram enviados 14 000 $ 000[383]. Kazimierz Warchałowski, por sua vez, assumiu a direção do Comitê do Donativo Nacional – instituído em 1918. Para influenciar o aumento dos donativos, foi anunciado que os nomes de todos os benfeitores seriam inscritos no Livro de Ouro dos Emigrados Poloneses no Brasil[384]. Em outubro de 1919 Warchałowski transferiu ao Chefe de Estado, Józef Piłsudski, um cheque no valor de 90 mil francos como a primeira parcela do Donativo Nacional da colônia polonesa no Brasil[385].

Exército Polonês na França, 22 de junho de 1918

Gen. Józef Haller

Em face da derrota da Rússia nas frentes de guerra, o *Polak w Brazylii* começou a enfatizar cada vez mais o significado da França na guerra que se travava. Acreditava-se que a vitória dos Estados da Entente, sob o comando da França, significaria a "libertação da Polônia": "A Polônia, ao perecer, salvou a Primeira República. A Terceira República – escrevia

381 Centralna Agencja Polska w Lozannie. Ibidem, n. 89 de 10.11.1915, p. 2; FLORKOWSKA-FRANČIČ, H. *Między Lozanną, Fryburgiem i Vevey. Z dziejów polskich organizacji w Szwajcarii w latach 1914–1917*, Kraków, 1997, pp. 177-276.

382 TETMAJER, W. Do Braci Chłopów w Ameryce! *Polak w Brazylii*, n. 55 de 14.7.1915, p. 2.

383 Zjednoczenie Polek w Kurytybie. Ibidem, n. 35 de 29.5.1919, p. 3. Para maiores informações sobre esse tema cf. PŁYGAWKO, D. *Sienkiewicz w Szwajcarii. Z dziejów akcji ratunkowej dla Polski w czasie pierwszej wojny światowej*, UAM, Poznań, 1986, pp. 116-120.

384 Dar Narodowy. *Polak w Brazylii*, n. 88 de 22.11.1918, p. 1.

385 Dar Narodowy. Ibidem, n. 39 de 26.6.1919, p. 1 [fotocópia do cheque]; AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 49, Do Jego Ekscelencji Generała Józefa Piłsudskiego Prezydenta Rzeczypospolitej Polskiej, ff. 56-58; *Brazylia a Polska*. *Głos Narodu*, n. 252 de 19.10.1919, p. 1.

Jerzy Kurnatowski – ao vencer, ressuscitará a Polônia!”[386]. Diante do caos que se instalou na Rússia após a derrubada to tsarismo, essa concepção tornava-se cada vez mais real. Percebia-se isso ainda melhor da perspectiva brasileira, principalmente quando o Brasil – depois que um navio cargueiro seu foi afundado pela marinha alemã – rompeu as relações diplomáticas com a Alemanha e defrontou-se com a guerra. Nessa situação Warchałowski convocou os camponeses para uma assembleia em Curitiba para – como se escreveu – „de forma leal e categórica definir a nossa relação com a nação brasileira e a posição que a colônia polonesa assumirá em caso de guerra”[387]. A assembleia, que se realizou no dia 29 de abril na sede da Sociedade da Escola Popular, escolheu um Comitê (representando os participantes)[388] e aprovou uma resolução que foi entregue ao presidente do estado do Paraná – Dr. Affonso Camargo[389]. Essa resolução expressava a solidariedade com a nação brasileira e o incondicional apoio ao Brasil diante do conflito que se aproximava[390].

Enquanto os principais representantes da coletividade polonesa no Sul do Brasil estavam ocupados com a luta interna motivada pelas orientações político-militares ou com a ação da coleta, um pequeno grupo de poloneses estabelecidos no Rio de Janeiro empreendeu uma ação diplomático-propagandística em prol da independência da Polônia. A coletividade polonesa no Rio de Janeiro nunca foi numerosa. Antes da Primeira Guerra Mundial não passava de 500 pessoas. Para as pessoas que lutavam pela existência num país estrangeiro, tornava-se difícil encontrar tempo para a atividade social. Os ativistas da Sociedade Polonesa de Assistência

---

386 Francja i Polska. *Polak w Brazylii*, n. 99 de 15.12.1915, pp. 1-2.

387 WARCHAŁOWSKI, K. Wiec polski. *Polak w Brazylii*, n. 32 de 24.4.1917, p. 3.

388 Fizeram parte dele: Józef Kopciuszyński, Kazimierz Warchałowski, Sylwester Piasecki, Bolesław Prysak, Stanisław Słonina, Jan Łopuszyński, Stanisław Kłobukowski, Feliks Szańkowski e Julian Malinowski.

389 Naturalmente, a iniciativa da assembleia, da mesma forma que os empreendimentos seguintes desse tipo, provocaram os ataques dos partidários da concepção ativista. “Como um usurpador, o Senhor se instituiu por conta própria representante da colônia polonesa daqui diante da sociedade brasileira – lemos numa carta aberta a Warchałowski assinada por Michał Prevot. – O Senhor convocou uma assembleia, falou como um ditador, mas não foi mais que um usurpador. ‘Varão Providencial’! Não se esqueça de que para convocar assembleias é preciso ter a autorização da maioria da colonônia polonesa local – é preciso ter a fronte clara e é preciso ser claro nas ações”. PREVOT, M. List otwarty. *Pobudka*, n. 18 de 18.5.1917, p. 3.

390 Wiec polski. *Polak w Brazylii*, n. 34-35 de 1-4.5.1917, pp. 23.

e Cultura, fundada por Jadwiga Jahołkowska, escreviam a esse respeito a Ignacy Paderewski, que em 1911 veio ao Rio para uma série de concertos:

> A manutenção de uma Sociedade Polonesa no Rio de Janeiro é um peso grande demais para a pequena colônia que aqui constituímos, e como atualmente esta já é a terceira de uma série, a terceira sucessiva tentativa de levantar o Estandarte Polonês no Rio de Janeiro, não podemos nos livrar do terrível receio de que esse fato possa ser nada mais do que o terceiro prenúncio do gemido de pesar que nós pobres náufragos emitiremos e de que pela terceira vez ainda teremos que soltar das nossas mãos essa bandeira, que com tanto orgulho e amor empunhamos[391].

Tanto mais deve despertar a admiração o fato de que representantes desse pouco numeroso grupo de poloneses, com o então seu presidente Jakub Kosiński, no dia 3 de outubro de 1916 tenha entregado a Rui Barbosa, conselheiro do governo legal da República Brasileira, um memorial pedindo o apoio à causa da independência da Polônia. No ano seguinte a ação da colônia polonesa no Rio não somente não se interrompe, mas até se intensifica. Serviu de impulso para isso um decreto do presidente da França Raymond Poincaré, de 4 de junho de 1917, instituindo "um autônomo exército polonês permanecendo sob as ordens do comando comum francês e lutando sob o estandarte polonês"[392]. Alguns dias depois, por iniciativa de Edward Płużanski, foi redigido o estatuto do Comitê Nacional Polonês, que foi aprovado no dia 8 de julho de 1917, durante uma assembleia da coletividade polonesa no Rio de Janeiro. Como seu presidente foi eleito Jakub Kosiński, o cargo de vice-presidene foi assumido por Witold Zaręba, e o de secretário – por Wacław Teodorkowski[393]. No dia 16 de setembro o Comitê Nacional Polonês saudou solenemente

391 AAN, Archiwum Ignacego J. Paderewskiego, n. 618, List zarządu PTSiO z 28 VII 1911, ff. 50-51.

392 DMOWSKI, R. *Polityka polska i odbudowanie państwa*, t. 2, Warszawa, 1988, p. 27; AAN, Teka S. Laudańskiego, n. 1230-76-II-39, Relacja mjr. H. Abczyńskiego dla ppłk. S. Laudańskiego z 23 X 1923, f. 195.

393 *Sprawozdanie Komitetu Narodowego Polskiego w Rio de Janeiro z działalności w roku 1917 przedstawione [...] na wiecu kolonii polskiej w dniu 3 II 1918 r.*, Rio de Janeiro, p. 6; GRABOWSKI, T. S., op. cit., p. (153) 9; Komitet Narodowy Polski w Brazylii. *Dziennik Związkowy* (Chicago), 21.10.1917.

Paul Claudel

Wacław Gąsiorowski

no Rio de Janeiro o tenente Henryk Abczyński, delegado Missão Militar Franco-Polonesa[394]. Ele tinha vindo ao Brasil com o objetivo de recrutar voluntários para o Exército Polonês, que estava sendo criado sob o comando do general Józef Haller[395]. A missão de Abczyński, da mesma forma que as ações Comitê Nacional Polonês, e a seguir de Warchałowski, foram apoiadas pelo ministro plenipotenciário da França no Rio de Janeiro, Paul Claudel[396]. Infelizmente, a ação de recrutamento para o Exército Polonês na França, apesar de ser apoiada pelo Comitê Nacional Polonês, não teve um resultado favorável. Viajaram à França somente 12 voluntários: 10 do Rio de Janeiro (7 em outubro e 3 em dezembro de 1917) e 2 de São Paulo (em fevereiro de 1918)[397].

Após a vinda do tenente Abczyński a Curitiba, a pedido do conhecido escritor Gąsiorowski – na ação de recrutamento envolveu-se Warchałowski[398]. Por iniciativa dele realizou-se no dia 14 de outubro de 1917 em Curitiba uma assembleia, durante a qual foi apresentada a convocação para o ingresso no Exército Polonês na França[399]. Infelizmente, a de-

394 O tenente Henryk Abczyński nasceu no dia 13.3.1886 em Trąbin (distrito de Rypin), numa família tártara polonizada. Em 1909 concluiu a Escola Politécnica Imperial-Real em Lvov e trabalhou na indústria polonesa e francesa. Na França ingressou no Comitê dos Voluntários Poloneses para servir no Exército Francês. Um dos mais ativos partidários da instituição do Exército Polonês na França, ao lado de Wacław Gąsiorowski. A partir de 15 de junho de 1917, na Missão Militar Franco-Polonesa. Para mais informações, cf.: BUDZIŃSKI, Krzysztof. Pułkownik inż. Henryk Abczyński (1886-1975). Zarys działalności wojskowej. *Rocznik Dobrzyński*, t. 2, 2009, pp. 133-142.

395 Infelizmente, até outubro de 1917 foram recrutados na França somente 832 voluntários. Diante disso, a Missão Militar Franco-Polonesa enviou equipes especiais de recrutamento aos Estados Unidos, ao Canadá e ao Brasil. No decorrer de um ano, no acampamento nas margens do Niágara registraram-se para viajar à França 26 mil poloneses. No dia 10 de janeiro de 1918 foi instituído o primeiro regimento de fuzileiros poloneses, composto principalmente de voluntários americanos. Em breve surgiu a primeira divisão, composta de 70% de poloneses de cidadania americana. Os soldados de Haller eram na maioria americanos. STAWECKI, P. *U źródeł niepodległości 1914–1918. Z dziejów polskiego czynu zbrojnego*, WIH, Warszawa, 1988, p. 219.

396 Comprova isso a correspondência reunida por W. Gąsiorowski: ZNiO, n. 77/72, Armia Polska we Francji, f. 6.

397 *Sprawozdanie Komitetu Narodowego Polskiego w Rio de Janeiro...*, p. 8.

398 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 42, List z 9 VIII 1917, f. 1.

399 W. K., *Wiec Polski w Kurytybie*, n. 40 de 26.10.1917, pp. 3-4; “Mas voltemos à assembleia: o Sr. Szukiewicz apresentou a resolução favorável ao ‘exército polonês’ na França – escrevia no relatório Konrad Jeziorowski – e então pediu a palavra o Sr. Żongołłowicz. Na questão da resolução, o Sr. Żongołłowicz falou contra a formação do exército polo-

Henryk Abczyński num grupo de poloneses em Curitiba. A partir da esquerda, em pé, entre outros: W. Szukiewicz, T. Danielewicz, K. Warchałowski, W. Ostoja-Roguski, A. Pepłowski, S. Słonina, B. Dergint, F. Szańkowski

savinda e dividida coletividade polonesa não apoiou esse projeto. Viam de forma crítica a missão de Abczyński sobretudo os partidários de Piłsudski. „Sim, a França está precisando de pessoas, então, para as conquistar, está disposta a anunciar a formação de um exército judeu, tártaro etc." – escrevia já em agosto de 1917 no *Pobudka* (Toque de Alvorada) Ryziński[400]. Dois meses depois a mesma publicação escrevia: "Perguntemos: qual a missão do Sr. Abczyński? O recrutamento para o 'Exército Polonês'? Não – a luta contra a Polônia"[401]. O *Gazeta Polska w Brazylii* (Jornal Polonês no Brasil) acreditava, por sua vez, que os voluntários poloneses eram necessários à

nês na França, mas pouco se podia ouvir, visto que levantou-se o Sr. Gross (o mesmo Sr. Gross que foi há alguns anos o 'senhor redator' do *Gazeta Polska* e bailarino) e abafou a fala do Sr. Żongołłowicz, xingando os alemães". JEZIOROWSKI, K. Szanowny Obywatelu redaktorze! *Pobudka*, n. 40 de 26.10.1917, p. 4.

400 RYZIŃSKI, K. Armia Polska. *Pobudka*, n. 30 de 10.8.1917, pp. 2-3; Dois meses mais tarde, o mesmo autor escrevia: "A nação, o governo polonês, os poloneses na França são contrários à formação de um 'exército polonês' naquele país, de maneira que ninguém tem a obrigação de se apresentar a ele. Desejamos sinceramente à França a vitória, mas para isso não daremos o nosso próprio sangue, porque também ela não dará o seu por nós, e porque a Polônia vai precisar muito, muito mesmo desse sangue para si mesma". Idem, Armia Polska we Francji. Ibidem, n. 38 de 12.10.1917, p. 2.

401 Grajmy w otwarte karty. *Pobudka*, n. 41 de 2.11.1917, pp. 3-4.

França como "carne de canhão". E insistia na posição de que a única força armada nativa eram as Legiões Polonesas[402].

No dia 26 de outubro de 1917 o Brasil declarou guerra à Alemanha e aliou-se à luta ao lado dos Estados aliados. Alguns dias mais tarde, no dia 13 de nvembro de 1917, o ministro das relações exteriores do Brasil, Nilo Peçanha, respondendo a uma proposta de paz do papa Bento XV, assinalou a possibilidade do reconhecimento da independência da Polônia („reconhece [...] restituida a liberdade á Polonia")[403]. Uma expressão da nova situação no mundo foi também o memorial – assinado por Warchałowski e Kosiński – entregue no dia 22 de novembro ao ministro das relações exteriores do Brasil. Nesse documento informava-se o governo brasileiro a respeito da declaração do govero russo provisório de 30 de março de 1917, da declaração do presidente dos Estados Unidos Woodrow Wilson, bem como da posição favorável da Entente diante do projeto da independência da Polônia. Os autores enfatizavam também o fato de haver surgido em Paris o Comitê Nacional Polonês, cujo representante no Brasil era o mencionado Comitê na Polônia[404]. Além disso, no memorial encontrou espaço um parágrafo no qual se pedia o reconhecimento "da existência da nossa nacionalidade e a autorização de instituir uma organização política que tenha por tarefa servir de intermediária entre a multidão dos nossos compatriotas e o governo brasileiro, bem como expedir declarações de nacionalidade aos poloneses"[405].

Ao memorial acima as autoridades brasileiras responderam no dia 6 de dezembro de 1917. O governo brasileiro anunciou o reconhecimento da existência da nação polonesa. Assegurava-se também que na definição da nacionalidade polonesa as autoridades brasileiras aceitariam somente as certidões de nacionalidade expedidas pelo Comitê Central Polonês em Curitiba[406]. Com o objetivo de instituir a mencionada organização, no dia 16 de dezembro de 1917 foi convocada em Curitiba uma assembleia[407] du-

402 Komedia werbunkowa. *Gazeta Polska w Brazylii*, n. 86 de 27.10.1917, p. 1.

403 Resposta do Brazil á Proposta de Sua Santidade. *Brazil-Polonia*, n. 4 de 15.11.1921.

404 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 38, Kopia memoriału z 22 XI 1917, f. 85–88.

405 Ibidem, n. 158, Claudel, f. 15.

406 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 38, Pismo do H. Abczyńskiego z 6 XII 1917.

407 O manifesto que convocava para a assembleia polonesa foi assinado por: K. Warchałowski, Dr. M. Szeliga-Szeligowski, Tadeusz Danielewicz, Stanisław Słonina, Sylwester Piasecki, Jan Łopuszyński, Feliks Szańkowski, Józef Dynarowski, Julian Malinowski, Józef Sikorski. Cf. Wiec polski. *Polak w Brazylii*, n. 96 de 7.12.1917, p. 3.

rante a qual foi instituído o Conselho Nacional, composto de 25 pessoas, que por sua vez instituiu o Comitê Central Polonês, tendo Warchałowski como presidente[408]. Apesar dos protestos iniciais – "alguns partidários do Comitê do Exército Nacional tentaram perturbar os debates fazendo algazarra e barulho"[409] – a assembleia encerrou-se à noite no Teatro Guaíra com uma solenidade da qual participaram "representantes das autoridades estaduais, federais, militares e civis, bem como cônsules dos Estados aliados[410]. Esse foi um passo importante para o reconhecimento do Comitê Central Polonês como o representante do Comitê Central em Paris.

Com menor entusiasmo as autoridades brasileiras viam a ação de recrutamento promovida por Abczyński e Warchałowski. Isso resultava não apenas – como geralmente se julga – de razões econômicas (da colheita em curso)[411], mas principalmente políticas. O governo brasileiro tratava os poloneses nascidos no Brasil como seus cidadãos. Após a declaração da guerra aos Estados centrais, o Brasil estava se preparando para operações armadas (foi promulgada uma lei sobre o recrutamento geral). Essas eram as verdadeiras razões da aversão das autoridades à ação de recrutamento dos poloneses. Apesar disso Abczyński e seu companheiro Warchałowski

408 Como seus componentes, foram eleitos: Tadeusz Danielewicz – vice-presidente e tesoureiro, Wojciech Szukiewicz – secretário, Sylwester Piasecki e Albin Wątroba – membros. Polski Komitet Centralny. *Polak w Brazylii*, n. 99 de 19.12.1917, p. 3. O Comitê Central Polonês desenvolveu a sua atividade no território de todo o Brasil, e por isso possuía três comitês locais (no Rio de Janeiro – presidente Jakub Kosiński; em São Paulo – presidente Bolesław Nowicki e em Porto Alegre – presidente Żórawski). Existiam também delegações do Comitê em muitas localidades no Sul do Brasil, tais como Guajuvira, Palmeira, Irati, Ijuí, Porto União, São Mateus, Três Barras, Rio Negro, Lucena, Castro, Rio Claro, Cruz Machado, Vera Guarani, Erechim e São Feliciano.

409 Wiec Polski. *Polak w Brazylii*, n. 99 de 19.12.1917, p. 3.

410 Uroczystość polsko-brazylijska w teatrze Guayra. Ibidem, n. 99 de 19.12.1917, p. 3. O sucesso de Warchałowski não podia ficar sem a resposta dos oponentes políticos. "Cessem a luta com a Polônia – escrevia W. Rodziewicz – iniciem uma luta não verbal mas real com a Alemanha apoiando a Polônia conosco, cessem de servir ao partido de Dmowski e de Piltz e sirvam a toda a Polônia e a toda a nação, cessem de ridicularizar a Polônia diante de estranhos e iniciem uma ação para lhe granjear o peso e o respeito diante de estranhos, cessem as brincadeiras infantis e ridículas de formação de governos, embaixadas e exércitos, e somente então poderemos falar de um trabalho harmonioso e comum pela Pátria e pelo povo polonês". RODZIEWICZ, W. Śmieszni są. *Pobudka*, n. 1 de 18.1.1918, pp. 2-3.

411 IGNATOWICZ, M. A. Polonia brazylijska wobec odzyskania niepodległości Polski w r. 1918. In: *Polonia wobec niepodległości Polski w czasie I wojny światowej*, red. H. Florkowska-Frančič, M. Frančič, H. Kubiak, Ossolineum, Wrocław, 1979, p. 146.

Cenas da despedida dos voluntários que se dirigiam ao Exército Polonês na França

Centro de recrutamento em Bacacheri

fizeram duas viagens – no outono europeu de 1917 e na primavera europeia de 1918 – pelas colônias polonesas no Paraná e no Rio Grande do Sul[412]. "O clero combatia a minha ação dos púlpitos, ameaçando os colonos com os tormentos do purgatório pela participação nas reuniões organizadas por mim" – escrevia Abczyński[413]. Não ajudaram muito aqui as condições financeiras muito vantajosas que eram oferecidas aos voluntários e às suas famílias[414] e que eram muito mais favoráveis do que as oferecidas aos voluntários poloneses dos Estados Unidos que se apresentavam no Exército Polonês na França. Infelizmente, apesar dos esforços, do posto de recrutamento em Curitiba, instalado na propriedade de Warchałowski em Bacacheri, viajaram à França pouco mais de 100 voluntários[415].

Os voluntários poloneses viajaram à França em vários grupos. O primeiro, contando 45 recrutas, viajou no dia 22 de janeiro de 1918. Esse

412 Cf. o multisseriado ciclo de WARCHAŁOWSKI, K. *Z objazdu po Paranie i Rio Grande do Sul* e o ciclo de artigos intitulado *Pod sztandarem polskiego Orła*, publicados no *Polak w Brazylii* no final de 1917 e no início de 1918; cf. também CHMIELEWSKI, M. *A Missão Polaca. O tenente Henrique Abczyński e o jornalista Casimiro Warchalewski no Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, 1918.

413 AAN, Teka S. Laudańskiego, n. 1230-76-II-39, Relacja mjr. H. Abczyńskiego dla ppłk. S. Laudańskiego z 23 X 1923, f. 199.

414 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 46, Warunki finansowe służby w Armii Polskiej we Francji, ff. 77-80.

415 O treinamento dos voluntários realizou-se inicialmente na sede da Sociedade Tadeusz Kościuszko – Łączność i Zgoda, e a seguir na propriedade de Warchałowski, em Bacacheri. Cf. Obóz ochotników polskich w Brazylii. *Dziennik Związkowy – Zgoda*, 28.3.1918, p. 2.

grupo foi comandado pelo subtenente Jerzy Warchałowski, que em breve foi destinado ao estado-maior do general Haller[416]. O segundo grupo, contando 7 pessoas, partiu de Curitiba no dia 14 de fevereiro de 1918[417]. No comando do terceiro grupo – contando 22 voluntários – esteve o redator do *Polak w Brazylii*, tenente Julian Malinowski. Esse grupo partiu de Curitiba em março e chegou em Marselha no dia 17 de julho de 1918[418]. Ludwik Warchałowski, por sua vez, esteve no comando do quarto grupo de voluntários, que partiu do Brasil em maio e desembarcou em Bordeaux em agosto de 1918[419]. O quinto e último grupo partiu em julho de 1918 e era composto de 8 pessoas[420]. Ludwik Warchałowski, nascido em 1900, pagou com a vida a sua participação na guerra. Ele faleceu no limiar da independência da Polônia, no final de novembro de 1918, em Paris, em razão de uma pneumonia[421].

Após a partida do coronel Abczyński[422] e o encerramento da ação de recrutamento, o Comitê Central Polonês concentrou-se na atividade política e publicitária[423]. Essas ações eram apoiadas pelo mencionado legado francês Claudel. Muito importantes para o reconhecimento da independência da Polônia foram as determinações da Conferência dos Aliados que deliberou em Versailles no dia 3 de junho de 1918. Foi aprovada ali uma resolução na qual se afirmava que: "O estabelecimento de uma Polônia unida, independente e com acesso ao mar constitui uma das condições para uma paz duradoura e justa e para a volta do império da lei na Europa"[424].

416 *Polak w Brazylii*, n. 6 de 22.1.1918, p. 1.

417 Ibidem, n. 13 de 15.2.1918, p. 3.

418 Ibidem, n. 70 de 17.9.1918, pp. 2-3. Dos voluntários do terceiro grupo em São Paulo cuidou o Comitê Nacional Polonês daquela cidade. Cf. AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 46, Pismo KNP w São Paulo z 6 VI 1918, ff. 47-48.

419 Ibidem, n. 39 de 24.5.1918, p. e 65 de 27.8.1918, p. 3.

420 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 40, ff. 72-78.

421 W. S. Wspomnienie Pośmiertne. Ludwik Warchałowski. *Polak w Brazylii*, n. 95 de 17.12.1918, p. 2.

422 Pożegnanie. Ibidem, n. 22 de 19.3.1918, p. 2; Pożegnanie [z Rio de Janeiro]. Ibidem, n. 27 de 9.4.1918, p. 3.

423 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 44, Sprawozdanie z działalności Polskiego Komitetu Centralnego w Brazylii za okres 16 grudnia 1917 – 10 czerwca 1919, ff. 1-7 (esse relatório foi publicado pelo *Polak w Brazylii*, n. 38 de 19.6.1919, pp. 1-2).

424 Apud J. Pajewski. *Odbudowa państwa polskiego 1914-1918*, 3.ed., PWN, 1985, p. 254.

Ludwik Warchałowski

Para o ministro das relações exteriores do Brasil seria embaraçoso apresentar-se com a sua própria iniciativa na questão da Polônia (ele queria evitar a acusação de estar se imiscuindo na área dos assuntos europeus, que não era da sua competência). Por isso Warchałowski, amigo do legado francês Claudel, convenceu-o a que na nota dirigida a Peçanha abordasse as questões mais importantes do ponto de vista da Polônia. Aquela nota foi divulgada no dia 10 de agosto, e continha, entre outros, os seguintes pontos:

> 1) que o Governo do Brazil ceconhece a nacionalidade polona;
> 2) que, para dar a este reconhecimento uma forma efetiva e prática, reconhece, a exemplo do que eram as Potências Alliadas, o Comitê Nacional de Paris como órgão legitimo do direito e da nacionalidade da Polonia;
> 3) que só o Comitê Central do Brazil, emanação desse Comitê Nacional, tem a qualificação para agir e fallar no Brazil em nome da Polonia e para conceder certyficados da nacionalidade polona[425].

Em sua resposta do dia 17 de agosto de 1918, encaminhada ao legado francês, o ministro das relações exteriores do Brasil anunciou oficialmente o reconhecimento pelo Brasil de uma Polônia independente e unida. Na nota foi inserida igualmente a afirmação de que: „O Governo Federal reconhece assim a nacionalidade polona; reconhece também, com as demais nações alliadas, o Comitê Nacional de Paris, seu órgão legitimo, e dá ao Comitê Central do Brazil eleito pelo voto livre dos polonos a necessária força para fallar em seu nome e conceder os certificados de sua nacionalidade"[426].

Com isso o Comitê Central Polonês tornou-se o representante oficial da coletividade brasileira no Brasil e do Comitê Nacional Polo-

425 Nota da Legação Franceza ao Ministro das Relações Exteriores. *Brazil-Polonia*, n. 4 de 15.11.1921. A nota do legado francês e a resposta do ministro das relações exteriores do Brasil, em tradução para a língua polonesa, foi publicada pelo *Polak w Brazylii*: cf. Dwie noty, n. 65 de 27.8.1918, pp. 1-2.

426 Arquivo Histórico do Minisério das Relações Exteriores do Brasil no Rio de Janeiro, Livro 284/02/08, *Nota do Ministerio das Relações Exteriores* á *Legação Franceza,* RE 10826 EXP.

Nilo Peçanha

nês no Brasil. A solenidade da bênção e do hasteamento da bandeira na sede provisória do Comitê Central Polonês no Rio de Janeiro realizou-se no dia 31 de setembro de 1918. Participaram dela muitos políticos brasileiros (juntamente com Peçanha), os legados dos Estados aliados (francês, belga, inglês e português), o representante do embaixador dos Estados Unidos, o encarregado de negócios russo), escritores e jornalistas. A bênção do estandarte foi promovida pelo salesiano Pe. Teodor Kólczycki, de Niterói.

> Esse ato – dizia Warchałowski – que após o reconhecimento pelo Brasil da nacionalidade polonesa, bem como do direito da sua representação diante do Governo Brasileiro, permite-nos cobrir com o nosso estandarte, com esse símbolo da independência e do poder, uma nesga desta nobre terra brasileira, é para nós duplamente caro e para nós duplamente comovente, porquanto significa a ressurreição da nossa Pátria[427].

O Brasil foi o primeiro país da América Latina a reconhecer a independência da Polônia. Isso foi um grande sucesso da colônia polonesa, e sobretudo de Kazimierz Warchałowski. A sua energia, sua persistência e generosidade conduziram a efeitos em que poucos antes acreditavam. Constituía isso o coroamento dos quinze anos da sua estada no Brasil. Ele conheceu nesse período os principais políticos brasileiros, entre os quais Rui Barbosa, o presidente da República Venceslau Brás e Nilo Peçanha. O envolvimento deles nos assuntos poloneses foi também um sinal das crescentes aspirações do Brasil para desempenhar um papel mais significativo na arena internacional. Também para Warchałowski, como presidente do Comitê Central Polonês, abriam-se novas perspectivas de ação. Ele renovou os seus contatos com Dmowski[428], e da sua atividade no Brasil ficou sabendo toda a Polônia. Por isso não era de admirar que a sua candidatura fosse em breve anunciada para a função de legado da República da Polônia no Brasil.

No entanto, objetivamente torna-se necessário constatar que o envolvimento dos colonos poloneses no Brasil em prol da restauração da

427 Niepodległość Polski. *Kalendarz Polski w Brazylii 1919*, p. 87.
428 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 42, Listy K. Warchałowskiego do R. Dmowskiego, ff. 27-47.

Solenidade no Rio de Janeiro por ocasião do reconhecimento da independência da Polônia pelo Brasil, 31.8.1918

Polônia renascida não foi tão expressivo. Envolveram-se nesse processo sobretudo as poucas pessoas cultas (ou operários com consciência cívica) que se identificavam com a genealogia nobre ou intelectual. A maioria esmagadora da colônia polonesa era constituída, no entanto, pelas camadas plebeia e camponesa. Na sua memória era ainda muito recente o antagonismo de classes para juntamente com os líderes edificar uma comunidade nacional, unida e solidária, buscando o mesmo objetivo, ou seja, a independência. Mesmo assim os camponeses receberam o renascimento da Polônia com grande alegria. Aqueles que eram capazes de escrever expressavam isso nas correspondências publicadas nos jornais populares. Michał Stec, de Rio Claro, no Brasil, escrevia à redação do *Przyjaciel Ludu* (Amigo do Povo):

> Irmãos meus! Pátria Polônia sonhada! Após quase trinta anos de vida errante, tendo reunido com o pesado trabalho algum patrimônio, quero juntamente com a minha família visitar-Vos neste ano. Aqui em terra estrangeira, no pesado trabalho eu me cobri de lágrimas de alegria ao saber que a nossa Mãe Polônia ressuscitou. Mãe caríssima, Polônia nossa, eu, Teu filho, camponês polonês expulso pela miséria para a vida errante, aqui em terra brasileira sonhei contigo. Eduquei para Ti três filhos, que ainda nunca viram a terra polonesa, mas, educados como poloneses, anseiam por Ti e querem Te servir da melhor forma possível. Estamos voltando, embora aqui não nos falte nada, mas a sau-

> dade de Ti, Mãe Polônia, dia a dia nos desperta e chama. Mãe, aceita-nos e permite-nos contigo viver, para Ti trabalhar e morrer. Amém[429].

O surgimento de uma Polônia independente foi para os colonos poloneses no Brasil um acontecimento de peso. Despertou um incomum entusiasmo nos emigrantes e contribuiu para o crescimento da atividade sociocultural nas colônias polonesas. Ninguém mais podia pronunciar diante do colono a ofensiva frase „polaco sem bandeira", que atingia as cordas mais sensíveis do emigrado de terras polonesas. Ao mesmo tempo muitas pessoas tinham a esperança de que a Polônia em renascimento significaria o fim da vida delas em terra estrangeira. Paweł Nikodem, que durante a Segunda Guerra Mundial visitou o interior brasileiro, escrevia:

> Viajando para esses distantes recantos, eu tinha na memória as lembranças do ano 1920. Eu estive então pela primeira vez em Ivaí, que estava inteiramente oculta nas matas. Os colonos davam apenas os seus primeiros passos na nova terra. Não conheciam a língua do país. Da Polônia não tinham trazido as melhores recordações, porque eles eram na sua maioria serviçais dos solares, no entanto todos tinham saudade da Pátria e choramingavam ao se lembrarem do ninho dos antepassados. A mais importante pergunta que então me faziam era: "Quando o governo polonês vai enviar navios para nos levar de volta?"[430].

A redação do *Polak w Brazylii* era inundada por cartas de emigrados perguntando quando a Polônia independente „enviaria" os seus navios para os levar de volta. "Muitos dos nossos compatriotas – lemos na Declaração do Comitê Central Polonês no Brasil – baseando-se em informações intei-

429 STEC, M. Rio Claro. *Przyjaciel Ludu*, n. 9, 4.3.1923, p. 1. Três anos mais tarde, M. Stec também escreveu sobre a vontade de voltar à Polônia: "Também eu, com meus dois filhos, envio a minha saudação à nossa Pátria livre e a homenagem ao Chefe de Estado Piłsudski. [...] Eu fui expulso pela servidão e pela miséria dos Habsburgos de Turbia, distrito de Tarnobrzeg, até aqui na América do Sul, mas meu coração sente saudade da Pátria e desejo, juntamente com minha família, voltar à Polônia para lá encontrar algum trecho de terra ou um outro trabalho e sustento". *Rio Claro*. Ibidem, n. 22, 30.5.1920, p. 8.

430 Sprawozdanie N. dla Malinowskiego z podróży po skupiskach osadników polskich w Paranie, Kurytyba, 22 września 1943 r. In: *Imigranci polscy w Brazylii podczas II wojny światowej,* wybór dokumentów z Archiwum Instytutu Polskiego i Muzeum im. Generała Sikorskiego, do publikacji podał, wstępem i przypisami opatrzył R. Stemplowski, [Instytut Historii PAN], Warszawa, 1977, p. 76.

ramente falsas, começam a fechar os seus negócios, desfazendo-se do seu patrimônio e das suas chácaras. Temos em nosso poder cartas perguntando quando será possível viajar à Polônia à custa do governo polonês"[431]. Diante da complicada situação política, e também das dificuldades econômicas na Polônia, Warchałowski decididamente desaconselhava a reemigração. Conclamava, no entanto, em nome do Comitê Central Polonês, ao reconhecimento da nacionalidade polonesa[432]. O Comitê cuidava também dos assuntos dos que pretendiam viajar para o exterior (tratava-se principalmente das formalidades relacionadas com vistos e passaportes)[433]. O *Polak w Brazylii* conscientizava os emigranttes de que – como nascidos na Polônia – não tinham a obrigação de servir no exército brasileiro. Naturalmente, isso não dizia respeito àqueles que haviam vindo ao mundo no Brasil ou que ali se naturalizaram[434].

Soldados em Camp du Ruchard

Nos primeiros meses da independência, o jornal percebia a situação na Polônia pelo prisma das experiências de guerra. Por isso, quando

431 Ostrzeżenie. *Polak w Brazylii*, n. 8 de 31.1.1919, p. 3; cf. também: O powrocie do Ojczyzny. Ibidem, n. 36 de 5.6.1919, pp. 1-2. Contra a volta à Polônia pronunciava-se também o *Gazeta Polska w Brazylii* – cf. Czy wracać do Polski?, n. 6 de 6.2.1920, p. 2, e o *Świt* – cf. SEKUŁA, M. Co robić?, n. 12 de 18.3.1920, p. 2. „Prestaria um mau serviço ao povo polonês o indivíduo que procurasse afastar o primeiro tipo [isto é, os colonos em distinção dos artesãos – JM] da terra que amou e transferi-lo para a velha Pátria, onde não se sentiria à vontade e onde as condições de vida são inteiramente diferentes e mais difíceis que aqui". Convocava à reemigração unicamente W. Szukiewicz no *Tygodnik Ilustrowany* (n, 8 de 21.2.1920), e após a Segunda Guerra Mundial Władysław Wójcik (*Moje życie w Brazylii*, LSW, Warszawa, 1961, pp. 287-288). Para mais informações sobre esse assunto: cf. PALECZNY, T. *Idea powrotu wśród emigrantów polskich w Brazylii i Argentynie*, Ossolineum, Wrocław, 1992.

432 "Todas as certidões de nacionalidade polonesa – lemos na declaração – expedidas até agora pelo comitê Central em Curitiba ou pelos Comitês Nacionais no Rio de Janeiro, em São Paulo e Porto Alegre até o dia 17 de agosto de 1918 perdem a sua força legal e devem ser substituídas por novas certidões de nacionalidade, expedidas segundo o novo modelo". Polski Komitet Centralny. Obwieszczenie. *Polak w Brazylii*, n. 72 de 24.9.1918, p. 1.

433 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 45.

434 Pobór wojskowy. *Polak w Brazylii*, n. 17 de 7.3.1919, p. 2.

Jerzy Warchałowski em Camp du Ruchard

Piłsudski assumiu o poder do Conselho Regencial, isso foi visto como uma revolução. Da mesma forma era visto com desconfiança o governo de Ignacy Daszyński e Jędrzej Moraczewski. Todos esses políticos „impuseram à Polônia a ditadura militar e o governo exclusivamente da minoria socialista" – escrevia o *Polak w Brazylii*[435]. Eram transcritos os protestos de líderes da democracia nacional, os quais acreditavam que a Polônia havia sido tomada pelos ambientes esquerdistas. A situação só se tranquilizou com a informação de que Paderewski havia sido convocado para a chefia do gabinete[436]. No artigo *O interesse da Polônia acima de tudo*, o jornal modificou também a sua posição anterior diante de Piłsudski: „Vemos que na mente dessa pessoa os ideais que professava até há pouco passaram por uma evolução, que do radicalismo social e das formulazinhas partidárias o está conduzindo, pela reabilitação dos postulados nacionais, a uma concepção democrática da direção e das tarefas do Estado"[437]. Warchałowski, em nome do Comitê Polonês Central, empreendeu negociações com as autoridades brasileiras na questão do reconhecimento do gabinete de Paderewski, que tiveram um final feliz no dia 16 de abril de 1919[438].

435 Paderewski ranny. Ibidem, n. 4 de 17.1.1919, p. 1; Z zamętu warszawskiego. Ibidem, n. 2 de 7.1.1919, pp. 1-2.

436 Paderewski szefem gabinetu. Ibidem, n. 5 de 21.1.1919, p. 1.

437 Ibidem, n. 9 de 4.2.1919, p. 2.

438 Uznanie Niepodległego Państwa i Rządu przez Brazylię. Ibidem, n. 29 de 25.4.1919, p. 1.

4. Encerramento da missão e volta à Polônia

Após o reconhecimento oficial do governo polonês pelo Brasil, ocorreu a necessidade do estabelecimento das relações diplomáticas entre ambos os países. O representante da Comissão Liquidante do Comitê Nacional Polonês em Paris, Józef Wielowieyski, numa carta do dia 1 de maio de 1919 ao primeiro-ministro Paderewski, recomendou Warchałowski como o representante oficial da Polônia no Brasil:

> Considerando que o até agora delegado do Comitê Central Polonês, Sr. Kazimierz Warchałowski, goza de grandes influências não somente entre os compatriotas, mas também ns círculos oficiais brasileiros, seria preciso mudar o nome do Comitê Cenrtral Polonês para Delegação Polonesa, tendo à frente um ministro plenipotenciário e um legado extraordinário de segunda classe, que por enquanto, até o tempo da definitiva estabilização, poderia ser acreditado como encarregado de negócios[439].

A perspectiva de assumir o cargo de representante diplomático da Polônia era a tal ponto real que Warchałowski decidiu viajar imediatamente a Varsóvia, para ali aguardar a nomeação como legado. Estava tão certo da sua volta ao Brasil que em Curitiba deixou, sob a proteção dos Dergint, seus dois filhos (Roman e Stanisław). Para a Polônia, onde se encontrava seu terceiro filho, Jerzy (com o exército de Haller)[440], viajou somente com a esposa Janina.

---

439 AAN, Komitet Narodowy Polski, n. 18, Pismo J. Wielowieyskiego do prezydenta rady ministrów z 1 V 1919, ff. 23-24.

440 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 201, Pismo do J. Warchałowskiego z 6 III 1919, f. 1.

POLSKI KOMITET CENTRALNY W BRAZYLJI

COMITÉ CENTRAL POLONAIS AU BRESIL

PASZPORT ZAGRANICZNY

PASSEPORT POUR L'ETRANGER

Kazimierz Warchałowski

obywatel polski

Casimir Warchalowski

citoyen polonais

Rio de Janeiro, 23 czerwca 1919 r.

Rio de Janeiro, le 23 Juin 1919

Passaporte de Kazimierz e Janina Warchałowski

Antes da partida, Warchałowski teve que dispor do seu patrimônio. Não se tratava de uma questão difícil, visto que a maior parte da propriedade em Bacacheri, contando cerca de 150 alqueires, havia sido por ele loteada entre colonos poloneses ainda antes de 1909. E a casa estava alugada ao Círculo Agrícola do lugar, que nele havia instalado uma loja[441].

Warchałowski vendeu o *Polak w Brazylii*, da mesma forma que a Livraria Polonesa, a seu primo Franciszek Dergint[442]. Renunciou também às funções sociais exercidas, entre as quais a de presidente do Comitê Central Polonês, cargo que foi assumido por Tadeusz Danielewicz e que foi por ele ocupado até a vinda do primeiro representante da República da Polônia em Curitiba – Kazimierz Głuchowski. Como cônsul da República da Polônia para os estados do Paraná, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul e do Mato Grosso, Głuchowski foi nomeado – pelo chefe de Estado Józef Piłsudski – no dia 23 de setembro de 1919. Ele veio a Curitiba e assumiu as suas funções no início de 1920[443].

441 Kolonie polskie w Paranie. *Polak w Brazylii*, n. 30 de 23.7.1909, p. 2.

442 *Od Redakcji „Polaka w Brazylii" do Czytelników*. Ibidem, n. 39 de 26.6.1919, p. 1. Naquele tempo Dergint pôs à venda a serraria a vapor em Fernandes Pinheiro: ibidem, n. 42 de 17.7.1919, p. 3.

443 Przybycie Konsula. Ibidem, n. 3 de 15.1.1920, p. 1. Além de Głuchowski, vieram também o vice-cônsul – Józef Włodek, o *attaché* da emigração com posto de cônsul –

Intelectualidade curitibana numa bênção pascal de alimentos na residência do casal Głuchowski, 1920

A despedida oficial e a partida de Warchałowski de Curitiba a Varsóvia ocorreram no dia 24 de junho de 1919. "Ele veio para cá anos atrás – escrevia o *Polak w Brazylii* – animado pelo desejo de trabalhar pelo bem dos nossos emigrados, e todos têm de reconhecer que a colônia polonesa lhe deve muito e muito, que ninguém aqui empenhou tanto trabalho e energia na causa polonesa, não desencorajado pelas adversidades e pela triste, mas como que inerente à natureza polonesa, luta partidária"[444]. O próprio Warchałowski também agradeceu aos seus amigos e leitores e estimulou a apoiar e a assinar o jornal, que continuaria a ser um defensor, um conselheiro e um informante da colônia, guiando-se "pelos lemas nacionais e democráticos". Ao mesmo tempo assegurava que

> O meu único desejo, que partilhei com todos os amigos do nosso jornal, era aguardar a vinda de uma Polônia livre e unida. Nós alcançamos esse momento feliz: nessa felicidade fundiram-se todas as dores que necessariamente acompanham todo trabalho social. Eu parto le-

Mieczysław Babiński e os secretários: Bohdan Samborski e Paweł Nikodem. Para mais informações a respeito desse tema: SMOLANA, K.; BARYS, D. *Konsulat Generalny Rzeczypospolitej Polskiej w Kurytybie: 90 lat historii najstarszej polskiej placówki konsularnej w Ameryce łacińskiej*, MSZ, Curitiba, 2010.

444 Wyjazd p. Kazimierza Warchałowskiego. *Polak w Brazylii*, n. 39 de 18.8.1919, p. 2.

> vando comigo as agradáveis lembranças dos anos aqui vividos e alegrando-me com a esperança de que talvez algum dia o destino ainda me permita encontrar os compatriotas e amigos que deixei, aos quais envio do fundo do coração os votos de: Felicidade![445].

Infelizmente, após a partida de Warchałowski não cessaram as disputas políticas em Curitiba. O principal peso da luta com o grupo do *Gazeta Polska w Brazylii* foi agora assumido pelo *Świt* (órgão da União dos Democratas Poloneses da América do Sul[446]), editado desde 1918 por Kossobudzki[447]. No início de 1920 ele começou a publicar o romance de Karolina Bernatowicz Słończewska intitulado *O verbita*, baseado na realidade paranaense. Isso provocou uma áspera polêmica com o *Gazeta*[448], que naquele tempo começou a aproximar-se cada vez mais da democracia nacional, o que se manifestava também na crítica moderada da ala de Piłsudski na Polônia. Em reação a esse fato o *Świt* atacou pessoalmente o Pe. Trzebiatowski. „Antigamente o Sr. Otto Kahlen era favorável à ação de Piłsudski – escrevia J. Ułanowicz – pois pareceu-lhe que este apoia a política dos seus [do Sr. Otto Kahlen] compatriotas alemães, mas, como se decepcionou, hoje se sente muito aparentado com a democracia nacional, que pactua com os alemães, como sabemos, em razão da votação pelo senado"[449].

Igualmente o novo proprietário do *Polak w Brazylii* muito depressa se indispôs com o esquerdista *Świt*, que começou a publicar cartas abertas dos leitores. Estimulava-se nelas – diante dos ataques do jornal de Dergint contra a pessoa de Piłsudski – a "jogar com nojo para fora da própria casa o semanário *Polak w Brazylii*"[450]. Muito depressa manifestaram-se também os problemas financeiros do jornal, que resultavam da dificuldade de cobrar dos leitores as importâncias devidas pelas assinaturas e, em consequência, de regularizar a dívida com Warchałowski. Nessa situação Dergint suspendeu a

---

445 Do Czytelników. Ibidem, n. 39 de 18.8.1919, p. 1.

446 Ustawa Związku Polskich Demokratów Ameryki Południowej. *Świt*, n. 10 de 27.3.1919, p. 3.

447 O *Świt* foi publicado primeiramente em Ponta Grossa, com a redação de Konrad Jeziorowski, e a seguir, a partir do n. 46 de 25.11.1920, em Curitiba, onde foi redigido por Władysław Wójcik.

448 Pe. S. T[trzebiatowski]. A więc jednak ma być walka? *Gazeta Polska w Brazylii*, n. 8 de 20.2.1920, p. 2; Precz z warchołami. Ibidem, n. 10 de 5.3.1920, p. 2

449 UŁANOWICZ, J. P. Otto Kahlen. *Świt*, n. 49 de 16.12.1920, pp. 3-4. Cf. também: Odpowiedź klerykalnym oszczercom. *Świt*, n. 10 de 4.3.1920, p. 3.

450 List otwarty do czytelników „Polaka w Brazylii". *Świt*, n. 15 de 8.4.1920, pp. 2-3; Protesty. Ibidem, n. 18 de 29.4.1920, pp. 3-4; Protest i List otwarty. Ibidem, n. 20 de 13.5.1920, p. 3.

publicação do jornal. O último número do jornal (34) – com a data editorial de 18 de agosto de 1920 – esclarecia as razões do fechamento da publicação:

> Estou vendendo o *Polak* a um outro editor por menos de 2/3 do preço pago ao Sr. Warchałowski, para poder pagar a ele os 4.000 $ 000 devidos pelo jornal. Eu contava receber a tempo a importância a mim devida pela assinatura a 9 $ 000 até o final de junho de 1919 até a metade de agosto de 1920, mas deixei de receber mais de 11 000 $ 000, que conto que os Prezados Senhores terão a bondade de saldar no prazo mais breve possível, enviando o dinheiro ao meu endereço "Caixa H. Curitiba", aos Senhores agentes ou ainda à nova redação para a minha conta [451].

A compradora do *Polak w Brazylii* foi uma Sociedade Polonesa que havia sido instituída pelos padres vicentinos e por 11 pessoas oriundas da colônia polonesa curitibana. No total, eles aplicaram na compra 10 mil mil-réis. Com base no *Polak w Brazylii* fundaram um outro semanário – o *Lud* (O Povo). O primeiro redator do jornal foi o Pe. Joachim Józef Góral, e o tipógrafo – Jan Szczepański (que havia trabalhado no *Polak w Brazylii*), e que compôs o jornal por 35 anos. O primeiro número do novo semanário apareceu no dia 28 de setembro, com a data editorial de 2 de outubro de 1920 [452]. Esse jornal foi publicado – com uma interrupção nos anos 1940-1945 – até o ano de 1999[453]. Após o anúncio da falência da Livraria Polonesa, aproveitou-se da ocasião o Pe. Stanisław Piasecki, que pela importância de 7500 $ 000 adquiriu a máquina impressora da marca Renania, comprada ainda por Warchałowski. Ela foi transportada à redação do *Lud* no dia 15 de junho de 1923 e serviu aos padres vicentinos ainda por várias décadas.

---

451 *Polak w Brazylii*, n. 34 de 18.8.1920, p. 1. Ao lado desse comunicado, o redator e proprietário do jornal, F. Dergint, publicou o seguinte texto: „Ao me despedir, desejo aos prezados leitores do meu desafortunado *Polak* que o novo jornal que deve surgir sobre as suas ruínas seja dirigido por compatriotas sinceros e apartidários, que se preocupem com a verdade, com a instrução e com os ideais superiores da humanidade".

452 ZAJĄC, J. 40-ta rocznica założenia (powstania) tygodnika „Ludu" w Kurytybie. *Kalendarz Ludu*, 1961, p. 74.

453 WÓJCIK, W. *75* lat prasy polskiej w Brazylii (Wspomnienia i refleksje). *Rocznik Historii Czasopiśmiennictwa Polskiego*, 1968, pp. 261–274; PIASECKI, S. Prasa polska w Brazylii. *Kalendarz Emigracyjny Ludu*, 1948, pp. 118-121; PITOŃ, J. Prasa polska w Brazylii. *Kalendarz Ludu*, 1971, pp. 46-72; MALCZEWSKI, Z. *Ślady polskie w Brazylii / Marcas da presença polonesa no Brasil*, ISiI UW – MHPRL, Warszawa, 2008, pp. 211-223.

Capítulo III

A vida em dois continentes

1. Delegado plenipotenciário do governo polonês

Contrariamente às suas expectativas, após a volta à Polônia Warchałowski não obteve a nomeação para legado da Polônia no Brasil[1]. As razões da rejeição da sua candidatura, da mesma forma que os bastidores da nomeação dos primeiros representantes diplomáticos da Polônia na América Latina, são bastante obscuras, o que resultava do fato de que o serviço diplomático – da mesma forma que as estruturas do ministério das relações exteriores – eram instituídos de maneira espontânea e maquinal. No provimento dos postos tinham um significado decisivo as conexões, o apadrinhamento ou as recomendações. Sabe-se, a esse respeito, que já em medos de 1919 para o cargo de legado da Polônia na Argentina (e no Uruguai e no Chile) foi apresentada a candidatura do conde Ksawery Orłowski[2]. Em breve – como veremos – ele se tornaria o concorrente de Warchałowski em suas aspirações.

Orłowski era oriundo de uma família aristocrática, que desde o final do século XVIII residia em Jarmoliniec, na província de Podole[3]. A sua carreira na diplomacia da Rússia certamente lhe foi facilitada pelas coligações familiares, incluindo estirpes europeias (ele era filho de Clementina de Talleyrand-Périgord). Durante a Primeira Guerra Mundial permaneceu em Paris, onde se envolveu nas ações em prol da independência da Polônia. Conhecia bem os políticos poloneses que ali residiam, inclusive Paderewski e Erazm Piltz, embora – como informa Hipolit Korwin-Milewski

1 Após a vinda a Varsóvia, os Warchałowski fixaram residência na Rua Wilcza, 27.

2 AAN, Kancelaria Cywilna Naczelnika Państwa, n. 12, Pisma J. Piłsudskiego do prezydentów Chile i Urugwaju, ff. 102-103.

3 SZKLARSKA-LOHMANNOWA, A. Orłowski Ksawery Franciszek (1862–1926). *PSB*, t. 24, pp. 233-234.

Ksawery Orłowski

– se relacionasse com bastante desconfiança com o próprio Roman Dmowski[4]. O irmão de Orłowski, Mieczysław, foi ajudante do gen. Józef Haller. Ksawery, casado com a argentina Ignacia del Carril, possuía amplos negócios familiares na pátria da esposa. Infelizmente – em razão de desentendimentos da família Orłowski com membros do governo da Argentina – as autoridades em Buenos Aires lhe negaram o *agrément*[5].

Nessa situação Orłowski tornou-se o candidato natural ao posto de legado da Polônia no Brasil. O advogado dessa candidatura foi – ao que parece – o então premiê e ministro das relações exteriores, Ignacy Paderewski, o qual ideológica e politicamente estava ligado com a Comissão Nacional Polonesa e de maneira geral com o movimento nacional-democrático e conhecia os Orłowski desde a infância: Kuryłówka, o lugar de nascimento do artista, era naquele tempo propriedade dos Orłowski. Pode ser que a candidatura de Warchałowski também não agradasse muito a Józef Piłsudski. O chefe de Estado podia temer que Warchałowski – um ativista da União Popular-Nacional[6] – não realizaria a sua política, que devia conduzir à reconciliação e ao acordo nacional. Quanto isso importava a Piłsudski, percebe-se pela carta dirigida no dia 15 de dezembro de 1919 ao Comitê da Defesa Nacional na América, transcrita pelo periódico paranaense *Świt* (Aurora), na qual lemos:

Ignacy Paderewski

> Os Senhores devem finalmente trabalhar pela eliminação das divisões na sociedade polonesa surgidas em consequência das chamadas orientações ligadas com o triste passado da nossa dominação estrangeira. Nos tempos da fraqueza da Polônia, essas "orientações" dividiam a Polônia em facções que sem necessidade se combatiam com

4 ORŁOWSKI, K. S. *Orłowscy. Historia jednej rodziny*, Wydawnictwo AgArt, Warszawa, 2002, pp. 131-148; KORWIN-MILEWSKI, H. *Siedemdziesiąt lat wspomnień (1855–1925)*, wstęp A. Szwarc, P. Wieczorkiewicz, wyd. II, Warszawska Oficyna Wydawnicza „Gryf", Warszawa, 1993.

5 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 81, Raport K. Warchałowskiego do ministra aprowizacji z 9 VI 1920 r., f. 67.

6 Kazimierz Warchałowski foi oficialmente aceito na União Popular-Nacional da Polônia – n. de inscrição 15378 – em 1919, quando ainda residia no Brasil. Cf. AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 3, ff. 3-6.

> tanta paixão e determinação que infelizmente com muita frequência isso dava a impressão de que eram os poloneses que se tinham colocado ao lado de duas potências ocupantes inimigas e que se combatiam. Naqueles tempos restou um pequeno número de poloneses que acreditavam em suas próprias forças e queriam, com a ajuda do seu próprio trabalho, conquistar para a Polônia a liberdade. Hoje essa facção, a facção da fé em suas próprias forças, em seu próprio trabalho, deve tornar-se a facção polonesa única e, quanto antes os resquícios da dominação estrangeira forem esquecidos e lançados para fora do âmbito da vida política da Polônia, tanto melhor para ela e para a tarefa da reconstrução da pátria[7].

No final Orłowski fo nomeado para o posto de legado da Polônia no Brasil na primavera europeia de 1920, por proposta de Stanisław Patek (formalmente pela Presidência do Conselho de Ministros), pessoa de confiança do Chefe de Estado no governo de Leopold Skulski[8]. No dia 27 de abril daquele ano veio ao Brasil a primeira legação da República da Polônia nesta composição: legado extraordinário e ministro plenipotenciário – conde Ksawery Orłowski, secretário da legação – Ignacy Szmid, *attaché* – Jerzy Warchałowski e o responsável pela Seção Consular – Kazimierz Reychman. No dia 27 de maio realizou-se a solene entrega das credenciais ao presidente dos Estados Unidos do Brasil – Epitácio Pessoa[9]. Além do Brasil, Orłowski exerceu ao mesmo tempo as funções de legado no Chile, no Paraguai e no Uruguai.

Não é de estranhar que Warchałowski se tivesse sentido decepcionado com o que aconteceu. A sua natureza não permitia, no entanto, a inatividade e a vivência passiva das injustiças. Tanto mais porque no dia 9 de dezembro de 1919, após a renúncia do governo de Paderewski, a quem a democracia nacional acusava de excessiva submissão diante de Piłsudski, foi instituído o governo sob a direção do ativista da União Popular Nacional, Skulski. Apesar de o novo primeiro-ministro ser um crítico de muitas ações de Dmowski, a coluna central do seu governo era constituída de políticos da democracia popular. Na área da política externa o governo de Skulski, de acordo com a posição do Chefe de Estado,

Leopold Skulski

7 Do Komitetu Narodowego w Ameryce. *Świt*, n. 9 de fev. 1920, p. 3.

8 AAN, Kancelaria Cywilna Naczelnika Państwa, n. 12, Szef Kancelarii Cywilnej do Prezydium Rady Ministrów z 30 III 1920 r., f. 104.

9 Wręczenie papierów uwierzytelniających. *Polak w Brazylii*, n. 23 de 2.6.1920, p. 1.

não aceitou as iniciativas de paz soviéticas e deu início aos preparativos para uma nova ofensiva na frente oriental. No campo da política interna, o gabinete concentrou-se sobretudo nas questões econômicas, tais como a luta com o desemprego e com a falta de alimentos. A difícil situação econômica era o efeito não apenas das destruições da guerra, mas também da política anterior dos governos de ocupação, que buscava sistematicamente a degradação e a desintegração do território histórico da Polônia e do mercado nacional. A sociedade polonesa ingressava, portanto, no tempo da independência a partir de um nível bastante inferior àquele de antes da Primeira Guerra Mundial. Foi especialmente difícil o ano 1919, quando a queda das semeaduras e das colheitas, em comparação com os anos de antes da guerra, foi de aproximadamente 50%; tudo isso tinha que provocar enormes problemas de abastecimento, inclusive o déficit de produtos alimentícios, principalmente nas cidades[10].

Stanisław Śliwiński

Diante da ameaça real da escassez de alimentos também em 1920, o então ministro do abastecimento, Stanisław Śliwiński, que também era oriundo da região de Kiev, no dia 22 de janeiro dirigiu-se a Warchałowski indagando a respeito da possibilidade da aquisição de produtos alimentícios básicos nos países da América do Sul. Num memorial redigido por ele e datado de 28 de janeiro de 1920, Warchałowski assegurava que os países da América do Sul – principalmente o Brasil, a Argentina e o Uruguai – tinham condições de atender em parte à demanda da Polônia. A questão do pagamento da importância devida, com a utilização de créditos, bem como a questão do transporte das mercadorias – na opinião do autor do documento – também se apresentavam como de realização possível[11].

Esse memorial foi positivamente recebido pelo Conselho de Ministros, seguindo-se o pedido de que Warchałowski começasse a agir. Por uma decisão do primeiro-ministro Skulski do dia 1 de março de 1920, Warchałowski foi nomeado delegado plenipotenciário do governo polonês para assuntos econômicos nos países da América do Sul[12]. Tornou-se seu colaborador o capitão Henryk Abczyński, delegado pelo Ministério do Exército. Todos os custos relacionados com a delegação, tais como a cobertura das despesas relacionadas com a viagem, na importância de 200 francos franceses diários para Warchałowski e de 200 francos franceses

10 ZIELIŃSKI, H. op. cit., pp. 74-82.

11 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 80, Memoriał K. Warchałowskiego do ministra aprowizacji, ff. 199.

12 Ibidem, Nominacja dla K. Warchałowskiego z dnia 1 III 1920 r., f. 11.

diários para Abczyński, deviam ser cobertos com os recursos do Departamento Nacional da Aquisição de Artigos de Primeira Necessidade. No total, para os objetivos da delegação de quatro meses foram transferidos a Warchałowski 140 mil francos (20 mil em espécie e 120 mil em cheque)[13].

Os plenos poderes conferidos pelo Ministério das Relações Exteriores davam a Warchałowski grandes possibilidades de ação. Diante da ausência de um representante oficial da Polônia no Brasil, ele recebeu o título de "delegado plenipotenciário", o que – como se verificou mais tarde – foi a fonte de um futuro conflito com o legado Orłowski. Os plenos poderes de Warchałowski foram detalhados por Władysław Grabski, na época ministro do tesouro. Eles autorizavam o delegado a assinar em nome do governo polonês "quaisquer compromissos que possam resultar das transações realizadas e das operações de crédito". Para a aquisição de alimentos nos países da América do Sul o ministro do tesouro comprometeu-se a destinar 2 milhões de dólares. Da lista elaborada pelo ministério do abastecimento resulta que os principais produtos que deviam ser comprados eram o trigo (mais de 157 mil toneladas), feijão (mais de 31 mil toneladas), banha (quase 8 mil toneladas), arroz (2 362 toneladas), algodão (945 toneladas), carne congelada (7 875 toneladas), café e cacau (314 toneladas) e *yerba mate* [!] (315 toneladas)[14]. Deviam ser pagos em espécie os custos de um quarto dos produtos adquiridos, e para o restante Warchałowski tinha que conseguir um crédito "a um prazo possivelmente mais longo". No caso de os custos do crédito ultrapassarem 10% do valor do empréstimo, o delegado devia dirigir-se ao ministro do tesouro solicitando autorização para contraí-lo[15].

A partida de Warchałowski de Varsóvia para Gdańsk ocorreu no dia 24 de março. A viagem, da qual, além do mencionado Abczyński, participou também a esposa Janina, prolongou-se significativamente em relação aos planos iniciais, porquanto em muitos portos europeus havia greves naquela época. De Gdańsk, Warchałowski viajou a Copenhague, onde se encontrou com o legado francês Claudel, a quem ele conhecia ainda dos tempos da sua estada no Rio de Janeiro. A seguir, viajando de trem pela Alemanha, chegaram a Paris, e depois a Bordeaux, de onde só no dia 3 de maio partiram para o Brasil. A respeito da vinda de Warchałowski ao Rio

13 Ibidem, Pismo ministra skarbu do K. Warchałowskiego z 8 III 1920 r., f. 14.
14 Ibidem, Wykaz opracowany przez ministerstwo aprowizacji, f. 17.
15 Ibidem, Pismo ministra skarbu do K. Warchałowskiego z 10 III 1920 r., f. 25.

de Janeiro (24.5.1920), e depois a Curitiba (9.7.1920), deu amplas informações o *Polak w Brazylii*[16]. Mesmo assim, essa viagem de dois meses teve as suas consequências. "Esse atraso permitiu – escrevia Warchałowski ao ministro do abastecimento num relatório de 9 de junho de 1920– adiantar a minha missão ao Senhor Orłowski, nomeado nesse ínterim legado no Brasil, cuja vinda aqui três semanas antes da minha satisfez as condições de cortesia, muita delicadas no terreno daqui"[17]. A cooperação com o recém-vindo legado da Polônia desde o início não foi boa para Warchałowski:

> As primeiras palavras que ouvi do Sr. Orłowski após a troca de algumas banalidades e após lhe entregar a carta da mulher, que eu havia trazido – lembrava o delegado – foram para dizer que ele estava muito insatisfeito com a minha chegada, a qual havia provocado o espanto nos círculos governamentais e a indignação nos círculos diplomáticos, dizendo que todos estavam expressando o seu espanto diante do procedimento do governo polonês, que estava enviando um delegado com plenos poderes em vez de recomendar o assunto ao legado, que isso contrariava todos os costumes consagrados pela tradição, que estava prejudicando o prestígio do governo polonês e dele como legado[18].

Jerzy Warchałowski

A situação era realmente embaraçosa, o que adicionalmente era complicado pelo fato de que da composição da legação fazia parte o filho mais velho de Kazimierz – Jerzy Warchałowski, que havia concluído o curso de direito em Curitiba e no Rio de Janeiro e que justamente estava iniciando a sua brilhante carreira diplomática. A vinda de Warchałowski despertou também a insatisfação entre os funcionários dos consulados poloneses em Curitiba e em Buenos Aires. O cônsul Kazimierz Głuchowski, um declarado partidário de Piłsudski, numa correspondência endereçada a Orłowski do dia 7 de junho de 1920, chegava a ameaçar com a revolta no caso da continuidade da missão de Warchałowski.

> Será que quem conhece o Sr. W[archałowski] pode duvidar por um momento sequer de que ele se cercará de um grupo de lacaios que, ser-

16 P. Kazimierz Warchałowski. *Polak w Brazylii,* n. 23 de 2.6.1920, p. 1 e n. 28 de 9.7.1920, p. 1.

17 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 81, Raport K. Warchałowskiego do ministra aprowizacji z 9 czerwca 1920 r., f. 17.

18 Ibidem, Relacja K. Warchałowskiego, f. 105.

Encontro do cônsul Kazimierz Głuchowski com representantes da comunidade polônica brasileira diante da sede do consulado, 1922

vindo menos à causa pública, lançar-se-ão na primeira ocasião para ajustar contas com os antigos adversários políticos e pessoais, mas que, no entanto, constituem o conjunto da colônia local? Será que em tais condições o trabalho do consulado, que no decorrer de seis meses de penoso esforço conseguiu estabelecer uma relativa concórdia e harmonia, não desmoronará imediatamente como uma casinha de cartas? [...] Sintetizando tudo isso, eu e os colegas M. Babiński, como *attaché* emigratório para a América do Sul, e o Dr. J. Włodek, como cônsul em Buenos Aires, chegamos à conclusão de que, caso o Sr. K.[azimierz] W.[archałowski], como delegado, não seja imediatamente removido ou se os seus plenos poderes não forem suspensos e transferidos ao Sr. Legado, não poderemos cumprir as nossas obrigações.

Tal postura se encontrava em total oposição às recomendações do ministro das relações exteriores Patek. No dia 11 de março de 1920 dirigiu-se ele aos consulados em Curitiba e em Buenos Aires com a recomendação de que "seja demonstrada a ele [Warchałowski – JM] toda a forma de ajuda e cooperação na execução das tarefas a ele confiadas"[19]. O conflito entre Orłowski e Warchałowski tinha – ao que parece – a sua origem vi-

19 Ibidem, n. 80, Minister Patek do konsulatów RP w Buenos Aires i Kurytybie, f. 27.

sivelmente em questões de ambições e competências. Warchałowski não queria subordinar-se a Orłowski, visto que acreditava que havia recebido o seu mandato do primeiro-ministro, ao passo que Orłowski havia sido enviado pelo ministro das relações exteriores. Não levava em conta as explicações de Orłowski de que, além dos representantes oficialmente acreditados, o governo brasileiro não via com bons olhos quaisquer tipos de missões e delegados, especialmente plenipotenciários. "Diante das disposições do meu governo – escrevia no dia 17 de junho de 1920 Orłowski a Warchałowski – para mim, polonês, o Senhor é e tem sido sempre plenipotenciário"[20].

A controvérsia entre o legado Orłowski e Warchałowski não deixou de ser percebida por diplomatas de outros países, especialmente pela diplomacia francesa, que apoiava decididamente a posição representada por Orłowski. "Um dualismo desse tipo não é algo novo, mas acredito que o 'método do segredo real' tem sido sempre desconfortável, independentemente de o rei se chamar Luís XV, Napoleão III ou Joseph Caillaux – reportava no dia 2 de junho de 1920 Conty, do Rio de Janeiro, a Millerand. – Já uma vez tive a coragem de dizer isso, e agora estou me encorajando para repeti-lo. Seria muito melhor se a República da Polônia se ativesse mais aos nossos conselhos do que a esses exemplos"[21].

Władysław Grabski

No dia 2 de julho foi enviado de Varsóvia a Warchałowski um telegrama, assinado por Grabski – então já primeiro-ministro – e pelo ministro do abastecimento Śliwiński, no qual eles exigiam – sob ameaça de remoção dos plenos poderes – a conciliação da ação dele com a legação da República da Polônia[22]. Para Warchałowski, isso era uma espécie de voto de desconfiança. No dia 19 de julho de 1920 – no dia em que recebeu o telegrama – ele renunciou ao seu mandato, o que foi aceito, e a missão foi dissolvida[23]. Um dia depois iniciou a sua viagem de volta a Varsóvia o capitão Abczyński. Ele levou consigo um relatório datado de 20 de julho, no qual Warchałowski, falando delicadamente, acusava Śliwiński de incompetência:

20 Ibidem, n. 81, Poseł Orłowski do K. Warchałowskiego, f. 27.

21 ŁAPTOS, J. [red.], *Dyplomaci II RP w świetle raportów Quai d'Orsay*, Pax, Warszawa, 1993, p. 86.

22 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 81, Depesza premiera Grabskiego do K. Warchałowskiego z 2 VII 1920 r., f. 53.

23 Ibidem, Depesza szyfrowana do K. Warchałowskiego (sem data), f. 74.

> Nesse meio-tempo veio a mim um telegrama do Senhor MINISTRO DO ABASTECIMENTO (anexo 5), que me recomendava comprar exclusivamente centeio e trigo. [...] Tenho a honra de lembrar que, de acordo com o memorial e os meus relatórios, na América do Sul não há absolutamente centeio para exportação. Quanto ao trigo, ele é produzido somente pela ARGENTINA e pelo URUGUAI, aonde ainda não cheguei, visto que tive que concluir a questão do empréstimo no Brasil. Sobretudo, como resulta do meu memorial, o empréstimo pode ser conseguido unicamente para a aquisição de produtos de um determinado país; por isso é indispensável, para a aquisição do trigo, obter o crédito na Argentina e no Uruguai[24].

Da perspectiva do tempo, a missão de Warchałowski deve ser avaliada como um completo fiasco. Ele não conseguiu obter para a Polônia os créditos para a compra de quaisquer produtos, nem realizar quaisquer compras, ainda que fosse uma tonelada de trigo, arroz ou açúcar. A delegação não conseguiu chegar à Argentina, onde era mais fácil comprar o produto mais necessário – o trigo. Toda a energia foi utilizada, por ambas as partes da disputa, para o combate mútuo. No entanto, para a estada de Warchałowski e Abczyński no Brasil o contribuinte teve que gastar, o que resulta da análise dos custos, o equivalente a 98 655 francos franceses[25].

Warchałowski permaneceu no Brasil ainda por alguns meses. Viajou a Curitiba para acertar os seus negócios patrimoniais e familiares. Em janeiro de 1921 todos os seus negócios no Brasil foram liquidados e finalmente toda a família, no final de fevereiro de 1921, voltou a Varsóvia. Fixaram residência num apartamento de dois cômodos na Rua Kredytowa, 4[26]. Naquele tempo, para se assegurar uma fonte de renda, Warchałowski se tornou o coidealizador do surgimento de duas sociedades acionárias: dos Estabelecimentos Gráficos de Sosnowiec, surgidos naquele mesmo ano[27], e da Sociedade de Serviços Ferroviários e Edificações Tor, fundada

24 Ibidem, Raport K. Warchałowskiego do ministra aprowizacji z 20 VII 1920 r., f. 66 [destaques no texto].

25 Ibidem, Zestawienie rachunków, f. 76.

26 WARCHAŁOWSKI, S., op. cit., pp. 105 e ss.

27 Statut Spółki Akcyjnej pod firmą: „Sosnowieckie Zakłady Graficzne Spółka Akcyjna", Warszawa 1921 [cópia de: *Monitor Polski*, n. 134 de 16.6.1921].

um ano depois[28]. Em ambas essas firmas ele exerceu a função de presidente da administração. A segunda instituição especializou-se em estrutura ferroviária, rodoviária, fluvial (construção de canais) e em todo tipo de serviços na área da construção e da técnica de engenharia[29].

Nos relatórios, tanto de Warchałowski[30], como de Abczyński[31], a culpa pelo insucesso da missão era atribuída ao legado Ksawery Orłowski. Não se pode confirmar hoje se esses documentos, bem como diversas ações por trás dos bastidores, influenciaram o fato de que no dia 1 de setembro de 1921 a Presidência do Conselho de Ministros apresentou ao Chefe de Estado o pedido de que fosse confirmada a revogação de Orłowski da função de legado da Polônia[32]. Esse pedido foi aceito. Mas, mesmo que se verificasse que isso foi o resultado das ações de Warchałowski e de Abczyński, essa foi uma vitória de Pirro. A Presidência do Conselho de Ministros propôs ao mesmo tempo a convocação de Orłowski para o posto de legado da República da Polônia junto ao governo da Espanha, proposta que também foi aceita[33]. Orłowski exerceu essa função até o dia 31 de maio de 1923. Ao mesmo tempo – de 13 de maio de 1922 a 31 de maio de 1923 – representou a Polônia, como legado, em Lisboa[34].

---

28 No dia 9.7.1921, por iniciativa de Mieczysław Niklewicz, Kazimierz Warchałowski e Ernest e Mścisław Bobieński, foi fundada a companhia limitada "Sociedade de Obras Ferroviárias e de Construção eng. E. Bobieński e Cia." Essa sociedade, na qual Warchałowski exerceu não apenas a função de membro da administração, mas também – por força de substituição – de diretor administrativo, cuidava das obras de terraplenagem na construção da ferrovia Varsóvia-Rawa-Tomaszów, bem como no trecho Nasielsk-Raciąż. No dia 1.2.1922 a sociedade foi transformada na Sociedade de Obras Ferroviárias e de Construção Tor Ltda., que teve como acionista também Henryk Abczyński. No dia 2.6.1922 surgiu por sua vez a Sociedade Acionária Sociedade de Obras Ferroviárias e de Construção Tor, que emitiu ações no valor de 50 milhões de marcos. A mencionada Sociedade de Obras Ferroviárias e de Construção Tor Ltda. assumiu ações no valor de 30.890.000 marcos, e o restante das ações foi comprado por pessoas físicas. O estatuto da sociedade foi publicado em: *Monitor Polski*, n. 54 de 7.3.1922.

29 As acima mencionadas sociedades publicaram 3 cadernos do *Manual para o cálculo dos custos e obras de construção*, cad. 1-2, Warszawa, 1922; cad. 3, Warszawa, 1923.

30 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 81, Raport K. Warchałowskiego do ministra aprowizacji z 20, 29 VI i 20 VII 1920, ff. 17-26, 41-46, 63-69,

31 Ibidem, Raporty kpt. H. Abczyńskiego do ministra spraw wojskowych, ff. 116–186.

32 Ibidem, Szef Kancelarii Cywilnej Naczelnika Państwa do MSZ z 15 IX 1921 r., f. 145.

33 Ibidem, Szef Kancelarii Cywilnej Naczelnika Państwa do Prezydium Rady Ministrów z 5 IX 1921 r., f. 142.

34 *Stosunki dyplomatyczne Polski. Informator*, t. 1: *Europa 1918–2006*, red. K. Szczepanik, A. Herman-Łukasik, B. Janicka, Akson, Warszawa, 2007, pp. 186, 342.

2. Chefe do Departamento Ultramarino

Em maio de 1923 ocorreu na Polônia o entendimento político entre os partidos nacionalistas cristãos (União Cristã da Unidade Nacional) e o Partido Popular Polonês Piast[35]. Esses agrupamentos formaram a maio-

Sessão do segundo gabinete de Wincenty Witos

ria parlamentar que derrubou o governo do gen. Władysław Sikorski e instituiu o gabinete que passou a ser presidido por Wincenty Witos. Por isso não é de admirar que Kazimierz Warchałowski, um ativo militante da democracia nacional, fosse apontado como um dos candidatos para o posto de novo legado da Polônia no Brasil[36]. A possibilidade era realmente

35 MAJ, E. Udział Związku Ludowo-Narodowego w rządzie „większości polskiej" Wincentego Witosa w 1923 r. *Kwartalnik Historyczny*, 1996, cad. 1, pp. 43-60; URBANOWICZ, A. *PSL Piast a Narodowa Demokracja w latach 1913-1931*, Państwowa Wyższa Szkoła Zawodowa, Gorzów Wielkopolski, 2008, pp. 143-181.

36 Especulava a esse respeito a imprensa da época: Powrót do familijnych tradycji w MSZ. *Robotnik*, n. 209 de 3.8.1923, p. 4. Cf. também: Listy Jerzego Warchałowskiego, sekretarza poselstwa RP w Rio do Kazimierza Warchałowskiego, AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 196, ff. 112-179.

grande, levando-se em conta que no dia 27 de outubro de 1923 a pasta de ministro das relações exteriores foi assumida por Roman Dmowski, um bom conhecido de Warchałowski. Infelizmente, um pouco antes o então ministro do trabalho e da assistência social, Stefan Smólski, havia proposto a Warchałowski que ele assumisse o cargo de chefe da Seção da Emigração Ultramarina no Departamento Nacional da Emigração. Warchałowski, que após certas hesitações aceitou a proposta, assumiu as funções no dia 25 de outubro de 1923[37].

O Departamento da Emigração era a mais importante instituição estatal a se ocupar de todas as questões relacionadas com a migração e a assistência aos emigrados. Havia surgido por força de uma disposição do Conselho de Ministros do dia 22 de abril de 1920[38] e estava subordinado ao Ministério do Trabalho e da Assistência Social, embora o diretor do departamento fosse nomeado em entendimento com o ministro das relações exteriores. Estavam subordinados a essa instituição os existentes departamentos de intermediação do trabalho, de proteção aos emigrados, bem com o comissário da emigração em Gdańsk. O Departamento da Emigração transmitia-lhes todas as informações sobre as possibilidades e condições de trabalho e a subsistência no exterior. Era também obrigação do Departamento a instituição da legislação emigratória: a elaboração de projetos de leis e de disposições no âmbito das suas atribuições, bem como os trabalhos – conjuntamente com o Ministério das Relações Exteriores – relacionados com as convenções emigratórias e os acordos internacionais relacionados com a emigração. O Departamento da Emigração financiava, supervisionava e também buscava regular e coordenar as ações de muitas associações sociais e econômicas que se ocupavam da assistência aos migrantes[39]. Teoricamente o Departamento devia também ocupar-se da assistência aos emigrados fora das fronteiras da Polônia, mas na prática

37 „… em caráter de funcionário provisório com a remuneração de acordo com o grau de serviço VI", ibidem, n. 86, Nominacja K. Warchałowskiego, f. 2.

38 Dz. Praw RP, nr 39, poz. 232. O âmbito definitivo das ações do Departamento da Emigração foi definido por uma disposição do Conselho de Ministros do dia 20 de outubro de 1924. Ibidem, n. 94/872.

39 Das mais importantes é preciso mencionar: a Sociedade Polonesa da Emigração, o Escritório Internacional de Ajuda aos Emigrantes, o Departamento da Emigração da Comissão Central dos Sindicatos de Classe, a Sociedade das Edições Populares e Bibliotecas Józef Okołowicz, o Comitê Polonês da Luta com o Tráfico de Mulheres e Crianças, a Sociedade Central Judaica da Emigração, o Comitê das Sociedades da Colonização Judaica, o Departamento Sionista Central Palestino e a Sociedade de Proteção aos Emi-

faziam isso os funcionários consulares, os chamados conselheiros emigratórios, nomeados pelo ministro das relações exteriores (por proposta do Ministério do Trabalho e da Assistência Social). Por isso, na prática eles estavam subordinados ao Departamento da Emigração, do qual recebiam as recomendações e as instruções e ao qual também deviam apresentar relatórios da sua atividade, mas oficialmente eram dependentes do Ministério das Relações Exteriores, para o qual trabalhavam. Era por isso que naquele tempo ocorriam conflitos entre ambos os ministérios.

Igualmente a situação no próprio Departamento Nacional da Emigração não era naquele tempo das melhores. Apesar de as funções do diretor e dos funcionários e a ele subordinados não serem formalmente cargos políticos, no seu provimento as qualificações não tinham um significado essencial. A redução dos funcionários, que naquele tempo era promovida, atingiu principalmente os membros ou simpatizantes do Partido Socialista Polonês e do Partido Trabalhista Nacional. Em todo o Departamento da Emigração, no início de 1924 trabalhavam somente 80 pessoas, enquanto que um ano antes os funcionários eram 133[40]. Stanisław Gawroński, diretor do Departamento da Emigração, que era contrário à redução de um terço dos funcionários, foi suspenso das suas atividades e para o seu lugar foi convocado o jornalista Andrzej Korybut-Daszkiewicz. "Esse sujeito me foi imposto" – teria dito a Warchałowski o ministro Smólski quando o estava engajando para o cargo de diretor do mais importante setor do Departamento da Emigração[41]. Também Warchałowski, que com toda a razão era relacionado com a democracia nacional, foi aceito com receios e aversão, visto que no cargo de chefe da Seção da Emigração Ultramarina ele havia substituído o anteriormente demitido Leon Alger, simpatizante do Partido Trabalhista Comunista da Polônia.

> No setor eu era visto de má vontade – confessou sinceramente Warchałowski. – Deviam ter chegado ali certas opiniões *ad hoc* preparadas, a tal ponto que uma das funcionárias por mim chamadas já após as primeiras palavras desfaleceu, e eu tive que pedir água a um contínuo. Outros se comportavam com reserva, mas quase que odio-

---

grantes Ucranianos. Para maiores informações sobre esse tema: SZAWLESKI, M. *Kwestja emigracji w Polsce*, Polskie Towarzystwo Emigracyjne, Warszawa, 1927, pp. 95-97.

40 KOŁODZIEJ, E. *Wychodźstwo zarobkowe z Polski 1918–1939: studia nad polityką emigracyjną II Rzeczypospolitej*, KiW, Warszawa, 1982, p. 49.

41 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 86, Urząd Emigracyjny (wspomnienia), f. 14.

> sa, outros ainda tremiam de medo, e apenas uns poucos me demonstraram benevolência e simpatia[42].

No próprio Departamento da Emigração Ultramarina trabalhavam 23 funcionários. O âmbito dos assuntos subordinados a Warchałowski era muito amplo. Ele supervisionava o escritório informativo-científico (anteriormente existente como uma seção autônoma), bem como o escritório estatístico e de passaportes. O Departamento exercia o controle na chamada etapa emigratória em Gdańsk, bem como em 16 escritórios concessionados das linhas marítimas em Varsóvia e nas mais de cem filiais suas no interior. Controlava igualmente os hotéis para os emigrantes nos diversos portos no continente e tinha a obrigação de preservar a ligação entre os diversos ministérios interessados no movimento emigratório[43].

Após a assunção do cargo, coube a Warchałowski a inglória tarefa da redução do pessoal. Ele procurou – se acreditarmos no seu relato – guiar-se a esse respeito pelos critérios do mérito. Contrariando o desejo do ministro, ele poupou, por exemplo, o chefe do setor das linhas marítimas, ligado com o Partido Socialista Polonês. "Esse incidente parece ter melhorado a opinião a meu respeito no departamento – registrou Warchałowski. – Isso assegurou às pessoas honestas que podiam contar com a minha ajuda e proteção, e deixou claro aos malandros, que infelizmente também ali havia, que eu era capaz de radicalmente desarmá-los"[44].

A verdadeira paixão de Warchałowski, pela qual se tornou famoso, eram, no entanto, as questões emigratórias. Já no dia 21 de novembro de 1923 ele apresentou ao Conselho Emigratório Nacional as propostas que haviam enviado ao Departamento da Emigração as linhas marítimas Lloyd e Royal Mail. Elas apresentaram o pedido de autorização para o transporte gratuito de operários poloneses às plantações de café no estado brasileiro de São Paulo[45]. A maioria dos membros do Conselho viu com muita cautela esse projeto, visto que – como com razão se acreditava – as condições da

42 Ibidem, f. 20.

43 Além do Ministério das Felações Exteriores, o Ministério do Trabalho e da Assistência Social podia colaborar: em questões culturais com o Ministério das Religiões e da Instrução Social; em questões de remessas das poupanças dos emigrantes com o Ministério do Tesouro; em questões de passaportes e estatística emigratória com o Ministério do Interior, e em questões de recrutamento com o Ministério do Exército.

44 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 86, Urząd Emigracyjny (wspomnienia), f. 21.

45 Z Państwowej Rady Emigracyjnej. *Wychodźca*, n. 4 de 27.1.1924, pp. 3-4.

emigração deviam ser negociadas com o governo de São Paulo ou com o governo federal, não com as linhas marítimas.

A ideia da emigração de operários poloneses para as plantações seria propagada por Warchałowski por todo o período do seu trabalho no Departamento da Emigração, porquanto ele acreditava que a tarefa da política emigratória polonesa devia ser o apoio à emigração, principalmente das superpovoadas aldeias e pequenas localidades, o que diminuiria no país o número das pessoas "excedentes"[46]. Na concepção de Warchałowski, os emigrantes, depois de alguns anos de trabalho nas fazendas de café, após um período de aclimatização e a conquista de certas economias, poderiam tornar-se um excelente elemento colonizador no Paraná ou nos estados vizinhos, tais como Mato Grosso ou Minas Gerais.

Franciszek Sokal

Ele encontrou um aliado na realização das suas ideias – o que parece paradoxal – no socialista Franciszek Sokal, o novo ministro do trabalho e da assistência social. Eles se encontraram pela primeira vez em maio de 1924 na Conferência Internacional da Migração em Roma. O chefe da delegação polonesa era justamente Sokal, naquele tempo representante da Polônia na Liga das Nações.

> No começo ele demonstrou pouco interesse pelas questões emigratórias – observou Warchałowski – e somente prolongadas discussões dentro da Delegação da qual eu fazia parte mudaram o seu posicionamento [...]. Na minha opinião, era preciso sair da passividade até então existente, promover a propaganda que demonstrasse as vantagens da nossa participação no desenvolvimento econômico dos países americanos, a necessidade do descobrimento de novas áreas e a instituição de novos núcleos emigratórios em países diferentes daqueles aos quais até então se havia encaminhado o nosso movimento migratório[47].

A situação mudou diametralmente quando no dia 17 de novembro de 1924 Sokal assumiu (substituindo Ludwik Darowski) a função de ministro do trabalho e da assistência social, no chamado segundo governo de Grabski (19.12.1923-14.11.1925). "Lembrado das nossas conversas de Roma – registrou Warchałowski – as quais, como me declarou, esclareceram-lhe a grande im-

46 WARCHAŁOWSKI, K. Polityka emigracyjna. *Tygodnik Ster*, n. 17 de 28.8.1926, pp. 5-7; n. 18 de 4.9.1926, pp. 4-5.

47 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 87, Historia jednej koncesji, f. 100.

portância da emigração e as vantagens dela decorrentes para o país natal, ele me visitou no Departamento da Emigração e propôs a realização dos planos então discutidos"[48]. Incomum e intrigante parece ser essa aliança de pessoas que se encontravam em lados opostos da cena política da época. Essa aliança permitiu a Warchałowski dar início à realização do projeto que absorvia os seus pensamentos havia quase um quarto de século.

Nos seus contatos com o ministro Sokal, Warchałowski apresentou a necessidade de ampliar – no contexto da emigração – o conhecimento sobre os países da América do Sul bem como de estabelecer contatos com os seus governos. Ele partia da premissa de que – antes de conseguir a eventual concordância desses países para a aceitação do movimento emigratório – era preciso investigar a fundo as suas expectativas e necessidades imigratórias. Warchałowski apresentou as suas reflexões a respeito da emigração num extenso memorial, que Sokal apresentou a seguir ao Conselho de Ministros[49]. O ponto de partida era a constatação de que as fronteiras de países como os Estados Unidos e o Canadá haviam sido fechadas para a emigração polonesa, e nos países europeus – principalmente na França – o mercado de trabalho já estava saturado. Por isso Warchałowski propunha o encaminhamento da emigração polonesa a países selecionados da América do Sul, onde o emigrante poderia contar com a melhoria da sua existência, sem perder ao mesmo tempo a sua identidade nacional e cultural. Tal país, na opinião de Warchałowski, era por exemplo o Brasil, principalmente os seus estados meridionais. Argumentava ele:

> Não nos podemos esquecer de que o desenvolvimento da nossa indústria, mesmo após a conquista do mercado interno, vai depender da exportação. Uma colônia polonesa economicamente forte num país eminentemente agrícola, onde as conjunturas econômicas ainda por longos anos dificultarão a sua industrialização, pode ser não apenas um excelente receptor, mas um natural intermediário na introdução e na divulgação dos nossos produtos. Uma colônia assim organizada e administrada, ainda que em terreno estrangeiro, será como que uma ampliação da Polônia, um dos fatores da sua expansão nacional, cultural e econômica, uma das manifestações da sua identidade nacional e da sua potência[50].

---

48 Ibidem.

49 Akta J. i K. Warchałowskich, n. 88, Memoriał K. Warchałowskiego do ministra pracy, ff. 1-12.

50 Ibidem, f. 11.

As ideias de Warchałowski, ao que parece, convenceram Sokal. Já no dia 29 de janeiro de 1925, num pronunciamento diante das comissões parlamentares reunidas – das Relações Exteriores e da Emigração – ele estimulava à busca de novas áreas para a colonização. "É preciso procurar áreas emigratórias – sugeria o ministro – onde as condições de trabalho e de salário possam ser melhores do que no país natal, onde o trabalhador rural tenha as perspectivas de tornar-se um agricultor autônomo, onde sejam satisfeitas as necessidades culturais e nacionais e garantida a utilização dos direitos cívicos".[51] Trata-se de palavras exatamente repetidas de Warchałowski (do seu memorial). Para Sokal, da mesma forma que para Warchałowski, a área mais adequada para a emigração colonizadora era a América Latina, principalmente o Brasil e a Argentina[52].

A argumentação de Warchałowski convenceu não somente Sokal, mas também a presidência do Conselho de Ministros. Por uma procuração do dia 10 de março de 1925 o primeiro-ministro Grabski autorizou Warchałowski „a iniciar e desenvolver, na qualidade de Delegado da República, negociações com os Governos da República do Chili [!], do Brasil e da Argentina em assuntos ligados com as questões da imigração e a fixação de colonos poloneses"[53]. Warchałowski tinha no Departamento da Emigração um bom número de adversários, que faziam tudo para o prejudicar. Foi certamente por iniciativa deles que o ministro restringiu significativamente os seus plenos direitos. Isso aconteceu – como escrevia Warchałowski – "quatro horas antes da partida do trem", no dia 11 de março de 1925. As instruções confidenciais, assinadas pelo ministro do trabalho e da assistência social, ordenavam que Warchałowski se utilizasse dela (isto é, da procuração) – JM] somente em circunstâncias excepcionais, e mesmo assim todas as vezes após obter o prévio consentimento telegráfico do ministro Sokal. "Essa disposição – escrevia Warchałowski – contrariava claramente as instruções a mim fornecidas pessoalmente pelo ministro, a quem visitei antes da viagem em sua residência"[54].

51 Ibidem, f. 5.

52 A política do governo na questão da expansão colonial era apoiada pela redação do *Wychodźca*, dirigida por M. Pankiewicz. Cf. os artigos: *Konieczność kolonizacji*, n. 15 de 12.4.1925, p. 2; *O politykę emigracyjną*, n. 18 de 3.5.1925, p. 2; *Bezrobocie a emigracja*, n. 35 de 308.1925, pp. 2-3; *Gdzie szukać ziemi dla polskiego chłopa*, n. 43 de 25.10.1925, pp. 3-5.

53 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 87, Historia jednej koncesji, f. 105.

54 Ibidem, f. 102.

O primeiro país visitado por Warchałowski foi o Brasil. Após a chegada ao Rio de Janeiro (4.4.1925), juntamente com o legado polonês de lá, Mikołaj Jurystowski, no dia 14 de abril iniciou uma viagem de três semanas pelo estado de São Paulo e pelo Paraná. Neste último estado, interessou-se sobretudo pela situação das colônias polonesas, mas o objeto das suas detalhadas investigações – de acordo, aliás, com as orientações recebidas – era a política imigratória do estado de São Paulo, inclusive a possibilidade de encontrar trabalho para os operários poloneses nas fazendas de café. As chances para isso eram de fato reais, tanto mais porque o governo estadual cobria os custos da viagem dos emigrantes. Por isso – na opinião de Warchałowski – era preciso dar início imediato às negociações, principalmente porque naquele tempo estavam conduzindo conversações semelhantes os representantes da Itália, e a imigração a São Paulo estava também despertando o interesse dos japoneses. Por isso o legado Jurystowski – num telegrama do dia 30 de abril de 1925 – pediu ao Ministério das Relações Exteriores a autorização para iniciar negociações oficiais com o objetivo "de assinar um contrato departamental no âmbito do projeto de Warchałowski"[55]. No entanto o Departamento da Emigração não expressou o acordo para o início das negociações. Na resposta encaminhada ao Ministério das Relações Exteriores informava-se que as instruções a Warchałowski previam unicamente a coleta de informações se e em que condições a emigração ao Brasil era possível. "Diante do acima – lemos na correspondência do Departamento da Emigração – não se pode falar da assinatura de acordos pelo delegado Sr. Warchałowski"[56].

Essa postura do Departamento era o resultado – ao que parece – da mencionada aversão de uma parte dos funcionários ao delegado, porquanto do assim chamado projeto de Warchałowski – o que ele esclarecia ao ministro e ao diretor do Departamento da Emigração – faziam parte as diretrizes para o acordo com São Paulo, que no seu tempo haviam sido elaboradas por Warchałowski[57], que haviam sido repetidamente analisadas no Departamento, e que também eram conhecidas de Sokal. "Essas diretrizes – escrevia Warchałowski – foram por mim lidas durante uma das conferências no gabinete do Senhor Ministro e foram por mim ali

55 Ibidem, Depesza poselstwa RP z Rio de Janeiro z dnia 30 IV, f. 17.

56 Ibidem, Urząd Emigracyjny do MSZ z 11 V 1925, f. 25.

57 Ibidem, n. 88, Projekt umowy resortowej pomiędzy Urzędem Emigracyjnym a Ministerstwem Pracy São Paulo, f. 13.

deixadas juntamente com o memorial"[58]. Assim, pois, a aversão pessoal ou a improvável confusão no Departamento da Emigração e no Ministério do Trabalho e da Assistência Social foram as causas que impossibilitaram a negociação de um acordo vantajoso com o estado de São Paulo.

Uma discussão igualmente turbulenta foi provocada pelo relatório de Warchałowski do Brasil[59], que foi publicado quase que em sua totalidade no *Wychodźca* (O Emigrante)[60]. O trecho mais controvertido – que falava da emigração dos operários às plantações de café no estado de São Paulo – foi assinalado por uma nota da redação e por uma advertência de Witold Wierzbowski, que, após 17 anos de permanência no Brasil, em 1923 havia voltado à Polônia[61]. Ele desacreditava por completo a ideia da emigração às fazendas de café em São Paulo. Na opinião de Wierzbowski, toda essa ação era "um simples blefe, visando a captação de dinheiro pelo transporte com os navios". O clima quente, as doenças, o trabalho do amanhecer até a noite por um salário insuficiente – eis o futuro que se desenhava diante dos emigrantes em São Paulo. À espera dos poloneses, que nas fazendas substituiriam os negros, estavam uma vida difícil e a morte inevitável[62]. Igualmente os membros da Sociedade Águia Branca, de Porto Alegre, numa resolução especial e por razões semelhantes às de Wierzbowski, advertiam contra a emigração a São Paulo. Eles apresentavam ainda o fator nacional: "O governo do estado de São Paulo é chauvinista, e os nossos compatriotas

---

58 Ibidem, n. 87, Pismo K. Warchałowskiego do ministra pracy i opieki społecznej z 30 V 1925, f. 48.

59 Ibidem, Raport K. Warchałowskiego do ministra pracy i opieki społecznej z 16 V 1925 r., ff. 27-46.

60 Warunki pracy na plantacjach kawy w San Paulo. *Wychodźca*, n. 30 de 26.7.1925, pp. 3-11; Widoki emigracji do Parany, ibidem, n. 32 de 9.8.1925, pp. 3-5; Kolonizacja rządowa i prywatna w Paranie, ibidem, n. 33 de 16.8.1925, pp. 566.

61 "Essa descrição não é completa – escrevia o *Wychodźca* – visto que não leva em conta em suficiente medida os aspectos negativos do trabalho nas plantações, bem como aquelas dificuldades pelas quais após a vinda a São Paulo o nosso emigrado tem que passar. Por isso, para a complementação do quadro, publicamos ao mesmo tempo a advertência, enviada pelo Sr. Witold Wierzbowski, que há dois aos voltou do Brasil, e nos números seguintes do *Wychodźca* informaremos os nossos leitores a respeito do transcurso da discussão sobre esse assunto no *Świt*, um semanário polonês publicado no Brasil e redigido pelo Dr. Kossobudzki, um dos mais eminentes ativistas poloneses de lá". *Wychodźca*, n. 30 de 26.7.1925, p. 3.

62 WIERZBOWSKI, W. *Ostrzeżenie*. Ibidem, p. 9.

perderiam lá a sua identidade nacional ou ainda afundariam no mar de italianos, que ali têm uma enorme preponderância"[63].

Na polêmica com a resolução de Porto Alegre um autor anônimo (provavelmente Pankiewicz, o redator do *Wychodźca*), conclamava a uma discussão honesta a respeito da emigração a São Paulo[64]. Nos números seguintes do *Wychodźca* ele publicou um ciclo de artigos – escritos com base em materiais coletados por Kotarski, funcionário do Ministério das Relações Exteriores; Gawroński, diretor do Departamento da Emigração; Warchałowski e Kossobudzki. Dessa vez a discussão já foi mais objetiva – buscava-se mostrar os pontos fortes e frágeis do empreendimento[65]. O clima não representava um problema, visto que residiam ali alemães e italianos; com uma adequada profilaxia, as doenças podiam ser evitadas; e os salários eram bastante decentes. Em toda essa questão da emigração a São Paulo, faltava, no entanto, a unanimidade. O seu decidido adversário era Kossobudzki[66], que era apoiado por Emil L. Migasiński[67]; do lado dos partidários pronunciou-se, por sua vez, Franciczek Łyp[68]. A síntese dessa discussão foi uma pequena publicação de Michał Pankiewicz, na qual ele buscou esclarecer de forma abrangente a problemática em questão[69].

Os protestos publicados na imprensa nacional e polônica contra a emigração econômica ao mencionado estado, bem como a aversão de uma parte dos funcionários a esse projeto fizeram com que os trabalhos com o acordo se prolongassem. Ele foi assinado somente três anos mais tarde, quando Warchałowski já não trabalhava no Departamento da Emigração. O acordo entre o Departamento da Emigração e a Secretaria da

63 *W sprawie wyjazdu do Brazylii*. Ibidem, n. 35 de 30.8.1925, p. 1.

64 *Legenda a rzeczywistość w dziedzinie emigracji*. Ibidem, n. 36 de 6.9.1925, p. 2.

65 *O sprawie wychodźstwa do San Paulo*. Ibidem, n. 39 de 27.9.1925, pp. 2-3; n. 40 de 4.10.1925, pp. 2-5; n. 41 de 11.10.1925, pp. 2-5; n. 42 de 18.10.1925, pp. 2-3; n. 43 de 25.10.1925, pp. 1-4; n. 44 de 1.11.1925, pp. 1-3; n. 45 de 8.11.1925, pp. 1-2; n. 46 de 15.11.1925, pp. 1-3.

66 Numa série de artigos publicados no semanário por ele editado *Świt*.

67 MIGASIŃSKI, E. L. *Jeszcze o São Paulo*. Ibidem, n. 24 de 15.6.1924, pp. 10-11.

68 ŁYP, F. Nasza przyszłość w Brazylii. *Nasza Szkoła*, n. 5, maio 1925; idem. Brazylijska polityka imigracyjna. *Kwartalnik Instytutu Naukowego do Badań Emigracji i Kolonizacji* [a seguir: KINdBEiK], t. 1, 1927, pp. 87-94.

69 PANKIEWICZ, M. *W sprawie wychodźctwa do San Paulo*. Polskie Towarzystwo Emigracyjne, Warszawa, 1926; idem. Emigracja do São Paulo. *Wiedza i Życie*, n. 2, 1927, pp. 81-89.

Mapa da América do Sul assinalando o roteiro da viagem de Warchałowski

Agricultura, do Comércio e das Obras Públicas do estado de São Paulo só foi assinado no dia 19 de fevereiro de 1927[70].

> Quando finalmente se optou por São Paulo – comentava Warchałowski numa carta de 28 de novembro de 1927 – e até foi assinado o tal acordo, os créditos no Brasil se haviam esgotado e ninguém viajou. O mais interessante é que em qualquer lugar no mundo os culpados por isso teriam sido chamados à responsabilidade. Mas aqui ninguém abriu a boca. Que alguns milhares de pessoas tenham ficado sem o pão e sem a possibilidade de sair da miséria – isso não interessa a ninguém[71].

Augusto B. Leguía

Durante a sua estada no Brasil, Warchałowski se defrontou pela primeira vez com a questão da emigração ao Peru. A respeito de tal possibilidade ele havia sido informado pelo então legado da Polônia no Brasil, Jurystowski, que em dezembro de 1924 havia viajado em visita oficial a Lima, onde participou das comemorações do centenário da independência do Peru. O presidente daquele país, Augusto B. Leguía, durante um encontro assegurou-lhe que o Peru estava interessado em receber imigrantes da Polônia. A respeito desse fato a legação informou o Ministério das Relações Exteriores num relatório do dia 24 de janeiro de 1925. Em sua resposta, o ministério assinalou que a prioridade para o governo polonês eram o Brasil, a Argentina, o Chile e o Canadá[72].

Contrariamente a essas recomendações, Warchałowski enviou ao ministro do trabalho e da assistência social um telegrama pedindo que fosse autorizada uma visita dele ao Peru, porquanto queria obter pessoalmente uma imagem completa da situação interna daquele país e do posicionamento do seu governo na questão da imigração[73]. A autorização para a viagem, e também a recomendação para verificar as condições de

---

70 Układ w sprawie imigracji pomiędzy Departamentem Pracy Sekretariatu Stanu do Spraw Rolniczych, Handlu i Robót Publicznych stanu São Paulo w Brazylii a Urzędem Emigracyjnym przy Ministerstwie Pracy i Opieki Społecznej. *Praca i Opieka Społeczna*, n. 2, 1927, p. 81; cf. também: GAWROŃSKI, S. Emigracja polskich robotników rolnych do São Paulo w związku z zawartym 19 lutego 1927 r. Układem. *KINdBEiK*, t. 2, 1927, p. 5-40.

71 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 100, List Warchałowskiego (najprawdopodobniej) do S. Zielińskiego z 28 XI 1927 r., f. 28.

72 Ibidem, n. 87, Pismo MSZ do posła RP w Brazylii z 30 IV 1925, f. 18.

73 Ibidem, Pismo K. Warchałowskiego do ministra pracy i opieki społecznej z 30 V 1925, f. 49.

trabalho dos mineiros poloneses que trabalhavam no Peru (em Lobitos) e no Equador (em Sana Helena), foi recebida por Warchałowski no dia 24 de julho. Ele então se encontrava havia alguns dias em Santiago de Chile, onde mantinha conversações com representantes do governo local. Realizou a seguir a inspeção das potenciais áreas de colonização na região de Puerto Montt. Em seu relatório escreveu que o Chile possuía na realidade um potencial colonizador, mas que não podia ser utilizado num futuro próximo. O obstáculo para isso era a falta de um adequado aparelhamento funcional, bem como "de áreas livres e legalizadas sob o aspecto formal"[74].

Naquele tempo o relacionamento entre Warchałowski e o Departamento da Emigração sofreu uma nova deterioração. Atrasava-se o envio dos recursos para a continuidade da missão. Numa carta daquele período escrevia ele à sua esposa Janina:

> Já esgotei os últimos recursos, porque ainda no dia 20 de junho esgotaram-se os fundos que eu tinha do ministério, e eu estava vivendo somente com o dinheiro emprestado do Jurystowski, e depois somente a crédito; eu não me podia mexer nem trabalhar, porque já estava vivendo em constante nervosismo [...]. Parece que eles imaginaram que já havia muito tempo eu havia levado a breca, mas, convencendo-se de que não foi o que aconteceu, inventaram essa viagem ao Peru e ao Equador, justamente porque lá está havendo uma revolução. Ora – pensaram eles – não pode ser que lá de alguma forma ele não seja eliminado, e sempre é mais fácil tropeçar eficazmente a uma altura de 4 000 metros do que por exemplo em Varsóvia[75].

Warchałowski recebeu os recursos somente no dia 8 de agosto e só então pôde dar continuidade à viagem. Do porto chileno de Valparaíso ele partiu no dia 12 de agosto, e no dia 19 de agosto chegou ao porto de Callao, no Peru[76]. Tendo chegado a Lima, graças à ajuda do cônsul honorário Witold Szyszłła realizou alguns encontros e foi recebido pelo ministro das relações exteriores, pelo ministro da agricultura, pelo ministro do desenvolvimento e até pelo presidente Leguía. "No entanto não me pude furtar à impressão – observou corretamente Warchałowski após o

74 Ibidem, n. 88, Chile jako teren imigracyjny, f. 46.
75 Ibidem, n. 192, List K. Warchałowskiego do żony z 3–25 sierpnia 1925 r., f. 441.
76 Ibidem, n. 88, Peru. Przebieg podróży, f. 47.

encontro com o presidente – de que todo o empreendimento colonizador tem para eles contornos completamente obscuros, de que enxergam nele um trunfo político de alta relevância e, embora apreciem os seus resultados, absolutamente não se dão conta nem dos custos, nem da organização que ele exige”[77]. Mas, apesar dessas restrições, o Peru pareceu a Warchałowski muito atraente para o emigrante polonês, porquanto o governo local prometia cobrir os custos da viagem dos colonos, bem como fornecer-lhes gratuitamente 10 hectares de terra[78]. A partir de então tornou-se Warchałowski um dos maiores propagadores da emigração colonizadora ao Peru no período de entreguerras. Ele seria apoiado nessa obra pelo cônsul honorário daquele país na Polônia, engº Tomasz Oxiński, que iniciou naquele tempo, através do *Wychodźca* e de outras publicações, uma campanha propagandística em prol desse empreendimento[79].

Bronisław Ziemięcki

Apesar do sucesso pessoal no Peru, a posição de Warchałowski no Departamento da Emigração tornava-se cada vez mais difícil. Em certo sentido contribuiu para isso ele mesmo, visto que não enviava dentro do prazo os relatórios da viagem, além do primeiro – de 17 de maio de 1925[80]. Além disso, as dificuldades financeiras do país, bem como as declarações da imprensa, que atacavam o ministro Sokal por favorecer Warchałowski[81], levaram a que, a partir de 8 de outubro fossem diminuídas a ele as diárias (de 14 para 11 dólares por dia em terra e de 4 para 2,75 dólares em navio). No dia 14 de novembro de 1925 Sokal foi afastado da função de ministro, e para o seu lugar foi nomeado Bronisław Ziemięcki. Uma das primeiras medidas do novo ministro foi o envio de um telegrama convocando

77 Ibidem, ff. 55-56.

78 LEPECKI, M. B. Opis polskich terenów kolonizacyjnych w Peru. *KNIEoPE*, t. 3-4 (lipiec-grudzień), 1929, pp. 345-346.

79 OXIŃSKI, T. Widoki emigracji do Peru. *Wychodźca*, n. 12 de 22.3.1925, p. 6; idem. Złotodajne Peru. Ibidem, n. 34 de 23.8.1925, pp. 10-13; idem. Peru otwiera swoje podwoje dla wychodźstwa polskiego. Ibidem, n. 47 de 22.11.1915, p. 5; idem. W sprawie możliwości wychodźczych do Peru. Ibidem, n. 50 de 13.12.1925, pp. 11-12; idem. Polacy w Peru. *Kurier Warszawski*, n. 264 de 25.9.1926, pp. 2-3; idem. Kolonizacja polska w Peru. *Przegląd Geograficzny,* n. 6 de 1926, pp. 151-152; Polsko-Peruwiańskie stosunki handlowe. Rozmowa z p. Oxińskim. *Epoka*, n. 27 de 28.1.1927, p. 7; W ojczyźnie Manco Capac'a. *Głos Prawdy*, n. 221 de 13.8.1927 [entrevista com T. Oxiński].

80 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 87, Pismo dyrektora UE do K. Warchałowskiego z dnia 25 X 1925, f. 117.

81 Ibidem, n. 86, Rodzinna kombinacja, f. 50.

Warchałowski, que naquele tempo ainda se encontrava no Peru, à imediata volta à Polônia[82].

Warchałowski chegou a Varsóvia no dia 11 de janeiro de 1926. Alguns dias mais tarde, no dia 1 de fevereiro, o ministro Ziemięcki dispensou-o do trabalho com um período de 3 meses de aviso prévio[83]. Essa demissão teve uma ampla repercussão. "Estranha demissão" escrevia o *Gazeta Warszawska Poranna* (Jornal Varsoviano Matutino)[84], enquanto o *Kurier Poznański* (Mensageiro de Poznań) buscava uma outra explicação para a decisão de Ziemięcki.

> Os iniciados no famigerado "departamento" – escrevia o jornal – não se espantam com isso absolutamente: o Sr. W. não permitia que o emigrante polonês fosse roubado pelas companhias comerciais, com o que se tornavam impossíveis diversos acertos ultramarinos amigáveis... – então era preciso livrar-se do Sr. W. a todo custo. Tanto mais porque, como o único especialista no departamento, ele era com certeza um espinho para todos os diletantes, iletrados ou ignorantes[85].

Os efeitos da estada de Warchałowski em quatro países da América do Sul foram mais do que modestos. Os custos dos dez meses dessa viagem (306 dias, de 11.3.1925 a 11.1.1926) foram enormes. Somente para as diárias de Warchałowski o Tesouro do Estado gastou mais de 3 500 dólares[86]. Dos oito relatórios que foram redigidos pelo delegado, somente um – como mencionamos – foi escrito no decorrer da viagem. O restante foi elaborado na viagem de volta à Polônia. Três eram dedicados ao Brasil[87], e o restante dizia respeito: à situação dos operários poloneses nas minas de petróleo no Peru e no Equador[88], ao estado econômico do Peru[89], às

82 Ibidem, n. 88, Peru. Przebieg podróży, f. 66.

83 Ibidem, n. 86, Minister pracy i opieki społecznej do K. Warchałowskiego, f. 53.

84 *Gazeta Warszawska Poranna*, n. 44 de 13.2.1926, p. 2.

85 *Kurier Poznański*, n. 64 de 10.2.1926, p. 2.

86 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 87, Pismo K. Warchałowskiego do dyrektora UE (bez daty), ff. 119-122.

87 Ibidem, n. 88, Raport K. Warchałowskiego do ministra pracy i opieki społecznej z 16 V 1925; Brazylia. Raport dodatkowy; Raport w sprawie emigracji do Brazylii, ff. 16-31, 134-136, 137-141.

88 Ibidem. Wiertacze polscy w Lobitos i Santa Helena, ff. 105-133.

89 Ibidem. Peru. Przebieg podróży, ff. 47-66.

possibilidades colonizadoras no Peru[90] e à situação no Chile[91]. Eles não possuíam grande valor de conteúdo – três eram simples relatos de viagem, e os restantes – ensaios pouco úteis, que muito bem poderiam ter sido elaborados por funcionários da legação polonesa no Rio de Janeiro ou em Buenos Aires. Igualmente nas propostas, escritas já em Varsóvia e apresentadas ao ministro Ziemięcki no dia 15 de janeiro, Warchałowski tinha pouca coisa a propor, além de simples banalidades.

> Sem prejulgar a utilidade para nós da área argentina ou chilena no futuro – escrevia o ativista – com conjunturas financeiras favoráveis no país, necessariamente temos que concentrar a nossa atenção nas primeiras duas áreas [isto é, no Brasil e no Peru – JM] como aquelas que oferecem as maiores facilidades e exigem o menor esforço da nossa parte[92].

As expectativas de Warchałowski em relação a esses dois países, o que mostrou o futuro próximo, não se cumpriram. O tratado assinado com o estado de São Paulo na realidade nunca entrou em vigor, embora nesse aso a culpa não possa ser atribuída a Warchałowski. A emigração ao Peru por ele proposta era tratada com desconfiança pelas instituições do país, inclusive e principalmente pelo Departamento da Emigração. A postura deste era a tal ponto crítica que Tomasz Oxiński, o mencionado cônsul honorário do Peru na Polônia, encaminhou ao Ministério das Relações Exteriores diversas queixas, nas quais acusava o Departamento da Emigração de que "continuamente ataca o Peru e publica as mais terríveis e as mais infundadas notícias"[93]. Nessa situação Warchałowski – fascinado pela visão da emigração colonização ao Peru – teve que realizar esse plano como um projeto pessoal. Esse tema será apresentado numa publicação separada.

---

90 Ibidem. Peru jako teren kolonizacyjny, ff. 84-104.

91 Ibidem. Chili. Przebieg podróży; Chili jako teren imigracyjny, ff. 32-35 e 36-46.

92 Ibidem. Wnioski, f. 145.

93 AAN, MSZ, n. 9712, Pismo konsula Peru do dyrektora Departamentu Konsularnego MSZ z 21 IV 1927, f. 162.

3. Delegado econômico para a América do Sul

Após a volta do Peru a Varsóvia, Warchałowski dedicou bastante tempo à preparação e apresentação de palestras, que eram dedicadas – da mesma forma que pronunciamentos anteriores – à necessidade da utilização “do elemento popular que se desperdiça entre nós, e ao seu aproveitamento em nome dos seus próprios interesses, bem como dos interesses do país, para a penetração econômica nos distantes países da América do Sul”[94]. Após o insucesso da ação colonizadora, esses pronunciamentos já não despertavam o mesmo interesse de antes.

Além da polêmica com os ataques acima mencionados, a atividade escritora de Warchałowski concentrava-se nas memórias sobre o Brasil e o Peru[95], na questão do acesso da Polônia ao mar[96] e na necessidade da intensificação do comércio com os países da América do Sul[97]. Ele publicou

94 Odczyt o emigracji polskiej. *Kurier Warszawski*, n. 77 de 17.3.1932, p. 4.

95 W ujściu Królowej rzek. *Polacy Zagranicą*, n. 6-7 (czerwiec-lipiec), 1933, pp. 17-27; Książka polska. Wspomnienia z Brazylii. *Wieści z Polski*, 1932, n. 5 (maj), pp. 3-8; Wigilia tułaczy. *Wieści z Polski*, n. 12 (grudzień) 1932, pp. 5-10; Mój udział w rewolucji [w Peru]. *Morze*,1933, n. 6 (czerwiec), p. 26; *Feliks Kaliszak*. *Wieści z Polski*, 1933, n. 10 (październik), pp. 13-17; Mój pierwszy tapir. Ze wspomnień brazylijskich. *Wieści z Polski*, 1933, n. 11 (listopad), pp. 11-15; Jak chłop polski pokonał puszczę parańską (w 4 częściach). *Polska Zbrojna*, 1934, n. 218 de 10.8, p. 6; nn. 219 de 11.8, p. 6; n. 220 de 12.8, p. 6; n. 222 de 14.8, p. 6; Zgon ojca emigracji polskiej w Paranie. Śp. Edmund Saporski. *Pionier Kolonialny* (dodatek do: „Morze”), 1934, n. 2, pp. 24-25.

96 Wycieczka Ligi Morskiej i Kolonialnej do Gdyni. *Wieści z Polski*, 1933, n. 10 (październik), pp. 10-13; Do Gdyni, Nad Morze! Wrażenia z wycieczki popularnej, urządzonej przez Oddział Związku Pionierów Kolonjalnych L. M. i K. *Morze,* 1933, n. 10 (październik), pp.18-19;

97 Bandera polska w Połudn.[iowej] Ameryce. *Morze*, 1936, n. 11 (listopad), pp. 22-23; O handlu polskim z Ameryką Południową. *Morze*, 1936, n. 12 (grudzień), pp. 15-17.

Saudação de Janina e Kazimierz Warchałowski pela nora Wanda e pela neta no Rio de Janeiro

também três livros: um volume de recordações do Brasil[98] e duas publicações para os jovens, baseadas na realidade da Amazônia[99]. Por proposta da Academia Polonesa de Literatura, no dia 5 de novembro de 1938 o ministro das religiões e da instrução pública atribuiu a Warchałowski a "Láurea Acadêmica" de prata[100].

Naquele mesmo período Warchałowski dispôs das suas coleções. Ainda em 1920 transferiu ao Arquivo Polonês e ao Museu da Guerra uma coleção de 5 volumes de anuários do *Polak w Brazylii*. Em 1929, ofereceu ao Museu Arqueológico Nacional em Varsóvia instrumentos de pedra paranaenses: 61 machadinhas e 18 pilões. Em 1937 a Liga Marinha e Colonial recebeu dele 8 volumes do *Polak w Brazylii*[101]. Ofereceu também uma parte das suas coleções ao Museu Etnográfico Municipal de Łódź, fundado em 1931[102] (esse museu assumiu também as coleções de Z. Szymoński e A. Freyd). Igualmente a esposa de Warchałowski, Janina, era uma colecionadora: ela colecionava selos postais e coleópteros. As coleções desses insetos, principalmente paranaenses, foram transferidas à Academia Polonesa de Ciências, o que foi registrado pela sua Comissão Fisiográfica[103]. Essa coleção – na opinião de um conhecedor da matéria e ao mesmo tempo primo, Andrzej Warchałowski – não representava um "significativo valor científico"[104].

No final de dezembro de 1935, graças a um subsídio concedido pela Câmara da Indústria e do Comércio de Gdynia, Warchałowski viajou novamente à América do Sul. O objetivo da viagem era uma pesquisa das possibilidades de venda dos produtos da indústria polonesa nos mercados

98 .WARCHAŁOWSKI, K. *Picada. Wspomnienia z Brazylii*. "Pionier", Warszawa, 1930. Cf. resenha de B. Lepecki em *KNIEiKoPE*, t. 1-2 (styczeń-czerwiec), 1930, pp. 540-541.

99 Idem. *Na krokodylim szlaku*, z ilustracjami E. Kanarka, Warszawa, 1936; idem, *Na wodach Amazonki*, Warszawa, 1938.

100 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 3, Prezydium PAL do K. Warchałowskiego (30 XII 1938), f. 30.

101 Ibidem, n. 12, Depozyty, dary, podziękowania, ff. 1-13.

102 Głos Poranny, n. 325 de 26.11.1935, p. 7; cf. também: NARTONOWICZ-KOT, M. Samorząd łódzki wobec problemów kultury w latach 1919-1939. *Acta Universitatis Lodziensis. Folia historia*, t. 21, p. 102.

103 FEDOROWICZ, Z. Faunistyka w działalności Komisji Fizjograficznej PAU. *Memorabilia Zoologica*, t. 22, 1971, p. 124.

104 Warchałowski, A., op. cit., p. 13.

locais. Além disso, a pedido das linhas marítimas polonesas Navegação Polonesa S.A. e Gdynia-América S.A. (GAL), devia colher informações a respeito dos mais importantes portos do Brasil, do Uruguai e da Argentina, incluindo as normas legais a serem observadas pelas companhias de navegação estrangeiras, os planos dos portos, as marés marítimas, as exigências das autoridades portuárias etc.[105] Essa viagem de seis meses estava relacionada com a instituição, pelas linhas de navegação polonesas, de um ligação regular com os principais portos da América do Sul, a respeito do que informava amplamente a imprensa brasileira[106]. Esse reconhecimento foi a tal ponto prometedor que após a volta a Varsóvia Warchałowski decidiu mudar-se, juntamente com a esposa, em definitivo para a América do Sul[107].

Essa decisão acarretava a necessidade de deixar a residência na Rua Rybaki, o que levou um bom tempo. Por isso os Warchałowski partiram de Gdynia para o Rio de Janeiro (no transatlântico "Puławski"), somente no dia 19 de junho de 1937[108]. Nessa cidade alugaram uma casa na Rua Honório de Barros n. 16, na qual fixaram residência também o filho Stanisław com a esposa, que estavam enfrentando dificuldades materiais, bem como a filha Beatriz. Após um breve descanso Warchałowski viajou a Buenos Aires, onde organizou um escritório e inaugurou oficialmente a sua atividade como representante da indústria pesada polonesa. A área do seu interesse era sobretudo a Argentina, o Chile e o Uruguai. Warchałowski representava a Sociedade Acionária dos Altos-Fornos e Estabelecimentos de Ostrowiec, a Primeira Fábrica de Locomotivas na Polônia S.A.; as Usinas Siderúrgicas Unidas da Alta Silésia Królewska e Laura S.A.; a

Casa de campo "Ukrainka" em Konstancin

105 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 140, Umowa pomiędzy „Żeglugą Polską" SA a K. Warchałowskim z 20 XII 1935 o świadczenie usług, ff. 6-10.

106 O Formidavel Progresso da Navegação Comercial Polonêsa. *Correio Maritimo*, n. 155 de 14.3.1936, p. 1; Inaugurada a linha de navegação polonêsa para a America do Sul. *Correio Maritimo*, n. 156 de 21.3.1936, p. 3.

107 *Czy wiesz kto to jest?*, pod red. St. Łozy, Wydawnictwo Głównej Księgarni Wojskowej, Warszawa, 1938, p. 777.

108 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 135, List K. Warchałowskiego do Państwowego Instytutu Eksportowego z 2 VI 1937, f. 4.

Empresa H. Cegielski S.A.; a Fábrica Unida de Máquinas e Vagões L. Zieleniewski e Fitzner-Gamper S.A.; a Fábrica de Máquinas e Ferramentas Agrícolas Unia em Grudziądz, bem como as firmas E. Wedel e a linha de navegação Gdynia-América S.A.[109] A sua ação era apoiada pela mencionada Câmara da Indústria e do Comércio de Gdynia, mas também pelo Instituto Nacional de Exportação em Varsóvia e pelo União Polonesa da Indústria Metalúrgica.

Infelizmente, esse empreendimento de Warchałowski teve também uma vida breve. No dia 16 de setembro de 1937, durante uma visita ao transatlântico "Puławski", ele caiu do portaló e teve sérios ferimentos, o que durante um mês o excluiu de qualquer atividade profissional[110]. Mas o pior aconteceria somente na primavera europeia de 1938. Durante um dos seus numerosos encontros, Warchałowski, ao se levantar, bateu com a cabeça provavelmente contra o caixilho de uma janela aberta, em consequência do que passou a ter problemas com a visão e por isso decidiu voltar à Polônia, onde tinha a esperança de finalmente se recuperar. No dia 13 de agosto de 1938 ele e sua esposa já se encontravam em Dakar, no litoral da África Ocidental. "Eu fico pensando sempre – escrevia Janina – a respeito de onde e como nos vamos instalar"[111]. Numa carta do dia 23 de setembro de 1938 Kazimierz Warchałowski informava por sua vez a seu filho Stanisław que se encontrava em Wisła, onde "a tia Marynia está cuidando de mim e onde espero recuperar a saúde e a visão perdida"[112].

Os Warchałowski já não voltaram à sua antiga residência na Rua Rybaki, mas provisoriamente passaram a morar com a família. Andrzej Warchałowski (neto de Józef, irmão de sangue de Kazimierz), que visitava os tios, registrou: "O tio Kazimierz estava quase cego e usava óculos escuros, e após uma vida extremamente ativa não podia acostumar-se à forçada inatividade, falava pouco e dava a impressão de uma pessoa amargurada"[113]. Finalmente os Warchałowski decidiram ir morar nos arredores de Varsó-

109 Ibidem, n. 136-139, Umowy K. Warchałowskiego z zarządami firm o przedstawicielstwo.

110 Ibidem, n. 140, List K. Warchałowskiego do Zarządu Linii Gdynia-Ameryka z 24 IX 1937, f. 28.

111 Arquivo de Beatriz Warchalowski. List J. Warchałowskiej do W. i S. Warchałowskich z 13 VIII 1938.

112 Ibidem. List K. Warchałowskiego do W. i S. Warchałowskich z 23 IX 1938.

113 WARCHAŁOWSKI, A., op. cit., s. 13.

CINCOENTA BAIXAS! BERLIM, 1 (U. P.) – Forças irregulares polonezas e allemãs romperam as hostilidades na madrugada de hoje em varios pontos da fronteira, annunciando-se até o momento cincoenta baixas, inclusive dez mortos. A Agencia DNB annuncia que centenas de polonezes armados de metralhadoras estiveram empenhados em combates.

VARSOVIA BOMBARDEADA!

A aviação allemã ataca seis cidades ao mesmo tempo, emquanto a infantaria invade a Polonia

EDIÇÃO EXTRA

VARSOVIA, 1 (U. P.) - URGENTE - – ESTA CAPITAL ESTÁ SENDO BOMBARDEADA PELA AVIAÇÃO ALLEMÃ, DESDE 9 HORAS

SEIS CIDADES BOMBARDEADAS

PARIS, 1 (H.) – Confirma-se que a Allemanha abriu as hostilidades ao longo de toda a fronteira com a Polonia. Seis cidades polonezas foram bombardeadas esta manhã pela aviação do Reich: Cracovia, Putsk, Bialapowlaska, Zukw, Gdno e Vilno.

A HORA do bombardeio allemão

VARSOVIA, 1 (U. P.) Urgente — Fontes autorizadas informam que o primeiro bombardeio se verificou às 4.30 da manhã em differentes pontos da Polonia.

Não eram grandes as esquadrilhas de aviões do bombardeio allemão.

Ainda não se sabe os nomes dos pontos bombardeados nem a extensão dos damnos.

QUATRO CIDADES BOMBARDEADAS

VARSOVIA, 1 (A. P.) – Chegam noticias que Cracow, Kytowice, Czestochowa e Tczew foram bombardeadas pelos aviões allemães às primeiras horas da manhã de hoje. Taes noticias ainda carecem de confirmação official.

A cerração defende Varsovia

VARSOVIA, 1 (A. P.) — A ...

ESPERADO EM BERLIM um ataque aereo

BERLIM, 1 (A. P.) — O governo acaba de advertir pelo radio ás populações allemãs da região êste contra um possivel ataque da aviação poloneza.

LEIAM ...

Ataque allemão nas proximidades de Mlawa

VARSOVIA, 1 (A. P.) — Foi noticiado que as tropas germanicas ... a Polonia ... de Mlawa ...

ANNO X — N. 4089 — Sexta-feira, 1 de setembro de 1939

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

HERBERT MOSES — ROBERTO MARINHO — A. LEAL DA COSTA

O desenvolvimento da crise nas ultimas horas de paz

Atacadas todas as cidades do corredor polonez

LONDRES, 1 (A. P.) — O radio de Varsovia annuncia que as tropas germanicas declararam um ataque contra todas as cidades do Corredor polonez.

via, em Skolimów-Konstancin[114], onde alugaram uma residência de quatro peças (das quais dois quartos deviam ser alugados), na casa de campo "Ukrainka", na qual fixaram residência no dia 1 de junho de 1939[115]. Nessa casa de campo residia o velho conhecido deles, escritor e ativista pela independência, Wacław Gąsiorowski[116]. Para Kazimierz Warchałowski, esse já foi o último endereço.

Naquele tempo ele foi atingido por alguns golpes que o deprimiram mais ainda. No dia 13 de março de 1939 faleceu inesperadamente seu irmão Jerzy[117]. Intensificava-se a ameaça alemã, diante da qual durante toda a sua vida havia advertido Warchałowski. Ele se dava conta perfeitamente da desproporção de forças e recursos militares, bem como do potencial econômico entre a Polônia e a Alemanha. O desastre de setembro foi a confirmação disso. Não podia conformar-se com ele o vizinho dos Warchałowski, Wacław Gąsiorowski, que faleceu no dia 30 de outubro. O seu sepultamento, que se realizou em Skolimów, transformou-se numa manifestação patriótica. A perda mais sensível foi a detenção pelos alemães e o envio à prisão em Kaliningrado do filho de Kazimierz – Jerzy, cônsul-geral da Polônia em Kaliningrado[118]. Tratava-se de uma desforra pelo desaparecimento do cônsul alemão em Cracóvia – August Schillinger, que juntamente com a secretária Ruth Jurek separou-se do restante dos funcionários do posto consular e desapareceu sem deixar notícias. Diante da falta de informações sobre o destino de Schillinger, o lado alemão excluiu Warchałowski (juntamente com os funcionários) do grupo de pessoas destinadas à troca.[119]

---

114 Na área da comuna Skolimów-Konstancin os Warchałowski possuíam um terreno com a superfície de 729 braças (= 2,2 m – N. do T.) quadradas. AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 8, f. 31.

115 Arquivo de B. Warchalowski. List J. Warchałowskiej do W. i S. Warchałowskich z 8 V 1939.

116 HERTEL, J. Sołtys „Rzeczpospolitej Konstancińskiej". *Perspektywy*, n. 3 de 18.1.1980; idem. *Powrót legendarnego Skolimowa*, Konstancin, 2007.

117 Śp. Jerzy Warchałowski. *Kurier Poznański*, n. 122 de 15.3.1939, p. 7; CZAJKOWSKI, J.; WALLIS, M. Jerzy Warchałowski. *Wiadomości Literackie*, n. 15 (807) de 2.4.1939, p. 6.

118 *Historia dyplomacji polskiej*, t. V: 1939-1945, Warszawa: PWN, 1999, p. 17; ORACKI, T. *Słownik biograficzny Warmii, Mazur i Powiśla XIX i XX wieku (do 1945 roku),* Pax, Warszawa 1983, p. 323.

119 GELLES, R. *Dom z białym orłem. Konsulat Rzeczypospolitej Polskiej we Wrocławiu (maj 1920-wrzesień 1939)*, „Vratislavia", Wrocław, 1992, p. 128; cf. também: RABANT, T. *Antypolska działalność służby dyplomatycznej i konsularnej w Polsce w przededniu II wojny światowej oraz jej ewakuacja i likwidacja*, *Pamięć i Sprawiedliwość*, n. 1 (9), 2006, pp. 199-215.

Túmulo de Jerzy e Kazimierz Warchałowski no cemitério de Powązki, em Varsóvia

> Não sei se você sabe – escrevia no dia 7 de fevereiro de 1944 Jerzy Warchałowski a seu irmão Stanisław – que juntamente comigo foram detidos e presos mais 9 funcionários consulares e contínuos. Três dos meus colegas dessa Dezena morreram nos campos de concentração em 1941, e a respeito dos demais não se soube absolutamente mais nada. Deve-se supor que daqueles dez só me salvei eu, e ainda, como você sabe, só por um milagre. Em cem por cento eu devo a minha vida à Zosia, e ainda à vontade de Deus[120].

A mencionada na carta Zosia (nascida Mieszkowska)[121] era a esposa de Jerzy, que juntamente com a filha se encontrava naquele tempo na Itália. Ela empreendeu amplas medidas que tinham por objetivo a libertação do marido. Contatou-se inclusive com o marechal italiano Pietro Badoglio, conhecido dos Warchałowski dos anos vinte, quando foi *attaché* militar da Itália no Rio de Janeiro. A intervenção de Badoglio junto ao ministro das relações exteriores da Alemanha, Joachim von Ribbentrop, foi bem-sucedida. No dia 2 de maio de 1940 Jerzy Warchałowski foi liberto da prisão[122]. Ele permaneceu em Varsóvia por pouco tempo, porque em breve pôde viajar ao encontro da esposa e da filha, que se encontravam na Itália, e a seguir a Portugal.

A libertação, e a seguir a partida de Jerzy da Polônia, tranquilizaram um pouco seu pai. Para os Warchałowski, a ameaça da perda do filho, além da perda da pessoa mais próxima, teria significado a catástrofe material, porque o sustento deles praticamente dependia do Jerzy. Eles não possuíam aposentadorias, e viviam com o restante do patrimônio de antes da guerra. Após a saída de Jerzy da prisão, ele começou a trabalhar e ajudou a seus pais financeiramente. Ele fez isso também após a viagem à Itália, e depois a Portugal. Apesar disso, a situação material dos Warchałowski naquele tempo não era das melhores, mas mesmo assim eles partilhavam

120 Arquivo de B. Warchalowski. List Jerzego Warchałowskiego do brata Stanisława z 7 II 1944.

121 Zofia Mieszkowska era filha do escritor e jornalista Antoni Mieszkowski e de Maria Melechowicz e enteada de Józef Warchałowski. No dia 3.10.1922 ela se casou com o filho de Kazimierz, Jerzy Warchałowski.

122 GELLES, R. *Dom z białym orłem...*, op. cit., p. 128.

com outros aquilo que possuíam. “Mas, como existem pessoas em situação pior ainda – escrevia Warchałowski no dia 24 de novembro de 1940 ao Comitê da Ajuda Social da comuna de Konstancin – de bom grado prestarei a minha ajuda, mas peço que diminuam a contribuição para vinte e cinco zlótis”[123].

Na primavera europeia de 1943 Kazimierz Warchałowski pegou um resfriado. Infelizmente, o organismo debilitado não foi capaz de dar conta dele. Em breve a infecção transformou-se em pneumonia, que foi a causa imediata da sua morte no dia 28 de maio de 1943[124]. Warchałowski foi sepultado no cemitério de Powązki (quadra 299 b, segunda fileira, túmulo n. 8), ao lado de seu irmão Jerzy. O túmulo ficou aos cuidados da esposa Janina, e após a partida dela da Polônia em 1947 – dos familiares mais distantes. Com o tempo o túmulo desses dois eminentes poloneses caiu no total esquecimento e na ruína, a tal ponto que os primeiros anos do século XXI houve dificuldades com a sua identificação[125]. Foi somente a neta de Kazimierz, Beatriz Warchalowski, com residência permanente no Brasil, que em 2009 – durante a sua segunda estada na Polônia – providenciou uma pequena placa comemorativa, que constitui uma recordação de pessoas cuja ação na realidade despertou muitas controvérsias, mas que foi desenvolvida sempre visando ao bem da Polônia.

123 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 3, K. Warchałowski do Komitetu Pomocy Społecznej gm. Konstancin, f. 34.

124 Ibidem, n. 2, Wypis aktu śmierci, f. 70.

125 A placa tumular instalada pela família e hoje inexistente informava que: “Aqui jazem Jerzy Warchałowski, n. 30.3.1874 – f. 13.3.1939, que serviu à arte polonesa com fé, sabedoria e devotamento, e Kazimierz Warchałowski, n. 24.11.1872 – f. 28.5.1943, Presidente do Comitê Nacional Polonês no Brasil, incansável defensor da causa polonesa na Polônia e no exterior”.

4. Atividade literária

A veia de escritor de Warchałowski manifestou-se bastante cedo. Quando administrava a sua propriedade em Bezlesie foi colaborador do *Sielskokhoziáistvienniy Viestnik* (Mensageiro Agrícola). Ele mesmo escreveu a esse respeito da forma seguinte: "Aquele *Mensageiro* era editado num nível bastante elevado. Eu não era somente seu assinante, mas também de vez em quando escrevia artigos para ele, não raro polêmicos, ainda que sobre assuntos técnicos, em razão dos quais eu era alvo de críticas, visto que não perdoava a leviandade e as afirmativas não confirmadas"[126].

No entanto, ele assumiu a verdadeira ação jornalística quando começou a interessar-se pela problemática emigratória. O periódico no qual publicou os primeiros textos dedicados a essas questões foi o *Gazeta Polska* (Jornal Polonês), que representava os pontos de vista do Partido Nacional-Democrático. Foram publicados nele tanto entrevistas que concedeu[127], como artigos de sua autoria[128]. Além disso, colaborou com títulos como *Słowo* (A Palavra)[129], *Świat* (O Mundo)[130], *Kurier Warszawski* (Mensageiro de

126 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 152, Wystawa w Elizawetgradzie, f. 20

127 Trochę wrażeń ogólnych z pobytu w Paranie. *Gazeta Polska*, n. 327 de 16/29.11.1901, pp. 1-2; Za Oceanem. Pan Warchałowski o naszym ruchu emigracyjnym. Ibidem, n. 265 de 29.9.1906, p. 1.

128 Głosy publiczne. O emigrację do Brazylii. *Gazeta Polska*, n. 324 de 15/28.11.1902, p. 2; Na Wiśle. Ibidem, n. 175 de 15/28.6.1903, p. 1.

129 BRZESKI, L. Kolonizacja Parany. Rozmowa z p. Kazimierzem Warchałowskim. *Słowo*, n. 154 de 25.6.1902, p. 1 (parte I); n. 156 de 27.6.1902, p. 1 (parte II); n. 159 de 1.7.1902, p. 1 (parte III).

130 CLARUS, [Adolf Nowaczyński?]. Parana. Zdobycze pługa polskiego w Brazylii [entrevista com K. Warchałowski]. *Świat*, n. 29 de 21.7.1906, pp. 4-7; idem. Kierunek naszej emigracji [entrevista com K. Warchałowski]. Ibidem, n. 10 de 7.3.1908, pp. 4-5.

Varsóvia)[131], *Tygodnik Ilustrowany* (Semanário Ilustrado)[132] e a *Polski Przegląd Emigracyjny* (Revista Polonesa da Emigração), dedicada a questões da emigração[133]. Tratava-se em princípio de publicações conservadoras, ligadas com as esferas agrárias ou burguesas, que se empenhavam por buscar um *modus vivendi* conciliatório com o Império Russo.

No período do entreguerras, o círculo das publicações com as quais colaborou Warchałowski foi bem mais amplo. Os seus pronunciamentos, em forma de entrevistas ou textos de sua autoria, eram publicados pelos seguintes periódicos: *Gazeta Polska w Paryżu* (Jornal Polonês em Paris), *Gazetka Morska* (Jornalzinho Marítimo), *Komunikat Prasowy* (Comunicado de Imprensa), *Kurier Warszawski* (Mensageiro de Varsóvia), *Morze* (O Mar), *Na posterunku. Gazeta Policji Państwowej* (A Postos – Jornal da Polícia Nacional), *Naokoła Świata* (Ao Redor do Mundo), *Oszczędności* (Poupanças), *Polacy Zagranicą* (Os Poloneses no Exterior), *Polska Zbrojna* (Polônia Armada), *Przegląd Emigracyjny* (Revista da Emigração), *Polska na Morzu* (A Polônia no Mar), *Rzeczpospolita* (A República), *Sprawy Morskie i Kolonialne* (Questões Marítimas e Coloniais), *Ster* (O Leme), *Słowo Polskie* (A Palavra Polonesa), *Świat* (O Mundo) *Tygodnik Ilustrowany* (Semana Ilustrada), *Warszawianka* (Varsoviana), *Wieści z Polski* (Notícias da Polônia), *Wychodźca* (O Emigrante), bem como por publicações polônicas, principalmente na Argentina: *Głos* (A Voz)[134] e *Codzienny Niezależny Kurier Polski* (Mensageiro Polonês Diário Independente)[135]. Publicou também alguns artigos polêmicos no *Głos Prawdy* (A Voz da Verdade), partidário de Piłsudski[136], e no socialista *Robotnik* (O Operário)[137].

131 W przewidywaniu. Kilka uwag z powodu zagrażającej nowej gorączki brazylijskiej. *Kurier Warszawski*, n. 297 de 27.10.1907, pp. 2-3.

132 S. G. R. Wobec zapowiadanej emigracji brazylijskiej. *Tygodnik Ilustrowany*, n. 11 de 14.3.1908, pp. 217-218 [entrevista com K. Warchałowski]; WARCHAŁOWSKI, K. Dziewicze lasy w Paranie. *Tygodnik Ilustrowany*, n. 33 de 15.8.1908, pp. 661-662 [com fotos da serraria de Warchałowski e Neyman].

133 Kilka słów o stosunkach w Paranie. *Polski Przegląd Emigracyjny*, R. 2, n. 4 de 25.2.1908, pp. 8-9; Kanada czy Parana. Ibidem, R. 2, 1908, n. 6 de 25.3.1908, pp. 1-3; Gospodarstwo na koloniach polskich w Brazylii. Ibidem, R. 2, 1908, n. 14 de 25.7.1908, pp. 3-5.

134 Czerwony pasażer. *Głos Polski*, n. 1583 de 26.2.1938, pp. 10-11.

135 Na polskim parowcu. *Codzienny Nowy Kurier w Argentynie*, 1938.

136 Co tam robił p. Warchałowski i Co to znaczy. *Głos Prawdy*, n. 35 de 18.8.1926, p. 4.

137 [WARCHAŁOWSKI, K.]. Kolonia polska w Peru. *Robotnik*, n. 267-269 de 1932; idem. Na szlakach myśli emigracyjnej. Ibidem, n. 276-278 de 1932.

Percebe-se com isso que os textos de Warchałowski eram publicados principalmente em jornais politicamente indiferentes, ligados com a democracia nacional ou com a democracia cristã. Essa tendência se torna especialmente perceptível nos anos vinte. Na década seguinte observamos a aproximação de Warchałowski do campo pró-governamental, cuja expressão eram as suas publicações em *Polska Zbrojna* (Polônia Armada), e sobretudo nos mensários: *Morze* (O Mar) e *Polska na Morzu* (A Polônia no Mar), bem como no periódico trimestral *Sprawy Morskie i Kolonialne* (Questões Marítimas e Coloniais), editado pela Liga Marítima e Colonial, apoiada pelo governo. De maneira geral, a produção literária de Warchałowski no período de entreguerras dizia respeito a questões relacionadas com a emigração e a colonização[138], às questões do mar e da política marítima[139]; eram também reportagens de viagens[140], recordações (por vezes em forma romanceada)[141],

---

138 Polska polityka kolonialna. *Rzeczpospolita*, n. 181 de 5.7.1923, p. 1; Warunki pracy na plantacjach kawy w San Paulo. *Wychodźca*, R. 4, n. 30 de 26.7.1925, pp. 3-11; Widoki emigracji do Parany. Ibidem, n. 32 de 9.8.1925, pp. 3-5; Kolonizacja rządowa i prywatna w Paranie. Ibidem, n. 33 de 16.8.1925, pp. 5-6; Polityka emigracyjna. *Ster*, n. 17 de 28.8.1926, pp. 5-7 (parte 1) e n. 18 de 4.9.1926, pp. 4-5 (parte 2); Chile jako teren imigracyjny. *Przegląd Emigracyjny*, n. 1, cad. 1, 1926, pp. 9-16; Brazylia. *Warszawianka*, n. 85 de 26.3.1926, p. 3; Egzotyczne Peru terenem polskich osiedli. *Słowo Polskie*, n. 269 de 24.9.1927 (parte I) e n. 270 de 25.9.1927 [entrevista com K. Warchałowski].

139 Flota polska a emigracja (O polską komunikację z Ameryką Południową). *Morze*, 1926, n. 6 (junho), pp. 6-8; Bandera polska w Połudn. Ameryce. Ibidem, 1936, n. 11 (novembro), pp. 22-23; O handlu polskim z Ameryką Południową. Ibidem, 1936, n. 12 (dezembro), pp. 15-17.

140 Jedno drzewo i 40.000 odmian. *Rzeczpospolita*, n. 50 de 20.2.1927, pp. 4-5; Rozmowa z pułkownikiem Riciotti Garibaldim. Ibidem, n. 88 de 30.3.1927, p. 4; W kanale Panamskim. *Świat*, n. 44 de 4.11.1933, pp. 11-12 e n. 45 de 11.11.1933, pp. 12-13; Wzdłuż wybrzeży Pacyfiku. *Tygodnik Ilustrowany*, n. 10 de 6.3.1926, pp. 163-165; Chile. Ibidem, 1926, n. 30 de 24.7.1926, pp. 7-9; Z tajemnic Peruwii. Ibidem, n. 5 de 29.1.1927, pp. 92–94; Jaguar. Ibidem, n. 13 de 26.3.1927, pp. 251-253; Od oceanu Spokojnego do dorzecza Amazonki. *Naokoło Świata*, n. 23 (março), 1926, pp. 102-120 [com 9 ilustrações].

141 Ruy Barbosa. Wspomnienie o brazylijskim przyjacielu Polski. *Rzeczpospolita*, nr.105 de 19.4.1923, pp. 1-2; Przyczynek do historii polskiej akcji kolonialnej. *Morze*, 1932, n. 9 (setembro), pp. 24-26; Mój udział w rewolucji [w Peru]. Ibidem, 1933, n. 6 (junho), p. 26; Jak Niemcy podbijały świat. Ibidem, 1933, n. 12 (dezembro), pp. 21-22; Zgon ojca emigracji polskiej w Paranie. Śp. Edmund Saporski. Ibidem, 1934, n. 2 (fevereiro), pp. 24-25; Ze wspomnień kupca. Ibidem, 1934, n. 6 (junho), pp.15-17; W gościnie u kolonisty polskiego w Brazylii. W*ychodźca*, n. 49 de 8.12.1929, pp. 3-6; Jak chłop polski pokonał puszczę parańską (w 4 częściach). *Polska Zbrojna*, n. 218 de 10.8.1934, p. 6; n. 119 de 11.8, s. 6; n. 220 de 12.8, p. 6; n. 222 de 14.8, p. 6; Przeznaczenie. Opowieść żeglarska. Ibidem, n. 1934; W dżungli parańskiej. Ibidem, n. 21 de 1934; Książka polska. Wspomnienia z Brazylii.

relatos de exposições e solenidades[142] e textos relacionados com eventos ocasionais[143].

Além de textos jornalísticos e entrevistas, Warchałowski publicou no período de entreguerras quatro livros. Além do livreto informativo-consultivo *Peru. Warunki gospodarcze Montanji Peruwiańskiej* (Peru: As condições econômicas da Montania peruana), publicou três obras de certo valor literário. Na composição de *Picada. Wspomnienia z Brazylii*, publicada em 1930[144], entraram alguns textos separados. No mais longo deles, intitulado *Wspomnienie z Brazylii* (Recordações do Brasil), descreveu a sua expedição de Curitiba, através da Serra do Mar coberta pela mata-virgem, até Guaratuba. Nessa viagem, que ocorreu em 1910, Warchałowski contou com a companhia de três indígenas e de um polonês. No terreno montanhoso do litoral paranaense eles abriram a chamada picada (trilha na mata, aberta a facão ou a machado). Alguns anos mais tarde, por essa rota foi construída uma ferrovia. Além dessa reportagem, decerto a mais interessante, o volume contém ainda recordações dedicadas ao eminente político brasileiro Rui Barbosa e ao velho colono polonês Feliks Kaliszak, que em 1918 apresentou-se – no lugar do filho – como voluntário ao exército polonês, que naquele tempo estava se formando na França.

Wieści z Polski, 1932, n. 5 (maio), pp. 3-8; Wigilia tułaczy. Ibidem, n. 12 (dezembro) 1932, pp. 5-10; Pod obcą banderą. Ibidem, n. 6 (junho) 1933, pp. 11-15 e n. 7–8 (julho-agosto) 1933, pp. 5-15; Feliks Kaliszak. Ibidem, 1933, n. 10 (outubro), pp. 13-17; Mój pierwszy tapir. Ze wspomnień brazylijskich. Ibidem, 1933, n. 11 (novembro), pp. 11-15; Dwie matki. Ibidem, 1933, n. 12 (dezembro), pp. 12-14; Tajemnica starego bosmana. Ibidem, 1934, n. 2 (fevereiro), pp. 3-9; Niespodzianka. *Kurier Warszawski*, n. 147 de 31.5.1934, pp. 5-6; Na pomoc. *Gazetka Morska*, n. 13 de 16.3.1938, p. 1 [versão resumida do conto *Dwie matki*].

142 Wycieczka Ligi Morskiej i Kolonialnej do Gdyni. *Wieści z Polski*, 1933, n. 10 (outubro), pp. 10-13; Do Gdyni, nad Morze! Wrażenia z wycieczki popularnej, urządzonej przez Oddział Związku Pionierów Kolonjalnych L. M. i K. *Morze*, 1933, n. 10 (outubro), pp. 18-19; „Polska i Polacy w świecie". Wrażenia z wystawy. Ibidem, 1934, n. 10 (outubro), pp. 10-11.

143 WARCHAŁOWSKI, K. Pod gwiaździstą banderą (Z okazji 150-lecia niepodległości Stanów Zjednoczonych). *Na posterunku*, n. 26 de 3.7.1926, pp. 1-2; W rocznicę niepodległości. *Wieści z Polski*, 1933, n. 11 (novembro), pp. 1–2; Zwyczaje świąteczne w Polsce. Ibidem, 1934, n. 1 (janeiro), pp. 3-4; Z życia instytucyj oszczędnościowych we Francji. *Oszczędność*, n. 21 de 15.11.1933, pp. 254-255 (parte I) e n. 24 de 28.12.1933, pp. 292–293 (parte II).

144 Cf. resenha de Bohdan Lepecki. Picada. *KNIEoPE*, t. 1–2, 1930, pp. 540-541.

Dos demais livros publicados por Warchałowski, um deles – intitulado *Na krokodylim szlaku* (Na rota dos jacarés)[145] – era dedicado aos jovens, e o outro, baseado em vivências reais, foi por ele intitulado *Na wodach Amazonki* (Nas águas do Amazonas)[146]. Essa obra inspirou Alfred Szklarski a escrever o romance sobre as aventuras de Tomek Wilmowski, intitulado *Tomek u źródeł Amazonki* (Tomek nas fontes do Amazonas)[147].

A ação do livro *Na krokodylim szlaku* desenrola-se na selva amazônica, nas margens do Ucayali, numa região muito bem conhecida do autor. Descrevem-se nele as aventuras de uma inglesa e de um polonês, que ali foram parar após a queda de um avião. O enredo é constituído pelas peripécias deles, relacionadas com a volta à civilização. Em sua resenha publicada no semanário *Prosto z Mostu* (Sem Rodeios), Alfred Jesionowski elogiou Warchałowski pela inteligente conciliação de elementos do lirismo com a tragicidade da situação, bem como pelas descrições da exótica natureza, no que não foi impedido nem pelo visível didatismo e pela moralização do romance. Enfatizou os entrechos patrióticos do livro, que era dedicado aos estudantes.

> Os protagonistas são sem dúvida um pouco demais idealizados – observou Jesionowski – mas não em grau demasiadamente chocante, pois tudo isso se encontra ainda nos limites da probabilidade, se deixarmos de lado talvez a excessiva erudição do Staś, protagonista desse romance. Em razão dessas numerosas qualidades, de bom grado perdoaremos ao autor as intenções patrióticas um tanto exageradas que ele encarnou no procedimento do Staś, desejando associar a ele os mais valiosos elementos do nosso caráter nacional[148].

No segundo livro Warchałowski descreveu a sua viagem pelo Amazonas, realizada em 1928 na qualidade de membro de uma expedição investigativa. Lembremos que essa expedição se iniciou em Liverpool,

---

145 WARCHAŁOWSKI, K. *Na krokodylim szlaku*, z il. E. Kanarka, Towarzystwo Wydawnicze Mortkowicz, Warszawa, 1936.

146 WARCHAŁOWSKI, K. *Na wodach Amazonki*, Liga Morska i Kolonialna, Warszawa, 1938.

147 SZKLARSKI, A. *Tomek u źródeł Amazonki*, Śląsk, Katowice, 1967.

148 JESIONOWSKI, A. Urok dżungli. *Prosto z Mostu*, n. 23 de 16.5.1937, p. 7. Cf. também: idem. Nad zatoką meksykańską. Ibidem, n. 6 de 23.1.1938, p. 7. A revista *Przegląd Powszechny*, editada pelos jesuítas, escrevia por sua vez: “Em poucas palavras, um livro bonito, cativante, sábio, patriótico e católico” (t. 213, 1937, p. 360).

de onde partiu no transatlântico "Aidan" rumo a Manaus. De lá, no navio fluvial "Victoria", viajou Warchałowski até Iquitos, onde conheceu o capitão Pawlikowski[149]. A seguir descreveu a sua estada nas margens do Ucayali, as conversas com o Urrseti[150] e as visitas às aldeias indígenas. Infelizmente, todo o relato é uma visão da realidade peruana através do olhar de um homem branco. Os protagonistas da obra avaliam o mundo segundo os seus próprios valores, a sua forma de vida e o seu pensamento. A convicção da própria superioridade, biologicamente fundamentada, torna-se ali muito visível. Tal postura, típica daqueles tempos, era uma herança da era moderna, sobretudo como consequência dos processos da colonização e da escravidão. As culturas extraeuropeias eram tratadas como piores ou pelo menos atrasadas, e nos europeus era percebida toda a potência para a civilização dos "selvagens". A expressão "o fardo do homem branco", popularizada pelo escritor Rudyard Kipling, significava a obrigação de civilizar os "selvagens", que cabia aos europeus, situados num nível mais elevado de desenvolvimento.

No legado de Kazimierz Warchałowski há ainda muitos textos, certamente preparados pelo autor para publicação. Encontra-se entre eles, por exemplo, o texto datilografado, com correção redacional, de um planejado livro (sem título), que devia ser uma espécie de reportagem da viagem realizada em 1925 por recomendação do ministro do trabalho e da assistência social[151]. Além disso, encontra-se preservada a rica correspondência de Warchałowski, dirigida principalmente a sua esposa Janina.

Esse legado, cuidadosamente reunido durante a vida toda, acabou sendo felizmente preservado no Arquivo dos Documentos Novos. Ele tem sido preservado sempre no lugar de residência dos Warchałowski, ultimamente em Konstancin. Após a partida de Janina Warchałowska da Polônia, em 1947, toda a coleção de documentos e livros encontrou-se sob a proteção da procuradora da família – Zofia Müller. Uma parte desses materiais foi emprestada nos anos sessenta pelo Dr. W. Chojnacki, do Instituto de História da Academia Polonesa de Ciências. A respeito da existência do legado dos Warchałowski informou ele a Barbara Dobro-

149 A respeito da vida de Pawlikowski no Peru escreveu p. ex.: HOMAN, R. Kpt. Pawlikowski, peruwiański dostawca mleka. *Światowid*, n. 30 de 27.7.1935, p. 12.

150 Um peruano, administrador da fazenda chamada Cepa, pertencente ao Sindicato Polono-Americano.

151 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 151, sem título, f. 16-182.

wolska, funcionária do Arquivo dos Documentos Novos em Varsóvia. Ela fez com que em 1968 o Arquivo dos Documentos Novos adquirisse esses materiais, avaliados em 25 mil zlótis, e com que a seguir eles fossem organizados[152]. Por força de um ato de vontade de Janina Warchałowska do dia 12 de junho de 1969, a importância obtida, da mesma forma que os valores provenientes da venda de lembranças de Warchalowski – num total de 36.893,50 zlótis – foram destinados ao Instituto "Monumento – Centro de Saúde da Criança", em Międzylesie, nos arredores de Varsóvia[153].

152 DOBROWOLSKA, B. *Akta Janiny i Kazimierza Warchałowskich. Inwentarz*, Warszawa, 1972, pp. 5-6 [dat.].

153 A correspondência entre os representantes do Arquivo dos Documentos Novos em Varsóvia e Zofia Müller, de Konstancin (amiga da família Warchałowski), Zofia Warchałowską e Janiną Warchałowską encontra-se em posse de Beatriz Warchalowski. Cópias em posse de Jerzy Mazurek.

5. O destino da família e dos colaboradores de Kazimierz Warchałowski

Bacacheri, 1940. A partir da esquerda, em pé: Hanka Pawłowicz, Stanisław Neyman, Głuszczyńska, Julian Malinowski, Witold Wasilewski, Kazimierz Karman, Henia e Diva (filhas de Wisia Strzemieczna). Fileira central: N.N., Biruta Dergint, Maria Neyman com a filha de W. Wasilewska, Wanda Pawłowicz (nascida Salmonowicz), Ada Karman (irmã de M. Neyman), Wanda Wasilewska. Sentados no chão: Lila (filha de Barańska), Stefania Neyman, Helena (filha de W. Strzemieczna), filha de Karima Nikolska

Após a partida dos Warchałowski de Curitiba, ficaram no Brasil as famílias dos Neyman e Dergint. "Os tios Neyman tinham corações excepcionalmente bondosos e estabeleceram em Bacacheri uma das mais simpáticas e hospitaleiras casas polonesas" – registrou Stanisław, filho de Kazimierz[154]. A filha única deles, Stefania, não fundou uma família, da mesma forma que o tio dela Rafał Karman. Após a morte de Stanisław Neyman, ele passou os últimos anos da sua vida em Bacacheri, ao lado de sua irmã, Maria Neyman. "O pomar diante da janela lembrava a velha Polônia e atraía pelo colorido das lembranças dos anos juvenis" – recordava seu amigo, Paweł Nikodem[155]. Faleceu no dia 19 de maio de 1966 e – de acordo com a sua última vontade – foi sepultado num cemitério silvestre nas montanhas de Itambé (município de Campo Largo).

154 WARCHAŁOWSKI, S., op. cit., p. 59.
155 NIKODEM, P., op. cit., pp. 35-36.

Uma figura extremamente interessante foi Franciszek Dergint, cuja esposa era Helena Neyman, irmã de Stanisław.

> Tinha uma barba comprida e foi uma pessoa incomum – falava dele Stanisław Warchałowski. – Era conhecido na família e entre os conhecidos como inventor. (…) Alguns o viam como um maluco, em outros provocava o espanto; alguns o tratavam com desconfiança, mas também havia aqueles que muito o respeitavam. Tinha também diversas convicções bizarras, como p. ex. da volta à natureza. Não atribuiu a seus filhos nomes de santos, como era o costume geral, mas nomes completamente incomuns: Karima, Biruta, Hala e Dariusz[156].

Após o término da Primeira Guerra Mundial escreveu dois livros. Um deles era dedicado à Liga das Nações que então surgia[157], e o outro era uma crítica ao comunismo[158]. Franciszek Dergint faleceu no dia 2 de março de 1936. Dos seus quatro filhos: Hala, casada com Aleksander Rusiecki, foi cantora de ópera, e apresentava-se no Teatro Guaíra em Curitiba; Biruta, engenheira agrônoma, não fundou uma família. Dariusz, casado com a brasileira Juscelina, residiu em Curitiba e teve o filho Ario (casado com Ligia); Karima casou-se com o russo Aleksander Nikolski, um médico de Prudentópolis.

Túmulo de Janina Warchałowska, de seu filho Stanisław e da nora Wanda, Vitória

Interessante é também a história dos filhos de Warchałowski e dos seus mais próximos colaboradores. Após a Segunda Guerra Mundial – no outono europeu de 1947 – Jerzy, que naquele tempo residia em Portugal, conseguiu retirar sua Mãe da Polônia. Janina residiu em Portugal e na Espanha até o outono europeu de 1954, e a seguir viajou ao Brasil – no dia 20 de dezembro de 1954 ela chegou ao Rio de Janeiro. Após algumas semanas de permanência na então capital do Brasil, atendeu ao convite do seu outro filho, Stanisław, e mudou-se para Vila Velha, nos subúrbios de Vitória, capital do Espírito Santo. Ela passou ali os últimos vinte anos de sua vida. De bom grado ela fornecia informações a pesquisadores poloneses, p. ex. a Władysław

156 WARCHAŁOWSKI, S., op. cit., p. 79.

157 DERGINT, F. *Liga czyli powszechny związek narodów i jej zadania względem ludzkości*, Czcionkami „Księgarni Polskiej" B. Dergint i S-ka, Curitiba, 1921.

158 Idem. *A visão vermelha. Critica do Communismo e Bolchevismo*, Livraria Polaca, Curitiba, 1922.

Chojnacki, que estava elaborando a biografia de Warchałowski para o *Dicionário dos operários do livro polonês*[159]. Janina Warchałowska faleceu no dia 3 de fevereiro de 1975, tendo atingido a provecta idade de cem anos[160]. Foi sepultada no cemitério S. Antônio em Vitória.

Como já mencionamos, o filho mais velho de Kazimierz Warchałowski, Jerzy, foi diplomado em estudos jurídicos, que realizou nas universidades de Curitiba e do Rio de Janeiro[161]. No período de entreguerras exerceu uma série de funções no serviço diplomático polonês. Foi sucessivamente *attaché*, secretário e conselheiro no Brasil, na Iugoslávia, na Finlândia e em Portugal[162]. O coroamento da sua carreira foi a função de cônsul-geral em Kaliningrado, que exerceu nos anos 1936-1939[163]. Depois

---

159 CHOJNACKI, W. Kazimierz Warchałowski. *Słownik pracowników książki polskiej*, PWN, Warszawa, 1972, p. 938.

160 A morte de Janina Warchałowska só foi registrada, numa breve informação, pelo *Tygodnik Powszechny*, n. 48 de 30.11.1975, p. 7.

161 AAN, Prezydium Rady Ministrów, n. 258, Karta kwalifikacyjna Jerzego Warchałowskiego, ff. 4-6.

162 "Muito bem familiarizado com as normas, diligente, consciencioso, digno de plena confiança, muito bem informado em questões administrativas – caracterizou-o Franciszek Charwat, legado da Polônia na Finlândia – porém de pouca iniciativa, demasiadamente formalista, não suficientemente informado em questões políticas. Tem muita facilidade em estabelecer e manter relações sociais, as quais, no entanto, ele trata do ponto de vista oportunista e das próprias ambições sociais. A exagerada ambição a respeito da própria posição e carreira diminui os valores objetivos. Grande neurastênico, embora se esforce muito por dominar-se. A colaboração com ele é difícil, com frequência desagradável". Ibidem, f. 6.

163 "A nomeação para cônsul-geral em Kaliningrado, a partir de dezembro de 1936 – escrevia S. Schimitzek – do obstinado e extremamente hábil Jerzy Warchałowski, que por caminhos tortuosos conseguiu infiltrar-se no exclusivo círculo dos frequentadores na residência particular dos Beck, foi reconhecida de maneira geral como uma volta às tentativas de intensificar o diálogo com a Lituânia e à normalização das relações. Warchałowski, em conversa comigo, não negou ter sido confiada a ele essa tarefa. Afirmou, no entanto, que nas instruções a ele fornecidas pessoalmente Beck conferiu ênfase especial a contatos possivelmente amplos não apenas com a direção do Partido Trabalhista Nacional-Socialista Alemão na circunscrição consular de |Kaliningrado, mas também com as esferas dos Junkers, o que com o passar do tempo devia mitigar o seu posicionamento antipolonês. Warchałowski fez depender a possibilidade da realização dessas tarefas de uma série de postulados de natureza financeiro-econômica. [...] A possibilidade de uma mudança dos círculos dos Junkers da Prússia Oriental em relação à Polônia me parecia ilusória, mas, apesar disso, na medida das possibilidades eu procurei assegurar a Warchałowski as condições pelas quais ele se empenhava. Ele mesmo, aliás, após examinar a situação *in loco*, começou a ver com muito menos otimismo que

da a mencionada partida da Polônia em junho de 1943, tornou-se conselheiro na legação polonesa em Lisboa[164]. Após o término da guerra residiu em Portugal e na Espanha, e em 1954 fixou-se definitivamente no Brasil. Exerceu a função de vice-presidente da firma Fazendas Albuquerque S.A., que se dedicava à venda de terrenos na região montanhosa de Teresópolis, nos arredores do Rio de Janeiro. No dia 6 de agosto de 1972 morreu num acidente automobilístico perto de Petrópolis e foi sepultado no Rio de Janeiro[165].

Túmulo de Jerzy Warchałowski no Rio de Janeiro (na placa, data errada de nascimento)

A única filha de Jerzy e Zofia, Eva Irasema Warchałowska, durante a sua estada na Itália despertou a atenção do eminente diretor e ator Vittorio de Sica. Em 1940 ele lhe confiou um dos principais papéis no filme para jovens "Maddalena, zero in condotta" (Madalena, zero em comportamento). Durante os anos seguintes ela trabalhou, sob o pseudônimo Dilián, para Vittorio de Sica, Riccardo Freda e Mario Soldati – ao lado de tais atores como Alida Valli e Rossano Brazzi. Nos anos 1946-1949 atuou em quatro filmes espanhóis e em seguida mudou-se para o México. Anteriormente Irasema Dilián casou-se com o jovem italiano Arduino "Dino" Maiuri, advogado de profissão, que abandonou a rentável carreira jurídica e viajou com a esposa ao México a fim de escrever cenários para alguns dos seus filmes. Ela debutou ali em 1950 no filme "Muchachas de uniforme" (Moças de uniforme). O sucesso artístico e financeiro do filme (no qual atuou também a excelente Rosaura Revueltas) decidiu a carreira subsequente da jovem atriz. Pelo seu papel no filme "Paraíso robado" (Paraíso roubado), rodado em 1951 e no qual teve a parceria de Arturo de Córdova, ela recebeu o prêmio dos cineastas e o título de melhor atriz do México. Ela obteve também o papel

Irasema Dilián nascida Warchałowska

em Varsóvia as possibilidades de desenvolver uma ação de acordo com as orientações de Beck. Falava com inquietação de Klaipéda e acreditava que para o Terceiro Reich esse porto constituiria a primeira etapa da campanha para o domínio do litoral báltico até o Golfo da Finlândia". SCHIMITZEK, S. *Drogi i bezdroża...*, op. cit., pp. 409-411.

164 Arquivo de B. Warchalowski. List Jerzego Warchałowskiego do brata Stanisława z 7 lutego 1944; cf. também: NOWAK- CIEPLAK, T. *W cieniu historii. Wspomnienia*, „Remix", Olsztyn, 2003, p. 116.

165 *Kultura* (Paris), 1972, n. 11 (novembro), p. 138; *Tygodnik Powszechny*, nr. 49 de 3.12.1972, p. 7; *Komunikaty Mazursko-Warmińskie*, 1973, n. 4, pp. 430-432.

feminino principal no filme de Luís Buñuel "Abismos de pasión" (no Brasil: Escravos do rancor – N. do T.), de 1954. Ela atuou pela última vez no México no filme "Pablo y Carolina" (Paulo e Carolina), de 1957, e em 1958 encerrou a carreira a atuando no filme espanhol "La muralla" (A muralha)[166]. Depois disso dedicou-se à vida familiar. Faleceu no dia 16 de abril de 1996 em Ceprano, na Itália.

Beatriz Warchalowski

Diferente foi o destino dos dois outros filhos de Kazimierz Warchałowski – Stanisław e Roman. Ambos não se aclimataram muito bem na Polônia e por isso voltaram ao Brasil. O primeiro deles – Stanisław – descreveu detalhadamente as circunstâncias da sua partida da Polônia e o começo da nova vida no hemisfério meridional[167]. Após a volta da malograda expedição ao Peru, ele fixou residência com a esposa Wanda Maria Ginalska[168] no Rio de Janeiro, onde, no dia 30 de abril de 1932, nasceu a sua única filha – Beatriz, mais tarde diplomada pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória. Por 30 anos ela trabalhou na empresa Companhia Vale do Rio Doce. Viajou à Polônia pela primeira vez somente em 2008. Apesar disso, ela fala muito bem o polonês. Reside em Vila Velha, nos subúrbios de Vitória.

De 27 de maio de 1932 a 31 de março de 1933 Stanisław Warchałowski trabalhou no Patronato Polonês no Rio de Janeiro. Nos anos 1933-1944 trabalhou em seu próprio ateliê de publicidade, que produzia cartazes, desenhos publicitários e também ilustrações para periódicos. Em 1937 planejou a decoração para o pavilhão polonês na Feira Internacional de Amostras[169]. Nos anos 1945-1968 trabalhou na mencionada empresa Companhia Vale do Rio Doce, em Minas Gerais e no Espírito Santo. Na-

166 A respeito da carreira cinematográfica da filha de J. Warchałowski escreveu: MARCZYŃSKI, A. Meksykańska kariera Irasemy Dilián. *Panorama*, n. 13 de 27.3.1960.

167 WARCHAŁOWSKI, S., op. cit.

168 Wanda Maria Ginalska era filha de Władysław Antoni Ginalski (1862-1921) e de Antonina nascida Połońska (1879-1921). A família Ginalski era oriunda da pequena nobreza da região de Swisłocza, perto de Grodno. O pai de Władysław Antoni, Jan Ginalski, foi médico veterinário, e após o Levante de Novembro de 1830 foi exilado para além dos Urais, a Orenburg. A mãe de Wanda Maria, Antonina Ginalska nascida Połońska, foi uma talentosa poetisa que publicou os seus versos principalmente sob o pseudônimo Ge-A. Em 1907 foi publicado em Wilno o único volume de poesias de Antonina Ginalska.

169 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 134, A Polonia na X Feira Internacional de Amostras. Rio de Janeiro. 12 de outubro a 15 de novembro 1937.

Cartaz de autoria de Stanisław Warchałowski

quela época residiu em Vila Velha, nas proximidades de Vitória[170]. Após se aposentar em 1969, dedicou-se principalmente ao trabalho artístico e pintou quadros decorativos, principalmente com a técnica do guache. Suas obras foram apresentadas em exposições coletivas e individuais em Vila Velha e em Vitória[171]. Stanisław Warchałowski faleceu no dia 27 de dezembro de 1983. Sua esposa, Wanda Maria, igualmente se dedicou à criatividade artística. Ela criava figurinhas originais em feltro. Em 1968 visitou a Polônia, onde residiam suas duas irmãs e o irmão. Faleceu o dia 27 de dezembro de 2006. Ela também teve uma vida longa – chegou aos 102 anos. Ambos estão sepultados ao lado de Janina Warchałowska, no cemitério S. Antônio em Vitória[172].

Roman Warchałowski

O filho mais jovem dos Warchałowski, Roman, causou aos pais muitas preocupações. Ele nasceu – como anteriormente mencionado – no dia 16 de agosto de 1905 em Curitiba e viajou com os pais à Polônia em 1920. Não queria estudar, esteve em várias escolas, mas em nenhuma delas permaneceu por muito tempo. Os participantes da expedição polonesa de pesquisa ao Peru encontraram-no no navio a Manaus. "Para o meu espanto – escrevia M. B. Lepecki – descobrimos na terceira classe o filho dele [isto é, de Warchałowski], um moço sobre o qual antes da viagem ele não havia falado. O jovem – assustado com a perspectiva da viagem ao distante Peru – sentia-se muito inseguro e, para piorar, estava completamente sem dinheiro"[173]. No Ucayali, na localidade de Florencia (paróquia de Contamana), no dia 17 de abril de 1929 nasceu o filho natural de Roman – Roberto[174]. A seguir Roman voltou ao Paraná, onde por vários anos residiu em Curitiba. Casou-se a seguir com Katarzyna Lenartowicz, filha de um colono, com a qual teve vários filhos[175]. O casal residiu na localidade de Ipiranga, nas proximidades de Ponta Grossa. O relacionamento de

170 Cf. o relato da estada de Janusz Wolniewicz na casa dos Warchałowski: *W krainie zielonej kawy*, MON, Warszawa, 1983, pp. 242-244.

171 Cf.: Estanislao dedica o seu tempo à pintura e, nas horas de lazer, à filatelia. *A Gazeta*, 24.12.1978; Lao Warchalowski – um nome a lembrar. *A Tribuna 40 anos*, 9.1.1979, p. 13; Wanda, Lao Warchalowski e Celina Rodrigues são destaques. *A Gazeta*, 24.12.1981.

172 Beatriz, a filha dos Warchałowski, transferiu a herança artística e as lembranças de seus pais ao acervo do Museu da História do Movimento Popular Polonês em Varsóvia.

173 LEPECKI, M. B. *Od Amazonki ...*, op. cit., p. 10.

174 Cópia da certidão de batismo de 2.10.1985, expedida pela paróquia na localidade de Cantamana (no acervo de J. Mazurek).

175 Sabemos que tiveram os filhos com os nomes seguintes: Ludwik, Lodzia, Leokadia, Leonard, Marian, Marysia (conhecida como Dula).

Bacacherí, 1955. A partir da esquerda, em pé: Kazimierz Karman (filho de K. Karman), Darek Dergint, Stanisław Warchałowski. Sentados n fileira central: N.N., Maria Neyman, Juscelina Dergint, Wanda Warchałowska. Embaixo: Hilda (filha de K. Karman), Ario Dergint, Beatriz Warchalowski

Roman com o restante da família dos Warchałowski foi bastante frouxo, daí a falta de dados mais exatos a seu respeito. Mesmo assim o sobrenome Warchałowski perdurou até hoje no ambiente paranaense, entre os descendentes dos colonos, pelos quais no seu tempo tanto fez Kazimierz.

A personagem seguinte digna de recordação é Juliusz Malinowski, o mais próximo colaborador de Warchałowski dos tempos de Curitiba. Após a volta à Polônia, ele se tornou oficial do Estado-Maior do Exército Polonês (1919-1926), foi também um ativista da União dos Soldados de Haller (uma organização de combatentes ligada com a democracia nacional e após o golpe de maio de 1926, com a centro-esquerda e a democracia cristã)[176]. Nos anos trinta do século XX exerceu a função de secretário-geral do partido do trabalho[177]. Em setembro de 1939 encontrava-se entre os mais próximos colaboradores do gen. Władysław Sikorski[178]. A seguir, através da Romênia, conseguiu chegar à França, onde também esteve entre os mais próximos colaboradores do general. No dia 3 de maio de 1940 foi promovido a tenente-coronel diplomado; nos anos 1940-1943 foi delegado

176 FILIPOW, K. Bajończycy i Hallerczycy – kawalerami orderu wojskowego Virtuti Militari. In: *Armia Polska we Francji 1917-1919*, WIH, Warszawa, 1983, pp. 127-133.

177 BUJAK, W. *Historia Stronnictwa Pracy 1937-1946-1950*, ODiSS, Warszawa, 1980, pp. 46-47, 248.

178 WAPIŃSKI, R. *Władysław Sikorski*, Wiedza Powszechna, Warszawa, 1978, pp. 224-225; KORPALSKA, W. *Władysław Eugeniusz Sikorski. Biografia polityczna*, Ossolineum, 1988, pp. 115, 193-194, 197.

do Comandante-Chefe para o recrutamento no Brasil[179]. Após a Segunda Guerra Mundial fixou residência em Londres, onde colaborou com a Rádio Europa Livre. Faleceu antes do dia 19 de julho de 1972. O solene sepultamento dos seus restos mortais – trazidos de Londres pela esposa Dala – realizou-se no dia 19 de julho de 1972, no cemitério de Powązki, em Varsóvia. "Portanto ele já descansa na Terra Pátria, no nosso túmulo familiar" – escreveu a viúva Dala, numa carta endereçada a Stanisław Warchałowski no Brasil[180].

O tenente Henryk Abczyński (n. 13.3.1886), próximo colaborador de Warchałowski, teve uma brilhante carreira na Polônia de entreguerras[181]. Em agosto de 1920, após a volta do Brasil, participou da guerra polono-bolchevique. Foi o chefe, no posto de capitão, do destacamento operativo-informativo da 4 Divisão de Infantaria. "A notável inteligência, os estudos técnicos superiores concluídos, a inesgotável iniciativa e o incansável trabalho fazem dele um oficial capaz de executar com perfeição as tarefas a ele confiadas. Como chefe do destacamento operativo-informativo – insubstituível. Presta-se muito bem ao posto de Chefe do Estado-Maior da Divisão" – assim o caracterizou o chefe do estado-maior da 4 Divisão de Infantaria, o major Karol Płoszajski[182]. Mas, apesar da sugestão, Abczyński não fez carreira no estado-maior, visto que após o término da guerra foi destacado para o Corpo de Controladores do Exército Polonês. Pertenceu certamente ao grupo de oficiais (o chamado "Grupo das Formigas"), que acusaram de corrupção e má administração o general de brigada Włodzimierz Zagórski, então chefe da aeronáutica[183], visto que ele comprava equipamentos aeronáuticos da empresa (Estabelecimentos Automobilísticos e Aeronáuticos Franco-Poloneses, correntemente chamados Francpol), da qual era cofundador e acionista. Em 1929 o substituto de Zagórski, o coronel Ludomił Rayski, promoveu Abczyński, na época já coronel, para o posto de chefe dos Estabelecimentos Militares

179 Polski Instytut Naukowy w Nowym Jorku, Akta Poselstwa RP w Rio de Janeiro, n. 169, Raporty J. Malinowskiego do gen. W. Sikorskiego, ff. 358, 439-440.

180 Arquivo de B. Warchalowska, List D. Malinowskiej do S. Warchałowskiego z 26 VIII 1972.

181 Centralne Archiwum Wojskowe (CAW), Akta Personalne Abczyńskiego Henryka, n. I.481.A.8.

182 Ibidem, Opinia szefa sztabu i dowódcy 4DP.

183 ROMEYKO, M. *Przed i po maju*, przedm., oprac. i przypisy red. Konrad Bugajak, MON, Warszawa, 1983, pp. 217, 487-489.

de Abastecimento Aeronáutico. As suas ações nesse período, inclusive o conflito com os projetistas dos famosos aviões RWD, mereceram muitas críticas. Nos anos 1935-1939 Abczyński exerceu a função de substituto do comandante da aeronáutica para assuntos do abastecimento. Após a catástrofe de setembro refugiou-se na França, e a seguir na Inglaterra. Um ferrenho partidário de Piłsudski, acusado de ser o responsável pelo desastre da aviação polonesa, caiu em desgraça diante do Comandante-Chefe gen. Władysław Sikorski. Da mesma forma que muitos oficiais partidários de Piłsudski, foi detido no acampamento penal em Rothesay, na ilha de Bute, na Escócia. Após a guerra e a desmobilização residiu em Londres. Faleceu no dia 27 de janeiro de 1975 e foi sepultado no cemitério polonês nos arredores de Londres.

O várias vezes mencionado Franciszek Sokół, que foi ordenado sacerdote no dia 17 de junho de 1912 em Orchard Lake (EUA)[184], foi por muitos anos cura de paróquias polonesas nos Estados Unidos, e durante a Primeira Guerra Mundial capelão no exército do gen. Haller na França. Pela participação na guerra polono-bolchevique foi distinguido com a cruz "Virtuti Militari"[185].

> Nascido em 1886, passei por muitas vicissitudes na vida – escreveu em 1932. – Os quatro anos de guerra estragaram a minha saúde, principalmente quando durante a campanha bolchevique passei frio no inverno, congelando os braços, as pernas, as orelhas, o nariz e sofrendo gravemente de uma sangrenta disenteria, ferido nas costas, o que até hoje sinto, literalmente coberto de vermes; houve ocasiões em que passei fome, como todos, mas a tal ponto que uma vez cheguei a desmaiar de fome[186].

Após a dispensa do exército conseguiu ser transferido da diocese de Covington para a diocese de Lublin. No dia 6 de novembro de 1925 assumiu o cargo de administrador da paróquia de Gdeszyn, ao qual renunciou no dia 1 de julho de 1930 em razão da viagem ao Peru. Após a fracassada

184 NIR, R. *Stulecie Polskiego Seminarium w Orchard Lake w Stanach Zjednoczonych*, Centralne Archiwum Polonii w Orchard Lake, Orchard Lake, 1987, pp. 59, 61, 88.
185 KRYSKA-KARSKI, T. *Duchowieństwo wojskowe II Rzeczypospolitej*, Veritas, London, 2000, p. 186.
186 Garść wrażeń ks. Franciszka Sokoła z Peru. *Wieści z Polski*, n. 11 (novembro), 1932, p. 13.

ação colonizadora em 1935 mudou-se para o Brasil, onde foi pároco e administrador de colônia no Espírito Santo. Teve uma participação ativa na União Polono-Católica "Oświata" (Instrução). Publicou artigos no jornal *Lud*, editado em Curitiba, bem como na imprensa polonesa. Em maio de 1940 viajou, como voluntário, para se juntar ao Exército Polonês no Ocidente, no qual foi capelão[187]. Em 1946 voltou à Polônia, onde foi procurador do Seminário Religioso em Lublin, e um ano depois assumiu a paróquia de Wielączca e lá trabalhou até a aposentadoria em 1964. Por algum tempo permaneceu em Nałęczów, Biłgoraj e Zawada, no entanto voltou a Wielączca, onde faleceu no dia 18 de fevereiro de 1971 e onde foi sepultado[188].

187 SKOWROŃSKI, T. *Wojna polsko-niemiecka widziana z Brazylii 1939-1940*, London, 1980, p. 152.
188 http://www.parafia-gdeszyn.pl

Conclusão

Kazimierz Warchałowski pertenceu a uma geração que Bohdan Cywiński definiu como a "geração dos altivos"[1], incluindo nela as pessoas nascidas nas primeiras duas décadas após o Levante de Janeiro de 1863. Essa geração devia definir-se, por um lado, diante da tradição romântico-insurrecionista e, por outro, diante da positivista, que enfatizava o trabalho social e orgânico. Muitos dos seus representantes envidaram também uma tentativa de elaborar um novo programa nacional ou classista (e por vezes um e outro) que devolvesse à Polônia a independência – ou ainda a eliminação do capitalismo e a melhoria das condições de vida das camadas inferiores da população. Os dois mais eminentes representantes dessa geração – Dmowski i Piłsudski – foram não apenas os inspiradores da concepção da luta por uma Polônia independente e unida, mas desempenharam uma influência decisiva no seu formato sistêmico no período do entreguerras[2].

Warchałowski cresceu na atmosfera de uma específica identidade da Polônia oriental, não encontrada nas outras zonas de ocupação, que se transformou quase que numa cosmovisão. Professavam essa ideologia as pessoas educadas na Rússia, que reprimia com brutalidade quaisquer manifestações de deslealdade diante do poder. Por necessidade, o lugar onde podiam cultivar os costumes poloneses era, então, o próprio lar. A busca da defesa na privacidade e o cultivo das tradições eram os comportamentos típicos entre os poloneses que residiam nas chamadas terras tomadas ou no território da Rússia genuína. Stefan Włoszczewski, vinte anos mais jovem que Warchałowski e, além disso, seu bom conhecido, ao relembrar a sua juventude na região de Kiev escreveu:

---

1 CYWIŃSKI, B. *Rodowody niepokornych*, Biblioteka „Więzi", Warszawa, 1971.

2 O papel dessa geração foi apresentado por R. Wapiński no livro *Pokolenia Drugiej Rzeczypospolitej*, Ossolineum, Wrocław, 1991.

> O patriotismo naqueles oásis de polonismo na Polônia oriental manifestava-se no canto coletivo de canções patrióticas, na assinatura de periódicos poloneses e no boicote dos russos, bem como nos quadros e nas cópias dos quadros que embelezavam as paredes das salas de estar e de jantar[3]. [...] Na nossa sala de estar, ao lado de grandes álbuns com fotografias e cartões-postais coloridos, encontrava-se também a *Coleção de canções patrióticas*, com as quais aprendíamos o canto, e nas paredes, em grandes molduras douradas, se encontravam as cópias de famosos quadros de Matejko e Styka, em molduras mais modestas todo o ciclo *Polonia* de Grottger, os retratos dos reis poloneses, de eminentes poloneses como p. ex. Stefan Czarniecki, padre Piotr Skarga, Nicolau Copérnico e outros.

Aos princípios morais e patrióticos herdados do lar Warchałowski não renunciou jamais. Não os transformou a educação em escolas russas, inclusive durante os estudos superiores em São Petersburgo. Durante a administração da sua propriedade de Bezlesie defrontou-se com as aspirações nacionalistas ucranianas cada vez mais fortemente articuladas, e também com as questões sociais, interesses que se fortaleceram após o ingresso na Liga Nacional, cujos ativistas principais eram então Jan Ludwik Popławski, Roman Dmowski e Zygmunt Balicki. A ideologia do movimento pressupunha a eliminação – em nome da unidade da nação – dos antagonismos de classe e o trabalho em meio ao povo. Esse povo, identificado principalmente com o campesinato, devia fortalecer a coesão e a unidade social, indispensáveis para a luta pela reconquista da soberania nacional. Por isso, eram considerados adversários todos aqueles que debilitavam a solidariedade na nação apresentando em primeiro plano o interesse de uma única classe social, como os socialistas. A crítica atingia igualmente a classe dos proprietários de terras, que era acusada de uma espécie de castismo, de culto da passividade e da submissão e da preservação do distanciamento "senhorial" diante das camadas sociais inferiores. Esse distanciamento se tornou visível principalmente no final do século XIX, durante o surgimento das primeiras iniciativas camponesas na Galícia, que – naturalmente com algumas poucas exceções – eram tratadas como uma espécie de "castigo divino"[4].

3 WŁOSZCZEWSKI, S. *Na przełomie dwóch epok*, LSW, Warszawa, 1974, p. 16.

4 DUNIN-WĄSOWICZ, K. *Dzieje stronnictwa Ludowego w Galicji*, LSW, Warszawa, 1956.

Na opinião de Dmowski, livres dessa perniciosa mentalidade estavam as camadas populares. Viam-se nelas o núcleo e o fundamento da nação, que eficazmente se opunha a todas as influências perniciosas e que preservava os elementos genuinamente nacionais[5]. O camponês não era porém – como queriam os românticos ou os idealizadores da vida do campo – o mítico semeador ou arador, mas um indivíduo primitivo e inculto, vítima da exploração, do desdém e do menosprezo da parte das camadas superiores, principalmente da nobreza polonesa. Na opinião de Dmowski, para libertar-se desse estado o povo necessitava de guias que pudessem elevá-lo a um nível de cultura e de abastança mais elevado. Apelava por isso aos intelectuais para que empreendessem ações direcionadas nessa direção.

Quem procurou realizar esse ideal em terra brasileira foi Kazimierz Warchałowski[6]. No início do século XX ele tomou a corajosa decisão de viajar ao Paraná. Nos arredores de Curitiba, comprou uma propriedade onde instalou alguns negócios industriais, tais como uma serraria, uma fábrica de adubos artificiais e um depósito de máquinas agrícolas. Foi uma pessoa extremamente enérgica e empreendedora. Visitou quase todos os maiores núcleos poloneses, onde se interessou pela economia e pelos problemas locais. Assumia a defesa dos colonos diante da administração estadual e intervinha em favor deles em muitos conflitos relacionados com a administração da justiça. Para elevar o moral da colônia local, edificou o Pavilhão Polonês, no qual foi desfraldada a bandeira polonesa. Propagou a literatura polonesa, fundou bibliotecas e círculos agrícolas. Para os membros de uma nação privada do seu próprio Estado, esse era um importante ponto de referência dentro da multiétnica sociedade brasileira.

A grande maioria da coletividade polonesa no Brasil era oriunda dos camponeses sem terra e dos operários das fazendas. Impelidos pelo sonho de se tornaram os donos das suas propriedades, empreendiam a corajosa expedição para o desconhecido. Para o distante continente sul-americano eles levavam consigo as normas, os costumes e a visão do mundo

---

5 WAPIŃSKI, R. *Świadomość polityczna w Drugiej Rzeczypospolitej*, Wydawnictwo Łódzkie, Łódź, 1989, p. 346. L. Stomma afirmou que a cultura popular "na realidade nunca existiu", no entanto admitiu que a cultura camponesa, sendo primitiva, é distinta e autônoma diante do restante da sociedade. Cf. STOMMA, L. *Antropologia kultury wsi polskiej XIX w.*, Pax, Warszawa, 1986, p. 147.

6 Vale a pena lembrar que pelo folclore e pela vida diária dos camponeses fascinava-se também o irmão de Kazimierz, Jerzy Warchałowski.

moldados no decorrer de alguns séculos (XVI-XIX), tão profundamente arraigados nas mentes da população aldeã do final do século XIX e do início do século XX que em grande medida determinavam a sua existência pelas décadas seguintes.

O legado herdado pelos emigrantes estava mais orientado à preservação das tradições do que à modernização e ao desenvolvimento. Essa tradição era mantida pelos padres poloneses, que em muitas localidades eram os únicos representantes da intelectualidade. Com efeito, a Igreja queria supervisionar não somente a esfera da religião e dos costumes, mas também o conjunto das questões culturais e educacionais[7], o que dava origem a ásperos conflitos. O lado de um deles foi Warchałowski, que – através das escolas polonesas – queria dar um novo impulso à educação polonesa. Ele desejava infundir nos filhos dos colonos o "espírito nacional" e libertá-los dos anacronismos feudais. Um fenômeno semelhante, ainda que um pouco mais tarde, ocorreu também na província argentina de Misiones, onde no final dos anos vinte do século XX ocorreu um conflito entre as sociedades culturais eclesiásticas e os organizadores da chamada ação cultural, inspirada por professores vindos da Polônia. A ação iniciada por Warchałowski, da mesma forma que aquela pelos ativistas culturais em Misiones, defrontou-se com uma forte reação dos padres, que acusavam os "intrusos" de propagação do ateísmo e de escolas e sociedades imorais. Os efeitos desse conflito para a educação polonesa foram fatais, especialmente em Misiones, onde tanto as escolas "paroquiais" como as "leigas" praticamente deixaram de existir[8]. Uma situação um pouco melhor ocorreu no Brasil, onde – após a partida de Warchałowski – a Sociedade das Escolas Populares, tendo na realidade Józef Piłsudski como patrono – tornou-se um importante elemento constitutivo da leiga e esquerdista União das Sociedades Polonesas Culturais e Educacionais Cultura – "Kultura" (dos chamados progressistas). Durante todo o período do entreguerras,

---

7 Os padres poloneses – como observou Jan Hempel – já no início do século XX pronunciavam-se com desaprovação a respeito do crescimento da consciência dos camponeses no Brasil: "Na Europa eles aravam, levavam chicotadas e permaneciam quietos, mas aqui deram asas às suas ambições; denominam-se cidadãos e buscam cargos nas repartições". HEMPEL, J. Księża polscy w Paranie. *Myśl Niepodległa*, n. 69, 1908, p. 977.

8 ŁUKASZ, D. Organizacja oświaty polskiej w Misiones (1904–1939). In: *Polacy, Rusini i Ukraińcy, Argentyńczycy. Osadnictwo w Misiones 1892–2009*, red. R. Stemplowski, wyd. 2, MHPRL – ISIiI UW, Warszawa, 2013, pp. 201-270.

ela travou disputas com a conservadora União das Sociedades Polonesas Instrução – "Oświata" (definida como clerical).

Ao analisarmos o processo da assimilação dos camponeses poloneses na sociedade brasileira, devemos nos lembrar de que ele não se realizou sem problemas. O legado trazido da velha pátria – como afirmamos – era um lastro que dificultava a integração na nova realidade. A terra recebida encontrava-se no distante interior, quase desabitado, porquanto as áreas melhores, situadas nas proximidades dos centros urbanos, já estavam ocupadas. Nessa situação os contatos com a população local e com a administração brasileira eram esporádicos. Tudo isso fez com que os emigrantes não se envolvessem em grau suficiente no processo da construção do "novo Brasil", moderno, industrializado e urbanizado, que se iniciou no final do século XIX[9]. Tentou mudar esse estado Kazimierz Warchałowski, que procurou não somente elevar o nível da cultura agrícola dos colonos, mas também tornar os camponeses pessoas conscientes dos seus direitos e das suas obrigações. Ele apresentou esse programa progressista no jornal *Polak w Brazylii*, por ele fundado em 1904. Esse jornal fornecia ao colono as informações indispensáveis, não apenas sobre o mundo, mas também sobre o novo país de residência – o Brasil. Ensinava aos leitores o pensamento independente, a iniciativa e o espírito crítico. Procurava familiarizá-los com as conquistas e os valores do mundo civilizado, do qual – como mencionamos – os colonos estavam separados não somente pela distância, mas também pela mentalidade. Foi, portanto, Warchałowski um elo entre o mundo moderno, urbanizado e o mundo do interior brasileiro, especialmente daquele habitado pelos imigrantes da Europa Centro-Oriental. Em grande medida cabe a ele o mérito pela difusão da leitura entre os colonos no Brasil meridional. No jornal de Warchałowski publicou as suas correspondências a primeira geração dos camponeses – leitores da imprensa.

A maior conquista de Warchałowski foram as ações em prol da Polônia independente. Os seus empenhos junto às autoridades no Rio de Janeiro levaram ao rápido reconhecimento do Estado polonês pelo Brasil, que foi o primeiro país da América Latina a fazê-lo. Não se deve esquecer, porém, o que foi corretamente percebido por Warchałowski, que as

---

9 No período do entreguerras escreveu a esse respeito p. ex.: MAKARCZYK, J. *Nowa Brazylia. Dżungla – osiedla – ludzie*, t. 1–2, przedm. A. Świętochowski, M. Arct, Warszawa, 1929.

autoridades brasileiras se interessaram pela causa polonesa "em razão de si mesmas"[10]. Ao se envolver nas questões polonesas, o Brasil assinalou com isso as suas aspirações a desempenhar um papel mais significativo na arena internacional. Mas, independentemente dessas ambições, é preciso afirmar que o reconhecimento da independência da Polônia foi um grande sucesso da colônia polonesa no Brasil, e sobretudo do próprio Kazimierz Warchałowski, que tinha um bom acesso ao círculos dos mais importantes políticos brasileiros daquele período; ele manteve um bom relacionamento, por exemplo, com Rui Barbosa, com o então presidente da República Venceslau Brás e com o ministro das relações exteriores Nilo Peçanha. O surgimento de uma Polônia independente foi para a comunidade polônica brasileira um acontecimento significativo. Despertou um incomum entusiasmo nos emigrados e contribuiu para a intensificação da atividade sociocultural nas colônias polonesas. Ninguém mais podia pronunciar diante do colono a ofensiva expressão "polaco sem bandeira", o que feria dolorosamente o emigrado da Polônia.

O período brasileiro da atividade de Kazimierz Warchałowski deve ser avaliado positivamente. Apesar disso é preciso lembrar que no período da II República sofreram uma reavaliação muitas questões que ele apoiava. Isso diz respeito, por exemplo, à ação da Congregação do Verbo Divino entre os emigrados. Como recordamos, foram vítimas da fobia antiprussiana de Warchałowski muitas pessoas honestas e dedicadas à causa polonesa. Uma delas foi o padre Trzebiatowski, a quem Warchałowski acusava de tendências germanizantes. Acusações semelhantes eram apresentadas – também injustamente – diante dos verbitas que trabalhavam na argentina Misiones, principalmente contra Józef Bayerlein-Mariański e Władysław Reinke-Zakrzewski[11]. Essa evidente injustiça será compensada pela história. O engajamento e o trabalho dos acima mencionados padres foram apreciados pelo governo da Polônia renascida, que homenageou esses religiosos com altas distinções nacionais. Em 1927 recebeu a Cruz de Cavaleiro da Ordem "Polonia Restituta" o padre Bayerlein-Mariański, e dois anos mais tarde o padre Reinke-Zakrzewski[12]. Em 1937 recebeu a Cruz

10 AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, n. 42, K. Warchałowski do R. Dmowskiego, f. 46.

11 Permaneciam sob a influência dessas avaliações negativas as legações polonesas em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, o que teve o seu reflexo na documentação arquivística. Cf. AAN, Ambasada RP w Berlinie, n. 1576, Działalność Werbistów na terenie Argentyny i Brazylii, ff. 1-3.

12 MAZUREK, J., op. cit., p. 102.

Áurea do Mérito também o Pe. Trzebiatowski. Além disso, a coletividade polônica em Curitiba homenageou o religioso com um monumento na entrada da igreja de S. Estanislau, e as autoridades municipais conferiram o seu nome a uma das ruas da cidade.

Controversa parece ser igualmente a concepção de Dmowski realizada por Warchałowski que pressupunha a preservação dos emigrantes no Brasil para o polonismo. Lemas semelhantes, nas condições da inexistência de uma Polônia independente, podem parecer compreensíveis. Aliás esses lemas eram propagados pela maioria dos ativistas polônicos e pelos padres. Tratava-se de um objetivo apreciável, mas – o que foi confirmado pela história – utópico, e para os próprios emigrantes até prejudicial, porquanto a emigração e a colonização favoreciam a autêntica autodenominação tanto nacional (étnica) como social. Essa tarefa era cumprida pelos emigrados com toda a coerência. Eles se tornavam proprietários de terras, alcançando com isso um *status* que tão tinham chances de atingir na velha pátria. Os emigrados da Polônia realizavam igualmente, ainda que com muita lentidão, também o primeiro objetivo: eles se aclimatizavam na nova realidade e ligavam o seu destino com a nova pátria. Um processo semelhante realizava-se igualmente no território da argentina Misiones, que faz fronteira com os três estados meridionais do Brasil, a respeito do que escreveu o Prof. Ryszard Stemplowski[13]. Naturalmente, os processos assimiladores são extremamente complicados – por razões que basicamente ocorrem em todos os lugares, e que no Brasil tiveram um transcurso difícil em razão do pluralismo étnico dos seus habitantes. Falam muito a esse respeito os fatos que ocorreram por ocasião do renascimento da Polônia independente. Entre os colonos, muitos nutriam a esperança de que isso significaria o fim da sua vida de emigrados e perguntavam quando a Polônia "enviaria" os seus navios para buscá-los[14]. Infelizmente, os almejados navios nunca chegariam. Diante do enorme acúmulo de problemas e necessidades, as autoridades em Varsóvia não

13 STEMPLOWSKI, R. Tożsamości społeczne osadników galicyjskich oraz ich dzieci (1892–1942). In: *Polacy, Rusini i Ukraińcy, Argentynczycy...*, pp. 303-349.

14 Vale a pena lembrar que dilemas semelhantes atingiam as primeiras gerações dos colonos espanhóis no Novo Mundo. Por um lado, eles preservavam a memória da "pequena pátria" abandonada, pela qual ansiavam e que recriavam em seu ambiente, mas, por outro lado, tinham a consciência de que somente a pátria adotiva podia assegurar-lhes uma existência digna. Para maiores informações sobre esse tema: KAMEN, H. *Imperium hiszpańskie. Dzieje rozkwitu i upadku*, Bellona, Warszawa, 2002, pp. 355, 367-369.

tinham a possibilidade de ocupar-se com os colonos do distante Brasil. Devia dar-se conta disso o próprio Warchałowski. O Estado que emergia da conflagração da guerra, após 123 anos de domínio estrangeiro, era pobre e devastado. Não necessitava, portanto, de cidadãos que constituiriam uma potencial fonte de problemas, tanto mais porque não se tratava de pessoas abastadas.

Por isso era do interesse dos próprios emigrantes a indispensável e rápida assimilação, não o atraso desse processo. Isso significava a necessidade de uma rápida e indispensável adaptação ao sistema político e administrativo brasileiro, e não a teimosa persistência na mentalidade europeia, que enfraquecia o ritmo da assimilação, compreendida como o gradual desaparecimento dos elementos da identidade trazidos do país de origem. A persistência no polonismo num ambiente estranho, uma espécie de isolacionismo, parece ser algo anacrônico. Variadas vezes tem chamado atenção a isso o Prof. Marcin Kula, em muitos trabalhos pioneiros e atuais até o dia de hoje[15]. Para os emigrados poloneses o Brasil não devia ser um terreno de permanência temporária, como para muitos ativistas polônicos, inclusive o próprio Warchałowski. Contrariamente à opinião desses líderes, compreendiam isso até alguns emigrantes poloneses. Józef Piekarski, que residia no Brasil desde 1910, em suas memórias enviadas ao concurso do Instituto da Economia Social, escrevia nos anos trinta: "Diante da lei nossos filhos são brasileiros de nascimento, aos quais cabem todos os direitos da cidadania. De origem eles são poloneses e, portanto, possuem duas pátrias e devem permanecer como um elo entre a primeira e a segunda pátria"[16].

Essas palavras ligam nitidamente os descendentes dos emigrantes com a terra brasileira. Com isso eles não renunciam aos seus laços com a Polônia. É sobre essa base que se forja a complexa identidade do brasileiro de origem polonesa, que não exclui a preservação e o cultivo de certos elementos da tradição e dos costumes trazidos do país dos antepassados. Inclui-se nisso a língua, que, no entanto, não deve dificultar a vida na nova realidade. Em tal abordagem a origem tem a chance de ser um elemento enriquecedor, um vetor de valores culturais que influenciam positivamente ambas as sociedades. No entanto, era inteiramente diversa a postura diante da comunidade polônica brasileira assumida pelos agentes governamentais na II República.

---

15 Cf. os diversos textos que compõem o volume: KULA, M. *Polono-Brazylijczycy i parę kwestii im bliskich,* MHPRL – ISIiI UW, Warszawa, 2012.

16 *Pamiętniki emigrantów. Ameryka Południowa...*, p. 125 [pamiętnik nr 9].

"Nas concepções do Ministério das Relações Exteriores, da 'Światpol' e dos agentes polônicos ligados com Varsóvia – escreve Marcin Kula – a escola e as outras instituições da vida dos emigrados no Brasil deviam atuar sobretudo em prol da preservação da diversidade nacional polonesa"[17]. A esse ambiente pertencia evidentemente Warchałowski.

Infelizmente, com todo o reconhecimento a alguns aspectos da atividade de Warchałowski, a avaliação da maioria das suas iniciativas e visões do período do entreguerras não pode ser positiva. A tarefa de um historiador, na realidade, é antes a reconstrução dos fatos do que a sua avaliação, mas mesmo assim não podemos adotar nesse caso o princípio *de mortuis nil nisi bene*, sobretudo em razão de que a atividade do nosso protagonista teve uma dimensão pública. As conclusões a respeito da sua atividade não deixam margem a dúvidas – as iniciativas empreendidas por Warchałowski naquele tempo são uma série contínua de derrotas e descréditos.

As missões estrangeiras que ele realizou na América do Sul como delegado do governo polonês consumiram enormes recursos financeiros, e não trouxeram quaisquer vantagens reais. Mais ainda: a sua primeira visita ao Brasil, que coincidiu com o início da missão do legado da Polônia Ksawery Orłowski, levou unicamente a escandalosas disputas por competências que expuseram ao vexame o bom nome da Polônia, o que foi percebido pela diplomacia de países estrangeiros[18]. A sua segunda delegação de vários meses produziu como resultado os contatos com representantes do governo do Peru, que visavam à colonização das terras despovoadas no leste daquele país. Diante da falta de interesse pela oferta das autoridades de Lima da parte dos agentes governamentais poloneses, ele decidiu empenhar-se pela concessão como pessoa particular. Sofreu por essa razão numerosas acusações de que a principal motivação das suas ações era a vontade de um rápido enriquecimento. Sem partilharmos inteiramente essa suposição, acreditamos que a mais provável motivação das suas ações era a vontade de conquistar o esplendor que ele invejava aos conquistadores do século XVI. O interesse dos emigrantes em todo esse empreendimento não era, infelizmente, o mais importante. Em suas concepções, não definidas com bastante precisão, os colonos, tratados instrumentalmente, eram unicamente uma ferramenta nos seus utópicos projetos emigratório-coloniais.

17 KULA, M. Kultura, która wzbogaca. Cele wychowania młodzieży polonijnej w Brazylii w ujęciu czasopisma „Nasza szkoła". In: Idem. *Polono-Brazylijczycy...*, p. 229.

18 *Dyplomaci II RP w świetle raportów Quai d'Orsay...*, op. cit., p. 86.

Warchałowski realizou a ação colonizadora no Peru apesar das muitas advertências da parte de pessoas que conheciam perfeitamente a realidade sul-americana. Vale a pena lembrar aqui por exemplo, os pronunciamentos do pioneiro das pesquisas polonesas na América do Sul, o Prof. Józef Siemiradzki, ou dos membros da expedição exploradora de 1928 – de Mieczysław Lepecki e Apoloniusz Zarychta. Nessa situação, a tentativa da colonização nas margens do Ucayali tinha que terminar em insucesso. Causa espanto o próprio fato de ter sido dado início à realização de todo o empreendimento, sem dispor dos adequados recursos financeiros nem de uma base organizacional e logística num terreno extremamente difícil. Após terem atravessado enormes distâncias, na realidade os emigrantes foram deixados à sua própria sorte na selva tropical. Os mais perseverantes e teimosos permaneceram nessas condições por cerca de cinco anos. Naturalmente, nesse grupo não se encontrava Warchałowski, que já após alguns meses deixou o Peru e na prática deixou de interessar-se pelos colonos.

Talvez Warchałowski efetivamente tenha querido a melhoria da condição de vida da mais numerosa camada social na Polônia – a dos camponeses, mas, além de enviá-los para o estrangeiro, não tinha nenhuma ideia para melhorar a sorte deles. No período do entreguerras a sua ação deve ser avaliada como anacrônica, mas ao mesmo tempo típica de toda a política emigratória e colonial da Polônia. Pode-se arriscar a afirmação de que ele apresentava uma personalidade característica da II República – tanto no sentido positivo como no negativo, cujas fontes se encontravam nas doutrinas coloniais do século XIX. Tiveram influência nisso igualmente a tradição da antiga República da nobreza e também a situação internacional – a atividade da Itália e da Alemanha nos empenhos coloniais. Mas isso, é claro, não pode servir de justificativa para os projetos irreais de Warchałowski. Por muitos anos a atividade no campo emigratório-colonial foi a sua fonte de sustento. Por isso a avaliação da sua atividade não pode ser tratada com complacência. Isso diz respeito sobretudo ao período da ação colonizadora no Peru, da qual foi promotor e organizador. Ele é, por isso, totalmente responsável pelo seu fracasso.

Apesar de Warchałowski ter convivido com diversos ambientes políticos e sociais, vale a pena observar que a sua postura apresenta certas marcas de semelhança com a cosmovisão e a atividade de quem, como se deve julgar, foi a sua autoridade – Roman Dmowski. Essa tese pode parecer demasiadamente avançada considerando-se a escala e o formato da atividade de Dmowski. Contudo, os paralelismos são muito visíveis. Ambos concluíram estudos de ciências naturais, ambos criticaram a impotência polonesa no período da I

República, a mentalidade da nobreza etc. Da mesma forma que em Dmowski, a atividade pública de Warchałowski divide-se em duas etapas, tendo como corte o ano de 1919. Enquanto a avaliação do primeiro período das realizações de Dmowski, da mesma forma que de Warchałowski, se apresenta positiva, as duas décadas do entreguerras – segundo a opinião unânime dos críticos – é para Dmowski uma série de derrotas políticas, cuja fonte se encontra num certo distanciamento da realidade e na arriscada evolução dos pontos de vista em direção a posturas radicais. Uma mudaça semelhante pode ser observada em Warchałowski. Com Dmowski ligava-o igualmente a semelhança na abordagem dos judeus, aos quais ambos tratavam como inimigos da nação polonesa. Sob a influência de tais ideias, em meados dos anos 30 do século XX a Polônia tornou-se a arena de escandalosos excessos antissemitas. Para Warchałowski, a única solução do problema era a total emigração dos judeus, para os quais buscava áreas em diversas regiões do mundo. E, *last but not least*, Warchałowski – da mesma forma que Dmowski – na vida diária atribuía grande importância à aparência exterior, tratando as pessoas das esferas inferiores com protecionismo e com certa altivez.

Sem dúvida o que caracterizava Warchałowski era o patriotismo típico da Polônia oriental, que – com mencionamos – ele herdou do lar. Em nome desse patriotismo, sacrificaram as suas vidas no altar da pátria seu filho Ludwik e seu irmão Józef. Na realidade nem sempre ele foi capaz de ver objetivamente as outras nações e de apreciar os seus atributos, mas, apesar disso, foi um elo entre regiões do mundo que na realidade se encontravam nas periferias da civilização ocidental da época, mas que estavam unidas pela semelhança dos caminhos do desenvolvimento, principalmente no âmbito da economia[19]. É preciso ver nele também um advogado de uma aproximação amplamente compreendida entre as culturas; ele atribuía uma especial importância à tradição popular, às sabedorias nacionais e aos valores das comunidades locais. No camponês polonês percebido como um estereótipo de resistência e vigor ele via um pioneiro responsável pela expansão da nação em outros continentes. Um paradoxo do destino pode ser o fato de que o nome de Warchałowski perdurou com mais visibilidade justamente entre os descendentes dos colonos poloneses no Paraná.

19 KULA, M. Brazylia i Polska: daleko lecz blisko. In: *Polono-Brazylijczycy...*, op. cit., pp. 17-23.

Józef Warchałowski = Blazer
Piotr Warchałowski (1852-1911) = Helena Spława Neyman
Olimpia Wierzbicka = Ludwik Jenicz
Maria = Ziemowit Morzycki (1861-1905)
Zofia = Jacek Bobiński
Władysław
Kazimierz
Jerzy (1874-1939)
Józef (1877-1919) = Zofia Olszewska = Antoni Mieszkowski (1865-1900)
Kazimierz (1872-1943) = Janina Jenicz (1875-1975)
Elżbieta (Lila) Umlauff von Frankwell = Bohdan
Andrzej
Anna
Zofia Mieszkowska = Jerzy (1897-1972)
Ludwik (1900-1918)
Eva Irasema Dilián (1924-1996) = Arduino (Dino) Maiuri

Hermogenes Neyman
(1802-1867)
Helena Wiszniowska
(1814-1877)
N.N.
N.N.
Gustaw
N.N.
Czesław
Kazimiera Lutosławska
Rafał
(1878-1966)
Kazimierz
Maria
Karman
Stanisław
Neyman
Helena
Franciszek Dergint
(1858-1937)
Radosław Neyman
(?-1940)
Hala
Aleksander
Rusiecki
Biruta
Dariusz
Aleksander
Nikolski
Karima
Jerzy Spława Neyman
(1894-1981)
Jan
Ginalski
N.N.
Władysław Antoni
Ginalski
(1862-1921)
Antonina
Połońska
(1879-1921)
Rosa
Reategui
Roman
(ur. 1905)
Katarzyna
Lenartowicz
Roberto
Ludwik
Lodzia
Leokadia
Leonard
Marysia
(Dula)
Marian
Stanisław
Warchałowski
(1902-1983)
Wanda Maria
Ginalska
(1904-2006)
Beatriz Warchałowska

Bibliografia

I. Fontes

I.1. Acervos arquivais

Arquivo de Documentos Novos em Varsóvia (AAN)

Conjuntos: Akta Ambasady RP w Waszyngtonie; Akta Ambasady RP w Londynie; Akta Ambasady RP w Berlinie; Archiwum Ignacego Jana Paderewskiego; Akta Janiny i Kazimierza Warchałowskich; Akta Kancelarii Cywilnej Naczelnika Państwa; Akta Komisji Skonfederowanych Stronnictw Niepodległościowych w Krakowie; Akta Komitetu Narodowego Polskiego w Paryżu; Akta Ministerstwa Spraw Zagranicznych; Akta Michała Gieysztora; Akta Pawła Nikodema; Akta Polskiej Partii Socjalistycznej (Archiwum Londyńskie); Akta osobowe działaczy ruchu robotniczego 1918–1990.

Arquivo Histórico do Palácio Itamaraty (rio de janeiro)

Conjunto: Época de Nilo Peçanha.

Arquivo dos Padres Vicentinos em Curitiba (Brasil)

Conjunto: Materiais diversos.

Arquivo particular de Beatriz Warchalowski, Vila Velha (Brasil)

Conjunto: Correspondência, materiais familiares.

Arquivo particular de Roberto Warshalowski, Lima (Peru)

Conjunto: Materiais familiares.

Arquivo Nacional em Cracóvia

Conjunto: CK Dyrekcja Policji w Krakowie; Akta Naczelnego Komitetu Narodowego w Krakowie.

Arquivo Central Militar (CAW) em Varsóvia

Conjuntos: Documentos pessoais.

Biblioteca do Instituto Nacional Ossoliński em Wrocław

Conjuntos: Akta Wacława Gąsiorowskiego; Akta Bolesława i Marii Wysłouchów; Jan Dębski, *Wspomnienia z lat 1889–1973*, t. 1-4; Władysław Goździkowski, *Wspomnienia z Brazylii*; Michał Pankiewicz, *Biebrza – Amazonka – Wisła. Wspomnienia z lat 1887–1945*.

Instituto Científico Polonês nos Estados Unidos (Nova York)

Conjunto: Akta Poselstwa RP w Rio de Janeiro.

Museu da História do Movimento Popular Polonês em Varsóvia

Conjunto: Stanisław Warchałowski.

I.2. Fontes impressas

I.2.1. Vida e obra de Kazimierz Warchałowski (textos selecionados)

Artigos

TROCHĘ *wrażeń ogólnych z pobytu w Paranie*. Gazeta Polska, n. 327 de 16/29.11.1901, pp. 1-2.

BRZESKI, L. Kolonizacja Parany. Rozmowa z p. Kazimierzem Warchałowskim. *Słowo*, n. 154 de 25.6.1902, p. 1 [parte. I]; n. 156 de 27.6.1902, p. 1 [parte II]; n. 159 de 1.7.1902, p. 1 [parte III].

GŁOSY publiczne. O emigrację do Brazylii. *Gazeta Polska*, n. 324 de 15/28.11.1902, p. 2.

NA WIŚLE. *Gazeta Polska*, n. 175 de 15/28.6.1903, p. 1.

CLARUS, [Adolf NOWACZYŃSKI]. Parana. Zdobycze pługa polskiego w Brazylii [wywiad z K. Warchałowskim]. *Świat*, n. 29 de 21.7.1906, pp. 4-7.

ZA OCEANEM. Pan Warchałowski o naszym ruchu emigracyjnym. *Gazeta Polska*, n. 265 de 29.10.1906, p. 1.

W PRZEWIDYWANIU. Kilka uwag z powodu zagrażającej nowej gorączki brazylijskiej. *Kurier Warszawski*, n. 297 de 27.10.1907, pp. 2-3.

CLARUS, [Adolf NOWACZYŃSKI]. Kierunek naszej emigracji [rozmowa z K. Warchałowskim]. *Świat*, n. 10 de 7.3.1908, pp. 4-5.

SGR. Wobec zapowiadanej emigracji brazylijskiej [rozmowa z K. Warchałowskim]. *Tygodnik Ilustrowany*, n. 11 de 14.3.1908, pp. 217-218.

DZIEWICZE lasy w Paranie. *Tygodnik Ilustrowany*, n. 33 de 15.8.1908, pp. 661-662 [com fotos da serraria de Warchałowski e Neyman].

KILKA słów o stosunkach w Paranie. *Polski Przegląd Emigracyjny*, R. 2, n. 4 de 25.2.1908, pp. 8-9.

KANADA czy Parana. *Polski Przegląd Emigracyjny*, R. 2, 1908, n. 6 de 25.3.1908, pp. 1-3.

GOSPODARSTWO na koloniach polskich w Brazylii. *Polski Przegląd Emigracyjny*, R. 2, 1908, n. 14 de 25.7.1908, pp. 3-5.

POCZĄTKI polskiej kolonizacji w Paranie. In: *Wielki ilustrowany kalendarz powszechny Kaspra Wojnara na rok Pański 1910*, M. H. Wiltzius Co., Milwaukee – New York.

COLONIA Polaca. *Correio do Parana*, 28.4.1917, p. 4.

Z OBJAZDU po Paranie i Rio Grande do Sul. *Polak w Brazylii*, do n. 24 de 26.3.1918 ao n. 45 de 14.6.1918 [relato seriado da viagem de K. Warchałowski e H. Abczyński, iniciada no dia 29 de janeiro e concluída em 13 de março de 1918, na qual

no território do Rio Grande do Sul tiveram a companhia do Dr. Michał Chmielewski, juiz em São Leopoldo].

RUY Barbosa. Wspomnienie o brazylijskim przyjacielu Polski. *Rzeczpospolita*, n. 105 de 19.4.1923, pp. 1-2.

POLSKA polityka kolonialna. *Rzeczpospolita* n. 181 de 5.7.1923, p. 1.

WARUNKI pracy na plantacjach kawy w San Paulo. *Wychodźca*, [R. 4], n. 30 de 26.7.1925, pp. 3-11.

WIDOKI emigracji do Parany. *Wychodźca*, n. 32 de 9.8.1925, pp. 3-5.

KOLONIZACJA rządowa i prywatna w Paranie. *Wychodźca*, n. 33 de 16.8.1925, pp. 5-6.

WZDŁUŻ wybrzeży Pacyfiku. *Tygodnik Ilustrowany*, n. 10 de 6.3.1926, pp. 163-165.

BRAZYLIA. *Warszawianka*, n. 85 de 26.3.1926, p. 3.

OD OCEANU Spokojnego do dorzecza Amazonki. *Naokoło Świata*, n. 23 (março), 1926, pp. 102-120 [com 9 ilustrações].

CHILE. *Tygodnik Ilustrowany*, 1926, n. 30 de 24.7.1926, pp. 7-9.

FLOTA polska a emigracja (O polską komunikację z Ameryką Południową). *Morze*, R. 3, 1926, n. 6 (junho), pp. 6-8.

CHILE jako teren imigracyjny. *Przegląd Emigracyjny*, n. 1, cad. 1, 1926, pp. 9-16.

CO TAM robił p. Warchałowski i Co to znaczy. *Głos Prawdy*, n. 35 de 18.8.1926, p. 4. [polêmica *de Warchałowski com os textos em Głos Prawdy].*

POLITYKA emigracyjna. Ster, n. 17 de 28.8.1926, pp. 5-7 [parte 1] e n. 18 de 4.9.1926, pp. 4-5 [parte 2].

POD GWIAŹDZISTĄ banderą (Z okazji 150-lecia niepodległości Stanów Zjednoczonych). *Na Posterunku. Gazeta Policji Państwowej*, n. 26 de 3.7.1926, pp. 1-2.

Z TAJEMNIC Peruwii. *Tygodnik Ilustrowany*, n. 5 de 29.1.1927, pp. 92-94.

JAGUAR. *Tygodnik Ilustrowany*, n. 13 de 26.3.1927, pp. 251-253.

JEDNO drzewo i 40.000 odmian. *Rzeczpospolita*, n. 50 de 20.2.1927, pp. 4-5.

ROZMOWA z pułkownikiem Riciotti Garibaldim. *Rzeczpospolita*, n. 88 de 30.3.1927, p. 4.

KONCESJA Polska w Ameryce Połud.[niowej]. (Wywiad z inż. K. Warchałowskim). *Głos Narodu*, n. 246 de 11.9.1927, p. 2.

KONCESJA Polska w Peru. Wywiad z K. Warchałowski. *Rzeczpospolita*, n. 248 de 7.9.1927, p. 4.

EGZOTYCZNE Peru terenem polskich osiedli. *Słowo Polskie*, n. 269 de 24.9.1927 [parte I] e n. 270 de 25.9.1927 [entrevista com K. Warchałowski].

W[ŁOSZCZEWSKI] S[tefan]. Peru – kraina godzinnego wysiłku [entrevista com Kazimierz Warchałowski]. *Gazeta Polska w Paryżu*, 18.11.1928, p. 1.

W GOŚCINIE u kolonisty polskiego w Brazylii. *Wychodźca*, n. 49 de 8.12.1929, pp. 3-6.

PRZYCZYNEK do historii polskiej akcji kolonialnej. *Morze*, 1932, n. 9 (setembro), pp. 24-26.

KSIĄŻKA polska. Wspomnienia z Brazylii. *Wieści z Polski*, 1932, n. 5 (maio), pp. 3-8.

KOLONIA polska w Peru. *Robotnik*, 1932, n. 267 de 7.8, p. 4; n. 268 de 8.8, p. 2; n. 269 de 9.8, p. 4.

NA SZLAKACH myśli emigracyjnej. *Robotnik*, n. 276 de 14.8, p. 4; n. 277 de 16.8, p. 2 e 278 de 17.8.1932, p. 4.

WIGILIA tułaczy. *Wieści z Polski*, n. 12 (dezembro), 1932, pp. 5-10.

MÓJ udział w rewolucji [w Peru]. *Morze*,1933, n. 6 (junho), p. 26.

W UJŚCIU Królowej rzek. *Polacy Zagranicą*, n. 6–7 (junho-julho), 1933, pp. 24-27.

POD OBCĄ banderą. *Wieści z Polski*, n. 6 (junho), 1933, pp. 11-15 e n. 7-8 (julho-agosto), 1933, pp. 5-15.

WYCIECZKA Ligi Morskiej i Kolonialnej do Gdyni. *Wieści z Polski*, 1933, n. 10 (outubro), pp. 10-13.

FELIKS Kaliszak. *Wieści z Polski*, 1933, n. 10 (outubro), pp. 13-17.

DO GDYNI, Nad Morze! Wrażenia z wycieczki popularnej, urządzonej przez Oddział Związku Pionierów Kolonjalnych L. M. i K. *Morze*, 1933, n. 10 (outubro), pp.18-19.

W ROCZNICĘ niepodległości. *Wieści z Polski*, 1933, n. 11 (novembro), pp. 1-2.

MÓJ pierwszy tapir. Ze wspomnień brazylijskich. *Wieści z Polski*, 1933, n. 11 (novembro), pp. 11-15.

DWIE matki. *Wieści z Polski*, 1933, n. 12 (dezembro), pp. 12-14.

W KANALE Panamskim. *Świat*, n. 44 de 4.11.1933, pp. 11-12 e n. 45 de 11.11.1933, pp. 12-13.

JAK NIEMCY podbijały świat. *Morze*,1933, n. 12 (dezembro), pp. 21-22.

Z ŻYCIA instytucyj oszczędnościowych we Francji. *Oszczędność*, n. 21 de 15.11.1933, pp. 254-255 [parte I] e n. 24 de 28.12.1933, pp. 292-293 [parte II].

ZWYCZAJE świąteczne w Polsce. *Wieści z Polski*, 1934, n. 1 (janeiro), pp. 3-4.

TAJEMNICA starego bosmana. *Wieści z Polski*, n. 2 (fevereiro), 1934, pp. 3-9.

NIESPODZIANKA. *Kurier Warszawski*, n. 147 de 31.5.1934, pp. 5-6.

JAK CHŁOP polski pokonał puszczę parańską (w 4 częściach). *Polska Zbrojna*, n. 218 de 10.8.1934, p. 6; n. 119 de 11.8, p. 6; n. 220 de 12.8, p. 6; n. 222 de 14.8, p. 6.

PRZEZNACZENIE. Opowieść żeglarska. *Tygodnik Literacko-Naukowy* (suplemento de *Polska Zbrojna*), n. 12, 1934.

W DŻUNGLI parańskiej. *Tygodnik Literacko-Naukowy* (suplemento *Polska Zbrojna*), n. 21, 1934.

ZGON ojca emigracji polskiej w Paranie. Śp. Edmund Saporski. *Morze*,1934, n. 2 (fevereiro), pp. 24-25.

Ze wspomnień kupca. *Morze*, 1934, n. 6 (junho), pp. 15-17.
„Polska i Polacy w świecie". Wrażenia z wystawy. *Morze*, 1934, n. 10 (outubro), pp. 10-11.
Zagadnienia kolonizacyjne [artigo polêmico – resposta aos artigos de Czesław Kulikowski, publicados nos nn. 6-7 (junho-julho 1933) do mensário *Polacy Zagranicą*]. *Komunikat Prasowy*, n. 8 de 22.2.1934, pp. 6-12.
Z manowców na bitą drogę. *Sprawy Morskie i Kolonialne*, n. 1 (janeiro-março), 1935. pp. 111-118.
Bandera polska w Połudn.[iowej] Ameryce. *Morze*, 1936, n. 11 (novembro), p. 2-3.
O handlu polskim z Ameryką Południową. *Morze*, 1936, n. 12 (dezembro), pp. 15–17.
Musimy emigrować. *Polska na Morzu*, 1937, n. 3 (março), p. 4.
Z przeżyć polskiego redaktora na wychodźstwie [część I]. *Wychodźca*, [R. 3], n. 1 de 15.1.1937, pp. 3-5; n. 2 de 29.1.1937, pp. 3-5; n. 3 de 15.2.1937, pp. 3-5; n. 4 de 28.2.1937, pp. 3-7.
Z przeżyć polskiego redaktora na wychodźstwie (część II). *Wychodźca*, [R. 3], n. 5 de 15.3.1937, pp. 3-5; n. 6 de 30.3.1937, pp. 3-6, n. 7 de 15.4.1937, pp. 3-6.
Wigilia tułaczy. *Wychodźca*, n. 22 de 18.12.1938, pp. 3-9.
Na polskim parowcu. *Codzienny Nowy Kurier w Argentynie*, n. 1583 de 26.2.1938, pp. 10-11.
Czerwony pasażer. *Głos Polski* [Buenos Aires], n. 1583 de 26.2.1938, pp. 10-11.
Pionier kolonialny (jednodniówka). Red. K.[azimierz] Warchałowski. Kom. tworzą: Stanisław Gąsiorowski, Michał Pankiewicz, Wiktor Rosiński [i inni], Związek Pionierów Kolonialnych Oddział Ligi Morskiej i Kolonialnej, Warszawa, 1939.
Na pomoc. Gazetka Morska, n. 13 de 16.3.1938, p. 1 [versão resumida do conto *Dwie matki*].
Opłata Davida Colonial. In: Ameryka Łacińska w relacjach Polaków. Antologia, wybór, wstęp, komentarze i przypisy Marcin Kula, Interpress, Warszawa, 1982, pp. 220-232.

Livros e outras publicações

Do Parany. Przewodnik dla podróżujących i wychodźców, nakładem autora, Kraków, 1903.
Picada. Wspomnienia z Brazylii, Wydawnictwo „Pionier", Warszawa, 1930.
Peru. Warunki gospodarcze Montanji Peruwiańskiej, Spółka Osadnicza „Kolonia Polska", Warszawa, 1930.
Na krokodylim szlaku, z il. Eliasza Kanarka, wyd. J Mortkowicz, Warszawa, 1936.
Na wodach Amazonki, Liga Morska i Kolonialna, Warszawa, 1938.

I.2.2. Atividade editorial de K. Warchałowski

Livros editados pela Livraria Polonesa (Livraria Polaca)

Gąsiorowski, Wacław. *Huragan. Powieść historyczna z epoki napoleońskiej,* Tipografia *Polak w Brazylii*, Curitiba, 1906.

Jak kobieta ma postępować w stanie zwykłym i odmiennym, aby od cierpień się uchronić, nakładem „Polaka w Brazylii", Curitiba, 1907 [suplemento para os assinantes do *Polak w Brazylii*].

Zasady kierownicze służby zaludnienia kraju. Dekret n. 6455 z dnia 19 kwietnia 1907, Rio de Janeiro, w drukarni „Polaka w Brazylii", Curitiba, 1907.

Zasady obowiązujące przy kolonizacji stanu Parany. Dekret n. 218, w drukarni „Polaka w Brazylii", [Curitiba], 1907.

Krajowa Fabryka Sztucznych Nawozów w Kurytybie, nakładem Księgarni Polskiej w Kurytybie, Curitiba [c. 1912].

Sprawozdanie o stanie szkoły polskiej Towarzystwa Szkoły Ludowej w Kurytybie za rok szkolny 1912, nakładem Towarzystwa Szkoły Ludowej w Brazylii, Curitiba, 1912.

Katalog „Księgarni Polskiej" Kazimierza Warchałowskiego, Drukarnia Polska, Curitiba, 1913.

Statuty Towarzystwa „Kolonista" w Nowej Galicji, nakładem [Towarzystwa] „Kolonista". Z drukarni K. Warchałowskiego w Kurytybie, Nowa Galicja, 1914.

Śpiewnik polski. Zbiór pieśni narodowych, dumek i krakowiaków, nakładem i drukiem Księgarni Polskiej Kaz.[imierza] Warchałowskiego, Curitiba, 1914.

Napolski, Wacław. *Szarańcza i jej tępienie. (Instrukcje dla rolników)*, nakładem i czcionkami „Polaka w Brazylii", Curitiba – Paraná – Brasil [c. 1915].

Reymont, Wł.[adysław] St.[anisław]. *Sprawiedliwie. Powieść*, nakładem i czcionkami „Polaka w Bazylii", Curitiba, 1917.

S. S. [Słonina Stanisław]. *Druga książka do czytania dla szkół polskich w Brazylii*, nakładem i drukiem Księgarni Polskiej Kazimierza Warchałowskiego, Curitiba, 1918.

Tajemnice o Najśw.[iętszej] Pannie Maryi, nakładem Księgarni Polskiej Kazimierza Warchałowskiego, Curitiba [antes de 1919].

Livros editados por Biruta Dergint

Jezu bądź ze mną. Modlitewnik katolicki, wydanie drugie pomniejszone, nakładem i drukiem Księgarni Polskiej B. Dergint & S-ka, Curitiba, 1920.

„Saturn". Polska Spółka Handlowa dla Importu i Exportu w Sao Paulo, Druk: Księgarnia Polska – B. Dergint & S-ka, Curitiba [1920], [contém o estatuto da Sociedade em língua polonesa e portuguesa].

S. S. [Słonina, Stanisław]. *Trzecia książka do czytania dla szkół polskich w Brazylii*, nakładem i drukiem Księgarni Polskiej B. Dergint & S-ka, Curitiba, 1920.

Szymański, Juliusz. *Okulistyka w skróceniu*, Księgarnia Polska – B. Dergint i Ska, Curitiba-Brasil, 1920.

Dergint Fr.[anciszek], *Liga czyli powszechny związek narodów i jej zadania względem ludzkości*, czcionkami „Księgarni Polskiej" B. Dergint i S-ka, Kurytyba – Parana – Brazylia, abril 1921.

Elementarz, drugie wydanie, drukiem i nakładem „Księgarni Polskiej" – B. Dergint & S-ka, Curitiba, 1921.

Pamiątka misji św. odbytej pod przewodnictwem X. X. Misjonarzy w ... od ... do ... 192.., nakład Księży Misjonarzy – Curityba [*sic*], Avenida Dr. Jayme Reis 115 (Alto de São Francisco), drukiem B. Dergint & S-ka, Kurytyba [c. 1921].

S. S. [Słonina, Stanisław]. *Druga książka do czytania dla szkół polskich w Brazylii*, wydanie drugie, nakładem i drukiem Księgarni Polskiej B. Dergint & S-ka, Curitiba, 1921.

Dergint, Franciszek, *Unitarisme. Revue historique organisation nouvelle de la vie sociale avec l'application de la comptabtité de la production sans argent*, [Livraria Polaca, Curitiba, 1921?].

_____. *A visão vermelha. Critica do Communismo e Bolchevismo*, Livraria Polaca, Curitiba, 1922.

Almanaques

Kalendarz Polski w Brazylii na rok 1915, nakładem i drukiem Księgarni Polskiej Kazimierza Warchałowskiego, Curitiba.

Kalendarz Polski w Brazylii na rok 1916, nakładem i drukiem Księgarni Polskiej Kazimierza Warchałowskiego, Curitiba.

Kalendarz Polski w Brazylii na rok 1917, nakładem i drukiem Księgarni Polskiej Kazimierza Warchałowskiego, Curitiba.

Kalendarz Polski w Brazylii na rok 1918, nakładem i drukiem Księgarni Polskiej Kazimierza Warchałowskiego, Curitiba.

Kalendarz Polski w Brazylii na rok 1919, nakładem i drukiem Księgarni Polskiej Kazimierza Warchałowskiego, Curitiba.

Kalendarz Polski w Brazylii na rok 1920, nakładem i drukiem „Polaka w Brazylii", Curitiba.

Kalendarz Polski w Brazylii na rok 1921, nakładem Franciszka Derginta – drukiem Księgarni Polskiej B. Dergint i S-ka, Curitiba.

I.2.3. Materiais de fontes impressos

II Sprawozdanie Towarzystwa „Polska Sztuka Stosowana", Kraków, 1903.

IV Zjazd Prawników i Ekonomistów Polskich. Referaty. Komitet Zjazdu, Kraków, 1–5 X 1906. *Czasopismo Prawnicze i Ekonomiczne*, R. 7, 1906, pp. 1-224.

IV Zjazd Prawników i Ekonomistów Polskich, Kraków, 1–5 X 1906, Dyskusja [Kazimierz Władysław Kumaniecki, Włodzimierz Czerkawski, Leopold Caro, Roger Battaglia, Stanisław Cynalewski, Roman Dmowski, Kazimierz Warchałowski, Władysław Żukowski]. *Czasopismo Prawnicze i Ekonomiczne*, R. 8, 1907, pp. 16-195.

Balicki, Zygmunt. *Egoizm narodowy wobec etyki*, wyd. 2 uzup., Towarzystwo Wydawnicze, Lwów, 1903.

Bayer, Franciszek. *Parana*, Księgarnia K. Treptego, Warszawa, 1912.

Breowicz, Wojciech. *Ślady Piasta pod piniorami. Szkice z dziejów wychodźstwa polskiego w Brazylii*, „Polonia", Warszawa, 1961.

Bulowski, Leon. *Kolonie dla Polski*, nakładem autora, Warszawa, 1932.

Chmielewski, Miguel. *A Missão Polaca. O tenente Henrique Abczyński e o jornalista Casimiro Warchalowski no Rio Grande do Sul. Relatorio apresentado ao Exmo. Sr. Dr. A. A. Borges de Medeiros pelo Dr. Miguel Chmielewski juiz districtal da sede municipio de S. Leopoldo em 30 de março de 1918*, Officinas Graphicas d'"A Federação", Porto Alegre, 1918.

Czajkowski, Józef; Wallis, Mieczysław. Jerzy Warchałowski. *Wiadomości Literackie*, n. 15 (807) de 2.4.1939, p. 6.

Dergint, Franciszek. Rozwagi polityczne. In: *Kalendarz „Polaka w Brazylii" na rok 1920*, pp. 56-57.

Dmowski, Roman. Z Parany. *Przegląd Wszechpolski*, 1900, n. 2 (fevereiro), pp. 109-121; n. 3 (março), pp. 172-182, n. 6 (junho), pp. 359-375.

_____. *Wychodźstwo i osadnictwo. Część pierwsza*, Towarzystwo Wydawnicze, Lwów, 1900.

_____. *Praca polska w Paranie*. Przegląd Wszechpolski, 1903, n. 8 (agosto), pp. 586-599.

_____. *Myśli nowoczesnego Polaka*, wyd. 2, Towarzystwo Wydawnicze, Lwów, 1904 [Florença, 1903].

_____. *Kwestia żydowska. Separatyzm Żydów i jego źródła*, E. Neustein, Warszawa, 1909.

Documentos históricos sobre o reconhecimento da Polonia pelo Brazil. *Brazil – Polonia*, n. 4 de 15.11.1921.

Drymmer, Wiktor Tomir. Zagadnienie żydowskie w Polsce w latach 1935–1939. *Zeszyty Historyczne*, n. 13, 1968, pp. 55-77.

_____. *W służbie Polsce*, Warszawska Oficyna Wydawnicza „Gryf" – Instytut Historii PAN, Warszawa, 1998 [edição original em *Zeszyty Historyczne*, nn. 27-31 dos anos 1974-1975].

Dygasiński, Adolf. *Listy z Brazylii Adolfa Dygasińskiego, specjalnego delegata „Kuriera Warszawskiego"*, Warszawa, 1891.

Dyplomaci II RP w świetle raportów Quai d'Orsay, red. Józef Łaptos, Pax, Warszawa.

Dzieduszycki, Aleksander. Peru jako przyszły teren emigracji polskiej. *Kwartalnik Naukowego Instytutu Emigracyjnego*, t. 3, 1927, pp. 22-33.

_____. *L'émigration polonaise au Pérou*. Messager Polonais, Varsovie, 1929.

Emigracja polska w Brazylii. 100 lat osadnictwa, Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza, Warszawa, 1971.

Epsztein, Tadeusz [red.]. *Polska własność ziemska na Ukrainie (gubernia kijowska, podolska i wołyńska) w 1890 r.*, Neriton, 2008.

Fiedler, Arkady, *Jutro na Madagaskar!*, Towarzystwo Wydawnicze „Rój", Warszawa, 1939.

_____. *Wiek męski – zwycięski*, Wydawnictwo Poznańskie, Poznań, 1983.

Freyd, Aleksander. *Patologia Amazonii peruwiańskiej*, Naukowy Instytut Emigracyjny, Warszawa, 1930 [edição original: Patologia Amazonii peruwiańskiej. *Kwartalnik Naukowego Instytutu Emigracyjnego i Kolonialnego oraz Przegląd Emigracyjny*, t. 3-4 (julho-dezembro), 1929, pp. 705-745].

_____. Dwa dni wśród trędowatych nad Amazonką. *Morze*, n. 11 (novembro), 1928, pp. 26-30.

_____. Garść wrażeń z Amazonii brazylijskiej i peruwiańskiej. *Auto*, n. 12 (dezembro) 1928, pp. 649-655.

Fularski, Mieczysław. *Kryzys emigracyjny a polska polityka kolonialna*, LMiK, Warszawa, 1931.

Gawlik, Jan Paweł. *Powrót do jamy*, Wydawnictwo Artystyczno-Graficzne, Kraków, 1961.

Gawroński, Stanisław. Emigracja polskich robotników rolnych do São Paulo w związku z zawartym 19 lutego 1927 r. Układem. *Kwartalnik Instytutu Naukowego do Badań Emigracji i Kolonizacji*, t. 2, 1927, pp. 5-40.

Gieysztor, Michał, *Peru*, Rój, Warszawa, 1933.

_____. Moja podróż do Montanii przez Andy koleją, autem, konno, łodzią i statkiem. In:
Ameryka Łacińska w relacjach Polaków, red. Marcin Kula, Interpress, Warszawa, 1982, pp. 304-319.

Głąbiński, Stanisław. Emigracja i jej rola w gospodarstwie narodowym. *Kwartalnik Naukowego Instytutu Emigracyjnego i Kolonialnego oraz Przegląd Emigracyjny*, 1930, t. 3-4, pp. 5-22.

Głuchowski, Kazimierz. *Wśród pionierów polskich na antypodach. Materiały do problemu osadnictwa polskiego w Brazylii,* Instytut Naukowy do Spraw Kolonizacji Emigracji i Kolonizacji, Warszawa, 1927. [Trad. port.: *Os poloneses no Brasil: Subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil*, Porto Alegre – RS, 2005.]

_____. Polacy w Brazylii. *Kwartalnik Instytutu Naukowego do Badań Emigracji i Kolonizacji*, 1927, t. 2, pp. 106-137.

Grabowski, Tadeusz Stanisław. Polska akcja niepodległościowa w Brazylii podczas wielkiej wojny. *Przegląd Współczesny*, 1939, n. 205 (maio), pp. 6-16.

Grabski, Władysław. *Projekt programu polityki ekonomicznej i finansowej Polski po wojnie*, b.w., Warszawa, 1920.

Gospodarcze i kolonizacyjne stosunki Peru ze specjalnym uwzględnieniem terenów koncesyjnych Polsko-Amerykanskiego Syndykatu Kolonizacyjnego we Lwowie, nakładem PASK, Lwów, 1930.

[Góral, Józef Joachim]. Srebrny Jubileusz działalności polskich Sióstr Miłosierdzia w południowej Brazylii, zebrał i napisał Ksiądz Misjonarz. *Lud*, Curitiba, 1929.

Hempel, Antoni. *Polacy w Brazylii przez Antoniego Hempla członka wyprawy naukowej dra J. Siemiradzkiego do Brazylii i Argentyny*, nakładem „Kuriera Lwowskiego", Lwów, 1893.

Hempel, Jan. *Kazania polskie*, skład i łamanie Jerzy Rolbiecki, Curitiba, 1907.

_____. *Kazania piastowe*, wyd. R. Schmeer, Bielsk, 1912.

Huml, Irena. *Warsztaty Krakowskie*, Ossolineum, Wrocław, 1973.

Jarzyna, Adam. Działalność Naukowego Instytutu Emigracyjnego i Kolonialnego, załącznik [pp. 1-17] do tekstu: G. Załęcki, P. D-rowi A. Jarzynie w odpowiedzi na jego pismo p.t. „Działalność Naukowego Instytutu Emigracyjnego i Kolonialnego". *Kwartalnik Naukowego Instytutu Emigracyjnego i Kolonialnego oraz Przegląd Emigracyjny*, t. 1 (janeiro-março), 1931, pp. 382-419.

_____. *Peru, widoki dla osadnictwa rolnego na terenach polskich koncesji*, Księgarnia Polska B. Połoniecki, Lwów [c. 1930], [separata de *Rolnictwo*].

Kaźmierzowicz, Kazimierz. *Czy kolonie polskie zakładać potrzeba i godzi się? Oraz gdzie zakładać można, a gdzie ich pod żadnym warunkiem zakładać nie należy*, E. Ł. Kasprowicz, Lipsk, 1865.

Kiedrzyńska, Wanda. Powstanie i organizacja Polskiego Skarbu Wojskowego (1912–1914). *Niepodległość*, t. 13, 1936, n. 1, pp. 77-98.

_____. Wpływy i zasoby Polskiego Skarbu Wojskowego. *Niepodległość*, t. 13, 1936, n. 3, pp. 369-392.

Kluger, Władysław. Listy z Peruwii i Boliwii, nakładem autora, Kraków, 1877.

Kolonie polskie w Paranie (odczyt z obrazami świetlnemi), Koło VI TSL, Kraków, 1909.

Kołodziej, Edward; Zakrzewska, Janina. Ostatnie posiedzenie Międzyministerialnej Komisji Emigracyjnej (25 lutego 1939 r.). *Teki Archiwalne,* n. 16, 1977, pp. 181-225.

Kontrakt zawarty między rządem Rzeczypospolitej Peru a Polsko-Amerykańskim Syndykatem Kolonizacyjnym w sprawie terenów w Montanii, tłum. z języka hiszpańskiego, Ossolineum, Lwów, 1928.

Koncesja udzielona przez wysoki rząd Peru p. Warchałowskiemu. *Kwartalnik Naukowego Instytutu Emigracyjnego oraz Przegląd Emigracyjny*, R. 3, 1928, t. 1, pp. 193-195.

Korybut-Woroniecki, Henryk J. Stowarzyszenie „La Pologne et la Guerre" w Szwajcarii. Niepodległościowa akcja propagandowa na Zachodnią Europę (1914–1918), cz. 1. *Niepodległość*, t. 15, 1938, n. 2, pp. 198-226.

_____. Stowarzyszenie „La Pologne et la Guerre" w Szwajcarii. Niepodległościowa akcja propagandowa na Zachodnią Europę (1914–1918), cz. 2, *Niepodległość,* t. 15, 1938, n. 3, pp. 389-399.

Kozicki, Stanisław. Historia Ligi Narodowej. *Myśl Polska*, London, 1964.

Krawczyk, Jan. A literatura Polono-Paranaense. *Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa*, [Curitiba], 1973, t. VII, pp. 121-128.

Kurcyusz, Aleksy. *Brazylia*, cz. 1 i 2, [E. Nicz], Warszawa. 1911.

Lepecki, Mieczysław Bohdan. Kilka słów i uwag o kolonii Satipo w Peru. *Kwartalnik Naukowego Instytutu Emigracyjnego oraz Przegląd Emigracyjny*, t. 2-3 (abril-setembro), 1928, pp. 451-456.

_____. *Raport o podróży do Peru*, Ministerstwo Spraw Wojskowych, Warszawa, 1928.

_____. *Na podbój Amazonki*, „Rój", Warszawa, [1928 ou 1929].

_____. *Opis polskich terenów kolonizacyjnych w Peru*, Naukowy Instytut Emigracyjny, Warszawa, 1930 [edição original: *Kwartalnik Naukowego Instytutu Emigracyjnego i Kolonialnego oraz Przegląd Emigracyjny*, t. 3-4 (julho-dezembro), 1929, pp. 545-618].

_____. *Wschodnie Peru czyli Montania*, Naukowy Instytut Emigracyjny, Warszawa, 1930 [edição original: *Kwartalnik Naukowego Instytutu Emigracyjnego i Kolonialnego oraz Przegląd Emigracyjny*, t. 1-2 (janeiro-junho), 1929, pp. 19-79].

_____. Polskie tereny kolonizacyjne w Ameryce Południowej. *Wiadomości Służby Geograficznej*, R. IV, 1930, n. 4, pp. 305-346.

_____. *Polskie tereny kolonizacyjne w Ameryce Południowej*, Towarzystwo Wiedzy (Sekcja Geograficzna), Warszawa, 1931.

_____. *Madagaskar. Kraj – Ludzie – Kolonizacja* [*Madagaskar: amol un haynt*], Ferlag „Felker un Lender", Warszawa, 1938.

List Romana Dmowskiego do inż. Saporskiego Edmunda. In: *Kalendarz Ludu*, 1969, p. 38.

Listy emigrantów z Brazylii i Stanów Zjednoczonych, 1890-1891, red. Witold Kula, Nina Assorodobraj-Kula, Marcin Kula, Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego – Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich UW, Warszawa, 2012.

Listy z Brazylii przez wychodźców do rodzin pisane, zebrał Antoni Potocki, Warszawa, 1891.

Listy Stanisława Witkiewicza i jego korespondentów, cz. I: *Listy o stylu zakopiańskim 1892–1912: Wokół Stanisława Witkiewicza*, oprac. Maria Olszaniecka, Anna Micińska, wstęp, komentarze, oprac. Michał Jagiełło, Wydawnictwo Literackie, Kraków, 1979.

Lipiński, Wacław. *Bajończycy i Armia Polska we Francji*, Wojskowe Biuro Historyczne, Warszawa, 1929.

_____. *Walka zbrojna o Niepodległość Polski 1905–1918,* Wojskowy Instytut Naukowo-Wydawniczy, Warszawa, 1931.

Ludkiewicz, Zdzisław; Żabko-Potopowicz, Antoni. Kolonie francuskie jako możliwy teren polskiej emigracji osadniczej. *Kwartalnik Naukowego Instytutu Emigracyjnego i Kolonialnego oraz Przegląd Emigracyjny*, 1930, t. 1-2, pp. 206-215.

_____. *Podręcznik polityki agrarnej*, t. 1, Komitet Wydawniczy Podręczników Akademickich, Warszawa, 1932.

_____. *Zagadnienia programu agrarnego a emigracja*, Dom Książki Polskiej, Warszawa, 1929.

Łyp, Franciszek. Nasza przyszłość w Brazylii. *Nasza Szkoła*, n. 5 (maio), 1925.

_____. *Brazylijska polityka imigracyjna*. Kwartalnik Instytutu Naukowego do Badań Emigracji i Kolonizacji, t. 2, 1927, pp. 87-94.

_____. *Brazylia. Kraj, ludzie, stosunki*, Naukowy Instytut Emigracyjny, Warszawa, 1930.

Malczewski, Zdzisław. *W trosce nie tylko o rodaków: Polscy misjonarze w Brazylii*, Vicentina, Curitiba, 2001.

_____. *Ślady polskie w Brazylii / Marcas da presença polonesa no Brasil*. Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich UW – Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego, Warszawa, 2008.

Memoriał Syndykatu Polsko-Amerykańskiego o Peru. *Kwartalnik Naukowego Instytutu Emigracyjnego oraz Przegląd Emigracyjny*, R. 3, 1928, t. 1, pp. 187-192.

Nasze sprawy kolonialne – cykl referatów wygłoszonych na kursie kolonialnym dla członków LMiK przez Okręg Stołeczny LMiK we wrześniu 1936 r., LMiK, Warszawa, 1936.

Nesterowicz, Stefan. W Brazylii i Argentynie. *Kurier Codzienny*, Warszawa, 1891.

Nikodem, Paweł. Rafał Karman – sylwetka pioniera. *Kalendarz Ludu*, 1967, pp. 34-36.

Nir, Roman. *Stulecie Polskiego Seminarium w Orchard Lake w Stanach Zjednoczonych*, Centralne Archiwum Polonii w Orchard Lake, Orchard Lake, 1987.

Okołowicz, Józef. Na posterunku (działalność Warchałowskiego w Paranie). *Polski Przegląd Emigracyjny*, n. 4 de 25.2.1908, pp. 9-12.

______. *Zadania polskiej polityki. Referat wygłoszony w Kole Przyjaciół Nauk Politycznych w Warszawie w dniu 15 XII 1917 r.*, Wydział Rejestracji Strat Wojennych przy Radzie Głównej Opiekuńczej, Warszawa, 1918.

______. *Wychodźstwo i osadnictwo polskie przed wojną światową*, Urząd Emigracyjny, Warszawa, 1920.

Orłowski, Karol Stefan. *Orłowscy. Historia jednej rodziny*, Wydawnictwo AgArt, Warszawa, 2002.

Pankiewicz, Michał, *Z Parany i o Paranie*, Gebethner i Wolff, Warszawa, 1916.

______. Emigracja do São Paulo. *Wiedza i Życie*, 1927, n. 2, pp. 81-89.

______. *W sprawie wychodźctwa do San Paulo*, Polskie Towarzystwo Emigracyjne, Warszawa, 1926.

______. Jan Hempel w Brazylii. *Problemy Polonii Zagranicznej*, 1962/1963, t. 3, pp. 169-178.

Pawłowski, Stanisław. *Domagajmy się kolonii zamorskich dla Polski*, LMiK, Warszawa, 1936.

Pitoń, Jan. Saporski w ramach dat. *Kalendarz „Ludu"*, 1971, pp. 74-80.

Polacy w Paranie, Wydawnictwo im. Staszica, Warszawa, 1910.

Polacy w Rio de Janeiro. Zbiór materiałów historyczno-informacyjnych z okazji Powszechnej Wystawy Krajowej w r. 1929 w Poznaniu, Rio de Janeiro, 1929.

Polski ruch migracyjny – jego organizacja i zamierzenia na najbliższą przyszłość. Mowa Ministra Pracy i Opieki Społecznej dr S. Jurkiewicza wypowiedziana na posiedzeniu Sejmowej Komisji Emigracyjnej w dn. 14 III 1929 r., Warszawa, 1929.

Polska kolonizacja zamorska. Kilka słów o potrzebie organizacji wychodźstwa i skupieniu polskiej ludności wychodźczej w brazylijskim stanie Parana (Nowa Polska), Towarzystwo Kolonizacyjno-Handlowe, Lwów, 1899.

Poniatowski, Józef. *Przeludnienie wsi i rolnictwa Rozszerzona odbitka z czasopisma „Rolnictwo"*, Towarzystwo Oświaty Rolniczej, Warszawa, 1936.

Przez rzeki i morza do kolonii, red. Komisja Wydawnicza Zarządu Głównego Ligi Morskiej i Kolonialnej, Instytut Wydawniczy Ligi Morskiej i Kolonialnej, Warszawa, 1931.

Romanow, W. Odczyty o polskiej wyprawie do Peru [M. B. Lepeckiego i A. Zarychty]. *Wiadomości Służby Geograficznej*, R. II, 1928, nn. 3-4, pp. 306-308.

Rozwadowski, Jan;Dyjas, Wojciech. Przyczyny i podstawy polskich dążeń kolonizacyjnych. *Wiadomości Służby Geograficznej*, R. IV, 1930, n. 4, pp. 378-403.

Sejm RP. *Sprawozdania stenograficzne Sejmu RP*, kad. I, 1922–1927; kad. II, 1928–1930.

Sejm Ustawodawczy RP. *Sprawozdania stenograficzne z lat 1919–1922*.

Sekuła, Stanisław. Rodzina Warchałowskich. *Kalendarz „Ludu"*, 1965, pp. 177-179.

Siemiradzki, Józef. *Stosunki osadnicze w Brazylii*, „Biblioteka Warszawska", 1892, t. 1, pp. 104-126.

_____. *Za morze! Szkice z wycieczki do Brazylii*, [wyd. Jakubowski, Zdanowicz], Lwów, 1894.

_____. *Na kresach cywilizacji. Listy z podróży po Ameryce Południowej, odbytej w roku 1892*, Spółka Wydawnicza w Krakowie, Lwów, 1896.

_____. *La Nouvelle Pologne. État de Paraná (Brésil)*, F. Lareirer, Bruxelles, 1899.

_____. *Polacy za morzem*, Związek drukarzy, Lwów, 1900.

_____. *Szlakiem wychodźców. Wspomnienia z podróży po Brazylii*, t. 1–2, T. Jezierski, Warszawa, 1900.

______. *W sprawie emigracji włościańskiej w Brazylii*, „Biblioteka Warszawska", 1900, t. 1, pp. 127-154.

Smolana, Krzysztof; Barys, Dorota. *Konsulat Generalny Rzeczypospolitej Polskiej w Kurytybie: 90 lat historii najstarszej polskiej placówki konsularnej w Ameryce Łacińskiej*, MSZ, Curitiba, 2010.

Sosnowski, Paweł. *Brazylia jej przyroda i mieszkańcy*, wyd. 3 zmienione, „Księgarnia Polska", Warszawa, 1909.

Spis przedsiębiorstw polskich w Brazylii. In: *Kalendarz Polski w Brazylii na rok 1917*, pp. 123-130.

Sprawozdanie dra Józefa Siemiradzkiego i ks. Jana Wolańskiego z podróży do południowej Brazylii, „Gazeta Handlowo-Geograficzna", Lwów, 1902 [edição original intitulada: Sprawozdanie z podróży delegatów Wydziału Krajowego do Brazylii, przedłożone Wys. Sejmowi na sesji w r. 1897. *Gazeta Handlowo-Geograficzna*, 1900].

Sprawozdanie N. dla Malinowskiego z podróży po skupiskach osadników polskich w Paranie, Kurytyba, 22 września 1943 r. In: *Imigranci polscy w Brazylii podczas II wojny światowej*, wybór dokumentów z Archiwum Instytutu

Polskiego i Muzeum im. Generała Sikorskiego, do publikacji podał, wstęp i przypisy R. Stemplowski, [Instytut Historii PAN], Warszawa, 1977, pp. 73-83.

Sprawozdanie Towarzystwa „Polska Sztuka Stosowana" w Krakowie 1901–2, Kraków, 1902.

Sprawozdanie z działalności LMiK za czas od 1 kwietnia 1932 r. do 1 kwietnia 1933 r., Warszawa, 1933.

Stankiewicz, Witold. Listy Jana Hempla do Jana Wantuły. *Rocznik Biblioteki Narodowej*, t. VI, 1970, p. 417.

Statut Spółdzielni Osadniczej pod nazwą „Polska Siła w Peru". Spółdzielnia z odpowiedzialnością udziałami w Warszawie, druk W. Nowakowskiego, Warszawa, 1930.

Statut Spółdzielni pod nazwą: „Kolonia Polska" Spółdzielnia Osadnicza z odpowiedzialnością udziałami w Warszawie, druk Wojciecha Szajera, Warszawa, 1929.

Stosunki dyplomatyczne Polski. Informator, t. 1: *Europa 1918–2006*, red. Krzysztof Szczepanik, Anna Herman-Łukasik, Barbara Janicka, Akson, Warszawa, 2007.

Szawleski, Mieczysław. *Kwestja emigracji w Polsce*, Polskie Towarzystwo Emigracyjne, Warszawa, 1927.

Sztolcman, Jan. *Peru. Wspomnienia z podróży*, t. 1–2, Gebethner i Wolff, Warszawa, 1912.

Szymoński, Zdzisław. Lądem, morzem i rzekami. Z życia kolonistów polskich w Peru. *Pionier Kolonialny* (suplemento de: *Morze*), R. 7, 1930, n. 9, pp. 24-26, n. 10, pp. 26-27.

Szyszlo, Vitold, *La Naturaleza en la América Ecuatorial. Observaciones botánicas en la región amazónica del Perú, Brasil, Bolivia, Ecuador, Colombia, Venezuela y la Guyana entre 1904 y 1953, durante doce viajes científicos,* Sanmartí y Cia, Lima, 1955.

Thomas, William Isaac; Znaniecki, Florian. *The Polish Peasant in Europe and America*, t. 1–5, Richard G. Badger, The Gorham Press, Boston, 1918–1920 [edição polonesa: *Chłop polski w Europie i Ameryce,* t. 1–5, Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza, Warszawa, 1976].

Turbański, Stanisław. *Kościół Polski w Kurytybie*, Vicentina, Curitiba, 1978.

Tuszyńska, Anna. *Brazylia*, wyd. 2 popr. i uzup., Wiedza Powszechna, Warszawa, 1955.

Układ w sprawie imigracji pomiędzy Departamentem Pracy Sekretariatu Stanu do Spraw Rolniczych, Handlu i Robót Publicznych stanu São Paulo w Brazylii a Urzędem Emigracyjnym przy Ministerstwie Pracy i Opieki Społecznej. *Praca i Opieka Społeczna*, 1927, n. 2, pp. 81-82.

Ustawa *Towarzystwa Szkoły Ludowej w Brazylii. Zarejestrowanego w Kurytybie dnia 11 marca 1905 roku,* Curitiba, 1905.

Warchałowski, Jerzy. *O sztuce stosowanej,* Kraków, 1904 [separata de *Czas* de 10 e 11.6.1904].

_____. *Polska sztuka dekoracyjna*, Warszawa, Kraków, 1928 [em francês: *L'art décoratif moderne en Pologne*, Varsovie, 1928].

_____. *Zofia Stryjeńska*, Gebethner i Wolff, Warszawa, 1929.

_____. *Jan Szczepkowski. Snycerz i rzeźbiarz,* Towarzystwo Wydawnicze, Warszawa, 1932.

_____. *Jan Wałach z Istebnej na Śląsku Cieszyńskim. Rysunki, malowidła, drzeworyty wybrane z okresu 1903–1934*, Towarzystwo Wydawnicze, Warszawa, 1935 [em francês: *Jan Wałach. D'Istebna, village de la Silésie de Cieszyn*, Varsovie – Cracovie, 1936].

Wierczak, Karol, *Grabarze Polski*, Powiatowy Zarząd Stronnictwa Narodowego, Cieszyn, 1937.

Wierzbowski, Teofil Witold. Ruch niepodległościowy wśród Kolonii Polskiej w Brazylii. *Niepodległość*, R. 9, 1934, pp. 281-293.

_____. *Jak Polak w Brazylii kolej budował*, Biblioteka Śląska, Katowice, 2006.

Wierzejski, Witold Kazimierz. *Fragmenty z dziejów polskiej młodzieży akademickiej w Kijowie*, Instytut Józefa Piłsudskiego Poświęcony Badaniu Najnowszej Historii Polski, Warszawa, 1939.

Wiśniewski, Wojciech. *Ostatni z rodu. Rozmowy z Tomaszem Zanem*, Editions Spotkania, Warszawa – Paris, 1989.

Włodek, Józef. Polskie kolonie rolnicze w Paranie. *Ekonomista*, t. 1-2, 1909.

_____. *Polskie kolonie rolnicze w Paranie*, wyd. 2 popr. i uzup. z mapą Parany oraz szkicem *Polacy w São Paulo*, Wydawnictwo CTR, Warszawa, 1911.

Wojnar, Jan. Udział Polaków w podróżnictwie brazylijskim. In: *Polacy w Rio de Janeiro. Zbiór materiałów historyczno-informacyjnych z okazji Powszechnej Wystawy Krajowej w r. 1929 w Poznaniu*, Rio de Janeiro, 1929.

_____. *Polsko-brazylijskie stosunki handlowe. Dorobek i bilans pierwszego dziesięciolecia (1921–1931)*, Liga Morska i Kolonialna, Warszawa, 1933.

Wolniewicz, Janusz, *W krainie zielonej kawy*, MON, Warszawa, 1983.

Wójcik, Władysław. 75 lat prasy polskiej w Brazylii (wspomnienia i refleksje). *Roczniki Historii Czasopiśmiennictwa Polskiego*, 1968, n. 2, pp. 261-274.

Załęcki, Gustaw. *Polska polityka kolonialna i kolonizacyjna*, [b.w.], Warszawa, 1925.

_____. *Kryzys polskiej polityki migracyjnej*. Kwartalnik Naukowego Instytutu Emigracyjnego i Kolonialnego, 1927, t. 4, pp. 185-243.

_____. *O zasadniczych pojęciach polityki kolonialnej i kolonizacyjnej*, [Salezjańskie Zakłady Graficzne], Warszawa, 1928.

_____. *Problem konieczności i możliwości polskiej polityki kolonialnej*, Komitet Tygodnia Emigranta, Warszawa, 1930.

_____. *O kolonialno-polityczną kulturę mas polskich*, [Drukarnia Literacka], Warszawa, 1930.

_____. Dwie orientacje w polskiej polityce migracyjnej. *Kwartalnik Naukowego Instytutu Emigracyjnego i Kolonialnego oraz Przegląd Emigracyjny*, 1929, t. 1-2, pp. 166-224.

Zarychta, Apoloniusz. Polska ekspedycja badawcza do Peru (ze szkicem eksploracyjnym rz. Tambo). *Wiadomości Służby Geograficznej*, R. II, 1928, n. 3-4, pp. 247-254.

_____. Una expedición polaca al Perú. *Boletín de la Sociedad Geográfica*, n. 7, Lima, 1966.

_____. *Emigracja polska 1918–1931 i jej znaczenie dla państwa*, Liga Morska i Kolonialna, Warszawa, 1933.

_____. *W szkole i dżungli. Podróż do Brazylii*, „Nasza Księgarnia", Warszawa, 1966.

Zasady kierownicze służby zaludnienia kraju. Dekret n. 6455 z dnia 19 kwietnia 1907. Rio de Janeiro, w drukarni „Polaka w Brazylii", Curitiba, 1907.

Zgraya, Adam. *Mała historia Brazylii*, „Kolonista", Ijuhy, 1909.

Zmagania polonijne w Brazylii, red. Tadeusz Dworecki SVD, Akademia Teologii Katolickiej, t.1: *Polscy werbiści 1900–1978*, ATK, Warszawa 1980; t. 2: *Pamiętniki brazylijskie*, ATK, Warszawa, 1987; t. 3: *Z niwy duszpasterskiej*, ATK, Warszawa, 1988; t. 4: *Owocująca przyszłość*, ATK, Warszawa, 1987.

I.2.4. Memórias, relatórios, recordações e diários

Ameryka Łacińska w relacjach Polaków. Antologia, wybór, wstęp, komentarze i przypisy Marcin Kula, „Interpress", Warszawa, 1982.

Bochdan-Niedenthal, Maria. *Ucayali. Raj czy piekło nad Amazonką*, Dom Książki Polskiej, Warszawa, 1935.

Chełmicki, Zygmunt. *W Brazylii. Notatki z podróży*, t. 1–2, Skład Główny w Administracji „Słowa", Warszawa, 1892.

Chrostowski, Tadeusz. *Parana. Wspomnienia z podróży w roku 1914*, Księgarnia św. Wojciecha, Poznań, 1922.

Daszyński, Ignacy. *Pamiętniki*, t. 2, Książka i Wiedza, Warszawa, 1957

Dąbrowski, Włodzimierz. Wspomnienia z lat 1900–1918. *Z Pola Walki*, t. 1, 1958, pp. 96-132.

Dębicki, Tadeusz. *Z dziennika marynarza. Na pokładzie „Lwowa" z Gdańska do Rio de Janeiro i z powrotem*, Gebethner i Wolff, Warszawa, 1925.

Ficińska, Maria. *20 lat w Paranie*, Instytut Wydawniczy „Biblioteka Polska" – „Biblioteka Miłośników Książki", Warszawa, 1938.

Isaakowa, Michalina. *Polka w puszczach Parany*, Księgarnia św. Wojciecha, Poznań, 1936.

Iwaszkiewicz, Jarosław. *Dzienniki 1911–1955*, Czytelnik, Warszawa, 2007.

_____. *Spotkania z Szymanowskim*, Polskie Wydawnictwo Muzyczne, Kraków, 1986.

Jędrzejewicz, Wacław. *Wspomnienia*, opracowanie i posłowie Janusz Cisek, Ossolineum, Wrocław, 1993.

Kirkor-Kiedroniowa, Zofia z Grabskich. Wspomnienia, t. 1: *Dziecięce i młode lata* [wyd. 1986], t. 2: *Ziemia mojego męża* [wyd. 1988], wstęp Henryk Wereszycki, komentarze Małgorzata Stolzmanowa, Alina Szklarska-Lohmannowa, Wydawnictwo Literackie, Kraków – Wrocław.

Kłobukowski, Stanisław. *Wspomnienia z podróży po Brazylii, Argentynie, Paragwaju, Patagonii i Ziemi Ognistej*, Gazeta Handlowo-Geograficzna, Lwów, 1899.

_____. *Wycieczka do Parany (stanu Rzeczypospolitej Brazylii). Dziennik podróży*, Gubrynowicz, Lwów, 1909.

Korwin-Milewski, Hipolit. *Siedemdziesiąt lat wspomnień (1855–1925)*, wstęp Andrzej Szwarc, Paweł Wieczorkiewicz, wyd. 2, Warszawska Oficyna Wydawnicza „Gryf", Warszawa, 1993.

Korwin-Pawłowski, Stanisław A. *Wspomnienia*, t. 1: *Na przełomie dwóch epok*, t. 2: *Wyścig z życiem*, Czytelnik, Warszawa, 1966.

Kozicki, Stanisław. *Pamiętnik 1876–1939*, oprac., przedm. i przypisy Marian Mroczko, Wydawnictwo Naukowe Akademii Pomorskiej, Słupsk, 2009.

Kubina, Teodor. *Cud wiary i polskości wśród wychodźstwa polskiego*, Diecezjalny Instytut Akcji Katolickiej, Częstochowa, 1935.

_____. *Wśród polskiego wychodźstwa w Ameryce Południowej*, nakładem Seminarium Zagranicznego, Potulice, 1938.

Krawczyk, Jan. *Z Polski do Brazylii, wspomnienia z lat 1916–1937*, Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego, Warszawa, 2003.

Lechoń, Jan. *Dziennik*, t. 3: *1 stycznia 1953 – 30 maja 1956*, PIW, 1993.

Lepecki, Mieczysław Bohdan. *Od Amazonki do Ziemi Ognistej*, Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza, Warszawa, 1958.

_____. *Z gwiazdy na gwiazdę. Podróż z Brazylii do Polski*, „Iskry" Warszawa, 1960.

_____. *Parana i Polacy*, Wiedza Powszechna, Warszawa, 1962.

_____. *Po bezdrożach Brazylii*, Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza, Warszawa, 1962.

Makarczyk, Janusz. *Nowa Brazylia. Dżungla – osiedla – ludzie*, t. 1–2, przedm. Aleksander Świętochowski, M. Arct, Warszawa, 1929.

Mazurek, Czesław. *Em busca da terra prometida*, Editora do Escritor, São Paulo, 1982.

Migasiński, Emil Lucjan. *Polacy w Paranie współczesnej*, Księgarnia „Kroniki Rodzinnej", Warszawa, 1923.

Nowak-Cieplak, Tadeusz, *W cieniu historii. Wspomnienia*, „Remix", Olsztyn, 2003.

Papiewska. *Jan Hempel. Wspomnienia siostry*, KiW, Warszawa, 1958.

Polonia brazylijska w piśmiennictwie polskim. Antologia, wstęp, wybór i opracowanie Janusz Gmitruk, Izabela Klarner-Kosińska, Jerzy Mazurek, Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego, Warszawa, 2000.

Ostrowski, Jerzy. *Ziemia Świętego Krzyża (Brazylja)*, Gebethner i Wolff, Warszawa, 1929.

Pamiętniki emigrantów. Ameryka Południowa, Instytut Gospodarstwa Społecznego SGH, Warszawa, 1939.

Pamiętniki emigrantów, red. Kazimierz Koźniewski, „Polonia", Warszawa, 1965 [o volume apresenta as recordações de Marian Hessel: *Brazylia – Na pionierskim szlaku*, pp. 91-139 e de Michał Sekuła: *Brazylia – O polską szkołę*, pp. 140-205].

Pamiętniki emigrantów 1878–1958, przedm. Kazimierz Koźniewski, Czytelnik, Warszawa, 1960 [o volume apresenta as recordações de Teofil Kępa: *Jestem Polakiem*, pp. 811-824].

Posadzy, Ignacy. *Drogą Pielgrzymów. Wrażenia z objazdu kolonii polskich w Południowej Ameryce,* Seminarium Zagraniczne, Potulice, 1934. [Trad. port.: *Na trilha dos peregrinos*,Wydawnictwo Agape, Poznań, 2018].

Romeyko, Marian. *Przed i po maju*, przedm., oprac. i przypisy Konrad Bugajak, MON, Warszawa. 1983.

Samozwaniec, Magdalena. *Maria i Magdalena*, Wydawnictwo Literackie, Kraków, 1978.

Schimitzek, Stanisław. *Drogi i bezdroża minionej epoki. Wspomnienia z lat pracy w MSZ 1920–1939*, „Interpress", Warszawa, 1976.

______. *Na krawędzi Europy. Wspomnienia portugalskie, 1939-1946*, PWN, 1970.

Skowroński, Tadeusz *Wojna polsko-niemiecka widziana z Brazylii 1939–1940*, Polska Fundacja Kulturalna, London, 1980.

Stapiński, Jan. *Pamiętnik*, red. Krzysztof Dunin-Wąsowicz, Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza, Warszawa, 1959.

Stempowski, Stanisław. *Pamiętniki (1870–1914)*, Zakład im. Ossolińskich, Wydawnictwo Polskiej Akademii Nauk, Warszawa, 1953.

Warchałowski, Andrzej. *Pomost*, Biologica Silesiae, Wrocław, 2010.

WARCHAŁOWSKI, Stanisław. *I poleciał w świat daleki… Wspomnienia z Brazylii, Polski i Peru*, wstęp Jerzy Mazurek, oprac. Zuzanna Jakubowska, Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego – Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich UW, Warszawa, 2009.

WACHOWIAK, Stanisław. *Czasy, które przeżyłem. Wspomnienia z lat 1890–1939*, wstęp Andrzej Garlicki, Czytelnik, Warszawa, 1983.

WITOS, Wincenty. *Moje wspomnienia*, t. 2, Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza, Warszawa, 1991.

WŁOSZCZEWSKI, Stefan. *Na przełomie dwóch epok*. Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza, Warszawa, 1974.

_____. *Pamiętnik*. Międzynarodowe Towarzystwo Osadnicze, Warszawa, 1939.

_____. *Pamiętnik z brazylijskiej puszczy*, przedm. Ryszard Hajduk, „Śląsk", Katowice, 1974.

WOYTKOWSKI, Feliks. *Peru, moja ziemia nieobiecana*, wybór, opracowanie, tłum., wstęp i posłowie Maria Salomea Wielopolska. Ossolineum, Wrocław, 1974.

WÓJCIK, Władysław. *Moje życie w Brazylii*, Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza, Warszawa, 1961.

_____. *Lubliniacy w Brazylii*. Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza, Warszawa, 1963.

_____. *Po obu stronach równika*. Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza, Warszawa, 1966.

ZANIEWICKI, Zbigniew. *Zielone piekło. Z przeżyć w puszczy brazylijskiej*. „Rój", Warszawa, 1929.

I.2.5. Imprensa e publicações periódicas

1. Populares

A Gazeta, 1978, 1981
A Tribuna 40 Anos, 1979
ABC, 1937
ABC literacko-artystyczne, 1934
Auto, 1928
Ameryka – Echo, 1919
Biblioteka Warszawska, 1892, 1900
Biuletyn Urzędu Emigracyjnego, 1919, 1929, 1930.
Brazil–Polonia, 1921
Codzienny Niezależny Kurier Polski (Buenos Aires, Argentina), 1938
Codzienny Nowy Kurier w Argentynie, 1938
Correio Marítimo, 1936
Czas, 1900, 1903, 1904, 1909

Czasopismo Prawnicze i Ekonomiczne, 1907
Dziennik Białostocki, 1930
Dziennik Polski (Detroit, USA), 1928
Dziennik Poznański, 1928
Dziennik Ustaw Rzeczypospolitej Polskiej, 1927, 1932
Dziennik Związkowy (Chicago), 1917
Dziennik Związkowy-Zgoda, 1918
El Comercio (Lima), 1937
El Día, 1930
Emigrant Polski, 1930
Epoka, 1927
Gazeta Handlowo-Geograficzna, 1897, 1900
Gazeta Ludowa, 1910
Gazeta Polska, 1900, 1901, 1902, 1903, 1905, 1906, 1938
Gazeta Polska w Brazylii, 1905, 1914, 1916, 1920
Gazeta Polska w Paryżu, 1928
Gazeta Polska – Polonia Nova, 1928
Gazeta Poranna, 1930, 1931
Gazeta Świąteczna, 1907, 1908, 1931
Gazeta Warszawska Poranna, 1926
Gazeta Warszawska, 1911, 1922, 1925, 1927, 1930
Gazetka Morska, 1939
Głos (Warszawa), 1892
Głos Lubelski, 1926
Głos Narodu, 1919, 1927, 1931
Głos Polski (Buenos Aires, Argentina), 1938
Głos Poranny, 1935
Głos Prawdy, 1926, 1927, 1929
Głos Ziemi Białostockiej, 1931
Goniec Pomorski, 1931
Goniec Warszawski, 1935
Goniec Wielkopolski, 1931
Gospodarka Narodowa, 1933
Ilustrowany Kurier Codzienny, 1927, 1931, 1932, 1933, 1935
Kalendarz „Ludu", 1961, 1965, 1967, 1969
Komunikat Prasowy, 1934
Kultura (Paris), 1972
Kurier Codzienny, 1890, 1891

Kurier Czerwony, 1930, 1931
Kurier Lubelski, 1908, 1909, 1910, 1911
Kurier Lwowski, 1910
Kurier Polski (São Paulo), 1948
Kurier Poranny, 1911
Kurier Poznański, 1926, 1927, 1929, 1931, 1939
Kurier Warszawski, 1900, 1903, 1904, 1907, 1908, 1911, 1922, 1926, 1928, 1929, 1930, 1931, 1932
La Prensa, 1937
La Razón, 1930
Lud, 1935, 1937, 1974
Łódzkie Echo Wieczorne, 1930
Memorabilia Zoologica, 1971
Monitor Clevelandzki (USA), 1928
Monitor Polski, 1921, 1922
Morze, 1926, 1928, 1930, 1932, 1933, 1934, 1936
Myśl Niepodległa, 1908, 1909
Naokoło Świata, 1926
Nasza Szkoła (Curitiba), 1925
Niwa, 1913
Nowa Reforma, 1903
Nowy Głos, 1938
Nowy Kurier, 1932
O Estado (Curitiba), 1904
Obrona Ludu, 1931
Opoka, 1973, 1975
Oszczędność, 1933
Panorama, 1960
Perspektywy, 1980
Piast Wielkopolski, 1931
Pionier Kolonialny (publicação ocasional, suplemento do periódico *Morze*), 1939
Pobudka, 1917, 1918
Polacy Zagranicą, 1933
Polak we Francji, 1931
Polak w Brazylii, 1904-1920
Polska, 1930
Polska na Morzu, 1937
Polska Prawda w Brazylii, 1930

Polska Wolność, 1931
Polska Zbrojna, 1931, 1934
Polski Przegląd Emigracyjny, 1907, 1908, 1909, 1910, 1911, 1912
Prawda, 1911
Prosto z Mostu, 1937
Przegląd Emigracyjny (Lwów), 1892
Przegląd Emigracyjny (Warszawa), 1926
Przegląd Geograficzny, 1926
Przegląd Poranny, 1908
Przegląd Powszechny, 1937
Przegląd Wszechpolski, 1895, 1899, 1900, 1901, 1902, 1903
Przegląd Zakopiański, 1900
Przyjaciel Ludu, 1907, 1920, 1923
Robotnik, 1921, 1923, 1932
Rzeczpospolita, 1922, 1923, 1927, 1928, 1929
Słowo, 1890, 1902
Słowo Polskie, 1905, 1908, 1927
Słowo Pomorskie, 1931
Sprawy Morskie i Kolonialne, 1935
Ster, 1926
Świat, 1906, 1908, 1933
Świt (Curitiba), 1919, 1920,
Światowid, 1935
Tygodnik Ilustrowany, 1900, 1904, 1908, 1920, 1926, 1927
Tygodnik Powszechny (Warszawa), 1891
Tygodnik Powszechny (Kraków), 1972, 1975
Warszawianka, 1926
Wiadomości Codzienne, 1908, 1930
Wiadomości Literackie, 1939
Wiadomości Wołyńskie, 1930
Wieczór Warszawski, 1937
Wiedza i Życie, 1927
Wieści z Polski, 1932, 1933, 1934
Wychodźca, 1924, 1925, 1926, 1927, 1928, 1931, 1935, 1937, 1938
Wychodźca Polski, 1911
Wyzwolenie, 1931
Zaranie, 1911
Zielony Sztandar, 1931

Ziemia, 1910, 1930
Ziemia Sieradzka, 1930
Zorza, 1911

2. Científicas

Acta Universitatis Lodziensis. Folia historia, 1985
Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa (Curitiba), 1970, 1973
Boletim do Instituto Hostórico, Geográfico Paranaense (Curitiba), 1976
Boletín de la Sociedad Geográfica (Lima), 1966
Czasopismo Prawno-Historyczne, 2003, 2006
Dzieje Najnowsze, 1972
Ekonomista, 1909
Ethnologia Polona, 1977
Komunikaty Mazursko-Warmińskie, 1973
Kwartalnik Historyczny, 1967
Kwartalnik Historii Nauki i Techniki, 1981
Kwartalnik Historii Żydów, 2012
Kwartalnik Instytutu Naukowego do Badań Emigracji i Kolonizacji, 1927
Kwartalnik Naukowego Instytutu Emigracyjnego oraz Przegląd Emigracyjny, 1928, 1929, 1930, 1931
Niepodległość, 1934, 1936
Pamięć i Sprawiedliwość, 2006
Praca i Opieka Społeczna, 1927
Problemy Polonii Zagranicznej, 1962/1963
Przegląd Polonijny, 1982, 2004
Przegląd Zachodni, 1974, 1977
Przegląd Współczesny, 1939
Przegląd Zoologiczny, 1976
Rocznik Dobrzyński, 2009
Rocznik Historii Czasopiśmiennictwa Polskiego, 1966
Rocznik Morski i Kolonialny, 1938
Rolnictwo, 1930
Ruch Literacki, 1984
Statystyka Pracy, 1931
Studia Historyczne, 1979
Teki Archiwalne, 1977
Wiadomości Służby Geograficznej, 1928, 1930
Ze Skarbca Kultury, 1972

Zeszyty Historyczne, 1968, 1974, 1975
Zeszyty Naukowe Uniwersytetu Warszawskiego. Prasoznawstwo, 1956

I.2.6. Impressos ocasionais

LESIŃSKI Stanisław, *List otwarty do Sz. Ks. Józefa Anusza*. Porto Alegre, setembro 1917.

I.2.7. Sites na internet

ROWLETT, R. *How Many? A Dictionary of Units of Measurement*, the University of North Carolina at Chapel Hill, 2012, www.unc.edu/~rowlett/units/introd.html [acesso: 8.9.2012]
www.archiwumkorporacyjne.pl/index.php/muzeum…/k-arkonia/ [acesso: 16.2.2012].
www.parafia-gdeszyn.pl [acesso: 29.3.2013]

II. Literatura do objeto

II.1. Bibliografias, inventários, crítica das fontes e da literatura (resenhas)

CHOJNACKI, Władysław. Bibliografia wydawnictw polskich w Brazylii 1892-1974. *Przegląd Zachodni*, n. 2 de 1974, pp. 362-392.
CHOJNACKI, Władysław; CHOJNACKI, Wojciech. *Bibliografia kalendarzy polonijnych 1838–1982*. Ossolineum, Wrocław, 1984.
CHOJNACKI, Wojciech [red.]. *Polonia: bibliografia publikacji wydanych w kraju w roku 1980 wraz z uzupełnieniami za rok 1979*. Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, Kraków, 1982.
______. *Polonia. Bibliografia publikacji wydanych w kraju w roku 1981 wraz z uzupełnieniami za rok 1980*. Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, Kraków, 1983.
______. *Polonia. Bibliografia publikacji wydanych w kraju w roku 1982 wraz z uzupełnieniami za rok 1981*. Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, Kraków, 1984.
______. *Polonia. Bibliografia publikacji wydanych w kraju w roku 1983 wraz z uzupełnieniami za rok 1982*. Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, Kraków, 1985.
______. *Polonia. Bibliografia publikacji wydanych w kraju w roku 1984 wraz z uzupełnieniami za rok 1983*. Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, Kraków, 1986.

______. *Polonia. Bibliografia publikacji wydanych w kraju w roku 1985 wraz z uzupełnieniami za rok 1984*. Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, Kraków, 1987.

______. *Polonia. Bibliografia publikacji wydanych w kraju w roku 1986 wraz z uzupełnieniami za rok 1985*. Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, Kraków, 1988.

______. *Polonia. Bibliografia publikacji wydanych w kraju w roku 1987 wraz z uzupełnieniami za rok 1986*. Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, Kraków, 1989.

______. *Polonia. Bibliografia publikacji wydanych w kraju w roku 1988 wraz z uzupełnieniami za rok 1987*. Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, Kraków, 1990.

Chojnacki, Wojciech; Kraszewska, Agnieszka; Kraszewski, Piotr [red.]. *Polonia: bibliografia publikacji wydanych w kraju w roku 1989 wraz z uzupełnieniami za rok 1988*. PAN, Poznań, 1991.

Dębicka, Danuta; Dolindowska, Krystyna. *Prasa socjalistyczna w Polsce 1866–1918. Katalog*, Centralne Archiwum KC PZPR, Warszawa, 1982.

Gawryszewski, Andrzej. *Przestrzenna ruchliwość ludności Polski. Bibliografia (1896–1990),* Instytut Geografii i Przestrzennego Zagospodarowania, Warszawa, 1997.

Inwentarz akt Ministerstwa Spraw Zagranicznych w Warszawie z lat 1918–1939, oprac. Edward Kołodziej, NDAP, Warszawa, 2000.

Kołodziej, Edward; Mrowiec, Rafał. *Ameryka Łacińska, Hiszpania i Portugalia w źródłach Archiwum Akt Nowych do roku 1945*. CESLA – NDAP, Warszawa, 1996.

Kula, Marcin. Polska literatura dotycząca Ameryki Łacińskiej XIX i XX w. In: *Dzieje Najnowsze*, 1972, n. 2.

______. Ameryka bliska i daleka. In: *Ameryka Łacińska w relacjach Polaków. Antologia*, wybór, wstęp, komentarze i przypisy Marcin Kula, „Interpress", Warszawa, 1982.

Lepecki, Bohdan. Picada [resenha do livro de Kazimierz Warchałowski]. *Kwartalnik Naukowego Instytutu Emigracyjnego i Kolonialnego oraz Przegląd Emigracyjny*, 1930, t. 1-2, pp. 540-541.

Łongiewska, Alina. Archiwum W. Gąsiorowskiego w zbiorach Biblioteki Ossolineum. *Ze Skarbca Kultury*, t. XXIII, 1972, pp. 131-248.

Materiały do bibliografii dziejów emigracji oraz skupisk polonijnych w Ameryce Północnej i Południowej w XIX i XX wieku, red. Irena Paczyńska, Andrzej Pilch, PWN – UJ, Warszawa – Kraków, 1979.

Moreira, Júlio. *Dicionário bibliográfico do Paraná. Publicação comemorativa do primeiro centenário do Paraná*. Secretaria do Interior e Justiça, Curitiba, 1953.

_____. *Polska bibliografia Parany. Wkład literatury polskiej do kultury brazylijskiej*. Lud, Curitiba, 1956.

Ormicki, Wiktor. *Bibliografia geograficzna za lata 1928–1933,* Orbis, Kraków 1935 [suplemento do mensário Wiadomości Geograficzne].

Paleczny, Tadeusz. Ameryka bliższa czy dalsza? Polonia latynoamerykańska w piśmiennictwie polskim po 1980 roku. Szkic bibliograficzny. In: *Emigracja, Polonia, Ameryka Łacińska. Procesy emigracji i osadnictwa Polaków w Ameryce Łacińskiej w świadomości społecznej*, red. Tadeusz Paleczny, CESLA, Warszawa, 1996, pp. 85-91.

Paradowska, Maria. [resenha: F Woytkowski. *Peru, moja ziemia nieobiecana*]. *Ethnologia Polona*, 1977, t. 3, pp. 198-200.

Pitoń, Jan. Polonia brazylijska w Archiwum Państwowym w Rio de Janeiro i archiwach innych stanów. In: *Inwentarz zbioru archiwalnego ks. Jana Pitonia CM*, red. Mirosława Kubas-Paradowska, Wojciech Krawczuk, Warszawa, 1989.

Rudnicki, Szymon. Pawła Śpiewaka droga przez mękę. Od „żydokomuny" do żydokomuny. *Kwartalnik Historii Żydów*, n. 4 (244), 2012, p. 606 [resenha do livro de Paweł Śpiewak: *Żydokomuna. Interpretacje historyczne*, Wydawnictwo Czerwone i Czarne, Warszawa, 2011].

Ryn, Zdzisław Jan. *Ignacy Domeyko – bibliografia*. Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, Kraków, 2008.

Sarnacki, John. *Latin American Literature and History in Polish Translation. A Bibliography*. Port Huron, Michigan, 1973.

Schlesinger, Hugo. *"Polonica" Brasil, Suplemento da Revista Polonesa*. *Kurier Polski*, São Paulo, 1948.

Stańczewski, Józef. *Druki portugalskie i brazylijskie o Polsce. Szkic bibliograficzny*, nakładem autora, Poznań, 1929.

Uhm, Tadeusz e Zofia. Materiały do polskiej bibliografii migracyjnej. *Kwartalnik Naukowego Instytutu Emigracyjnego i Kolonialnego*, t. 1, 1931, pp. 314-381.

Walewander, Edward. Duszpasterstwo polskie w Ameryce Łacińskiej. Przyczynek do bibliografii. In: *Rola duszpasterstwa polskiego w organizacji społeczności lokalnych w Ameryce Łacińskiej,* materiały z konferencji, Warszawa 4–5 grudnia 1998, red. M. Malinowski, CESLA, Warszawa, 1999.

II.2. Monografias e dissertações

Armia Polska we Francji 1917–1919. Materiały sympozjum z okazji 65 rocznicy powstania armii Polskiej we Francji, red. Piotr Stawecki, WIH, Warszawa, 1983.

Bazylow, Ludwik. *Polacy w Petersburgu*. Zakład Narodowy im. Ossolińskich, Wrocław, 1984.

Beauvois, Daniel. *Trójkąt ukraiński. Szlachta, carat i lud na Wołyniu, Podolu i Kijowszczyźnie 1793–1914*, z fr. przeł. Krzysztof Rutkowski, wyd. 2, UMCS, Lublin, 2011.

_____. *Walka o ziemię: szlachta polska na Ukrainie prawobrzeżnej pomiędzy caratem a ludem ukraińskim 1863–1914*, z fr. przeł. Krzysztof Rutkowski, „Pogranicze", Sejny, 1996.

Bergmann, Olaf. *Narodowa Demokracja wobec problematyki żydowskiej w latach 1918–1929*, Wydawnictwo Poznańskie, Poznań, 1998.

Białas, Tadeusz. *Liga morska i Kolonialna, 1930–1939*, Wydawnictwo Morskie, Gdańsk, 1983.

Brożek, Andrzej. Polityka imigracyjna w państwach docelowych emigracji polskiej (1850–1939). In: *Emigracja z ziem polskich w czasach nowożytnych i najnowszych*, red. Andrzej Pilch, PWN, Warszawa, 1984.

Budakowska, Elżbieta. *W poszukiwaniu etniczności. Ruch Braspol w Brazylii – współczesna interpretacja*. WUW, Warszawa, 2007.

Budrewicz, Tadeusz. *Konopnicka. Szkice historycznoliterackie*. Akademia Pedagogiczna, Kraków, 2000.

Bujak, Waldemar. *Historia Stronnictwa Pracy. 1937–1946–1950*. ODiSS, Warszawa, 1980.

Chajn, Leon. *Wolnomularstwo w II Rzeczypospolitej*. Czytelnik, Warszawa, 1975.

Costa, Ireneu Affonso da [org.]. Szymon Kossobudzki. Patrono do ensino da Cirurgia do Paraná. *Scientia et Labor*, Editora da UFPR – Fundação Santos Lima, Curitiba, 1989.

Cywiński, Bohdan. *Rodowody niepokornych*. Biblioteka „Więzi", Warszawa, 1971.

Czapczyński, Tadeusz. *„Pan Balcer w Brazylii" jako poemat emigracyjny*. Ossolineum, Wrocław, 1957.

Dunin-Wąsowicz, Krzysztof. *Dzieje Stronnictwa Ludowego w Galicji*. Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza, Warszawa, 1956.

Dziedzic, Maria [red.]. *Warsztaty Krakowskie 1913–1926*. Wydawnictwo Akademii Sztuk Pięknych, Kraków, 2009.

Dzieje Ameryki Łacińskiej, t. 2: *1870/1880–1929*, red. Robert Mroziewicz; Ryszard Stemplowski [red. do todo: Tadeusz Łepkowski], KiW, Warszawa, 1979.

Dzieje Ameryki Łacińskiej, t. 3: 1930–1975/1980, red. Ryszard Stemplowski, [red. do todo: Tadeusz Łepkowski], KiW, Warszawa, 1983.

Emigracja z ziem polskich w czasach nowożytnych i najnowszych (XVIII–XX w.), red. Andrzej Pilch, PWN, Warszawa, 1984.

Epsztein, Tadeusz. *Edukacja dzieci i młodzieży w polskich rodzinach ziemiańskich na Wołyniu, Podolu i Ukrainie w II połowie XIX wieku*. Wydawnictwo DiG, Warszawa, 1998.

_____. *Z piórem i paletą. Zainteresowania intelektualne i artystyczne ziemiaństwa polskiego na Ukrainie w II połowie XIX wieku*. Neriton – Instytut Historii PAN, Warszawa, 2005.

Fedorowicz, Zygmunt. Faunistyka w działalności Komisji Fizjograficznej Polskiej Akademii Umiejętności. *Memorabilia Zoologica*, t. 22, Ossolineum, Wydawnictwo PAN, Wrocław, 1971.

Florkowska-Frančić, Halina. *Między Lozanną, Fryburgiem i Vevey. Z dziejów polskich organizacji w Szwajcarii w latach 1914–1917*. „Nomos", Kraków, 1997.

Frąckiewicz, Anna [red.]. *Spółdzielnia Artystów ŁAD 1926–1996,* t. I, Muzeum Akademii Sztuk Pięknych, Warszawa, 1998.

Garlicki, Andrzej. *Geneza legionów*. Książka i Wiedza, Warszawa, 1964.

_____. *Józef Piłsudski 1867–1935*, wyd. 2, Czytelnik, Warszawa, 1989.

Gelles, Romuald. *Dom z białym orłem. Konsulat Rzeczypospolitej Polskiej we Wrocławiu (maj 1920 – wrzesień 1939)*. „Vratislavia", Wrocław, 1992.

Giertych, Jędrzej. *Józef Piłsudski 1914–1919,* t. 1, nakładem autora, London, 1979.

Grandin, Greg. *Forlandia*. Świat Książki, Warszawa, 2012.

Groniowski, Krzysztof. *Polska emigracja zarobkowa w Brazylii*. Ossolineum, Wrocław, 1972.

Gucka, Agnieszka. *Obraz emigracji polskiej na łamach „Dziennika Poznańskiego" (1859–1939) i Kuriera Poznańskiego (1872–1939)*. Instytut Slawistyki PAN, Warszawa, 2005.

Hass, Ludwik. *Ambicje, rachuby, rzeczywistość. Wolnomularstwo w Europie Środkowo-Wschodniej 1905–1928*. PWN, Warszawa, 1984.

_____. *Wolnomularstwo w Europie Środkowo-Wschodniej w XVIII i XIX wieku*. Ossolineum, Wrocław, 1982.

_____. *Wolnomularze polscy w kraju i na świecie 1821–1999. Słownik biograficzny*. Oficyna Wydawnicza RYTM, Warszawa, 1999.

Haumann, Heiko. *Historia Żydów w Europie Środkowej i Wschodniej*, tłum. Cezary Jenne, „Adamantan", Warszawa, 2000.

Historia dyplomacji polskiej, t. V: 1939–1945, red. Waldemar Michowicz, oprac. Andrzej M. Brzeziński, Gerard Labuda, PWN, Warszawa, 1999.

Janowska, Halina. *Emigracja zarobkowa z Polski 1918–1939*, PWN, Warszawa, 1981.

Kamen, Henry. *Imperium hiszpańskie. Dzieje rozkwitu i upadku,* tłum. Tomasz Prochenka, Bellona, Warszawa, 2002.

Kicinger, Anna. Polityka emigracyjna II Rzeczypospolitej. *CEFMR Working Papers*, n. 4, 2005.

Klimecki, Michał. *Polsko-ukraińska wojna o Lwów i Galicję Wschodnią 1918–1919*. Oficyna Wydawnicza Volumen, Warszawa, 2000.

Kołodziej, Edward. *Wychodźstwo zarobkowe z Polski 1918–1939: studia nad polityką emigracyjną II Rzeczypospolitej*. KiW, Warszawa, 1982.

Korpalska, Walentyna. *Władysław Eugeniusz Sikorski. Biografia polityczna*. Ossolineum, Wrocław, 1988.

Kowalski, Grzegorz Maria. *Przestępstwa emigracyjne w Galicji 1897–1918. Z badań nad dziejami polskiego wychodźstwa*, Kraków, 2003.

Kowalski, Marek Arpad. *Dyskurs kolonialny w Drugiej Rzeczypospolitej*. DiG, Warszawa, 2010.

Kraszewski, Piotr. *Polska emigracja zarobkowa w latach 1870–1939. Praktyka i refleksja*. Zakład Badań Narodowościowych PAN, Poznań, 1995.

Krisań, Maria. *Chłopi wobec zmian cywilizacyjnych w królestwie Polskim w drugiej połowie XIX – początku XX wieku*. Neriton – Instytut Historii PAN, Warszawa, 2008.

Kryska-Karski, Tadeusz. *Duchowieństwo wojskowe II Rzeczypospolitej*. Veritas, London, 2000.

Krzywiec, Grzegorz. *Szowinizm po polsku. Przypadek Romana Dmowskiego (1886–1905)*. Wydawnictwo Neriton – Instytut Historii PAN, Warszawa, 2009.

Kula, Marcin. *Historia Brazylii*. Ossolineum, Wrocław, 1987.

_____. *Polono-Brazylijczycy i parę kwestii im bliskich*. Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego – Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich UW, Warszawa, 2012.

Los Polacos en el Perú, red. Kazimierz Kochanek, Editorial Salesiana, Lima, 1979.

Ładyka, Teodor. *PPS (Frakcja Rewolucyjna) w latach 1906–1914*, Warszawa, 1972.

Łagoda, Maciej. *Dmowski, naród i państwo. Doktryna polityczna „Przeglądu Wszechpolskiego" (1895–1905)*. Agencja „eSeM", Poznań, 2002.

Landau-Czajka, Anna. *Syn będzie Lech… Asymilacja Żydów w Polsce międzywojennej*. Neriton – Instytut Historii PAN, Warszawa, 2006.

_____. *W jednym stali domu... Koncepcje rozwiązania kwestii żydowskiej w publicystyce polskiej lat 1933–1939*. Neriton – Instytut Historii PAN, Warszawa, 1998.

Lara Bueno, Wilma de. *Uma citade bem-amanhecida. Vivência e trabalho das mulheres polonesas em Curitiba*. Casa Editorial Tetravento Ltda., Curitiba, 1999.

Leczyk, Marian. *Komitet Narodowy Polski a Ententa i Stany Zjednoczone 1917–1919*. PWN, Warszawa, 1966.

Łukawski, Zygmunt. *Ludność polska w Rosji*. Zakład Narodowy im. Ossolińskich, Wrocław, 1978.

Maj, Ewa. *Związek Ludowo-Narodowy 1919–1928. Studium z dziejów myśli politycznej*. UMCS, Lublin, 2000.

Malczewski, Zdzisław. *Obecność Polaków i Polonii w Rio de Janeiro*. Oddział Lubelski Stowarzyszenia „Wspólnota Polska", Lublin, 1995.

Malinowski, Mariusz. *Ruch polonijny w Argentynie i Brazylii w latach 1989–2000*. CESLA, Warszawa, 2005.

_____. *Brazylia: republika. Dzieje Brazylii w latach 1889–2010*. Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego – Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich UW, Warszawa, 2012.

Mich, Włodzimierz. *W obliczu wywłaszczenia. Kwestia reformy rolnej w publicystyce ziemiańskiej 1918–1939*. UMCS, Lublin, 2001.

Mieszczankowski, Mieczysław. *Rolnictwo II Rzeczypospolitej*. KiW, Warszawa, 1983.

_____. *Struktura agrarna Polski międzywojennej*. PWN, Warszawa, 1960.

Miodunka. Władysław. *Bilingwizm polsko-portugalski w Brazylii*. Universitas, Kraków, 2003.

Mocyk, Agnieszka. *Piekło czy raj? Obraz Brazylii w piśmiennictwie polskim w latach 1864–1939*. Universitas, Kraków, 2005.

Murdzek, Benjamin F. *Emigration in Polish Social-Political Thought 1870–1914*. Columbia University Press, New York, 1977.

Nalewajko, Małgorzata. *El debate nacional en el Perú (1920–1933)*. Cátedra de Estudios Ibéricos, Universidad de Varsovia, Warszawa, 1995.

Nartonowicz-Kot, Maria. Samorząd łódzki wobec problemów kultury w latach 1919–1939. *Acta Universitatis Lodziensis*. Folia historia, t. 21, UŁ, Łódź, 1985.

Ostoja-Roguski, B. Um século de colonização polonesa no Paraná. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*, t. XXVIII, Curitiba, 1976.

Paleczny, Tadeusz. *Idea powrotu wśród emigrantów polskich w Brazylii i Argentynie*. Ossolineum, Wrocław, 1992.

_____. *Rasa, etniczność i religia w brazylijskim procesie narodowotwórczym*. Universitas, Kraków, 2004.

Paradowska, Maria. *Polacy w Ameryce Południowej*. Ossolineum, Wrocław, 1977.

_____. *Podróżnicy i emigranci. Szkice z dziejów wychodźstwa w Ameryce Południowej*. Interpress, Warszawa, 1984.

_____. *Polacy w Meksyku i Ameryce Środkowej*. Ossolineum, Wrocław, 1985.

_____. *Wkład Polaków w rozwój cywilizacyjno-kulturowy Ameryki Łacińskiej*. Komisarz Generalny Udziału Polski w EXPO'92 w Sevilli, Warszawa, 1992.

_____. *Krzysztof Arciszewski. Admirał wojsk holenderskich w Brazylii*. Stowarzyszenie „Wspólnota Polska" – Wydawnictwo DTSK, Wrocław – Warszawa, 2001.

Pływgawko, Danuta. *Sienkiewicz w Szwajcarii. Z dziejów akcji ratunkowej dla Polski w czasie pierwszej wojny światowej*. UAM, Poznań, 1986.

Polacy, Rusini i Ukraińcy, Argentyńczycy, red. Ryszard Stemplowski, wyd. 2 popr., Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego – Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich UW, Warszawa, 2013.

Poliakov, Léon. *Historia antysemityzmu*, t. 2: *Epoka nauki*, tłum. Agnieszka Rasińska-Bóbr; Oskar Hedemann. Universitas, Kraków, 2008.

Potkański, Waldemar. *Ruch narodowo-niepodległościowy w Galicji przed 1914 rokiem*. DiG, Warszawa, 2002.

Rabiński, Jarosław. *Stronnictwo Pracy we władzach naczelnych Rzeczypospolitej polskiej na uchodźstwie w latach 1939–1945*. KUL, Lublin, 2013.

Ramos, Jair de Souza. *O poder de domar do fraco: Construção de autoridade e poder tutelar na política de Povoamento do Solo Nacional*. Editora da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

Reid, Constance. *Neyman – from Life*. Springer-Verlag, New York, 1982.

Rutkowski, Jan. *Historia gospodarcza Polski,* t. 2. Księgarnia Akademicka, Poznań, 1950.

Rypson, Sebastian. *Being Poloné in Haiti. Origins, Survivals, Development, and Narrative Production of the Polish Presence in Haiti*. Aspra-JR, Warszawa, 2008.

Ślisz, Andrzej. *Prasa polska w Rosji w dobie wojny i rewolucji 1915–1919*. Książka i Wiedza, Warszawa, 1968.

Sobczak, Mieczysław. *Stosunek Narodowej demokracji do kwestii żydowskiej w Polsce w latach 1918–1939*. Akademia Ekonomiczna, Wrocław, 1998.

_____. *Narodowa Demokracja wobec kwestii żydowskiej na ziemiach polskich przed I wojną światową*. Wydawnictwo Akademii Ekonomicznej im. Oskara Langego, Wrocław, 2007.

_____. *Stosunek Narodowej Demokracji do kwestii żydowskiej w latach 1914–1919*. Wydawnictwo Uniwersytetu Ekonomicznego, Wrocław, 2008.

Spółdzielnia Artystów ŁAD 1926–1996, t. I, red. Anna Frąckiewicz. Muzeum Akademii Sztuk Pięknych, Warszawa, 1998.

Stomma, Ludwik. *Antropologia kultury wsi polskiej XIX w.* Pax, Warszawa, 1986.

Szmyd, Jan. *Jan Hempel. Idee i wartości*. KiW, Warszawa, 1975.

U źródeł niepodległości 1914–1918. Z dziejów polskiego czynu zbrojnego. WIH, red. Piotr Stawecki, Warszawa, 1988.

Urbanowicz, Adam Andrzej. *PSL „Piast" a Narodowa Demokracja w latach 1913–1931*. Państwowa Wyższa Szkoła Zawodowa, Gorzów Wielkopolski, 2008.

Walaszek, Adam. *Reemigracja ze Stanów Zjednoczonych do Polski po I wojnie światowej (1919–1924)*. PWN, Warszawa, 1983 [Zeszyty Naukowe Uniwersytetu Jagiellońskiego, n. 655. *Prace Polonijne*, n. 7].

______. *Migracje Europejczyków 1650–1914*. Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, Kraków, 2007.

Wapiński, Roman. *Roman Dmowski*. Wydawnictwo Lubelskie, Lublin, 1988.

______. *Władysław Sikorski*. Wiedza Powszechna, Warszawa, 1978.

______. *Świadomość polityczna w Drugiej Rzeczypospolitej*. Wydawnictwo Łódzkie, Łódź, 1989.

______. *Pokolenia Drugiej Rzeczypospolitej*. Ossolineum, Wrocław, 1991.

Warsztaty Krakowskie 1913–1926, red. Maria Dziedzic. Wydawnictwo Akademii Sztuk Pięknych, Kraków, 2009.

Weinbaum, Laurence. *A Marriage of Convenience. New Zionist Organization and Polish Government 1936–1939* [série East European Monographs], Columbia University Press, Boulder, Colorado, 1993.

Weiss, Tomasz. *Legenda i prawda Zielonego Balonika*, wyd. 2. Wydawnictwo Literackie, Kraków, 1987.

Wójcik, Zbigniew. *Józef Siemiradzki. Przyrodnik i humanista, badacz Ameryki Południowej*. Stowarzyszenie „Wspólnota Polska" – Wydawnictwo DTSK, Wrocław – Warszawa, 2000.

Zaborski, Stefan (Krajewski, Aleksander). *Cukier, złoto, kawa. Dzieje Brazylii*, wyd. II. Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza, Warszawa, 1973.

Zaremba, Marcin. *Komunizm, legitymizacja, nacjonalizm. Nacjonalistyczna legitymizacja władzy komunistycznej w Polsce*. „Trio", Warszawa, 2001.

Zieliński, Henryk. *Historia Polski 1914–1939*, Ossolineum, Wrocław, 1939.

Żyndul, Jolanta. *Zajścia antyżydowskie w Polsce w latach 1935–1937*. Fundacja im. Kazimierza Kelles-Krauza, Agencja Scholar, Warszawa, 1994.

II.3. Artigos, ensaios e capítulos em publicações coletivas

Bartoszewicz, Henryk. Kijowska Filarecja. Z dziejów polskich organizacji niepodległościowych na Ukrainie przed wybuchem rewolucji rosyjskiej. In: *Polska i jej wschodni sąsiedzi*, red. Andrzej Andrusiewicz, t. 8. Wyższa Szkoła Pedagogiczna, Rzeszów, 2007.

Brożek, Andrzej. Polityka emigracyjna w państwach docelowych emigracji polskiej (1850–1939). In: *Emigracja z ziem polskich w czasach nowożytnych i najnowszych*, red. Andrzej Pilch, PWN, Warszawa, 1984, pp. 132-140.

Budrewicz, Tadeusz. Z chłopa Piast (O „Panu Balcerze w Brazylii"). *Ruch Literacki*, 1984, n. 2.

Bułhak, Henryk;stawecki, Piotr. Armia Polska we Francji (1917–1919). In: *U źródeł niepodległości 1914–1918. Z dziejów polskiego czynu zbrojnego*. WIH, red. Piotr Stawecki, Warszawa, 1988, pp. 201-241.

Ekielska-Mardal, Anna. Wartości etyczne a sztuka stosowana. Idee i działalność Jerzego Warchałowskiego. *Pokaz. Pismo krytyki artystycznej*, 2004, n. 37.

Fiktus, Paweł. Roman Dmowski wobec problemów polskiego osadnictwa na terenie brazylijskiej Parany w latach 1899–1900. *Wrocławskie Studia Erazmiańskie. Zeszyty Studenckie*, 2010, pp. 48-57.

Filipow, Krzysztof. Bajończycy i Hallerczycy – kawalerami orderu wojskowego Virtuti Militari. In: *Armia Polska we Francji 1917–1919*. WIH, Warszawa, 1983, pp. 127-133.

Garlicki, Andrzej. Problemy kolonialne w opinii MSZ w 1936 r. In: *Naród i państwo, prace ofiarowane Henrykowi Jabłońskiemu w 60 rocznicę urodzin*, red. Tadeusz Cieślak. PWN, Warszawa, 1969, pp. 107-115.

_____. Roman Dmowski o Lidze Narodowej. *Przegląd Historyczny*, 1966, n. 3, pp. 415-443.

Groniowski, Krzysztof. Gorączka brazylijska. *Kwartalnik Historyczny*, 1967, n. 2, pp. 317-341.

_____. Motywy emigracji w świetle dzieła Williama T. Thomasa i Floriana Znanieckiego „Chłop polski w Europie i Ameryce". *Przegląd Zachodni*, 1977, nr 5–6, s. 13-31.

Hass, Ludwik. Wolnomularstwo w życiu polonijnym obu Ameryk. In: *Kultura skupisk polonijnych*, materiały z sympozjum zorganizowanego przez Bibliotekę Narodową oraz Instytut Historii Polskiej Akademii Nauk, Radziejowice 22 i 23 IV 1980, Biblioteka Narodowa, Warszawa, 1981.

Ignatowicz, Maria Anna. Polonia brazylijska wobec odzyskania niepodległości Polski w r. 1918. In: *Polonia wobec niepodległości Polski w czasie I wojny światowej*, red. Halina Florkowska-Frančić, Mirosław Frančić, Hieronim Kubiak, Ossolineum, Wrocław, 1979, pp. 137-140.

Kania, Marta. „Nowa Polska" – plany kolonizacji polskiej w Brazylii. *Przegląd Polonijny*, 2004, n. 4, pp. 132-142.

_____. Józef Siemiradzki (1858–1933) – działacz polonijny i emigracyjny. *Studia Polonijne*, 2004, n. 1, pp. 27-52.

Klarner-Kosińska, Izabela. Polonia w Peru. In: *Dzieje Polonii w Ameryce Łacińskiej*. Ossolineum, Wrocław,1983, pp. 181-201.

Kołodziej, Edward. Polacy w Ameryce Łacińskiej wobec kwestii odrodzenia niepodległego państwa polskiego. In: *Polonia w walce o niepodległość i granice*

Rzeczpospolitej 1914–1921, red. Adam Koseski. Wyższa Szkoła Humanistyczna, Pułtusk, 1999, pp. 170-194.

Koreywo-Rybczyńska, Maria Teresa. Polityka Polski wobec emigracji w Ameryce Łacińskiej. Od mirażu ekspansji do polityki współpracy. In: *Dzieje Polonii w Ameryce Łacińskiej*, red. Marcin Kula, Ossolineum, Wrocław, 1983, pp. 443-480.

_____. Projekty osadnicze wśród emigrantów po powstaniu styczniowym. *Przegląd Polonijny*, 1982, n. 2, pp. 59-70.

_____. Roman Dmowski o osadnictwie w Paranie. *Przegląd Polonijny*, 1984, n. 1, pp. 59-67.

Kowalski, Grzegorz Maria. Prawna regulacja wychodźstwa na ziemiach polskich pod panowaniem austriackim w latach 1832–1914. In: *Czasopismo Prawno-Historyczne*, t. LIV, 2002, n. 1, pp. 171-191.

_____. Prawna regulacja wychodźstwa w Królestwie Polskim w latach 1815–1914. In: *Czasopismo Prawno-Historyczne*, t. LV, 2003, n. 2, pp. 231-254.

_____. Prawna regulacja wychodźstwa na ziemiach polskich pod panowaniem pruskim w latach 1794–1914. *Czasopismo Prawno-Historyczne*, t. LVIII, 2006, n. 2, pp. 199-224.

Kraszewski, Piotr. Problem osadnictwa polskiego w Peru w okresie międzywojennym. *Studia Historyczne*, 1979, n. 4, pp. 583-606.

Krasicki, Marek. Polska „akcja osadnicza" w Ameryce Łacińskiej w latach 1929–1939. *Dzieje Najnowsze*, 1977, n. 4.

Kula, Marcin. Postawa Polonii brazylijskiej wobec asymilacji a odrodzenie Polski w 1918 r. *Przegląd Zachodni*, 1977, n. 5/6, pp. 195-206.

Kulak, Teresa; Kawalec, Krzysztof. Endecja wobec kwestii żydowskiej (lata 1893–1939). In: *Polska myśl polityczna XIX i XX wieku*, t. VIII: *Polska – Polacy – mniejszości narodowe*, red. Ewa Grześkowiak-Łuczyk. Ossolineum, Wrocław, 1992, pp. 121-138.

Łukasz, Danuta. Organizacja oświaty polskiej w Misiones (1904–1939). In: *Polacy, Rusini i Ukraińcy, Argentyńczycy. Osadnictwo w Misiones 1892–2009*, red. R. Stemplowski, wyd. 2, Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego – Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich UW, Warszawa, 2013, pp. 201-270.

Maj, Ewa. Udział Związku Ludowo-Narodowego w rządzie „większości polskiej" Wincentego Witosa w 1923 r. *Kwartalnik Historyczny*, 1996, n. 1, pp. 43-60.

Mazurek, Jerzy. Jan Hempel no Brasil (1904–1908). In: *Realidades heterogéneas. Reflexiones en torno a la literatura, lengua, historia y cultura ibéricas e iberoamericanas. Homenaje a la Profesora Grażyna Grudzińska*, red. Karolina Kumor, Edyta Waluch-de la Torre. Muzeum Historii Polskiego

Ruchu Ludowego – Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich UW, Warszawa, 2012, s. 285-293.

Miodunka, Władysław. O potrzebie biografistyki polonijnej w Brazylii. In: *Losy Polaków żyjących na obczyźnie i ich wkład w rozwój kultury i nauki krajów osiedlenia na przestrzeni wieków,* materiały III Sympozjum Biografistyki Polonijnej, Roma, 25-26 set. 1998, red. Agata e Zbigniew Judycki. „Czelej", Lublin, 1998, pp. 71-76.

Miś, Engelbert. Losy i rola siołkowiczan w Brazylii ze szczególnym uwzględnieniem działalności Sebastiana Edmunda Wosia-Saporskiego. In: *Konferencja popularnonaukowa „100 lat Polonii brazylijskiej"*. Towarzystwo Rozwoju Ziem Zachodnich [etc.], Opole, 1969.

Młynarski, Zygmunt. Czasopismo „Świt". (Z dziejów polskiej myśli postępowej na Ukrainie). *Zeszyty Naukowe Uniwersytetu Warszawskiego. Prasoznawstwo*, 1956, n. 2.

Napiontkówna, Anna. Emigracja z ziem polskich do wybranych krajów obu Ameryk. Analiza materiałów propagandowych z lat 90 XIX w. – 30 XX w. In: *Migracje. Hiszpańskojęzyczna przestrzeń. Trzy kontynenty*, red. Jan E. Zamojski. Instytut Historii PAN, Warszawa, 2007, pp. 314-322.

Paczkowski, Andrzej. Prasa polska na obczyźnie (1870–1918). In: *Prasa polska w latach 1864–1918*, red. Jerzy Łojek. PWN, Warszawa, 1976, pp. 215-271.

Przybyła, Zbigniew. „Pan Balcer w Brazylii" Konopnickiej na tle pozytywistycznej tęsknoty za epopeją. In: *Maria Konopnicka. Nowe studia i szkice*, red. Zbigniew Białek, Tadeusz Budrewicz. „Cracovia", Kraków, 1995.

Rabant, Tomasz. Antypolska działalność służby dyplomatycznej i konsularnej w Polsce w przededniu II wojny światowej oraz jej ewakuacja i likwidacja. *Pamięć i Sprawiedliwość*, 2006, n. 1 (9), pp. 199-215.

Róziewicz, Jerzy. Działalność publicystyczna Wojciecha Świętosławskiego na łamach tygodnika kijowskiego „Świt". *Kwartalnik Historii Nauki i Techniki*, 1981, t. 26, pp. 303-313.

Rudziński, Krzysztof. Pułkownik inż. Henryk Abczyński (1886–1975). Zarys działalności wojskowej. *Rocznik Dobrzyński*, 2009, t. 2, pp. 133-142.

Sęk, Jan. Literaci polonijni w Brazylii – zarys problematyki badawczej. In: *50 lat Towarzystwa Polsko-Brazylijskiego*, Warszawa, 1984, pp. 162-207.

Skrzypek, Józef. Przegląd Emigracyjny 1892–1894. *Rocznik Historii Czasopiśmiennictwa Polskiego*, 1966, n. 1, pp. 103-116.

Smak, Stefan. Wokół podróży Artura Gruszeckiego do Brazylii. *Zeszyty Naukowe WSP w Opolu*, Seria A: Filologia polska, 1976.

Sońta-Jaroszewicz, Teresa; Jaroszewicz, Zbigniew. Polscy żołnierze walczący o niepodległość Ameryki Południowej u boku Mirandy i Bolivara. In: *Relacje Polska – Kolumbia. Historia i współczesność*, red. Teresa Sońta-Jaroszewicz. CESLA, Warszawa, 2006, pp. 93-113.

Stemplowski, Ryszard. Tożsamości społeczne osadników galicyjskich oraz ich dzieci (1892–1942). In: *Polacy, Rusini i Ukraińcy, Argentyńczycy. Osadnictwo w Misiones 1892–2009*, red. Ryszard Stemplowski, wyd. 2, Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego – Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich UW, Warszawa, 2013, pp. 303-349.

Stobiecki, Andrzej. Feliks Woytkowski – wielki eksplorator fauny i flory peruwiańskiej. W dziesięciolecie śmierci (1966–1976). *Przegląd Zoologiczny*, 1976, n. 4.

Wachowicz, Ruy Christovam. A „febre brasileira" na emigração Polonesa. *Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa*, vol. I, 1970.

Zawadzki, Paul. Polska. In: *Historia antysemityzmu 1945–1993*, red. Léon Poliakov, trad. Agnieszka Rasińska-Bóbr, Oskar Hedemann, Universitas, Kraków, 2010.

II.4. Beletrística

A Polônia na Literatura Brasileira. Uma Antologia. Placido e Silva & Cia Ltda., Curitiba, 1927.

Boy-Żeleński, Tadeusz. *Słówka*, wstęp Tomasz Weiss, Ossolineum (seria BN I), Wrocław, 1988.

_____. *Znaszli ten kraj?... Cyganeria krakowska*, wstęp i wybór Tomasz Weiss, przypisy i objaśnienia osób Roman Hennel, Ossolineum (seria BN I), De Agostini, Wrocław – Warszawa, 2004.

Dygasiński, Adolf. *Na złamanie karku. Powieść*. Warszawa, 1893.

_____. *Opowiadanie Kuby Cieluchowskiego o emigracji do Brazylii*. Warszawa, 1892.

Ficiński, Janusz. *Władcy przestrzeni*. Buenos Aires, 1952.

Grajnert, Józef. *Do Brazylii po dyamenty, czyli ciekawe przygody Florka Kurzawy w stepach i puszczach brazylijskich*. Warszawa, 1891.

Gruszecki, Artur. *W kraju palm i słońca*, Kraków [c. 1914].

Jezierski, Edmund [Krüger Edmund]. *O skarb Gwajkurów. Opowieść przygód misjonarza w Brazylii*. Księgarnia Św. Wojciecha, Poznań, 1920.

Konopnicka, Maria. Chór dzieci (Na uroczystość 3-go Maja 1898 roku w Kurytybie). *Polak. Kalendarz Historyczno-Powieściowy na rok Pański 1907*, Kraków, 1907.

_____. Hymn Nowej Polski (Na otwarcie pierwszego Sejmu polskiego w Kurytybie w Brazylii 3 maja 1898 r.). *Polak. Kalendarz Historyczno-Powieściowy na rok Pański 1907*, Kraków, 1907.

_____. *Pan Balcer w Brazylii*, Gebethner i Wolff, Warszawa, 1910.

_____. Marianna w Brazylii. In: *Nowele*, [Poznań, 1910].

Lepecki, Mieczysław B. *W dzikich ustroniach. Przygody, polowania, awantury*. Biblioteka Domu Polskiego, Warszawa [sem data].

_____. *Przygody w Paranie*. Ed. *Świt*, Curitiba, 1923.

_____. *Na cmentarzyskach Indian. Wrażenia z podróży po Paranie*. Biblioteka Dzieł Wyborowych, Warszawa, 1926.

_____. *Zew Ojczyzny*. Biblioteka Książek Błękitnych, Warszawa, [sem data].

_____. *Zaklęty kamp. Opowiadanie osnute na tle legendy brazylijskiej*. Ed. Świt, Curitiba, 1923.

Nostitz-Jackowski, Mieczysław. *Tumba; Ojcze nasz. Obrazki brazylijskie*. Księgarnia Św. Wojciecha, Poznań, 1922.

Przewłocka, Irena. *Błędne ognie nad Ukajali*. Wydawnictwo Morskie, Gdynia, 1961.

Robak, Zygmunt. *Dziwy brazylijskie*, nakładem „Codziennego Niezależnego Kuriera Polskiego w Argentynie", Buenos Aires, 1937.

Skowronski, Tadeu [Skowroński, Tadeusz]. *Páginas brasileiras sobre a Polônia*. Livraria Editora Freitas Bastos, Rio de Janeiro, 1942.

Szklarski, Alfred. *Tomek u źródeł Amazonki*. Śląsk, Katowice, 1967.

Uniłowski, Zbigniew *Żyto w dżungli. Pamiętnik morski. Reportaże*, wybór i posł. Bolesław Faron, Wydawnictwo Literackie, Kraków, 1981.

II.5. Enciclopédias, dicionários

Chojnacki, Władysław. Cezary Szulc. In: *Słownik pracowników książki polskiej*, PWN, Warszawa, 1972, p. 882.

Cygan, Wiktor Krzysztof. Józef Warchałowski. In: *Oficerowie Legionów Polskich*, t. 5, Barwa i Broń, Warszawa, 2007.

Czachowska, Jadwiga; Szałagan Alicja. *Współcześni polscy pisarze i badacze literatury*, t. 9, Wydawnictwo Szkolne i Pedagogiczne, Warszawa, 2004.

Dubacki, Leonard. Jeziorowski Konrad Stanisław, pseud. Konio (1876–1963). In. *Polski słownik biograficzny*, t. XI, PAN, Kraków, 1964/1965, p. 222.

Dubacki Leonard. Kossobudzki Szymon (1869–1934). In: *Polski słownik biograficzny*, t. XIV, Zakład Narodowy im. Ossolińskich, Wyd. PAN, Wrocław [etc.] 1968/1969, pp. 306-307.

Encyklopedia Polskiej Emigracji i Polonii, red. Kazimierz Dopierała, t. 1–5, Oficyna Wydawnicza Kucharski, Toruń, 2003–2006.

Encyklopedia wiedzy o książce, red. nacz. Aleksander Birkenmajer, Bronisław Kocowski, Jan Trzynadlowski. Zakład Narodowy im. Ossolińskich, Wrocław, 1971.

Galos, Adam. Głąbiński Stanisław. In: *Polski słownik biograficzny*, t. VIII, Zakład Narodowy im. Ossolińskich, Wrocław [etc.] 1959–1960, pp. 102-105.

Hass, Ludwik. *Wolnomularze polscy w kraju i na świecie, 1821-1999. Słownik biograficzny*. Oficyna Wydawnicza RYTM, Warszawa, 1999.

Lewak, Stanisław. Łażniewski Witold. In: *Polski słownik biograficzny*, t. XVIII, Zakład Narodowy im. Ossolińskich, Wyd. PAN, Kraków, 1973, p. 303.

Łoza, Stanisław [red.]. *Czy wiesz kto to jest?* Wydawnictwo Głównej Księgarni Wojskowej, Warszawa, 1938.

Kaszubina, Wiesława. Mieszkowski Antoni Wincenty. In: *Polski słownik biograficzny*, t. XXI, Zakład Narodowy im. Ossolińskich, Wrocław – Kraków, 1976, pp. 41-42.

Kożuchowski, Józef; Strzemski Michał. Hempel Antoni. In: *Polski słownik biograficzny*, t. IX, Zakład Narodowy im. Ossolińskich, Wrocław [etc.], 1961, p. 377.

Malczewski, Zdzisław. *Słownik biograficzny Polonii brazylijskiej*. CESLA, Warszawa, 2000.

Michalik, Barbara. Okołowicz Józef. In: *Polski Słownik Biograficzny*, t. XXIII, Zakład Narodowy im. Ossolińskich, Wrocław – Kraków, 1978, pp. 684-685.

Oracki, Tadeusz. *Słownik biograficzny Warmii, Mazur i Powiśla XIX i XX wieku (do 1945 roku)*. Pax, Warszawa, 1983.

Pacholczykowa, Alicja. Bujno Adam (1875–?). In: *Słownik działaczy polskiego ruchu robotniczego*, t. 1, KiW, Warszawa, 1978, pp. 354-356.

_____. Jeziorowski Konrad Stanisław (1876–1963). In: *Słownik działaczy polskiego ruchu robotniczego*, t. 2, KiW, Warszawa, 1987, pp. 708-709.

Słabczyński, Wacław e Tadeusz. *Słownik podróżników polskich*. Wiedza Powszechna, Warszawa, 1992.

Słownik geograficzny Królestwa Polskiego i innych krajów słowiańskich, t. 15, red. Filip Sulimierski, Bronisław Chlebowski, wyd. W. Walewski, Warszawa, 1902.

Słownik pracowników książki polskiej, red. Irena Treichel, PWN, Warszawa, 1972.

Smolana, Krzysztof. Sekuła Michał (1884–1972). In: *Polski słownik biograficzny*, t. XXXVI, IH PAN, Warszawa – Kraków, 1995, pp. 187-188.

_____. *Słownik biograficzny polskiej służby zagranicznej 1918–1945*, t. 1-4, Archiwum MSZ, Warszawa, 2007-2012.

Sroka, Tadeusz Stanisław. Siemiradzki Józef Wacław. In: *Polski słownik biograficzny*, t. XXXVII, IH PAN, Warszawa – Kraków, 1996/1997, pp. 52-55.

SZKLARSKA-LOHMANNOWA, Alina. Orłowski Ksawery Franciszek (1862–1926). In: *Polski słownik biograficzny* t. XXIV, Zakład Narodowy im. Ossolińskich, Wrocław – Kraków, 1979, pp. 233-234

TYCH, Feliks. Hempel Jan Hieronim. In: *Polski słownik biograficzny*, t. IX, Zakład Narodowy im. Ossolińskich, Wyd. PAN, Wrocław [etc.], 1960/1961, pp. 380-381.

URBAŃSKI, Edmund Stefan. Kazimierz Warchałowski w Ameryce Południowej. In: *Sylwetki polskie w Ameryce Łacińskiej w XIX i XX wieku*, t. 2, Artex Publishing, Stevens Point, 1991, p. 186.

WACHOWICZ, Ruy Christovam; MALCZEWSKI, Zdzisław. *Perfis Polônicos no Brasil*. Vicentina, Curitiba, 2000.

ZIELIŃSKI, Stanisław. *Mały słownik pionierów polskich kolonialnych i morskich.* Liga Morska i Kolonialna, Warszawa, 1932.

ZIELIŃSKI, Józef. Kłobukowski Stanisław. In: *Polski słownik biograficzny*, t. XIII, Zakład Narodowy im. Ossolińskich, Wrocław [etc.], 1967/1968, p. 47.

II.6. Manuais, dicionários de línguas, manuais de conversção, guias, manuais de informações

GAYER, Zdenko. *Praktyczne wskazówki przy nawożeniu ziemi w Brazylii*. Główna Stacja Doświadczeń Rolniczych Kalisyndykatu w Rio de Janeiro, Araucária, 1925.

GÓRNIAK, Stanisław. *Racjonalna gospodarka hodowlana w Paranie*. *Ed. Świt*, Curitiba, 1924.

ILUSTROWANY przewodnik do Brazylii wraz ze słowniczkiem polsko-portugalskim oraz mapą Parany i Ameryki Połud.[niowej]. Polskie Towarzystwo Emigracyjne, Kraków, 1909.

MAŁA gramatyka języka portugalskiego wraz z rozmówkami i słowniczkiem. Nakładem Gazety Handlowo-Geograficznej, Lwów, 1897.

OPIS stanu Parana w Brazylii wraz z informacjami dla wychodźców, opracowali dla wystawy kolumbijskiej w Chicago z polecenia rządu parańskiego inżynier Manoel Francisco Ferreira Correia i baron Serro Azul, z ang. przeł. prof. dr Józef Siemiradzki, nakładem „Przeglądu Wszechpolskiego", 1895 [segunda edição completada com um mapa do estado e das colônias polonesas e com os suplementos: *Rady i przestrogi dla wychodźców do Brazylii* e *Kolonizacja polska w Paranie, jej dzieje i stan obecny*, t. 1. Polskie Towarzystwo Handlowo-geograficzne, Lwów, 1896].

PRZEWODNIK dla wyjeżdżających do Brazylii, opr. B. F. Zdanowicz, G. Gebethner i Sp., Kraków, 1908.

SŁOWNIK *portugalsko-polski według najnowszych źródeł opracowany*, cz. 1, drukiem Wł. Teodorczuka, Kraków – Warszawa – Kurytyba, 1905. [Dicionário publicado pelo sistema de cadernos, com base em assinatura, com um caderno a cada duas semanas. A redação geral do dicionário foi de Feliks Bernard Zdanowski].

SŁOWNIK *polsko-portugalski według najnowszych źródeł opracowany*, cz. 2, Drukarnia A. Rippera, Kraków – Warszawa – Curitiba, 1907 [com a informação que na redação do dicionário colaborou Franciszek W. Lorenz].

STAŃCZEWSKI, Józef. *Wpływ języka portugalskiego na język kolonistów polskich w Brazylii: porównawcze studium językowe*, przedm. Jan Rzymełka. Wydawnictwo „Oświaty", Curitiba, 1925.

SZUKIEWICZ, Wojciech. *Kilka słów o pszczelnictwie* Curitiba, 1916 [separata de Gazeta Polska w Brazylii].

WŁODEK, Ludwik. *Ilustrowany przewodnik do Brazylii (z mapą Parany i Ameryki Połud.* [*niowej*]. Polskie Towarzystwo Emigracyjne, Kraków, 1909.

Summary

Kazimierz Warchałowski, born in 1872 into a Polish family in Russia, belonged to a generation of Poles who, by their activity, became involved in actions in favor of Poland's independence or in the struggle for the overthrow of the capitalist system and for the improvement of the material conditions of the poorest social classes. The most famous representatives of the last group were Rosa Luxemburg (1871–1918) and Feliks Dzierżyński (1877–1926), widely known propagators of the communist ideology. Warchałowski, as well as the two most prominent representatives of the first conception – Roman Dmowski (1864–1939) and Józef Piłsudski (1867–1935) – declared himself in favor of the fight for an independent and united Poland. These leaders, professing opposite political values, concentrated around them different political circles, which left its mark not only upon the Poland of the 20th century, but also on the legend that developed around their actions.

Warchałowski inherited from his ancestors a specific Eastern Borderland identity, which distinguished people educated in the Polish territories occupied by Russia in the second half of the 18th century. This identity was characterized by patriotism and attachment to Polish traditions and customs. Given the circumstances, the only place where these values could be cultivated was home. While he ran his farm in Bezlesie (in the area of the present day district of Kirovograd, Ukraine), Warchałowski was in contact with the growing Ukrainian national aspirations as well as with the local social issues. His interests in those matters began to grow when he joined the National League (Liga Narodowa), whose chief leaders were then Jan Ludwik Popławski, Roman Dmowski and Zygmunt Balicki. Warchałowski remained faithful to the principles of the national ideology till the end of his life.

The ideology of the national movement implied the elimination – for the sake of national unity – of the class antagonisms and the work amongst the people, identified especially with the peasantry. Its aim was the strengthening of the social cohesion and unity, essential for the fight intended to recover national sovereignty. The peasantry was viewed as the nucleus and the basis of the nation, efficiently resisting to all pernicious influences and preserving the genuinely national elements. In spite of composing the majority of the nation, this sector of society was situated in the lowest stratum of the social order – which was a consequence of exploitation, contempt and disdain on the part of the higher classes, especially the Polish nobility. To get free of this situation, in Dmowski's opinion, the people stood in need of leaders who could raise the society to a higher level of culture and welfare. He appealed, then, to the intelligentsia, asking them to take actions in that direction.

Kazimierz Warchałowski endeavored to carry out this ideal in Brazil. On the threshold of the 20th century he made a courageous decision of moving to the state of Paraná. In the neighborhood of Curitiba he bought a property where he established some industrial enterprises, including a lumber mill, a factory of artificial fertilizers and an agricultural machinery depot. He visited almost all the major Polish settlements, where he demonstrated his interest for farming conditions and local problems. He made his appearance as a defender of the settlers in face of the state administration, as well as interfered in their favor in numeruos conflicts in the court. To boast the morale of the local Polish colony he built a Polish pavilion where the white and red flag was hoisted. He encouraged people to read Polish literature, founded libraries and agricultural circles. For a nation deprived of its own State, this meant an important point of reference within the Brazilian multiethnic society.

The great majority of the Polish collectivity in Brazil originated mainly from among the landless peasants and the rural workers. Impelled by the dream of becoming propietors of their own land, these people took a courageous decision of heading to the unknown. To the distant South-American continent they took with them norms, customs and the notions of the world that were taking shape during several centuries (16th to 19th century), all of which remained so strongly rooted in the minds of the peasant population at the turn of the 19th and 20th century that to a high degree they commanded their existence in the decades to come. The values inherited by the emigrants were more directed at the preservation

of the traditions than at modernization and development. They were confirmed in this mentality by Polish priests – the only representatives of the intelligentsia – who arrogated to themselves the right of influencing the everyday life, as well as the upbringing and education, including the development of Polish schools.

This was one of the causes of the difficulties in the process of assimilation of the Polish peasants with the Brazilian society. Another cause, equally important, was the fact that their settlements were located on the outskirts of the Brazilian civilization, in the far inland areas, which made difficult the contacts not only with the local population but also among the settlers themselves. This isolation was one of the reasons why the emigrants did not involve in a sufficient degree in the construction of the "new Brazil" – modern, industrialized and urbanized – which began in the end of the 19th century. Kazimierz Warchałowski tried to change this situation. In 1904 he founded the newspaper "Polak w Brazylii" ["The Pole in Brazil"], on whose pages he promoted a progressive program, appealing for independent thought, action, and farming modernization. He contributed largely to the alphabetization of the settlers in Southern Brazil. In Warchałowski's newspaper appeared letters written by the first generation of peasants who became readers of the press.

Warchałowski's greatest accomplishment were his activities aimed at the recovery of Polish independence, which conduced to the recognition of Poland's sovereignty by Brazil. This was a great success of the Polish community in that country, especially of Warchałowski himself, who was on good terms with some of the most important Brazilian politicians of that time. He had, for instance, a good relationship with Ruy Barbosa, with Venceslau Brás, who was then the president of the Republic, and with the minister of foreign affairs Nilo Peçanha. The emergence of an independent Poland was for the Polish community in Brazil a remarkable event. It aroused an uncommon enthusiasm among the emigrants and contributed to the intensification of the sociocultural activity in the Polish colonies. Since then nobody could tell in the face of a Polish settler that he is "a Pole without a flag" – that mockery touched a sore spot of those who had left their homes in Europe.

Having returned to the reborn Poland, Warchałowski – on behalf of the Polish government – participated in missions in Latin American countries. Unfortunately these undertakings did not produce the expected effects, notwithstanding the significant financial resources they consumed.

More than that, his first visit to Brazil, coinciding with the beginning of Ksawery Orłowski's, the Polish legate's mission, led only to scandalous competence disputes which endangered the reputation of Poland; the affair did not pass unnoticed by the foreign diplomacies. The effect of his second business trip of several months was the establishment of contacts with representatives of the Peruvian government with the purpose of populating the oriental uninhabited region of Peru. In view of the lack of interest for the proposal of the Peruvian authorities on the part of the Polish government, Warchałowski decided to apply for a concession as a private person.

He started to carry out the colonizing action in Peru in spite of numerous warnings on the part of persons well-acquainted with the South-American reality. It is worthwhile to remember for example the opinion of the doyen of the Latin-American investigations in Poland, prof. Józef Siemiradzki, or of the members of the 1928 research expedition – Mieczysław Lepecki and Apoloniusz Zarychta. Under these conditions, the attempt of colonization on the banks of the Ucayali river had to result in a failure. It is astonishing that Warchałowski even tried to fulfill the project, with neither the necessary funds nor an organizational and logistic basis, moreover, in an extremely demanding environment. Having traveled over huge distances, the emigrants were practically left to their own fate in the tropical rainforest. The most persevering and obstinate of them survived in such conditions for about five years.

After the failure of the colonizing action in Peru, Warchałowski was accused of being chiefly motivated by the wish to become rich without much effort. We would rather treat these suppositions with reserve, nevertheless we believe that the benefit of the emigrants in all this enterprise unfortunately was not the most important. In Warchałowski's conceptions, somewhat vague and unclear, the settlers – treated instrumentally – served as a tool in his utopian emigration and colonial projects. Perhaps he indeed pursued the improvement of the life conditions of the most numerous social class in Poland – that is, the peasantry, but, besides sending them abroad, he had no better idea to render their life more tolerable. In the interwar period his activity must be evaluated as anachronistic, as well as the whole Polish emigration and colonial policy. Another controversial matter were his viewpoints about the Jews, who constituted about 10% of Poland's population at that time. Warchałowski, as well as Dmowski, tre-

ated them as enemies of the nation. Therefore he called for the expulsion of the Polish Jews, searching for a region abroad where they could settle.

Kazimierz Warchałowski passed away in 1943. To sum up, without any doubt he was distinguished by a specific Eastern Borderland patriotism, which – as we mentioned above – he inherited from his family. For the sake of this patriotism, his son Ludwik (1900–1918) and his brother Józef (1877–1919) laid their lives on the altar of their homeland. As a matter of fact, he was not always able to judge other nations objectively and appreciate their virtues, but even thus he acted as a go-between for regions of the world situated on the periphery of the occidental civilization of that time, nevertheless united by the similarity of development patterns, especially in the area of economy. In spite of some prejudices he nourished, he must be seen as an advocate of a cultural rapprochement understood in *largo sensu*. In a robust and hardy Polish peasant he saw a pioneer responsible for the expansion of the nation towawrds new continents. It may be paradoxical that Warchałowski's surname was preserved especially among the very descendants of the Polish settlers in Paraná.

trans. by Mariano Kawka

Índice onomástico

JERZY MAZUREK nasceu no dia 13 de novembro de 1961, na aldeia de Kosowice, perto de Kielce. Estudou história e biblioteconomia na Universidade de Varsóvia, onde também fez pós-graduação em museografia, história da arte e em administração. Em 1994 foi bolsista do The Marshall Fund em Washington. Em 2006 defendeu a tese de doutorado no Departamento de Humanidades da Universidade de Szczecin. Em 2014 obteve, o título de Livre Docente na área de Estudos Literários, no Departamento de Letras Modernas da Universidade de Varsóvia. É vice-diretor do Museu de História do Movimento Popular Polonęs em Varsóvia (desde 1998), e professor no Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia. Publicou vários livros e artigos sobre a história da emigração polonesa nos séculos XIX e XX, entre outros: *O movimento popular diante da emigração camponesa aos países da América Latina (até 1939)*. Desde 2006 dirige uma série editorial "Biblioteca Ibérica".

Sem dúvida o que caracterizava Warchałowski era o patriotismo típico da Polônia oriental, que ele herdou do lar. Em nome desse patriotismo, sacrificaram as suas vidas no altar da pátria seu filho Ludwik e seu irmão Józef. Na realidade nem sempre ele foi capaz de ver objetivamente as outras nações e de apreciar os seus atributos, mas, apesar disso, foi um elo entre regiões do mundo que na realidade se encontravam nas periferias da civilização ocidental da época, mas que estavam unidas pela semelhança dos caminhos do desenvolvimento, principalmente no âmbito da economia. É preciso ver nele também um advogado de uma aproximação amplamente compreendida entre as culturas; ele atribuía uma especial importância à tradição popular, às sabedorias nacionais e aos valores das comunidades locais. No camponês polonês percebido como um estereótipo de resistência e vigor ele via um pioneiro responsável pela expansão da nação em outros continentes. Um paradoxo do destino pode ser o fato de que o nome de Warchałowski perdurou com mais visibilidade justamente entre os descendentes dos colonos poloneses no Paraná.

BIBLIOTEKA IBERYJSKA

Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego WARSZAWA

ISIiI Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich Uniwersytetu Warszawskiego